



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

MAIUNE DE OLIVEIRA SILVA

**VOCALISMOS EM NARRATIVAS ORAIS NAS TRILHAS DO *FILOLOGIA*
*BANDEIRANTE***

Catalão-GO

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo da autora: Maiune de Oliveira Silva

Título do trabalho: Vocalismos em narrativas orais nas trilhas do *Filologia Bandeirante*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Maiune de Oliveira Silva
Assinatura da autora²

Data: 22 / 02 / 17

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

² A assinatura deve ser escaneada.

MAIUNE DE OLIVEIRA SILVA

**VOCALISMOS EM NARRATIVAS ORAIS NAS TRILHAS DO *FILOLOGIA*
*BANDEIRANTE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível Mestrado – da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade

Linha de pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Regina Duarte Xavier

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena de Paula

Catalão-GO
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira-Silva, Maiune de
Vocalismos em narrativas orais nas trilhas do Filologia Bandeirante
[manuscrito] / Maiune de Oliveira-Silva. - 2017.
CCXIII, 213 f.

Orientador: Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier;

Coorientador: Maria Helena de Paula.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2017.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, símbolos, gráfico.

1. Processos morfofonológicos. 2. Vocalismos. 3. Narrativas orais. I. Xavier, Vanessa Regina Duarte, orient. II. Título.

CDU 81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Ata de Defesa Pública de Dissertação

Defesa: nº 64

Aos vinte e dois dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete realizou-se, no LALEFIL no Bloco E, a Defesa Pública de Dissertação intitulada “VOCALISMOS EM NARRATIVAS ORAIS NAS TRILHAS DO FILOGRAFIA BANDEIRANTE”, de autoria da mestranda Maiune de Oliveira Silva. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier [Orientadora], professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Maria Helena de Paula [Coorientadora], professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane – professor da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Braz José Coelho – professor da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, professor da Universidade de São Paulo. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pela Professora Orientadora, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidente da sessão passou a palavra a discente que teve vinte minutos para apresentar seu trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre a dissertação apresentada, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar a Dissertação. Após a conclusão dos trabalhos, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que vai assinada pelos Senhores membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e dois dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete.

Banca Examinadora:

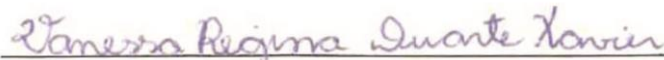
Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier (UFG/RC) – Orientadora Vanessa Regina Duarte Xavier
Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFG/RC) - Coorientadora Maria Helena de Paula

MAIUNE DE OLIVEIRA SILVA

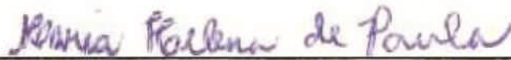
**VOCALISMOS EM NARRATIVAS ORAIS NAS TRILHAS DO *FILOLOGIA*
*BANDEIRANTE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível Mestrado – da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.


Aprovado em: 22 de fevereiro de 2017.



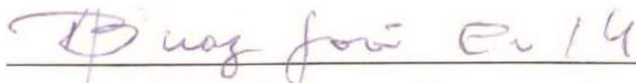
Prof.^a Dr.^a Vanessa Regina Duarte Xavier
Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão
(Coorientadora)



Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane
Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão



Prof. Dr. Braz José Coelho
Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão



Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Universidade de São Paulo

À *Aline*, a ausência sentida.

AGRADECIMENTOS

Não é comum iniciar agradecimentos com uma frase reflexiva, mas como este espaço me permite sair um pouco da formalidade que um trabalho acadêmico exige, dou-me a liberdade de registrar, aqui, a epígrafe do livro “Os cães e a rede”, do professor Braz José Coelho, que muito me fez refletir sobre os caminhos que percorri para chegar até aqui: “A vida da gente é feita nos feitos de cada dia, devagarinho, e segue curso que a gente nunca pensou de seguir.” (COELHO, 1980, p. 13). Ao me deparar com esta breve sentença, vários *flashes* surgiram sobre os caminhos que trilhei nesta trajetória acadêmica. De antemão, digo que não foi fácil chegar até aqui: presenças, ausências, lágrimas e sorrisos fizeram parte deste percurso. Contudo, encontrei alguns companheiros que tornaram a caminhada mais prazerosa, os quais estiveram presentes mesmo quando ausentes e em meus momentos de lágrimas e desesperos, de tudo fizeram para eu me recompor e seguir adiante, por isso, gostaria de agradecer

A Deus, força divina e suprema, por sempre estar ao meu lado, me amparando e protegendo, mesmo quando, por algum motivo, penso o contrário.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier, por quem tenho profunda admiração. Minha infinita gratidão pela paciência, compreensão e respeito em meus momentos de angústias, pela condução competente desta pesquisa, por ter o pulso firme sem perder a doçura que lhe é peculiar. Obrigada por sempre me mostrar a direção quando os caminhos dessa pesquisa se mostraram múltiplos e eu me perdia e, também, pela amizade que tem com seus orientandos.

À professora Dra. Maria Helena de Paula, orientadora no sentido mais nobre que este vocábulo pode ter. Obrigada por sempre ter uma palavra de incentivo, por ter me enveredado pelas trilhas da língua e pavimentado meus caminhos de pesquisa para que eu pudesse chegar até aqui. Minha eterna gratidão, Maria Helena, por acreditar em mim mais do que eu mesma.

À minha mãe Marli, meu anjo sem asas, por sempre acreditar em minha capacidade intelectual, nunca medindo esforços para que a educação fosse prioridade em minha vida. A você, minha amada mãe, um mero muito obrigada se torna incapaz demonstrar minha gratidão por tudo que já fez, faz e ainda fará por mim.

À Yasmin que, ainda sem dar-se conta da dimensão de uma pesquisa como esta, foi capaz de compreender minhas angústias, silenciando-se e pedindo aos amiguinhos para não me atrapalhar. Com seu jeito delicado, sempre indagava se muito faltava para eu terminar. É por você, minha pequena, que irei continuar.

À minha irmã Aline (*in memoriam*) que, ao partir para a eterna morada, tornou-se a tradução mais perfeita do vocábulo saudade. A saudade de você, que agora é visita frequente, é a maior prova de que ninguém se vai definitivamente enquanto fizer morada em nossos corações.

À Rayne Rezende, minha mamys do coração, pelos laços de amizade, de cumplicidade e de confiança que criamos nos fazendo tornar mãe e filha; ao amigo-irmão Jozimar Bernardo, pela amizade de sempre e por todas as vezes que me amparou, fosse na vida acadêmica ou na pessoal; à Mayara Almeida, que se revelou uma grande amiga, com a qual eu pude dividir angústias das mais variadas ordens e à Maria Gabriela, também pela amizade e por estar de prontidão sempre que precisei. Vocês foram e são meu porto-seguro e qualquer vocábulo que eu utilize para expressar a presença de vocês em minha vida será inútil.

À Chlorys Sampaio, presente do mestrado, pelas conversas leves, que tornam meus dias mais coloridos e, também, pelas traduções, em inglês, de vários resumos meus.

Ao professor Dr. Braz José Coelho imensamente grata sou pela amizade, pelos profícuos ensinamentos, por abrir as portas de seu acervo particular para que eu pudesse suprir as minhas carências bibliográficas e, mais que isso, por sempre responder com muita sapiência minhas dúvidas de pesquisa que não foram poucas. A você professor, deixo aqui registrada a mais sincera admiração, pois em seus rastros, sempre muito ponderados e discretos, escrevi estas páginas.

Aos professores Drs. Alexandre Ant3nio Timbane e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, pelas valiosas sugest3es na banca de qualificac3o e na defesa, que muito contribu3ram para o aprimoramento do trabalho.

Aos professores do Programa de P3s-gradua3o em Estudos da Linguagem, por me permitirem al3ar mais este degrau em minha trajet3ria acad3mica.

À CAPES, pelo aux3lio financeiro, imprescind3vel para a realizac3o desta pesquisa.

A todos os outros que, sempre com uma palavra de incentivo e pensamentos positivos, emanaram boas energias a fim de que este trabalho fosse concretizado com 3xito.

Se a língua é um fenômeno social que só existe entre os homens e para eles, é imperativo e justo que se faça a história do instrumento através daqueles que o dominam. (SILVA NETO, 1979, p. 10)

OLIVEIRA-SILVA, Maiune de. **Vocalismos em narrativas orais nas trilhas do *Filologia Bandeirante***. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, Catalão, 2017.

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados da pesquisa “Vocalismos em narrativas orais nas trilhas do Filologia Bandeirante”, que teve como *corpus* quatro narrativas integrantes do primeiro CD do projeto Filologia Bandeirante. Estas referem-se aos sujeitos mais velhos dos Estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, tendo em vista que o CD não contempla o Estado de Mato Grosso. O objetivo geral desta investigação foi averiguar os processos morfofonológicos vocálicos realizados por esses narradores, considerando-se os fatores linguísticos e sociais. Como objetivos específicos, podem-se listar: a) descrever e classificar os processos que ocorrem no nível do vocalismo; b) verificar os mais e menos recorrentes em cada Estado; c) cotejar os dados, a fim de apontar os processos convergentes e divergentes entre as narrativas. A hipótese deste trabalho é de que há resquícios da língua utilizada pelos bandeirantes nos falares de sujeitos dos Estados mencionados, com mais de sessenta anos, com nulo ou ínfimo grau de instrução formal e com pouco ou nenhum acesso à cultura de massa, os quais provavelmente tendem a preservar mais traços linguísticos de um falar de antes do que os falantes mais jovens. Para dar cabo ao que se propôs, transcreveu-se o *corpus* graficamente para obtenção dos dados que, posteriormente, foram transcritos foneticamente. A transcrição gráfica visa a possibilitar que os consulentes em geral compreendam as narrativas sem grandes dificuldades. Por outro lado, a transcrição fonética teve como intuito descortinar particularidades das pronúncias dos vocábulos. *A posteriori*, identificaram-se os processos de vocalismos realizados em cada narrativa, separando-os por narradores, que foram tabulados por vocábulos no Índice de Frequência e Ocorrências. A etapa seguinte consistiu na análise da maior ou menor produtividade dos processos, conforme o perfil de cada narrador. Para fundamentar as etapas que culminaram na análise, utilizamos teóricos da Fonética, Fonologia, Morfologia, Linguística Histórica, Sociolinguística, dentre outros de disciplinas afins, tais como Mattos e Silva (2008), Faraco (2005), Alkmin (2012), Coelho (2008; 2011), Callou e Leite (2003), dentre outros. Os resultados mostraram que há um *continuum* entre os processos de vocalismos nas narrativas de cada Estado integrante da rota dos bandeirantes, que podem ser considerados resquícios dos seus falares, conforme atesta a historiografia da língua (cf. MEGALE, 2000), embora não haja registros orais da língua falada por aqueles.

Palavras-chave: Processos morfofonológicos. Vocalismos. Narrativas orais.

OLIVEIRA-SILVA, Maiune de. **Vocalisms in oral narratives in the tracks of the Bandeirante Philology**. 2017. 213 f. Dissertation (Master in Language Studies), Special Academic Unit of Letters and Linguistics, Federal University of Goiás / Regional Catalão, Catalão, 2017.

ABSTRACT

This dissertation presents the results of the research "Vocalisms in oral narratives in the tracks of the Bandeirante Philology", which had as corpus four narratives that are part of the first CD of the Project entitled Bandeirante Philology . These refer to the older subjects of the States of Goiás, São Paulo and Minas Gerais, taking into account that the CD does not include the federative state of Mato Grosso. The general objective of this research was to verify the vowel morphophonological processes performed by these narrators, considering the linguistic and social factors. As specific objectives, we can list: a) to describe and classify the processes that occur at the vocal level; B)to verify the most and least recurrent in each State; C) to confront the data, in order to point out the convergent and divergent processes between the narratives. The hypothesis of this work is that there are remnants of the language used by the bandeirantes in the speeches of subjects over sixty years old of the federative states mentioned, with no or very low degree of formal education and with little or no access to mass culture, lean to maintain more linguistic traits of a prior speech than younger speakers. To accomplish what was proposed, the corpus was transcribed graphically to obtain the data that were later transcribed phonetically. The graphic transcript aims to enable the general consultants to understand the narratives without great difficulties. On the other hand, the phonetic transcription had as an intention to uncover peculiarities of the pronunciations of the words. A posteriori, the processes of vocalisms realized in each narrative were identified, separating them by narrators, which were systemized by vocabulary in the Frequency and Occurrences Index. The next step consisted of the analysis of the greater or lesser productivity of the processes, according to the profile of each narrator. With the aim of basing the stages that culminated in the analysis, we use theories of Phonetics, Phonology, Morphology, Historical Linguistics, Sociolinguistics, amidst others of related disciplines, such as Mattos e Silva (2008), Faraco (2005), Alkmin 2008, 2011), Callou and Leite (2003), among others. The results showed that there is a continuum between the processes of vocalisms in the narratives of each federative state that is part of the route of the bandeirantes, which can be considered remnants of their speeches, as attested by the historiography of the language (cf. MEGALE, 2000), although there are no oral records of the language spoken by them.

Keywords: Morphophonological processes. Vocalisms. Oral narratives

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Marcas prosódicas utilizadas na transcrição fonética dos vocábulos proferidos pelos narradores do FB.....	134
Gráfico 1 – Processos morfofonológicos vocálicos na primeira narrativa (N1F75GO; N2M78GO).....	189
Gráfico 2 – Processos morfofonológicos da segunda narrativa (N3M92MG).....	190
Gráfico 3 – Processos morfofonológicos da terceira narrativa (N4F90MG).....	191
Gráfico 4 – processos morfofonológicos da quarta narrativa (N5M75SP).....	192
Organograma 1 – Frequências dos tipos dos processos morfofonológicos realizados por narrativas.....	193

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

adj.	Adjetivo
adv.	Advérbio
art.	Artigo
conj.	Conjunção
FB	Filologia Bandeirante
GO	Goiás
IPA	<i>International Phonetic Alphabet</i>
interj.	Interjeição
loc.	Locução
num.	Numeral
MG	Minas Gerais
NURC	Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta
prep.	preposição
pron.	Pronome
SP	São Paulo
s.	Substantivo
v.	Verbo

SUMÁRIO

NORTEANDO O CAMINHAR: CONSIDERAÇÕES PRIMEVAS SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA	16
I DEFINIR A LÍNGUA E PERSCRUTAR O <i>CORPUS</i>: FASES DA CAMINHADA.....	20
1.1 Nas trilhas do projeto Filologia Bandeirante	20
1.2 As nuances impressas no texto oral: delineando o percurso metodológico.....	28
1.3 Dos sujeitos da pesquisa	28
1.3.1 <i>A escolha do corpus</i>	28
1.3.2 <i>Caracterização dos narradores</i>	29
1.3.3 <i>Métodos para a transcrição das narrativas</i>	34
1.4 Breves considerações sobre o gênero narrativa oral e memória.....	40
1.5 Apresentação das narrativas.....	47
II O SOCIAL NA LÍNGUA E A LÍNGUA NO SOCIAL: TRAÇANDO PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	101
2.1 Mote inicial	101
2.2 As contribuições da Sociolinguística para o estudo das entrevistas do Filologia Bandeirante	110
2.3 Linguística Histórica e história da Linguística: recortes teóricos.....	114
2.4 Garimpando traços de língua antiga remanescentes: análise dos processos morfofonológicos vocálicos realizados por narradores do Filologia Bandeirante	117
III PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS VOCÁLICOS: RASTROS LINGUÍSTICOS DA ÉPOCA DAS BANDEIRAS	123
3.1 Palavras primeiras.....	123
3.2 Primeiro filão de preciosidades linguísticas: considerações preliminares sobre o Índice de Frequência e Ocorrências dos vocábulos que apresentam processos morfofonológicos.....	132
3.3 O silêncio vale prata e o vocábulo vale ouro: apresentação do Índice de Frequência e Ocorrências	137
3.4 Considerações sobre o <i>continuum</i> linguístico encontrado nas trilhas das bandeiras ...	186
3.4.1 <i>Análise das frequências dos processos de vocalismos que apontam para traços linguísticos dos bandeirantes</i>	188

3.4.2 <i>O português falado nas trilhas das bandeiras: pontos confluentes</i>	193
FINALIZANDO O CAMINHAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
REFERÊNCIAS	205

NORTEANDO O CAMINHAR: CONSIDERAÇÕES PRIMEVAS SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA

É sabido que os processos morfofonológicos em geral são comuns em todas as línguas históricas como o Latim, sobretudo no *sermo vulgaris*, do qual derivaram as línguas neolatinas. Desta forma, tiveram papel essencial na formação destas e continuaram atuando ao longo de sua história, sendo possível observá-los também no português brasileiro contemporâneo. É possível perceber que esses processos ocorrem tanto nos falares de pessoas com grau relativamente alto de instrução formal quanto nos de pessoas com baixo nível de escolaridade. Outros fatores podem influenciar a realização desses processos, como a idade, a classe social, o nível de formalidade da situação de comunicação, o local onde residem os sujeitos, a saber, se na zona rural ou urbana, em metrópoles ou cidades interioranas etc. No entanto, o material de análise não viabiliza a análise destes fatores, porquanto não temos um *corpus* de exclusão.

No embalo dessa discussão, convém dizer que, dentre as dezessete entrevistas que compuseram o primeiro CD¹ do projeto Filologia Bandeirante, nosso recorte se restringiu às dos narradores mais velhos² de cada Estado percorrido pelos bandeirantes, com exceção de Mato Grosso, pelo fato de o CD do qual dispúnhamos, o de número um, não abarcar entrevistas com falantes deste Estado. Assim, foram sujeitos da pesquisa um senhor³ e uma senhora de Catalão-Goiás, casados e que constituíram a mesma narrativa, um senhor de Bom Sucesso e uma senhora de São Tiago, ambos de Minas Gerais, e um senhor de Taubaté – São Paulo. Importa lembrar que as narrativas orais que estudamos foram curtas. Em geral, duraram entre vinte e quatro e cinquenta e cinco minutos.

Sobre o perfil dos narradores, Cohen *et al.* (1997) afirmam se tratar de senhores com nula ou ínfima instrução formal, com pouco ou nenhum acesso aos bens da cultura de massa e residentes nas cidades desde o nascimento ou terem se mudado para ela ainda infantes. Aventamos que a *parole* desses indivíduos revela uma tendência à retenção de traços linguísticos da época das bandeiras ou até mesmo de épocas remotas.

Dentre as várias possibilidades de análise oferecidas pelo *corpus*, pautamo-nos nos processos morfofonológicos vocálicos, tendo em vista a abundância dos vocalismos e consonantismos no material de análise. Examinar narrativas orais partindo do âmbito

¹ Há outros dois CDs com entrevistas do projeto Filologia Bandeirante, mas para este trabalho utilizamos apenas o primeiro.

² Dentre as narrativas disponíveis no CD em estudo, foram selecionadas para esta investigação as dos narradores mais velhos de cada Estado, que tivessem mais de sessenta anos.

³ Para evitar a repetição do vocábulo *narrador(a)*, utilizamos *senhor(a)* para os sujeitos da pesquisa.

morfofonológico permitirá compreender a afiguração dos processos de vocalismos que certamente se mantiveram sem muitas alterações na fala dos entrevistados, visto que é na língua em uso que melhor se captam essas realizações.

Cabe esclarecer que o nosso ensejo em estudar essa temática adveio de pesquisas realizadas previamente nos âmbitos do Programa de Bolsa de Extensão e Cultura (2011-2012) e do Programa Institucional de Iniciação Científica – Ação Afirmativa (2012-2013; 2013-2014), sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena de Paula. Na ocasião, conhecemos documentos do Museu Cornélio Ramos da cidade de Catalão, estudamos abreviaturas e também processos morfofonológicos em documentos manuscritos eclesiásticos, o que despertou o interesse em aprofundarmos nessa proposição.

Contudo, convém trazer à tona que o projeto ora apresentado não é a continuação teórico-metodológica das pesquisas realizadas anteriormente. Neste estudo, o *corpus* e os objetivos são outros, apesar de todos eles convergirem para a história da Língua Portuguesa, notadamente no que dizem respeito ao vocabulário e às variações morfofonológicas de um determinado período.

A opção por investigar a fala em detrimento da escrita nesse *corpus*, em especial, é pertinente pelo fato de estudarmos a língua em situação real de uso com todas as nuances que lhe são concernentes, o que não seria possível se nos valêssemos de narrativas já transcritas, vez que vários detalhes passíveis de serem captados neste momento seriam perdidos. Ademais, a transcrição realizada teve por finalidade registrar em material mais duradouro o conteúdo das narrativas em estudo.

A realização desta pesquisa, utilizando as narrativas orais do projeto já mencionado, deve-se, em parte, ao fato de a professora Maria Helena de Paula, da UFG-Regional Catalão, ter sido integrante do mesmo, tendo entrevistado alguns narradores e editado parte dos documentos manuscritos que compuseram o *corpus* daquele. Além disso, o contato prévio com este material de investigação, bem como as leituras acerca do projeto fizeram surgir a hipótese dessa investigação.

Diante do exposto, a pesquisa teve como ponto de partida a seguinte pergunta: os processos de vocalismos tendem a manter, na fala de pessoas com mais de sessenta anos, aspectos linguísticos da época das bandeiras? Logo, a hipótese desta investigação centra-se na ideia de que esses narradores provavelmente mantêm em suas falas aspectos linguísticos utilizados pelos bandeirantes. Vale ressaltar que esta conjectura não é uma exclusividade nossa: ela guiou toda a pesquisa do projeto Filologia Bandeirante e serviu de parâmetro para outros estudos, tal como o de Paula (2007). No entanto, cabe acrescentar que desconhecemos estudos

que intencionaram ratificar esta hipótese nos níveis fonético/fonológico e morfológico, tendo como foco os Estados em estudo.

O presente estudo está vinculado ao projeto “Vestígios da História da Língua Portuguesa em Goiás: edição e estudo de manuscritos cartoriais do séc. XVIII ao XX”, coordenado pela orientadora desta pesquisa e apoia-se na linha de pesquisa 3 “Língua, Linguagem e Cultura”, uma vez que é por meio dos vocábulos proferidos pelos narradores que conhecemos detalhes de suas mundividências. Carece dizer que esta pesquisa não tem como veio o estudo de documentos manuscritos cartoriais, no entanto, procuramos, através das narrativas, nos enveredar pelo estudo da história da língua portuguesa, conquanto não apenas no Estado de Goiás, incluindo-se também Minas Gerais e São Paulo.

A presente investigação se caracteriza como bibliográfica, qualitativa e quantitativa, pois parte da análise de materiais já publicados em meios impressos e eletrônicos e objetiva, ainda, quantificar os dados elencados em cada narrativa para se proceder ao seu estudo pormenorizado. De modo a cumprir o que propomos, obedeceu-se às seguintes etapas: i) transcrição gráfica das entrevistas selecionadas previamente para constituírem o *corpus* da pesquisa; ii) identificação e inventário dos processos morfofonológicos vocálicos; iii) transcrição fonética dos vocábulos que sofreram os processos; iv) elaboração do Índice de Frequência e Ocorrências, separando-se as ocorrências por narrativa; v) análise quantitativa e qualitativa dos processos.

O objetivo geral deste trabalho foi investigar os processos morfofonológicos vocálicos realizados por esses narradores, considerando-se os fatores linguísticos e sociais que os condicionam. Os objetivos específicos são a) descrever e classificar os processos de vocalismos encontrados; b) verificar os mais e menos recorrentes em cada Estado; c) cotejar os dados, a fim de apontar os processos convergentes e divergentes entre as narrativas.

Como referencial teórico, nos amparamos em autores que versam sobre Linguística Histórica, Sociolinguística, Fonética e Fonologia e Morfologia, dentre os quais podemos citar: Machado Filho (2014), Mattos e Silva (2008), Faraco (2005), Alkmin (2012), Coelho (2008; 2011), Callou e Leite (2003), dentre outros. Estudar os pressupostos teóricos da Fonética, da Fonologia e da Morfologia foram imprescindíveis para compreendermos como as vogais se realizam desde sua produção pelo aparelho fonador até seu uso dentro de um determinado vocábulo, especialmente quando ocorre mudança de sentido ou alteração na sua estrutura. A Linguística Histórica, bem como a Sociolinguística nos ampararam no sentido de fazer perceber que a língua não é estática e que essas mudanças são essenciais para o seu bom funcionamento.

De modo a ilustrar o caminho percorrido para a confecção deste trabalho, organizamos os capítulos da seguinte maneira: no primeiro, intitulado “Definir a língua e perscrutar o *corpus*: fases da caminhada”, explanamos as diligências metodológicas da pesquisa. Para tanto, delineamos alguns aspectos históricos que circundam o bandeirantismo, apresentamos os sujeitos cujas falas revelam uma materialidade linguística ímpar, bem como memórias orais que também foram exploradas e mostramos, ainda, os métodos utilizados na transcrição do *corpus* em análise. Abordamos, também, o método de análise do material, fizemos uma breve explanação sobre o gênero narrativa oral e sua correlação com a memória e apresentamos as narrativas transcritas para que o leitor possa se familiarizar com os assuntos narrados.

No segundo capítulo, sob o título “O social na língua e a língua no social: traçando perspectivas para a análise do *corpus*”, perpassamos pelos caminhos trilhados por Saussure, Meillet, Labov para então chegarmos na Linguística Histórica, na Morfologia, na Fonética e na Fonologia, ciências que alicerçam este estudo e nos ajudam a entender o que denominamos de Morfofonologia.

No terceiro capítulo, intitulado “Processos morfofonológicos vocálicos: rastros linguísticos dos bandeirantes”, apresentamos os processos morfofonológicos, demonstrando-os através de alguns exemplos extraídos do *corpus*. Esclarecemos ainda sobre algumas características das vogais, sobre a organização do Índice de Frequência e Ocorrências, apresentamos a análise dos dados e realizamos um cotejo com dados apresentados por outros autores que investigaram narrativas orais do projeto, dentre os quais podemos citar Santiago-Almeida (2009), que nos apresentou importantes contribuições sobre o Estado de Mato Grosso.

I DEFINIR A LÍNGUA E PERSCRUTAR O *CORPUS*: FASES DA CAMINHADA

A única reserva da fala, a única forma de conservação, é a memória pessoal, extremamente desenvolvida, como a memória social, a tradição e o costume. [...] A autoridade pertence aos antigos, aos anciões em que sobrevive o tesouro da experiência ancestral, guardada com ciúmes, mas frágil e ameaçadora, uma vez que aquele que sabe desaparece, ninguém saberá mais. (GUSDORF, 1977, p. 116)

Nesta seção discorreremos sobre o projeto Filologia Bandeirante, que serviu como pano de fundo para a realização desta pesquisa. Por conseguinte, traçaremos os delineamentos metodológicos para a delimitação, composição e transcrição das quatro entrevistas que compuseram o *corpus*. Teceremos, ainda, de forma sucinta, algumas considerações sobre a relação incontestável entre o gênero narrativa oral e a memória. *A posteriori*, apresentaremos as narrativas para que o leitor se familiarize com os temas relatados.

1.1 Nas trilhas do projeto Filologia Bandeirante

Coordenado pelo professor Heitor Megale da Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 1996 e 2000, e em parceria com professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiânia (UFG), o projeto retromencionado buscou, através dos moradores mais idosos desses Estados, que tiveram pouca ou nenhuma instrução formal e com pouco ou nenhum acesso aos bens simbólicos produzidos pela cultura de massa⁴, recolher material linguístico que atestasse a preservação da língua oral herdada da época das bandeiras, quando por aqui passaram fazendo expedições pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Segundo relatos de Megale e Toledo Neto (2002, p. 75), em entrevista para a Revista Pesquisa FAPESP, “o projeto buscou colher vestígios da língua da colonização, que permaneceram ou sofreram variação. A idéia era flagrar a herança oral de lugares fundados por sertanistas ou que surgiram com seu avanço.”

Para dar cabo ao projeto, Cohen *et al.* (1997, p. 80) pontuam que foi convencionado que os pesquisadores seguiriam o itinerário da bandeira de 1674, chefiada por Fernão Dias Pais, um veterano de 65 anos. Esta expedição seguiu o mesmo caminho da bandeira de André Leão, em 1601, a qual saiu de São Paulo, passou pela cadeia de São Miguel, atravessou o rio Tietê em

⁴ Neste trabalho, entende-se que estes referem-se a tudo que resulta da sociedade de consumo e que é veiculado pela mídia.

busca da Serra de Itapeti, onde encontrou jazidas auríferas (PAULIS, 2000, p. 97). Ainda, de acordo com a autora (2000), a diferença crucial entre as duas bandeiras residiu no fato de a primeira ter utilizado embarcações fluviais para realizar boa parte do percurso, enquanto a segunda pôde percorrer este trajeto por vias terrestres, vez que várias vilas do Vale do Paraíba já haviam sido fundadas.

Após chegarem no itinerário percorrido por André Leão; a “bandeira das esmeraldas”, liderada por Fernão Dias, composta por quarenta homens, seguiu avante percorrendo outros vilarejos. Ao citá-la, Megale e Toledo Neto (2002, p. 75) esboçam o seguinte trajeto:

Saiu de São Paulo até as cabeceiras do rio das Velhas, Esmeraldas, Mato das Pedreiras e Serro Frio, futuro núcleo do povoamento de Minas. Do rio das Velhas, atravessou o Vale de Jequitinhonha, até a Lagoa de Vupabuçu, onde ele encontrou pedras verdes após sete anos de trilha.

É notório que os bandeirantes não desbravavam caminhos para se fixar; o interesse imediato desses colonos era meramente descobrir minas de ouro e pedras preciosas, além de capturar índios. Diferentemente do que esperavam, essa bandeira não encontrou tais pedras e/ou metais preciosos, todavia, ela foi salutar para a fundação da província de Minas Gerais e facilitou para que, mais tarde, a bandeira liderada por Antônio Rodrigues Arzão encontrasse jazidas de ouro nos sertões homônimos. Ademais, os partícipes daquela bandeira fizeram benfeitorias, fundaram pousos com plantações de roças de milho e mandioca, criando porcos e aves para o sustento dos seus membros. Em cada pouso, era deixado um capitão e alguns soldados, além de autóctones que os acompanhavam (SEABRA, 2000).

Gomez (1994), citado por Paula (2005, p. 159), sublinha que os pontos de pousos criados pelos bandeirantes eram uma espécie de bússola para as outras bandeiras, razão pela qual passar pelos pousos era como “estar no caminho certo”. Além disso, os pousos tinham como função oferecer subsídios e provimentos aos bandeirantes que por ali passavam. Hodiernamente, alguns pousos desapareceram, outros foram povoados e elevados à categoria de cidade.

Estas cidades foram revisitadas pelos pesquisadores do Projeto Filologia Bandeirante e orientaram o início da pesquisa. Megale e Toledo Neto (2002, p. 75) explicam que eles incluíram locais visitados por outras incursões de bandeiras, mas excluíram pontos com forte influência da cultura de massa, como o caso de Ouro Preto e Cuiabá. Acreditamos que a exclusão destes pontos com influência desta cultura, deveu-se, principalmente, pelo fato de neles haver maior probabilidade de um falar híbrido, fator que provocaria a perda dos traços linguísticos deixados pelos bandeirantes.

A equipe composta por dezenove pesquisadores trabalhou, segundo Cohen *et al.* (1997), em busca de entrevistas com pessoas de ínfima instrução formal e/ou analfabetos e com mais de cinquenta anos, que tivessem nascido nas cidades suprarreferidas, ou se mudado para elas ainda criança e que não tivessem adquirido gírias ou expressões linguísticas dos meios de comunicação de massa, haja vista que é através da preservação desse substrato que se poderia colher traços da língua vigentes durante o século do ouro. O projeto Filologia Bandeirante também investigou documentos manuscritos do mesmo período, os quais trouxeram em seus fólios vestígios de língua da época das bandeiras, possivelmente já em uso pelos signatários. A justificativa para a comparação destes dois tipos de fontes da história da língua, segundo Cohen *et al.* (1997, p. 82-83) assentou-se no fato de essas modalidades permitirem a descoberta de casos de preservação linguística já quase esquecidos pelas gerações mais novas.

Para a seleção dos narradores cujas gravações compuseram os CDs do projeto, Megale e Toledo Neto, em entrevista para a Revista Pesquisa Fapesp (2002) lembram que, embora já tivessem noção de onde encontrá-los, a procura por esses informantes não foi fácil. Segundo os autores (2002), foi preciso andejar e conversar com vários moradores que estavam à margem de instituições oficiais, tais como “a Prefeitura, a Igreja ou a Emater” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2002, p. 76). Isso porque, quando os pesquisadores solicitavam informações aos funcionários da prefeitura, por exemplo, estes lhes indicavam pessoas que realizavam solecismos, mas que tinham frequentado a escola e adquirido expressões linguísticas tradicionalmente transmitidas pela cultura de massa.

Feito o mapeamento das localidades, que incluiu os Estados de Goiás, Minas, Mato Grosso e São Paulo, e escolhidos os narradores que tinham perfis para compor os CDs referidos com as narrativas, os pesquisadores do projeto encontraram verdadeiros diamantes linguísticos. Megale e Toledo Neto (2002) afirmam que foram encontrados vocábulos que quase não se ouvem mais, bem como vocábulos que remetem aos paulistas. Para os autores, esses vocábulos podem ter sido integrados no vocabulário dos narradores, como resquícios da expedição da época das bandeiras.

Cabe ressaltar que refazer um percurso fidedigno sobre a língua falada pelos bandeirantes não é uma tarefa simples. Vários pesquisadores que se dedicaram ao tema não foram consensuais quanto ao dialeto falado pelos bandeirantes. Mendes (2000) levanta três hipóteses quanto à língua falada pelos bandeirantes, quais sejam: que eles possuíam dialeto próprio, que eles falavam a língua tupi e/ou que eles falavam a língua geral. Apesar de a autora buscar em diversos teóricos uma resposta para essa problemática, percebe-se que eles não possuem um consentimento mútuo acerca deste tema, o que dificulta restabelecer a língua e os

vocábulos realmente difundidos pelos bandeirantes. Acresce a isso o fato de que a formação da língua portuguesa no Brasil deriva da mescla dos substratos indígena, africano e europeu.

À procura de uma explicação para a manutenção do vocabulário desses falantes, Penny (2000, p. 57 apud MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 28), em sua teoria das ondas linguísticas, diz que as inovações se espalham de centros de prestígio e atingem um determinado território, sendo que as zonas mais afastadas e isoladas raramente são atingidas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, os Megale e Toledo Neto (2004) complementam que o bloqueio de uma inovação linguística também decorre do estrato social, porquanto uma novidade linguística iniciada em um grupo abastado afetará por último grupos sociais mais desfavorecidos monetariamente.

Concernente às entrevistas, cabe dizer que a equipe, para realizá-las, não se orientou em um questionário fixo, posto que isso poderia obstar o andamento da gravação. No entanto, não é demais ressaltar que os pesquisadores foram aos locais com algumas perguntas prontas para que o entrevistado se sentisse desinibido com o primeiro contato. Estes questionários não foram seguidos estritamente, porquanto no desenrolar da conversa surgiam outros assuntos pertinentes ao momento (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004). O que se nota nas entrevistas selecionadas é que os pesquisadores interferiram o mínimo possível no fluxo narrativo para que os entrevistados pudessem narrar com naturalidade as reminiscências pretéritas.

Destarte, Cohen *et al.* (1997, p. 89) especificam que houve ocasiões privilegiadas para a recolha dos dados, tais como “festas religiosas, quermesses, dias de procissão, casamentos, batizados, velórios, enterros, atividades específicas da vida local, plantio, colheita, exercício de profissão típica do lugar [dentre] outras[...]”. Esses momentos informais, geralmente na casa do entrevistado ou nas imediações, foram propícios para captar o *continuum*⁵ de estados de língua arcaicos cristalizados, os quais resultaram em alguns processos morfofonológicos vocálicos que serão objeto desta pesquisa.

Assentadas nas bases teóricas utilizadas para este estudo, discutimos acerca da historiografia dos bandeirantes. Destacamos que, mediante à vastidão de autores que se propuseram à versar acerca desta historiografia, as referências utilizadas são ínfimas. Portanto, não temos o intento de esgotar toda a bibliografia já escrita. Aqui faremos uma abordagem concisa, isto é, um recorte, visando a suprir as demandas desta pesquisa.

⁵ Entendemos que há um *continuum* entre estes narradores, ou seja, endossamos a ideia de que os falares utilizados por estas gerações que, *a priori*, não se conhecem, contém traços de continuidade e coerência que se interpenetram com regularidade.

Iniciemos, então, fazendo uma explanação dos vocábulos “bandeira” e “bandeirante”. Para tanto, buscamos os sentidos do verbete **bandeira**. Dentre as várias acepções trazidas por Houaiss e Villar (2009), na rubrica destinada à História, encontramos o seguinte significado

cada uma de uma série de expedições, particulares ou oficiais, de penetração do território brasileiro na época colonial (sXVI a XVIII), que ger. partia da capitania de São Vicente (atual São Paulo SP) e tinha como objetivos fundamentais a captura de indígenas e a detecção de jazidas de pedras e metais preciosos [...].

Sobre esta assertiva, Goes (1991) explica que, provavelmente, as incursões sertanejas ganharam esta alcunha, porque carregavam uma bandeira, símbolo característico dos militares armados da época. Endossando a asserção, Megale e Toledo Neto (2002), em entrevista para a revista Pesquisa FAPESP, complementam que o movimento de ir aos sertões, hodiernamente denominado **bandeira**, era designado, conforme os documentos manuscritos dos séculos XVII e XVIII, de “armação”, “entrada”, “jornada” e “tropa”. Por este motivo, é possível que os bandeirantes desconhecêssem essa nominata.

A fim de dirimir as dúvidas, consultamos o verbete **entrada** no dicionário retrocitado e constatamos um sentido semelhante ao exposto acima, vejamos: “no período colonial, cada uma de uma série de expedições que partiam do litoral para explorar o interior do Brasil, aprisionar indígenas e buscar ouro, prata e pedras preciosas [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009). É perceptível então, que a diferença crucial está no ponto de partida de cada expedição. Enquanto as bandeiras saíam de São Vicente, hodiernamente alcunhada São Paulo; as entradas partiam de várias capitanias do Brasil, tais como: Maranhão, Pernambuco, Bahia etc. (GOES, 1991). Segundo o autor, há quem preconize que as **entradas** eram organizadas pelo poder público, e as **bandeiras** pelo poder privado. No entanto, não adentraremos minuciosamente ao mérito desta questão por não ser nosso objetivo.

No que respeita ao vocábulo **bandeirante**, Houaiss e Villar (2009) trazem a seguinte definição: “indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em bandeira ('expedição') [...] que ou o que abre caminho; desbravador, precursor, pioneiro; próprio de bandeirante; relativo ao bandeirantismo”. Percebemos que a definição faz menção à figura do bandeirante como irascível e destemido, que adentrou o território brasileiro no período colonial (século XVI ao XVIII), e teve como propósito a captura de aborígenes para a escravização e, também, a detecção de jazidas auríferas (DAVIDOFF, 1994).

No que tange a esta definição, faz-se mister, novamente, trazer à baila os dizeres de Megale e Toledo Neto (2002, p. 77). Para eles, o vocábulo **bandeirante** é controverso, vez que

os documentos da época do ouro revelam que os partícipes das tropas não se denominavam assim. Em consonância a esta assertiva, Goes (1991, p. 55) destaca que os participantes dessas jornadas não tinham um nome específico, eram simplesmente “homens” ou, em alguns casos, “soldados da Vila”. O autor (1991) assinala que o vocábulo bandeira foi encontrado por Taunay, pela primeira vez, portando este sentido, em uma documentação do Conselho Ultramarino em 1676; ao passo que o vocábulo bandeirante foi encontrado mais tarde, em 1740, quando o personagem “bandeirante” já havia sido extinto.

Davidoff (1994) realça que as expedições tinham como fito minimizar a pobreza que assolava os partícipes. Em suas palavras:

O bandeirante foi fruto social de uma região marginalizada, de escassos recursos materiais e de vida econômica restrita, e suas ações se orientaram ou no sentido de tirar o máximo proveito das brechas que a economia colonial eventualmente oferecia para a efetivação de lucros rápidos e passageiros em conjunturas favoráveis – como no caso da caça ao índio – ou no sentido de buscar alternativas econômicas fora dos quadros da agricultura voltada para o mercado externo, como ocorreu com a busca dos metais e pedras preciosas (DAVIDOFF, 1994, p. 25-26).

Compreendemos, então, que os colonizadores portugueses que vieram para São Vicente e para São Paulo de Paratininga buscavam ascensão patrimonial. E, considerando que o sistema colonial brasileiro buscou implementar um sistema produtivo baseado na indústria sacarífera, no uso de mão de obra indígena e na expansão comercial, visando a negociar com o mercado exterior, verificaram que essas cidades não apresentavam condições geográficas favoráveis para tal. Contudo, Goes (1991) sublinha que “o que salvava São Paulo era a posição estratégica, nas encruzilhadas das vias de penetração terrestres e fluviais. [...]”. E na página seguinte, citando Caio Prado Jr., continua “[...] É por São Paulo que se faziam as primeiras penetrações do continente: para o altiplano central (Minas Gerais), para a grande depressão interior (bacia do Paraguai) e para os campos do Sul” (GOES, 1991, p. 67- 68).

Davidoff (1994) realça que as próprias condições naturais da região não facultavam a ação dos colonos, pois a faixa litorânea era estreita e o solo era improdutivo para a consecução do empreendimento açucareiro. Ademais, a região vicentina encontrava-se em posição excêntrica em relação aos centros europeus consumidores dos gêneros alimentícios oriundos das regiões trópicas. Devido a isso, arcar com o frete destas mercadorias no comércio ultramarino tornava-se muito dispendioso.

Enquanto isso, Pernambuco sobressaiu no comércio açucareiro, porquanto encerrava uma vasta planície litorânea, solos férteis para a cultura da cana-de-açúcar e tinha relativa

proximidade com a Europa. Mediante esta configuração, tornou-se um importante centro irradiador da economia colonial brasileira (DAVIDOFF, 1994).

Do ponto de vista organizacional, toda bandeira era chefiada por um branco ou mameluco que detinha poder absoluto sobre seus subordinados. Os comandados eram, em sua maioria, índios responsáveis por guiar os caminhos desbravados pelas bandeiras, colher alimentos, carregar os pertences da tropa, dentre outras coisas. No que tange ao carregamento da tropa, constituía-se de um arsenal com pólvora, machados, balas, cordas para prender os índios e, às vezes, sementes, sal e uma pequena quantidade de alimentos, vez que por onde passavam dedicavam-se à caça, à pesca, à busca do mel silvestre, extração de palmito, coleta de frutos e, ainda, lançavam mão da agricultura cultivada pelos nativos (DAVIDOFF, 1994).

No entanto, faz-se mister lembrar que os aborígenes não se adaptaram à condição de escravizados e como rota de fuga embrenhavam-se nas matas. Por esta razão, os bandeirantes, a partir de meados do século XVI, teriam importado negros africanos para a execução dos trabalhos destinados às atividades açucareiras, vez que em seus locais de origem eles já eram submetidos à dinâmica da escravidão (TAUNAY, 2012).

Marquese (2006, p. 110-111) pontua que os escravos africanos começaram a ser importados para o Brasil, aproximadamente, em 1538 para trabalharem na produção de cana-de-açúcar, no entanto, nesta época, a quantidade de índios escravizados era bem maior. Devido a isso, a produção do engenho da cana-de-açúcar foi exclusivamente indígena. Até 1570, foram importados maior quantidade de negros africanos para trabalharem em atividades especializadas e esses escravos podiam custar até três vezes mais que um aborígine.

Em razão das condições climáticas, os bandeirantes trilhavam seus caminhos tanto por vias terrestres quanto por vias fluviais. As monções, como eram denominadas as expedições percorridas pelos rios e seus afluentes, eram vistas pelos bandeirantes como obstáculos devido às surpresas que poderiam surgir caminho afora e, também, pela ausência de homens com ampla experiência em navegação, não obstante os rios servissem como pontos de referência para as longas jornadas sertanejas (GOES, 1991, p. 56).

Certamente, explorar as matas era mais vantajoso porque, na época, com exceção da Costa litorânea, todo o resto no Brasil Colônia era sertão. Ademais, a extensa amplitude geográfica e a baixa densidade demográfica facilitavam o percurso pelos caminhos das matas que eram conhecidos pelos índios, facilitando a exploração por vias terrestres.

Quando os bandeirantes saíam para uma nova expedição, a figura de um pároco capelão era imprescindível. Geralmente, ele reunia os homens da tropa constituída por brancos, índios e mamelucos, e todos os outros moradores do povoado para realizar uma missa campal

momentos antes da partida. Quando andavam por alguns quilômetros, o pároco capelão fazia o gesto do sinal da cruz e proferia, simultaneamente, a fórmula verbal “em nome do pai, do filho e do espírito santo”, que era reproduzida por todos os membros da tropa. Além disso, ele era a pessoa a quem os bandeirantes deviam respeito e estima. Nos momentos de discórdia, o capelão servia como um guia espiritual, buscando a concórdia entre os membros da tropa (YAZBEK, 1998; CASTRO, 1998).

O chefe das bandeiras, os capitães e os homens a eles confiados iam à frente da bandeira, a cavalo; mais atrás iam os guias e batedores de caminho⁶, compostos, na maioria das vezes, por índios ou mamelucos. Quando uma bandeira partia, todos os que ficavam sabiam de antemão que era quase impossível prever o tempo que eles levariam para retornar e quantos de seus membros voltariam para casa. As incursões sertanejas podiam durar meses ou até mesmo vários anos. Muitos bandeirantes morriam por doenças adquiridas nas matas e, na maioria das vezes, eram vitimados pelos conflitos causados entre os membros da tropa. O número de componentes de uma bandeira era impreciso, pois uma expedição podia ser composta por vinte homens ou podia reunir centenas de partícipes (YAZBEK, 1998; DAVIDOFF, 1994).

Devido à ausência de documentos icônicos figurativos, pouco se sabe sobre a imagem do bandeirante. As descrições que se têm atualmente foram moldadas posteriormente. Davidoff (1994), acerca das indumentárias dos bandeirantes, frisa que

ao que tudo indica, caminhavam descalços e não com as botas de montaria tão comuns nas estátuas e figuras dos bandeirantes; o vestuário se restringia ao chapelão de abas largas, à camisas, ceroulas e aos gibões de algodão acolchoados, que serviam de anteparo às flechas dos indígenas. (DAVIDOFF, 1994, p. 28)

Não há referências claras em relação às roupas trajadas pelos índios que também faziam parte das bandeiras. Se adotarmos a descrição dada pela historiografia, é possível aventar que os autóctones seguiam a tropa desprovidos de qualquer vestimenta.

Yazbek (1998) revela que os bandeirantes levavam bruacas, isto é, sacolas feitas de couro para carregar pães feitos de farinha de guerra⁷ que, se bem embalados, duravam meses a fio. Nesta bruaca levavam, também, um chifre de boi e uma cuia, que serviam, respectivamente,

⁶ Em Houaiss e Villar (2009), no verbete **batedor** encontramos o seguinte sentido “aquele que vai à frente de caravana, exército ou grupo para bater o caminho, abrindo-o ou explorando-o; policial ou soldado que, a cavalo, de carro ou de motocicleta, abre caminho à frente, ladeia ou segue o transporte de autoridades, celebridades etc., dando-lhes guarda”.

⁷ Segundo Houaiss e Villar (2009), **farinha de guerra** é uma “farinha de mandioca fina, usada na culinária brasileira em pratos como pirão, farofa etc.”

de copo e prato para as refeições. Imprescindíveis eram as armas de variados tipos carregadas pelos bandeirantes e pelos indígenas. Os primeiros carregavam escopetas, pistolas de cano de bronze, espingardas de pederneira e carabinas; enquanto os segundos levavam armas, em sua maioria, confeccionadas por eles, tais como arcos e flechas, sendo que muitos deles possuíam suas próprias armas de fogo. Cada homem da bandeira carregava, ainda, facões, espadas ou adagas à cintura.

Devido à força colonizadora, nos lugares que encontravam maior quantidade de ouro, os bandeirantes fixavam pousos e os abandonavam após seu declínio. Com esta prática, levaram populações à diversas regiões do Brasil (GOES, 1991). Feita esta explanação, no tópico ulterior apresentaremos o desvelo empregue para a execução dos pressupostos teóricos-metodológicos.

1.2 As nuances impressas no texto oral: delineando o percurso metodológico

Descrita brevemente a historiografia do projeto Filologia Bandeirante, cabe, então, dar a conhecer os caminhos trilhados para a composição do *corpus* desta pesquisa. Para tanto, apresentaremos os cinco sujeitos escolhidos para esta pesquisa.

1.3 Dos sujeitos da pesquisa

1.3.1 A escolha do corpus

As fontes a que tivemos acesso para realizar essa pesquisa não passaram, atualmente, pelo Comitê de Ética⁸ pelo fato de as entrevistas já terem sido disponibilizadas em suporte digital pelos idealizadores do grupo Filologia Bandeirante, constituindo material de domínio público. Ademais, devido à poliedricidade do objeto, vários outros pesquisadores já desenvolveram trabalhos por diferentes correntes teóricas para cumprir singulares intenções de pesquisas.

O não ineditismo do material, ou a não participação desta pesquisadora na gravação das narrativas não impede que esta ou outras pesquisas sejam desenvolvidas. A esse respeito, concordamos com Paula (2007) ao dizer que a solidariedade científica se fortalece à medida em que os resultados obtidos em uma pesquisa contribuem para a formação de outros pesquisadores

⁸ As entrevistas do projeto Filologia Bandeirante não foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa por serem da mesma época de sua criação. Para mais informações sobre a data de criação do Comitê de Ética em Pesquisa, vide Brasil (2002).

da mesma área ou de áreas afins. Por este motivo, seria um equívoco pensar que apenas pode lançar mão de um material linguístico já publicado quem participou de sua obtenção.

Amparadas por esta compreensão foi que realizamos a transcrição de quatro narrativas que compuseram o produto final do projeto já mencionado. A escolha por este material assentou-se no fato de ele oferecer possibilidade de trabalhar com língua oral observando as idiossincrasias de narradores de Estados que constituíram trilhas dos bandeirantes paulistas. Para esse trabalho, a fala na modalidade oral foi tão importante quanto sua transcrição para a modalidade escrita, isto porque conteúdos culturais e mnemônicos reproduzidos em forma de narrativas foram obtidos de sujeitos que, em sua maioria, não foram à escola e por isso não aprenderam, ou aprenderam minimamente, a ler e a escrever.

Admitimos que a ausência de contato direto com os sujeitos impediu o detalhamento dos pormenores das gravações, como gestos, expressões fisionômicas, acrescidos de movimentos das mãos, braços, corpo etc. Contudo, através das narrativas, foi possível inferir sobre alguns acontecimentos ocorridos durante as gravações como, por exemplo, a chegada de visitas ao local da entrevista, que se mantiveram todavia em silêncio para não atrapalhar o andamento da gravação, bem como as que participaram efetivamente das entrevistas, dando suas contribuições ao conteúdo narrado. Para que o leitor tivesse ciência dessas particularidades, todas as inferências que fizemos foram descritas entre parênteses e em itálico ou em notas de rodapé.

Cumpramos especificar que não nos deteremos às minudências do primeiro contato entre pesquisador e entrevistado, porque não sabemos como isso de fato aconteceu. Por ora, nos ateremos nos procedimentos utilizados na síntese descritiva que caracteriza os narradores e na seção superveniente, nos dedicaremos às transcrições das narrativas.

1.3.2 Caracterização dos narradores

A priori, convém ressaltar que os sujeitos que compõem essa pesquisa se enquadram em um destes dois perfis: i) moradores de suas cidades desde o nascimento e ii) pessoas que se mudaram para elas ainda infantis. Desta feita, escolhemos os cinco narradores que deram voz e vida a esta dissertação. O objetivo inicial desta pesquisa era escolher uma narrativa de cada Estado, a saber: São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, vez que eles foram percorridos pela equipe do Filologia Bandeirante e constituem os dados linguísticos do projeto.

No entanto, o CD a que tivemos acesso não possui entrevistas do último Estado. Optamos, então, por escolher dois narradores de Minas Gerais, um casal de Goiás e um senhor

de São Paulo, constituindo, portanto, quatro narrativas e cinco narradores. Insta dizer que esta seleção não foi aleatória: assentamo-nos no pressuposto de que os informantes mais velhos de cada Estado ainda carregam consigo alguns traços linguísticos do tempo das bandeiras.

Apesar de o arquivo com as entrevistas ter sido disponibilizado pelos integrantes do projeto para que outras investigações pudessem ser realizadas, acreditamos que ocultar a identificação dos sujeitos para resguardá-los de possíveis constrangimentos faz parte das diligências metodológicas. Para atingir esse objetivo, criamos códigos especificamente para esse fim. De modo a simplificar a compreensão dos símbolos empregados, explanamos a sua utilização nos excertos da seguinte maneira: em parêntese, **N** designa narrador; **M** ou **F** representam o gênero masculino ou feminino, respectivamente; o numeral cardinal refere-se à idade do senhor ou da senhora que concedeu a gravação e as siglas **GO**, **MG** e **SP** identificam os Estados dos narradores. Destarte, a orientação (**N1F75GO**; **N2M78GO**) faz alusão à primeira narradora do sexo feminino e ao seu companheiro. Na época estavam com 75 e 78 anos, respectivamente, e residiam no Estado de Goiás. Adiante, seguem as identificações dos narradores e narradoras sujeitos da pesquisa. Insta dizer que, de modo geral, as entrevistas trazem à lume histórias de vida de sujeitos que cresceram sem muita instrução formal e, numa conversa descontraída, contam sobre suas lidas diárias.

1- N1F75GO; N2M78GO – narradora número 1 (N1), gênero feminino (F), setenta e cinco anos de idade (75); narrador número 2 (N2), gênero masculino (M), setenta e oito anos de idade (78), moradores em Catalão, cidade localizada no interior de Goiás.

Representados pelos códigos acima citados, o casal catalano possuía, na época da entrevista, 75 e 78 anos de idade, respectivamente. A narradora nasceu em Pires Belo e o narrador na Vargem, alcunhada Mata Cachorro. Apesar de desenvolvimentos com a narrativa, quando indagados sobre como se conheceram, fizeram mistério. Relataram sobre a chegada da energia elétrica em suas casas e contaram nostálgicos sobre como os “tempos das águas”⁹ tinham mudado.

Descreveram que as águas de *Treis Rancho*¹⁰, uma cidade vizinha a Catalão, secaram com a falta de chuva e asseguraram que isto afetou o turismo da *urbe*, vez que *vinha gente de tudo quant’ é lugar* para fins turísticos. Contaram que na infância não tiveram muita

⁹ Este fraseologismo diz respeito ao período chuvoso, que compreende os meses de dezembro, janeiro e meados de fevereiro. Houaiss e Villar (2009), para se referirem a este período, usam a expressão “águas de janeiro”.

¹⁰ Usamos itálico para destacar fragmentos extraídos das narrativas, além de palavras estrangeiras.

oportunidade de estudar. O narrador expôs que apenas aprendeu a assinar o nome porque um homem com vários filhos levou um professor para a roça onde ele estava. A sala improvisada, certamente multisseriada, ficava localizada em um *ranchão grande* e tinha jiraus para as crianças se acomodarem. Ele alegou que hoje em dia estudar não adiantava muito e, à guisa de exemplificação, expôs a situação do neto que fez faculdade e não conseguiu arrumar emprego. No entanto, reconheceu que o conhecimento adquirido é a única coisa que ninguém pode tomar.

Com cinquenta e cinco anos de casados no período da gravação, a narradora lembrou que a falta de oportunidade de estudar na infância interferia no recebimento da aposentadoria, porquanto ela tinha dificuldade em lidar com o caixa eletrônico, que às vezes ficava com o sistema inoperante. Para solucionar o problema do recebimento, a filha ficou responsável por fazê-lo. Relataram sobre o perigo de serem assaltados no dia de receber a aposentadoria e dos furtos que frequentemente aconteciam nas residências.

Saudosos, os narradores evocaram o tempo em que eram crianças e moravam na roça; segundo eles, a vida era mais fácil porque eles mesmos plantavam *as roça, cuía os mantimento do gasto, criava poico, tinha carne, tinha tudo, né? E agora não, aqui é tudo é no dinheiro, né*. Lembraram, ainda, sobre a tradição de rezar terços com os pais quando crianças e como isso mudou hodiernamente. Descreveram que em tempos dantes, tiravam leite manualmente porque a energia não chegava a todos e que hoje em dia existem maquinários para substituir a mão-de-obra humana, mas, por estarem em época de racionamento de energia, usar as máquinas seria prejudicial.

O narrador lembra que quando criança na roça tinham diversos bichos para caçar, mas que ele nunca gostou de fazer isso; relata sobre a utilidade do carro de boi para os produtores de leite, pois na época não havia cooperativa. Nos momentos finais da conversa, a narradora contou sobre a morte do Antero, um crime bárbaro ocorrido na cidade quando *Catalão era currutela*.

N3M92MG – narrador número três (N3), gênero masculino (M), noventa e dois anos de idade (92), residente em Bom Sucesso, interior de Minas Gerais.

Nascido em vinte e nove de junho de mil novecentos e oito, às duas horas da manhã, na cidade de Pimenteira, o narrador alegou se lembrar com riqueza de detalhes dos fatos ocorridos na infância. Narrador nato, ele afirma ter sido abandonado pelo pai aos três anos de idade. Desde então foi criado pela mãe com o auxílio do avô materno, de quem ele cuidou no fim da vida,

quando ele pegô sofrê do curação, como forma de retribuir os cuidados dispensados a ele na infância.

Aos dez anos, seu avô lhe disse que o levaria para a roça *pra trabaiá*, como ele não queria ir, fingiu uma dor de barriga para que o avô o deixasse em casa, mesmo assim o avô decidiu que ele iria. Diz ser grato ao avô, porque foi assim que ele aprendeu a trabalhar. De todos os serviços executados, revelou que não gostou de *acarriá e tirá leite*, porque eram serviços demorados. Trabalhou de agregado durante certo tempo e plantava roças *de meia* para subsistência. Diz que, naquele tempo, os patrões costumavam fintar os empregados e muitos *até batia no camarada*.

Lembrou que no período coetâneo *dimudô tudo*, porque os patrões não possuíam tanta autonomia para com os empregados, mas ao citar o atual patrão demonstrou orgulho e revelou que ele era mais que um pai. Genitor de dezessete filhos, dos quais sete eram vivos na época da entrevista, revelou um certo ressentimento ao mencionar o filho que ainda residia com ele.

Com boa saúde e boa memória, comemorou o fato de não precisar ir ao médico com regularidade, mesmo sendo tabagista desde os dez anos de idade. Diz que já sofreu muito na vida e só não passou fome porque trabalhava para se manter. Admitiu que com os filhos criados, a vida era melhor e que até conseguiu juntar algumas *economia* para suprir eventuais necessidades. Narrou, também, sobre a peleja para se casar, pois não tinha dinheiro. Desta feita, os padrinhos pagaram a cerimônia realizada na igreja e ele ficou responsável apenas por seu traje.

Dezoito dias após o casamento, sua companheira, que segundo ele era muito ciumenta, adoeceu e apenas *panhô saúde* depois que ele trocou a medicina alternativa por um médico especialista e, assim, puderam viver juntos por mais de sessenta anos.

Para concluir, contou que em tempos antanhos, Bom Sucesso sofreu com terremotos, e que nunca foram descobertos os verdadeiros motivos desses abalos sísmicos que, de tão fortes, era possível ouvir os estrondos nas cidades adjacentes. Ao mostrar seu quintal e as plantações feitas nele, contou satisfeito sobre as melhorias que ele mesmo fez para acomodar os filhos quando vinham visitá-lo. Por decisão de seus filhos, alguns objetos foram mantidos intactos após o falecimento da esposa como forma de preservar a memória dela.

N4F90MG – narradora número quatro (N4), gênero feminino (F), noventa anos de idade (90), moradora em São Tiago, interior de Minas Gerais.

Nascida em São Tiago e católica desde o nascimento, contou com insatisfação sobre o surgimento de outras religiões que, segundo ela, despontaram após a morte de um dos vigários da cidade. Mãe de treze filhos, dos quais quatro falecera, se ocupou em narrar fatos pretéritos ocorridos na cidade com os próprios familiares.

Desta feita, falou sobre a morte coletiva dos primos e tio motivada por envenenamento. De acordo com seus relatos, o tio teve essa *descabeçaria* porque ele se engraçou com a filha de um fazendeiro que o jurou a morte. No dia de seu enterro, chegou um *negrão* desconhecido na cidade procurando por ele, certamente para fazer o acerto de contas. A tia, que também tomou o veneno, ficou internada, mas não teve nenhuma sequela grave.

Filha de mãe biscoiteira e de pai carreiro, ela e os irmãos ajudavam a mãe a vender, nos logradouros públicos, os biscoitos fabricados artesanalmente. Diz que não gostava de vender biscoitos porque era muito ruim em voltar troco para os fregueses. Em virtude da idade avançada, a mãe parou de fabricar e vender biscoitos; o forno e a casa em que a mãe morava ficaram de herança para uma das irmãs.

Com quatorze bisnetos, dezessete netos e casada por cinquenta e quatro anos com um *marido brabo*, lamentou o fato de as filhas não terem sido *casaderas*. Nos primeiros anos de casada, morou na roça com o marido, mas não gostava de lá porque ninguém ia visitá-la.

Mudaram abruptamente para São Tiago quando o marido adoeceu para terem auxílio médico. Alugaram a casa da qual se tornaram proprietários tempos depois. Com riqueza de detalhes, circunstanciou como se deu o processo de abertura das vias públicas urbanas em São Tiago, a qual possuía, na época, choupanas com telhados de capim. Neste contexto, os moradores mais antigos contribuíram para a transformação do terreno doado por um casal e assim deram início à construção das primeiras instituições públicas, tais como escolas e hospitais.

Em que pese a ausência de escolaridade, ela revelou que gostava de ler e *iscrevê um muncadim to'dia*. Não gostava que os netos lessem para ela, porque quando eles faziam, pulavam pedaços, deixando a leitura incompleta. Mesmo sabendo apenas o básico, quando morou na roça, auxiliou algumas crianças no processo de aprendizagem da língua materna. Orgulhava-se de morar em São Tiago, de ver seu crescimento demográfico e, também, de saber que as pessoas que aí viviam gostavam muito dela.

N5M75SP – narrador número cinco (N5), gênero masculino (M), setenta e cinco anos de idade (75), residente em Taubaté, interior de São Paulo.

Com destreza para oralizar os fatos ocorridos em tempos idos, o narrador confia que seu pai comprara uma casa na cidade no início da década de quarenta do século passado. Casou-se com vinte e sete anos e teve nove filhos, os quais lhe deram netos e bisnetos.

No que concerne ao labor, diz que aprendeu de tudo um pouco: andar a cavalo, dirigir carro de boi, viver a base de pedreiro, amarrar vacas etc., conquanto gostasse mesmo era de barganhar.

Trabalhou como servente e neste serviço aprendeu o ofício de pedreiro. Quando acertou o tempo trabalhado, comprou um lote e ele mesmo construiu uma casa de cinco cômodos, uma vez que ele dominava todas as suas etapas de construção.

Acostumado com a lida rural, levantava-se todos os dias às cinco horas da manhã para tirar leite das vacas, plantar milho, cuidar das galinhas caipiras e de angola, dentre outros afazeres e se recolhia às dezenove horas. Diz que sempre gostou da vida campestre, mas os filhos escolheram serviços não vinculados à ruralidade. Um deles trabalhou como operador na prefeitura por mais de vinte anos e o outro também trabalhou por algum tempo na mesma ocupação.

Contou o caso da pedra grande, uma história ocorrida na cidade no seu tempo de criança; fala, também, sobre as capelas e as missas ocorridas em cada uma delas. Indagado sobre a expansão demográfica da cidade, diz que apareceram pessoas novas na cidade, mas que estas ainda eram em número reduzido, se cotejado com os moradores antigos.

Por ser uma cidade com a população pequena, segundo ele, o caráter da pessoa era julgado pelas companhias. Naquele tempo, a palavra penhorada durante o empréstimo de dinheiro ou de algum serviço era tão valiosa quanto um documento registrado em cartório. Para exemplificar, conta sobre uma situação vivenciada por ele, o qual avalizou um empréstimo e, para honrar com o seu nome, teve que quitar a dívida.

Findo este tópico acerca do conteúdo das narrativas, descreveremos, no tópico subsequente, o método empregado para as suas transcrições.

1.3.3 Métodos para a transcrição das narrativas

A língua pode ser efetivada nas modalidades oral ou escrita. Se o canal utilizado para a comunicação for o aparelho fonador, há a concretização da comunicação oral. De modo inverso, isto é, se o canal empregado for o punho ou qualquer outro mecanismo gráfico, a substância produzida será escrita (COELHO, 2005). A estas modalidades, acrescentamos a Língua

Brasileira de Sinais (LIBRAS), a qual se realiza quando a comunicação se efetiva por meio de gestos.

Cabe dizer que o escopo deste trabalho não é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pois os narradores efetivaram a comunicação por meio da modalidade oral e, para efeito deste trabalho, nós transcrevemos graficamente suas narrativas. Nesta direção, é notória a diferença entre língua falada e língua escrita. Entretanto, a fala, enquanto sistema sonoro, pode ser revertida à modalidade escrita e, de modo recíproco, a escrita pode ser transformada em material sonoro. À guisa de ilustração, citemos uma carta cujo destinatário não possui instrução formal, motivo pelo qual as informações ali escritas precisarão ser oralizadas para que ele tome conhecimento do destinatário e da mensagem que lhe foi enviada. Esta reprodução caracteriza uma escrita oralizada, e não um texto oral com todas as características da manifestação gráfica. De maneira reversa, um texto oral, como é o caso das entrevistas, pode ser representado por meio de sinais gráficos, seguindo ou não as normas ortográficas vigentes, a depender da intenção do autor. Esta tentativa de representá-lo na modalidade escrita não o faz genuinamente gráfico, pois ele passou por adaptações necessárias à conversão de uma modalidade de uso da língua para outra.

Convém acrescentar que a língua oral é impelida a seguir um padrão de pronúncia considerado correto e elegante, em situações que demandam o uso da norma padrão; ao infringir-se tal norma, corre-se o risco de ser ridicularizado. Esta premissa é sustentada por Coutinho (1970, p. 136), ao dizer que “Quando uma pronúncia se desvia ou afasta da que é comumente usada, em determinado meio, o que frequentemente se observa é uma repulsa a ela. Longe de provocar nos outros o desejo de imitação, o que de feito provoca é a crítica”. Quando pessoas de regiões diferentes se encontram, o primeiro impacto se dá pelo sotaque, só depois o vocabulário é levado em consideração.

A primazia dada à escrita também provoca reflexões equivocadas por parte da população com pouca ou nenhuma instrução formal. Alguns narradores, por exemplo, afirmam convictos que *não tem curta ninhã* porque frequentaram *mais ou meno [as] escola de roça*. Nota-se, então, o entendimento de que o processo de escolarização seria capaz de tornar a pessoa “cult” ou provida de alguma sabedoria que, segundo eles, apenas os letrados possuem.

É fato que a elocução oral possui particularidades que não se aplicam à modalidade escrita, mesmo quando feita a transcrição gráfica. Uma dessas particularidades é a paralinguagem, denominada por Trask (2006, p. 223) como “os aspectos não lingüísticos do falar [...] [os quais] veiculam informações sobre nosso estado de espírito e nossa disposição de

momento: se estamos irritados, alegres, nervosos, impacientes, cansados e assim por diante”. Devido à ausência de contato direto com os entrevistadores, apenas demarcamos os sons passíveis de percepção, fossem eles bucais ou produzidos por outra parte do corpo. Neste caso, a identificação destes sons se deu pela inserção entre parênteses e em itálico. Vejamos um exemplo retirado do *corpus*: *Num chove, né, só? as água 'tá poquinho, os corgo vai[#] rio secano tudo, 'tá muit' triste. A chuva parece que começa boa e de repente (palmas), traveiz, né?* (N2M78GO). Inferimos, a partir disso, que o hibridismo entre os signos linguísticos e os recursos paralinguísticos é fundamental para a constituição do texto oral. Ademais, a modalidade escrita tende a neutralizar os sotaques e tantos outros elementos peculiares à fala.

É patente que a escrita não é a representação fiel da fala, malgrado caiba ao pesquisador tentar recriar com fidelidade o cenário linguístico que foi gravado na mídia digital a que teve acesso. As narrativas gravadas podem gerar dificuldades de compreensão aos interessados em geral, razão pela qual pareceu-nos pertinente transcrevê-las, como forma também de salvaguardar o seu conteúdo para a posteridade, caso tal suporte midiático venha a ser suplantado, futuramente, por outros, como assaz propicia o avanço tecnológico.

Aquiescemos que não é fácil representar graficamente as fronteiras frásicas e as entoacionais, porque o estilo de fala dos narradores geralmente não obedecem às convenções gráficas e prosódicas vigentes. A esse respeito, Ramilo e Freitas (2001, p. 3) pontuam que

Na verdade, o favorecimento ou não do uso da pontuação, depende sempre, em última análise, dos objectivos do projecto. Há certos casos em que a pontuação convencional é seriamente desaconselhada, podendo mesmo tornar os textos inutilizáveis. [...] Nos projectos que não se destinam as utilizações tão específicas, contudo, a tendência é para adoptar a pontuação convencional, ainda que com algumas restrições.

Com o fito de solucionar este problema, adotamos os sinais de pontuação convencionais e o uso de maiúsculas que dão forma a um texto escrito, não obstante saibamos da “existência das especificidades da oralidade e da escrita, e o fato de esta não ser capaz de reproduzir ou representar aquela com perfeição.” (AMARAL, 2000, p. 195) Mesmo assim, atentamo-nos à preservação de elementos constituintes da língua oral, tais como simultaneidade ou superposição de vozes, repetições e supressões de sílabas ou vocábulos, ênfases e pausas. Supomos que esses dados, devidamente registrados e codificados, fornecem importantes subsídios para pesquisas que tenham como fonte a língua oral.

Após inúmeras execuções de transcrição e de várias revisões, apresentamos a que mais se adequou ao nosso propósito, qual seja, tornar os textos orais compreensíveis tanto para

peessoas leigas, quanto para pesquisadores da área ou de áreas afins. Para atribuir fidelidade ao material, conferimos o áudio e a transcrição inúmeras vezes. Nesta etapa, demoramos longas horas em cada depoimento, pois corrigimos erros, omissões e acréscimos indevidos feitos durante o primeiro contato com o material. Para tanto, pausas, retrocessos e progressões foram necessários na tentativa de ser fiel à forma como os vocábulos foram proferidos pelos entrevistados.

Neste primeiro momento, a transcrição gráfica nos pareceu mais sensata pelo fato de ela permitir obter maior compreensão do contexto historiográfico de cada narrador e, também, por possibilitar compreender o co(n)texto nos quais os processos foram realizados. *A posteriori*, congregaremos a transcrição fonética aos vocábulos que sofreram alterações vocálicas, posto que esta possivelmente permitirá recuperar detalhes não captados pela primeira modalidade, descortinando particularidades da pronúncia. As notas de rodapé foram inseridas para elucidar o sentido de vocábulos que sofreram variações significativas na pronúncia e também para indicar algumas inferências que fizemos acerca das narrativas.

Cabe elucidar que algumas entrevistas do projeto foram transcritas por outros pesquisadores utilizando as normas de transcrição do “Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC)¹¹” (AMARAL, 2000), porquanto os pesquisadores do Filologia Bandeirante não homologaram normas específicas de transcrição para as suas entrevistas. Contudo, optamos por não comungar das chaves utilizadas por eles, uma vez que acreditamos que as chaves utilizadas para a transcrição de língua culta não contemplam as especificidades de um *corpus* cuja norma se distancia da padrão. Por essa razão, embasamo-nos nas chaves criadas por Paula (2007), que trabalhou com narrativas orais de camponeses em situações semelhantes às que ora apresentamos. Houve momentos em que as chaves da autora foram insuficientes para nossa pesquisa e, para cumprir nosso desiderato, engendramos novos símbolos.

À luz de Marcuschi (1991, p. 9), compreendemos que “Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados”. Seguindo estes preceitos, as interferências simbólicas feitas nas entrevistas tiveram como fito evitar ambiguidade e/ou possíveis equívocos de leitura.

¹¹O projeto NURC tem como objetivo constituir um banco de dados com amostras de falas de informantes com nível superior completo e, preferencialmente, residentes nos Estados do Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Salvador e Recife, desde a infância.

Alhures, Cintra (2000) nos instrui que

Transcrever, contudo, não é uma tarefa mecânica, sujeita apenas à representação de sons por símbolos gráficos, mas sim “um posicionamento (ideológico) teórico, que permite estabelecer que fenômenos interessam à observação e por quê, quais de seus aspectos são relevantes para os fins pretendidos, e que grau de variação deles se pode ou poderia esperar.” (CINTRA, 2000, p. 165, grifo no original).

Para auxiliar na transcrição dos inquéritos utilizamos o *Express Scribe Transcription Software v. 5.63*¹², em sua versão gratuita. Dentre as várias funções do programa, foi possível pausar, regressar a momentos anteriores, bem como dar continuidade ao que foi interrompido; controlar o volume; salvar o texto automaticamente na interface do *software*; gerenciar os arquivos, dentre outras funções profícuas para pesquisas que envolvem oralidade.

Nesta perspectiva, seguem, portanto, os procedimentos utilizados para a transcrição das entrevistas, com o objetivo de familiarizá-los com as notações e critérios adotados. Carece explicar que algumas chaves foram estabelecidas por Paula (2007), exceto as de número 6 a 9, implementadas para suprir as necessidades da pesquisa. Os exemplos foram extraídos do nosso *corpus*.

1. **(texto)**: foi utilizado texto em itálico entre parênteses para indicar comentários externos à fala dos narradores ou para complementar informações que auxiliaram o entendimento da narrativa. Exemplo: “Ainda, além da gente ganhá pouco, ainda num recebia (*risos*)” (N3M92MG).
2. **[]**: inserido para indicar vocábulos completos ou de parte dos vocábulos suprimidos que foram reestabelecidos na tessitura textual, porquanto sua ausência pode causar problemas no entendimento. Exemplo: “Eu gosto munto [de] andá; turma cunhicido, né, não tem dor de cabeça” (N5M75SP).
3. **'**: foi empregado, de modo genérico, para indicar supressão de fonemas que não comprometem o entendimento do leitor. Exemplo: “É. É que tem hora qu’eu iscuto direito não” (N4F90MG).
4. **(...)**: simboliza supressão intencional de algum trecho cuja apresentação poderia constranger ou expor particularidades do narrador ou da narradora. Exemplo: “É (...). Agora a mãe dele é (...), meu pai é (...), minha mãe (...).” (N1F75GO; N2M78GO).
5. **/.../**: representa pausas próprias do encadeamento discursivo. Exemplo: “Aí guarda pra lá, na hora que ’oceis vié bebe[r], ’ceis traiz, né /.../” (N3M92MG).

¹² O *Express Scribe* é um produto da *NHC Software* produzido para auxiliar na transcrição de sistemas acústicos. Está disponível na *internet*, em versões gratuita e paga, pelo *link*: <<http://www.nch.com.au/scribe/>>.

6. [#]: indica desvio temático e faz menção a interrupções e quebras na fala, com o fito de corrigir ou inserir informações acessórias ao fluxo narrativo. Exemplo: “A casa num[#]. Óia, eu vô sê franco cu sinhori. Um dia chueu moiô[#] quando vinhero pra cá foi pra alugá a cento e cinquenta por meis.” (N5M75SP).

7. [[]]¹³: utilizado para indicar discurso simultâneo entre os próprios narradores ou entre eles e os entrevistadores. Exemplo: “[[Ish! Num po[de] facilitá. Entra nas casa, aí, com o revolve na cara do cara.]]” (N1F75; N2M78GO).

8. **texto em itálico**: apresentamos trechos em itálico para sinalizar fragmentos de discursos diretos inseridos pelos narradores no fluxo narrativo. Exemplo: “Quando foi de manhã cedo ele me chamô: *levanta pa nóis i[r] pa roça.*” (N3M92MG).

9. **I. T.**: por esta sigla, cujo desenvolvimento é Intervenção de Terceiros, identificamos todos os narradores que porventura participaram da gravação da narrativa. Para além da sigla, buscamos, quando possível, identificar o parentesco evidenciado na narrativa. Exemplo: “Essa história que a mãe ’tá falano é ãa história gran[de] demais, tem tudo já comentado aí nas pasta da biblioteca, secretaria, escola tem tudo isso documentado.” (I.T [filha] – N1F75GO; N2M78GO).

Os processos realizados na intervenção de terceiros, bem como pelos entrevistadores não foram contabilizados, porque escapam do perfil dos informantes e, também, do objetivo do trabalho. Apesar disso, achamos viável contabilizar os processos realizados nos fragmentos de diálogos diretos, pois, neles, os narradores evocaram em suas memórias passagens significativas ditas por outrem, no intuito de caracterizar e dar continuidade ao fluxo narrativo.

Por ser este um trabalho de cunho morfofonológico mantivemos as monotongações, as síncopes, os alçamentos e abaixamentos vocálicos, as vocalizações, dentre tantos outros processos tal qual foram pronunciados (PAULA, 2007), vez que eles constituirão o escopo do trabalho. Concomitante à extração dos dados, realizamos as transcrições fonéticas dos vocábulos que sofreram tais processos; separamos as sílabas, quando possível, utilizando o ponto final convencional para tal finalidade e, também, demarcamos a sílaba tônica utilizando o diacrítico indicativo de tonicidade (´).

Malgrado não seja o objetivo do trabalho estudar os processos envolvendo consoantes, vale sublinhar que a sonoridade do /l/ em posição final de sílaba sofreu variação no falar de cada um dos narradores. Em todas as narrativas, houve alternância entre a consoante lateral

¹³ A estrutura das narrativas permite distinguir a fala de cada narrador. Mas na amostra em questão, o leitor deve discriminar a fala de cada narrador através do uso do ponto final.

alveolar vozeada /l/, quando enunciada com o som da semivogal /w/, e a lateral alveolar velarizada /ɫ/, representada graficamente pela inserção do apóstrofo. Vejamos, no excerto que segue, o uso desse alofone na fala de uma das narradoras: “Mil novicentos e dizesseis, né. É, isso mesmo. Treze de setembro de **mil**’ novicentos e dezesseis. Aí chegô aquele negrão aqui em São Tiago todo importante. Chapelão, de bota de ispora [...]” (N4F90MG).

Paula (2007), ao discorrer sobre seus narradores, frisa que esta é uma realização comum no Estado de Goiás. Acreditamos que essa equipolência entre os traços sonoros nestes outros Estados explica-se pelo fato de eles estarem contíguos uns aos outros e também porque eles serviram de rota para os Bandeirantes, que por aí passaram fazendo expedições e, conseqüentemente, deixaram rastros dos seus falares.

De maneira semelhante, as variações de e/i e o/u em sílabas átonas finais não foram assinaladas, porque essa realização linguística é categórica entre os entrevistados. No que concerne ao plano sintático, a linearidade dos elementos frásicos e a supressão de conectivos ou de pedaços do vocábulo também foram preservados (PAULA, 2007). Vide o seguinte excerto: “Não, tenho um só, mais já tem. Mais 75 ano, né. Mais ’tá bão. Eu gosto demais daqui. Igual camarada que perde o imprego, mais num trabaio. E qué ganhá. Intão, eu sempre cuidei. Eu vô bateno aí pego e falo: é 20 rial, se fo[r] meno[s] eu num vô” (N5M75SP).

Expostos os caminhos que trilhamos para executar as transcrições, nos debruçaremos, no próximo tópico, sobre o gênero narrativa oral e sua relação com a memória, vez que são através desses temas que este trabalho gravita.

1.4 Breves considerações sobre o gênero narrativa oral e memória

Desde que o princípio da existência humana, a narrativa é uma maneira de transmitir saberes e disseminar as experiências pessoais. Os teóricos afirmam que os primeiros estudos acerca deste gênero textual iniciaram com a obra “Poética” de Aristóteles. Segundo este autor (2008), a narrativa é uma maneira de expressar a linguagem e oportuniza o ser humano a demonstrar sua competência comunicativa.

Nessa direção, são salutares as palavras de Barthes (2011) ao afirmar que

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda,

na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes e mesmo opostas. (BARTHES, 2011, p.19, grifo no original)

Diante do exposto, Marcuschi (2005) elucida que os tipos de enunciados ou tipos textuais são definidos por seus traços linguísticos predominantes, tais como: aspectos sintáticos, semânticos, tempos verbais, encadeamento discursivo lógico, dentre outros. Nesse sentido, a tipologia textual é determinada por um conjunto de traços que definem uma sequência discursiva significativa e não um texto propriamente dito (MARCUSCHI, 2005). Consoante o autor (2005, p. 27), “quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base”. As narrativas em estudo apresentam, predominantemente, verbos no presente e no pretérito perfeito e imperfeito; a fala dos narradores é marcada em primeira pessoa e atravessada por discursos diretos; há um diálogo descontraído entre os entrevistados e os entrevistadores; as estruturas sintáticas nem sempre condizem com a norma padrão, porquanto há o emprego de variantes. Essas sequências elencadas podem ser observadas no seguinte excerto:

Narradora: Graças a Deus vivi 54 ano casada. Maridim brabo, mas graças a Deus vivemo[s] muito bem (*risos*), porque ele falava e eu num ligava não. Ele falava[#] ele punha muito defeito nas coisa, né. Aí quando ele punha defeito, eu falava assim: 'cê num gostou, não. Ele falava: *não*. Aí eu: Ah, então 'cê pega e faiz. Ieu saía de perto dele e num brigava (*risos*).
Pesquisadora: Boa (*risos*). (N4F90MG)

Sob este enfoque, convém trazer à tona as características dos gêneros em que essas narrativas se ambientam. Sendo os gêneros artefatos culturais produzidos pelo ser humano, apreendemos o motivo pelo qual é tão difícil defini-los como portadores de uma única característica textual. Nesse sentido, é importante elucidarmos que, devido à grande quantidade de gêneros emergentes, eles podem aparecer e desaparecer de acordo com as práticas sócio-discursivas, conquanto eles estejam ancorados em outros gêneros preexistentes (MARCUSCHI, 2005).

Visando a ilustrar tal assertiva, Marcuschi (2005, p. 21, destaques do autor) cita que “o *e-mail* (correio eletrônico) gera *mensagens eletrônicas* que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores”. Na sequência, o autor acrescenta que, embora os tipos

textuais existam em número limitado, os gêneros existem em quantidade muito maior. Por conseguinte, ele acresce que é a partir do domínio discursivo, isto é, “uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana”, que ocorre o surgimento de outros discursos que se desdobram em outros gêneros (MARCUSCHI, 2005, p. 23).

É sabido que os enunciados se caracterizam por uma série de semelhanças, no entanto, devido à sua estrutura híbrida não é possível engavetá-los ou etiquetá-los como pertencentes a um ou outro gênero específico. No caso das narrativas orais, esta configuração híbrida também é evidenciada em sua macroestrutura¹⁴.

Para compreendermos melhor os gêneros que constituem estas narrativas orais, faz-se mister uma explicação do que é uma narrativa. De acordo com Labov [199?, tradução nossa], a narrativa consiste na recapitulação de ocorrências pretéritas pessoais e se caracteriza pela existência de uma conjuntura temporal, isto é, a combinação de acontecimentos numa dada circunstância.

É por meio da memória que evocamos momentos vividos e projetamos circunstâncias presentes e/ou futuras. Bosi (1994) nos ensina que ao trazer à tona fatos e imagens vividos outrora, cabe ao narrador não os deixar mesclar com a vida atual. Nas palavras da autora (1994, p. 81) “[...] a faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora”.

Buscando exemplificar esse amálgama entre situações em que as reminiscências pretéritas e o presente se mesclam, apresentamos o seguinte excerto:

[...] Tinha um tu[r]co que chamava (...) e ele falou: (...), *onde mora* (...). Aí o (...) respondeu: *até ontem murava ali, naquele lugá que chama Pavuna. Onte foi todo mundo po cimintério, ele e família*. E essa Pavuna tem aí até hoje. O lugá chama Pavuna. De maneira que foi munto triste esse caso, né. Triste mesmo (N4F90MG).

Na ótica laboviana, a narrativa parte de uma metodologia empírica que vê no vernáculo um material que conclama para a realização de análises linguísticas. Para lograr êxito na coleta de dados, Labov ensina que é mister atentar-nos para o paradoxo do observador, ou seja, é preciso fazer com que o interactante se sinta envolvido com a situação narrada, para que ele produza uma amostra que melhor se aproxime da espontaneidade (LABOV, 2008).

Ainda segundo o autor, são as narrativas de experiências pessoais que mais deixam transparecer a espontaneidade dos narradores, pois elas se dão através da reformulação das

¹⁴ Nesse contexto, macroestrutura é empregada no sentido de coerência, isto é, o uso de vocábulos sequenciados e dispostos em blocos, que dão ideia geral do tema abordado.

experiências vividas pelos narradores e são uma forma através da qual os narradores abrem as suas janelas memorialísticas.

Ao contar histórias pessoais, os narradores intercambiam experiências e tornam presente fatos pretéritos. Por esse viés, convém lembrar que esses narradores viveram distanciados dos veículos de comunicação de massa. Estabelecer uma relação dialógica com os outros partícipes da comunidade, sejam eles familiares ou amigos, é fundamental para que a essência das histórias vividas em outras épocas e em outros contextos não se perca.

É digno de nota que, embora a narrativa oral tenha sido transcrita para facilitar o acesso do público em geral, ela é primordialmente oral e introspectiva. Em comunidades ágrafas, o único meio de comunicação é a fala. Somente a partir do advento da escrita, as histórias tidas essencialmente como orais passaram a ser representadas por meio de signos gráficos para que o passado também pudesse se perpetuar.

Neste sentido, entendemos que a ação de narrar é uma maneira de registrar as experiências pessoais pretéritas e presentes, vez que os interactantes contam o que viveram anteriormente e concomitantemente, adicionam interpretações, opiniões e sentimentos que os circundam no presente. Portanto, nem só de passado se constituem as narrativas.

É lícito ressaltar que mesmo as narrativas tendo sido gravadas em Estados distintos e isentas de um tema específico, todos os narradores se ocuparam em narrar fatos que vivenciaram e/ou que ficaram sabendo de oitiva. Alguns narraram saudosos casos ocorridos em tempos idos; outros demonstraram que a memória dantes ainda provocava certos ressentimentos.

Nesse palco de práticas discursivas, os narradores inúmeras vezes demonstraram que alguns fatos ocorridos na infância foram responsáveis por moldar o padrão de vida seguido na contemporaneidade. Alguns entrevistados relataram que começaram a trabalhar ainda infantes para auxiliar na renda domiciliar e que mantiveram hábitos de trabalhos semelhantes na fase adulta. Vejamos o seguinte depoimento:

O primero dia que meu avô me levô pa roça pra trabaiá, eu num quiria i[r] não. Eu dei ãa dor de barriga de mamparra, né, ele falô: *ó, vou leva 'ocê pa roça segunda-fera*. Eu falei: *ó, num vô não, vô ficá pra brincá com meus colega*. [...] E graças a Deus foi bom pra mim, assim. Foi bom, porque até hoje, pra todo lado que eu trabaio, eu sô chimado, né?. Devo essa obrigação ele. (N3M92MG)

Sobre os serviços que é acostumado a executar, o narrador elucida que “tudo quant’ é serviço que mandá eu fazê, eu faço. Eu panh[o] café, eu trabai no ralo, mexo cum tu[do] quant’ é serviço de ralo, prantação num é quarqué muié que vai cumigo [...]” (N3M92MG).

De modo geral, as narrativas resumem as histórias de vida e trabalho. Os principais elementos abordados foram as tramas ocorridas com seus filhos, familiares, amigos próximos e as lutas enfrentadas para superar e vencer as dificuldades do cotidiano, em um tempo em que trabalhar para ajudar os pais a manter a família era mais urgente que qualquer outro sonho.

Inferimos que os narradores, ao exporem esses acontecimentos, em momento algum, tiveram o intuito de repassar qualquer tipo de conhecimento ou ensinamento. Alguns, inclusive, indagaram se o conteúdo narrado teria alguma utilidade para os pesquisadores, vez que eles, diante da singeleza de quem pouco ou nada estudou, não se achavam em condições de repassar instrução a quem se pressupunha imbuído de notável conhecimento científico. Nessa direção, Benjamin (2012, p. 217) explica que “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros”.

Palmilhando nesse contexto, Coelho (2015, p. 83) expõe que:

A memória reinventa o que existiu, ou dá-lhe uma significação que antes não possuía. A memória, lembrança do feito e do fato, do vivido ou presenciado que ficou preso e esmaecido nas brumas acinzentadas do passado, é revista com valores novos dos olhares atualizados do presente. Lembrar, rememorar, é o mesmo que reimaginar fases de nossas vidas, pensando-as de forma seletiva e alcançando o sentido que elas têm atualmente para nós, como se tal sentido existisse no momento em que foram vividas.

A memória está intimamente vinculada à imaginação e, devido à sua capacidade de retextualizar, evocar e ressignificar no presente, não se define meramente como conservação e reprodução daquela. O rememorar requer o intercambiar constante e intenso entre a ficção e a realidade, entre a memória individual e a coletiva. Halbwachs (1990, p. 94) dando ênfase ao entrelaçar das memórias individuais e coletivas, diz que “o conjunto desses momentos constituiria um quadro, que teríamos permissão, aliás, de retocar, regularizar e simplificar”. Atentas a esses ensinamentos, entendemos o motivo pelo qual tão é difícil reproduzir a memória de maneira fiduciária.

Sobre os desafios enfrentados para reconstituição do pretérito por meio de fontes orais ou manuscritas, Delgado (2006, p. 36), em uma linguagem metafórica, contextualiza que

o passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa

impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos, resíduos, objetos biográficos e diferentes tipos de documentação e fontes é desafio possível de ser enfrentado.

Esses dizeres reportam-nos ao conceito de memória seletiva trazido por Woortmann (1994). Segundo ela, a memória é seletiva, porque é capaz de reter os acontecimentos mais importantes e excluir os fatos insignificantes. Acreditamos que esses narradores poderiam ter escolhido outras passagens de suas vidas para relatar aos pesquisadores. No entanto, devido ao fato de as narrativas serem de temática livre, certamente eles referiram-se aos episódios que provavelmente tiveram maior relevância em suas vidas, tais como os ofícios executados na lida rural. Nesse sentido, esses *flashes* de memória evocados pelos narradores foram o fio condutor de um passado histórico que ora instruiu, ora feriu.

Consoante Lowenthal (1998 apud DELGADO, 2006), toda compreensão que temos acerca do pretérito está consolidada na memória. É através das lembranças que recuperamos consciência dos acontecimentos que existiram, diferenciamos o ontem de hoje e confirmamos que já vivemos fases pretéritas.

Apenso a isso, Pollak (1989) verifica que para permanecerem vivas e resistentes ao tempo, as memórias são, em sua maioria, transmitidas de uma geração a outra através da oralidade. Por outro lado, segundo o autor, o silêncio não é responsável por conduzir ao esquecimento; quase sempre, ele é uma forma que a sociedade encontra de se opor aos discursos oficiais.

Imbuídas em tais considerações, faz-se mister trazer à tona algumas concepções de memória que serão importantes para esse estudo. Para Chauí (1995, p. 125), “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. Segundo Yates (1966) citado por Le Goff (1990, p. 445), a memória é o lugar

onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou.

Halbwachs (1990) elucida que a memória é individual e também coletiva, mas esta não confunde com aquela. De acordo com o autor “Ela [a memória coletiva] evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim

que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

No tocante à memória individual, o autor realça que

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990, p. 54)

A memória tem como função social resguardar o tesouro linguístico e/ou visual de uma comunidade ou de uma família. Embora os fatos ocorram de forma cronológica e linear, as recordações enunciadas em forma de prosa não obedecem a essa sequência lógica. Ora, se somos incapazes de resgatar tudo o que vivemos, seria uma insensatez ter a pretensão de que a narrativa seja capaz de recuperar esse passado com excelência.

É preciso lembrar, ainda, que a memória só existe enquanto faculdade. Para que os fatos memoráveis venham à tona é necessário lançar mão de uma das modalidades de realização da língua.

Concernente à memória coletiva, Woortmann (1994) explana que ela se bifurca em dois eixos: a primeira está acoplada ao âmbito familiar, ou seja, aos ensinamentos repassados por tradição familiar aos seus descendentes, e a segunda encontra-se conexas ao acervo memorial compartilhado pelo grupo social do qual a família é integrante. Desta feita, os vínculos sociais tendem a permitir lembranças, à medida em que o grupo social se articula para manter uma dada memória.

Cabe, aqui, fazer alusão à citação de Tedesco (2001, p. 55). Segundo ele “[...] são as histórias de vida em geral carregadas de emoção que melhor ressaltam os conteúdos sociais da memória familiar, permitindo descobrir as normas e valores transmitidos, os lugares de vida e as relações familiares”. Foi justamente essas nuances que constatamos ao ouvir e transcrever as narrativas que compuseram nosso *corpus*.

Por fim, convém dizer que, todas as narrativas trazem à lume questões vinculadas à própria experiência. Na verdade, todos os narradores, ao oralizarem fatos que já viveram, mencionam sobre os trabalhos que já executaram durante a vida. Percebemos, então, tal como observou Siqueira (2013, p. 143), ao estudar as narrativas deste CD, que “o trabalho é o eixo central das narrativas que relaciona o homem com todas as outras esferas de sua vida social.”

Ao fazer o mapeamento dos principais temas abordados pelos narradores, compreendemos que eles falam sobre religião, trabalho e problemas familiares. Desta feita, esse *continuum* estabelecido entre esses sujeitos que, a princípio, nunca se viram ou tiveram contato, define o perfil dos sujeitos roceiros e de suas memórias, conforme pode ser observado no próximo tópico, no qual apresentamos as narrativas.

1.5 Apresentação das narrativas

A seguir, apresentamos as quatro narrativas transcritas para que o leitor possa se familiarizar com os temas abordados. Nelas, buscamos ser fidedignas ao assunto narrado e às normas linguísticas dos sujeitos¹⁵ para que o leitor, na malha narrativa, apreenda a sequência apresentada. Acreditamos que dispor as narrativas em sua totalidade permite ao consulente uma contextualização e uma melhor compreensão dos processos, possibilitando, desta feita, que o leitor verifique se o inventário dos processos está fidedigno ao conteúdo narrado.

N1F75GO; N2M78GO

Narrador: Esse negócio de, de energia que vem pra cá e sujeita demais, e[le]s 'tão brigano, mais brigano mesmo. Passaro o tempo todo aqui. Aqui vei[o] pra mim pagá[#] gastá só vinti novi kilowats, aí a menina falou: *mais num tem nem lógica, aí só a geladeira puxa.*

Pesquisador: É. É verdade.

Narrador: De sessenta e seis [kilowats], veio dizoito reais. Mai[s] acho que num teve apagão por enquanto [a]inda não. Parece que não. Num chove, né, sô? as água 'tá poquinha, os corgo vai[#] rio secano tudo, 'tá muit[o] triste. A chuva parece que começa boa e de repente (*palmas*), traveiz, né?

Pesquisador: É. E a senhora?

Narradora: A chuva 'tá muito poca, a chuva 'tá muito fraca, poca. E muitas água piquena diminuiu. Até, até água, até mais maió um pouco, tamém diminuiu.

Narrador: Já [ou]viu falá dos Três Rancho, né?

Pesquisadores: De quem?

Narrador: Dos Três Rancho?

Pesquisadores: Não.

¹⁵ Compreendemos por normas linguísticas dos sujeitos o modo como cada narrador realiza a língua, como forma de expressão da norma do grupo ao qual ele pertence.

Narrador: É ãa represa que tem aqui.

Narradora: Tem que esperá aparecê. Represa não, um corgo até grande que secô.

Narrador: Aquele cuidado com aquele povão de fora. Vinha gente de tudo quant'ê lugá andano lá de lancha. Agora ouvi falá, diz que 'tá aque[le]s poço do Titanic, secô. Aque[le]s poço, daqui pr'ali. Nasceu 'té capim.

Narradora: Até vizim que era, era grande no tempo da crise mais novo, eles eram vizim até grande, 'tá poquim, poquim.

Pesquisador: É. 'Tá faltando chuva.

Narradora: Só memo o ri[o] memo mais arretirado do municipo, o rio Grande, abate um pouco, mais tem muit[a] água /.../ mair é argum, é argum que tem muit[a] água, é argum.

Narrador: [A]gora e[le]s vão criá ota barrage, no rio de São Marco. Agor'eu esqueci o nome do lugar pra lá. Já tem um aqui nos Treis Rancho pertim daqui, ó.

Pesquisador: Uhum. Mas rio aqui perto? Como é que é?

Narrador: É, Paranaíba. São Marco, Paranaíba. Essas é[#] essas que 'tô dizeno que é nos Treis Rancho /.../ é, é por causa de turismo, né? o povo vai demais pra lá. Semana Santa, aqui, num tem ninguém; o povo vai tudo pra lá. Aí, agora a muié foi lá, diz ela que ficô boba de vê. Aquel' mundo d'água a gente num via o fim, né? Submerso, aquel' azulão anssim, diz ela que 'tava aque[le]s poço aqui pr'ali criando capim lá dento .

Pesquisador: E a senhora? A senhora nasceu aqui?

Narradora: Eu nasci nos Pires Belo. É ãa currutelazinha que tem pra cá.

Pesquisador: O senhor também nasceu aqui?

Narrador: Não, eu nasci nãa tar de, de Varge. É pra cá, pras banda do Mata Cachorro pra cá /.../.

Pesquisadora: O senhor tinha falado, né, o nome dos seus pais, hein (*incompreensível*).

Narrador: É. dispoisi que mudou da Varge, o tar de Mata Cachorro. E foi ali medino até que chegou ãa idade ela faleceu.

Narradora: O pai dele chamava (...).

Pesquisadora: Hum. A senhora é de Pires Belo? O seu sobrenome é Pires Bela, né?

Narradora: Não.

Pesquisador: (...).

Narradora: É (...). Agora a mãe dele é (...), meu pai é (...), minha mãe (...).

Pesquisador: E a (...) aqui, também?

Narradora: (...).

Pesquisador: Aqui de Catalão?

Narradora: É. Nós era tu[do] de Pires Belo. Nós era da roça, né? Pires Belo agora virô Pir[e]s Belo, mas lá era roça, naque[le]s temp[o] era roça.

Pesquisador: E o nome da senhora mesmo, qual que é?

Narradora: (...).

Pesquisador: E o do senhor é?

Narrador: (...).

Pesquisador: Ah! Então, o que a senhora fazia lá, naquele tempo, na roça?

Narradora: Ara! Fazia farinha, fazia porvio, criava galinha, engoidá poico, capiná roça, isso aí (*risos*).

Pesquisador: Estudo não tinha?

Narradora: Panhá café; meu pai tinha um cafezal muito grande. Era panhá café, era isso aí.

Pesquisador: E estudo mesmo?

Narrador: Ara! Quais ninguém tinha estudo. Era tudo [a]nafabeto. Depois surgiu um home aí que era de lá tamém e tinha muito fi e levou um professor pra roça. Aí istudô lá assim mais ou meno, naque[la]s escola de roça. Fizero um ranchão grande, lá. Fez um jirauzinho pros minino sentá (*risos*). Aprendeu assiná o nome mais ou meno, 'tá bão, né?

Pesquisador: É!

Narrador: Estudá demais hoje, 'tá que tem [#] num 'tá 'diantano, né?

Pesquisadores: (*risos*)

Narrador: A pessoa estuda, estuda, estuda e fica aí, ó!

Pesquisador: É, né, é verdade.

Narrador: Aqui 'tá assim. Eu tenho um neto lá em Gurupi, e a mãe formou ele na maior dificuldade do mundo. Ah, mais o minino num tem serviço não. Ah, meu Deus do céu, tem os punhado por aí. Istuda, istuda, mais o meno, não fica peidido, porque este ninguém toma, né?

Pesquisador: É. É verdade.

Narrador: Dinheiro o povo roba, o ôro o povo roba, as perna o povo roba /.../, otas coisa a ferruja come, mais este[#] estudo quem é que vai tirá? ninguém né?

Pesquisador: É, ninguém.

Pesquisador: Agora, quando que a senhora nasceu mesmo?

Narradora: Eu sô de vinti e seis de julho de mil novicentos e vinte seis. Tô com setenta e cinco ano.

Pesquisador: E o senhor, quando nasceu também?

Narrador: Eu sô de dia dizoito de agosto de mil novicentos e vinti quato, né?

Narradora: Vinti treis.

Narrador: Vinti treis.

Pesquisador: Ah!

Narrador: Tô com setenta e oito ano.

Narradora: Setenta e oito ano.

Pesquisador: E a quanto tempo ficaram[#] vocês se conheceram na roça?

Narrador: É, e nós mudô pra cá, pr'um tal de Buriti que tem pra cá, perto do Frigurifo. Nós se cunheceu e casou. 'Tá cum cinquenta e cinco ano de casado.

Pesquisador: Como é que 'cêis se conheceram? Como é que foi essa história?

Narrador: Ah, dotô (*risos*).

Narradora: É ruim, a gente com poco istudo hoj'im dia. Num passa muito, engraçado, né?

Narrador: As coisa 'tá apertada.

Narradora: As coisa 'tá muito caro. A minina falô: *mãe, quem hoje em dia [#] quem não tivé um istudo bão me[s]mo, nem recebe, nem o dinheiro do banco num tira, né?*

Pesquisador: É.

Narrador: 'Tá tudo fudido, viu.

Pesquisador: Precisa saber mexer, né?

Narrador: Sabê mexê com aque[le]s negócio, né? passa o cartãozim naqui[lo] lá. Aqui o trem é mal feito, sai do ar, e vê aque[le] povão tudo[#].

Narradora: Aqui [a]inda 'tá passano porque tem a fia que istudô um poquim. Pouco mais, é maise /.../ é mais compreensiva c'as coisa. Ela, ela é que recebe pra, pra nós. Vai lá, ela sabe fazê[#] passá o cartãozim lá, e 'tá istudano, né? Aprendeu um pouco. Agora a gente não aprendeu quasi nada e o que aprendeu, num 'tá [a]diant'[#], e o que aprendeu, num 'tá [a]diantano. Se for pra mim ir lá passá o cartão lá, eu vejo o zoto me dano. E[le]s ia lá, eu pedia um cunhido pa recebê pra mim. Corre risco, porque tem que recebê, pô o dinheiro no bolso; sai pra fora, um toma da gente.

Pesquisador: É!

Narrador: Aqui 'tá acontecen' isso.

Narradora: É, assalto aqui é um atrás do oto.

Pesquisador: É

Narradora: [[Ish! Num po[de] facilitá.

Narrador: Entra nas casa, aí, com o revolve na cara do cara.]]

Narradora: Num po[de] facilitá.

Pesquisador: É?

Narrador: Tranca no banheiro e limpa tud' que tem, né?

Pesquisador: E naquela época lá, que o senhor morava na roça, como é que era?

Narrador: Ah, ninguém nem falava disso. Ninguém nem sabia o que qu'era isso. Era bão demais, né?.

Narradora: Ninguém sabia.

Pesquisador: Não, né?

Narrador: Não. Rocero, com poco estudo. Bem dizê quais que simples, né? Bobo.

Pesquisador: Mais, mais sobrevivia?

Narradora: Sobrevivia [#].

Narrador: É, a gente plantava as roça, cuía os mantimento do gasto, criava poico, tinha carne, tinha tudo, né? E agora não, aqui é tudo é no dinheiro, né.

Pesquisador: E vocês plantavam o que mesmo? Nessa sua roça?

Narrador: Ih, plantava arroz, feijão, miio, meu pai cuía café, munto café, mandioca, abóbra, quiabo, tinha cebola, tinha tudo. Meu pai gostav[a] demais de prantá, prantava de tudo. Engraçado, antigamente ele cuía aque[le]s mantimento, as saca era pô ano, né? Feijão num perdia, agora 'cê compra um saquim de feijão, quand'ali um mês ele, ele caruncha tudo.

Pesquisador: É.

Narrador: Não sei puquê será? Acho qu'é o calor que 'tá demais, né?

Narradora: De premera punha feijão nũa tuia grande, assim, oh! passav'o ano o grão 'tava direitim.

Pesquisador: É, né?

Narrador: O povo de premero tinha lugá de trabaiá. [Ar]rumava o chão bem arrumadim, prantava e cuía arroz, cuía feijão, cuía galin'[#] tinha galinha, tinha capadim no chiquero. O povo era trabaiadô, mais munto assim, faltano curtura.

Narradora:[A]gora hoj'im dia os produtô num 'tá cum nada.

Narrador: É só ensinamento [[parece.

Narradora: Bem pra baxo d'água]]. É ãa brigaiada aí, mas num [a]dianta não. O leite a 0,9 centavos o litro é demais, né? A dispesa que o gado dá de sal', remédio e vacina duas veiz por ano. Vacina contra afitose, vacina contra raiva, vacina contra[#] é muita coisa, gente. É tanta coisa. O leite não dá pra pagar o pião que 'tá tirano. É muito custoso.

Pesquisador: E a infância lá na roça, como que foi? Conta um pouquinho disso.

Narrador: Ah, aquilo (*risos*). Aque[le]s pagodim de sábado e dança, e o povo fazia mutirão, aquel' povão, né. Fazia aque[le]s mutirão, fazia o serviço dos zoto, o outro vinha e fazia o serviço do outro, era assim.

Pesquisador: Era assim. E festa religiosa, tinha?

Narrador: Tinha muito. Gostava demais de festa: Senhora da [A]badia, São Sebastião, São Binidito. Muita festa e aquilo era festa, era fartura, viu? E fazia aquela comedeira, era doce de toda qualidade. Fazia trinta, quarenta latona assim de doce. Povo comia, carregava. Hoje cabô tudo. Hoje têm as festa, faiz as novena. Mais assim, e[le]s leva refrigerante, cigarro, essas [coisas], mais é pra vendê. Cidadão, né? A janta lá puera¹⁶.

Pesquisador: E o terço? Puxava terço?

Narradora: (*incompreensível*) meu pai, nós, rezava o terço de joelho ali, ó. A mulherada e os fi tudo, tudo cantano. Agora, hoje, mudou tudo, né?

Pesquisadora: E o senhor, ela falou que o senhor[#]

Narrador: É a mema coisa que ela falô, né? É a mema coisa que ela falô. É pagodim, com alegriazinho, ùa farturinha.

(*Voz da narradora ao fundo conversando com o outro pesquisador*).

Narradora: E deu problema na cabeça e enxerga só dum oio.

Pesquisador: Aham.

Narradora: Só enxerga só dum oio.

(*Narrador ainda respondendo ao questionamento da pesquisadora*)

Narrador: Estudou poquico, num istudô quais nada. Parô.

(*Narradora continuando a conversa com o pesquisador*):

Narradora: Deu glucoma.

Pesquisador: É.

Narradora: Já fez cirurgia lá im Uberlândia. Já fez cirurgia no oto, tirou um tumor dum.

Pesquisador: Ah!

Narradora: O oto deu glucoma, mas é pá operá, mas o médico 'tá achano que pela idade dele num convém, né? Tano¹⁷ enxergano de um já 'tá bão, né?

Pesquisador: É.

Pesquisador: O lugar que o senhor mencionou, que o senhor falou, de onde o senhor veio, como é que chama mesmo?

¹⁶ Possível variação de *empoeirar*.

¹⁷ Provável variação de *estando*.

Narrador: O lugá?

Pesquisador: É, o senhor falou o nome. Onde o senhor nasceu.

Narrador: É, o tal' Mata Cachorro.

Pesquisador: Onde que é?

Narrador: É pra cá.

Narradora: Perto da Ponte Estelita.

Pesquisador: E porque que chama lá assim?

Narrador: Acho que é apilido, né?

Narradora: Lá chama Varge. Aí apilidô de Mata Cachorro, porque o povo matava muito cachorro (*risos*). Vei[o] da Varge, vei[o] do Mata Cachorro e lá foi residino lá [a]té fazê um tipo [#] um, duas separação. [['Tava morando ali, dali passou pr'aqui.

Narrador: Quem vem de São Paulo tem vez que passa na Ponte Estelita]] e é logo pra cá. Pertim daqui.

Pesquisador: E seus[#] e antes dos seus pais, os seus avós, de onde que eram?

Narrador: Era tudo lá de Pires Belo. Era tudo de lá. Tudo lá de Pires Belo.

Pesquisadora: O senhor já chegou a trabalhar no garimpo, alguma coisa?

Narradora: [[Não.

Narrador: Nada]], 'tô vivendo é por vivê. É igual eu 'tô contano: se fô pra mim tirá um dinheiro eu num[#] eu tiro cum dificuldade. Ou pedino outro (*intervenção da narradora*)

Narradora: Ela 'tá perguntano se 'ocê já trabaiô em garimpo? Não, nunca.

Narrador: Não. Em garimpo não.

Pesquisadores: (*Risos*). Trabalhava com o que lá?

Narrador: Trabiava era cum tiração de leite.

Narradora: Tirá leite, capiná roça.

Narrador: Eu morava junto cum irmão e tinha que zelá da casa, e o que eu ganhava fazia pra ele. E foi in[d]o até que chegô um ponto que, o pai morreu, o irmão morreu, e nós pegô, foi pr'ũa tal de Cumari e da tal Cumari e vortou pr'aqui. E, aqui, nós ficamo vivo. Foi determinação da fia. A fia que óia, que recebe, que põe (*incompreensível*) um remédio. É vergonha falá, a gente num tem cultura ninhã, cumeçô a estudá e parô.

Pesquisador: Mas e tirar leite, não é cultura também?

Narrador: Ah!

Pesquisador: É só saber tirar, não é?

Narradora: Tirá leite é coisa de rocero memo, né?

Pesquisador: Como é que faz?

Narrador: Junto cu irmão eu aprendi a tirá.

Pesquisador: Como é que faz?

Narradora: É puxano os peito da vaca.

Narrador: Puxano assim, ó. Esgota gotinha, gotinha por gotinha, até enchê o barde.

Narradora: Até enchê o barde.

Narrador: Agora hoje não. Nas fazenda pra isso tem aque[la]s máquina, né? Liga lá e (*som onomatopeico com a boca para representar o barulho da máquina*). Bão demais, mais agora cum esse negócio de racionamento d'energia [a]cabou foi tudo. Num pode, né? Gasta energia demais.

Pesquisador: Uhum.

Pesquisadora: E antes, como é que era a energia?

Narrador: Han?

Pesquisadora: A energia, como é que era antes? Tinha luz?

Narrador: Antigamente num tinha não. Hoje é que tem, né?

Pesquisador: Como é que iluminava naquela época?

Narrador: É, agora tem energia pra todo lado.

Narradora: Era lamparina nessa época que a gente 'tá falano aí pra traiz. A tar de lamparininha.

Narrador: Antigamente num tinha energia não.

Narradora: Custô a chegá esse negócio [[de energia e chegô de pocos ano.

Narrador: mas já tem bem uns vinte ou trinta ano]] que a energia espalhou. Tudo quant'ê fazenda tem energia. Antes de[le]s arranjá esse negócio desta máquina de tirá leite. No istantim tira leite de seis vaca aí, ó. Eu, eu, eu vejo na televisão, e[le]s liga os trem lá nos peito da vaca e só faz (*som com a boca para representar o barulho da máquina tirando leite das tetas das vacas, seguido de risos*). Mais esse negócio de racionamento é que todo mundo cortô, né?

Pesquisadores: Aham.

Narrador: Esse negócio de[#], tamém de, de tirav[a] o leite de tarde leva os negoção¹⁸ pra lá. De oito em oito dia o caminhão pegava, mais isso 'cabô tudo. Como é que faiz, né?

Pesquisador: Carro de boi tinha?

Narrador: Tinha, ficav[a] de oio.

Pesquisador: Levava o leite com o carro de boi?

¹⁸ Redução de *negocião*.

Narrador: Não. Antigamente num tinha aquel' negócio de [coo]perativa, né? Nes[se] tempo num tinha. Era carro de boi, acho que num tinha cooperativa não. Agora, todo mundo tem carro, né? Tira o leite, traiz pra cooperativa, dá dado pra e[le]s aí e briga, briga, briga. O governo 'teve aqui aí disse que[#] os fazendero foi tudo pra lá, pra vê o que e[le]s resurvia, né? Diz que ele entrô de finim e foi pro[#] falar com o gerente, num deu papo pra e[le]s (*risos*).

Pesquisadora: O que mais o senhor fazia além de tirar leite de vaca?

Narrador: Aqui, a gente [a]inda alembra d' argũa coisa, é assim, só isso. As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difíci dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto difíci. Cria de quorqué jeito e veve de quorqué jeito. É veigonha falá, mais é isso aí.

Pesquisador: É. história, né?

Narradora: Os pai de premero num era assim uns pai[#] nem todos era rico, era pobre. O fi de de[#] que nem eu, de doze ano pra, pra cima, já 'tava cumeçano a ganhá alguma coisinha pa [a]judá na casa. Não é vergonha falá e hoj'im dia eu pratiquei a vivê, mas no fundo 'cabo sendo aquilo anarfabeto, bobo, mair alguma coisa que ela falô aí. A gen' num, num é ãa pessoa assim totalmente igual ela, o sinhere, assim, que dá notícia das coisa, que faiz as coisa, não.

Pesquisador: Conhece muita coisa, né? O senhor, a senhora.

Narradora: Conhece, assim, gorpe de vista, assim, conhece muita coisa, mais, poco, poco adianta pa gente, porque o governo, tem hora que a gente acha que ele 'tá mal. Lá do oto lado pagava luiz mais barato, [[como ela diz, agora, 'tá pagano mais caro

Narrador: Mais isso aí tem nada a ver com o governo não]], isso é probrema da CERG.

Narradora: Probrema da CERG.

Narrador: Acho que não. Não sei se o governo tem a ver com luiz não. Acho que não. Imposto de água e luiz ele cobra[#] água é a SANEAGO, a luiz[#] a energia é da CERG.

Pesquisador: Agora lá, quando o senhor morava lá na roça, tinha, tinha bicho pra caçá?

Narrador: Ah, tinha, tinha.

Pesquisador: O que que tinha lá?

Narrador: Tudo

Pesquisador: Por exemplo?

Narrador: Onça, viado, onça pintada, paca, tatu.

Narradora: Tinha muita fartura de bicho. Hoje em dia [#]

Narrador: Eu isqueci o nome dos bicho. Hoje cabô, né? Ninguém mata mais. Nossa senhora, mais o IMBAMA [['tá assim, ó.

Narradora: O IBAMA. Deus me livre que num tem jeito, se pegar multa mesmo

Narrador: Se vê, cabô o pescado, cabô caçada, cabô tudo]]. E[le]s pega e tom' as arma, toma rede e murta a pessoa (*risos*). Mais tinha bicho memo, aque[le]s bichão grande assim, ó. Tão bonito, né? Bonito. Sariema, Ema, fora os passarim piqueno, aque[le]s bichim piqueno.

Pesquisador: E peixe? Por exemplo, que peixe tinha lá?

Narrador: Dorado, tinha Pintado, cor laranja, daqui na porta, assim. Desses que pode pegá, né? Pode pegá os piqueno. Intão o IMBAMA, se lá no rio Tocantim, lá no Amazona, no Rio Araguaia, e[le]s fica de oio, sabe, em tudo que 'tá pegano. O bicho vai desová, vai criá, né? e e[le]s fica lá, vigiano, mair mesmo assim [a]inda o povo come, né.

Pesquisador: O senhor chegou a caçar?

Narrador: Não, não sei mexê com isso não.

Pesquisador: Pescar o senhor sabe?

Narradora: Não vô fala mais nada.

Narrador: Eu nunca peguei [es]pingarda pra caçá, não (*risos*).

Pesquisadora: E pescá?

Narrador: Pescá até sabe, mas num dá [para] pegá. Só uns pexim à toa.

Narrador: Vai levano.

Narrador: Comé que 'ceis 'tá? (*pelo contexto, esta fala é dirigida a alguém que chega na casa*).

Narradora: (...), 'tô quais morta de calô e 'ocê de brusa?

I. T [filha]: Não, é por caus' [que] sábadu eu caí na rua, machuquei meu braço, aí eu vim pra cá, e ele 'tá mei infachado e eu tô cum vergonha, falei[#] peguei e eu pus a brusa. Mais eu saí cedo eu saí cedo e [#]...

Narradora: Antero. Nossa Senhora D'abadia. É um santim.

I. T [filha]: Mais isso foi no início, né, mãe? Quando Catalão era currutela.

Narrador: Eu era minino, assim.

Pesquisador: Como é que era a história?

Narradora: Derum probrema, e[le]s mataru'm fazendero, jogara a culpa nesse Antero. É um famacético bão demais, né? Novo, bo, bo, bo, bonito. Ai meu Deus do céu! acho que essa[#] pa podê vinga desse Antero pactuô, diz o povo, eu não falo nada que eu num vi. Eu só falo, confirmo o que eu vejo, porque a gente coluniá o zoto é pecado, né?

Pesquisador: É.

Narradora: Antão, jogara a curpa nele, foi ele que tinha matado o tar de home, lá nessa Pedra Preta, pos lado, caminho de Sum Paulo aí. Um coronel Fazendero, vinha pra cidade e matô[#] achô ele morto, mas num era ele nada, né? Era desse oto povo, os antigo, que já morreu tudo

tamém. Esses povo de Sum Paulo, ele devia muito pr'esse povo; esse povo devia muito pra ele e ele num quiria pagá.

I. T [filha]: Essa história que a mãe 'tá falano é ãa história gran[de] demais, tem tudo já comentado aí nas pasta da biblioteca, secretaria, escola tudo tem isso documentado. Antigamente[#] assim, no início tinha famia, tinha pai que mandava, mandava e desmandava em tudo e quando cismava com alguma coisa, só perseguição mesmo.

Narradora: Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que fecharo ele uns oito dia sem cumê. Depois tiraro a ropa dele, saiu tocando ele pra rua afora nu bateno, socano aguia¹⁹ debaxo da unha, assim, furar' olho, diz que cortaru a unha e fizero outras coisa mais e levaro ele e cabaro de matar ele lá no fim da cidade, pra lá da tar de [#]

I.T. [Filha]: Lá tem até ãa capelinha dele, né?

Narradora: A capelinha, lá perto do frigorifo. Ele virô santo, viu? Faiz milagre demais da conta.

Pesquisador: Ah, é?

Narradora: Ele, dize que ele num divia, né?

Pesquisador: Uhum.

Narradora: Diz que ele num divia não, mas os povo era mandão, mandava em tudo, né? Aí ficô por isso memo, né? Aí até que ultimamente num 'tá aconteceno muita coisa não. Acontece acidente, dimais da conta. Todo dia, e[le]s têm acidente aqui na rua é dimais, né? É todo dia, morre dois, treis. Aí é por causa qui hoje a cidade [está] mais [a]gitada, cas que os pedestre, sei como qu'ê lá vai [a]travessá, os carro vem e (*assobio para simular o acidente*). É dimais, e assassinato também tem muito, mais o povo aqui tamém 'tá muit[o] unido, religioso, fazeno novena nas casa tud[o] aqui. A igreja fica cheinha. [A]qui tem ãas duas paróquia, ãas quato ou cinco igreja grande, tem centro comunitário nem sei das quanta, tem muito, fica tudo cheim, né? O povo muito caridoso, faiz muita caridade pros pobre tudo, e 'tá muito bão.

¹⁹ Variação de *agulha*.

N3M92MG

Pesquisador: O senhor é nascido aqui?

Narrador: Eu sou[#] eu nasci lá perto da Serra.

Pesquisador: Serra de que que tinha?

Narrador: Lá, lá onde eu nasci. Eu nasci num lugá chamado Pimentera.

Pesquisadora: Como? Pimenteira?

Narrador: A lá. Eu nasci dia vinti novi de junho, duas hora da madrugada. E eu[#] e então tinha ãa fogueira ali berto de São Pedro, num lugá chamado Pitacera, num povoado lá, né.

Antão, dispois que eu nasci, meu avô[#] nóis foi, nóis foi pra lá enchê um vale lá, nóis foi sambá lá um muncado ainda, né? De manera que isso foi em mil novicentos e oito [que] eu nasci.

Pesquisadora: O senhor 'tá com quantos anos?

Narrador: Eu sou de mil novicentos e oito. 'Tô com noventa e dois.

Pesquisadora: HUUUUUM.

Narrador: 'Tô com noventa e dois. Agora, graças a Deus, eu tenho boa mimora, alembro de tudo de quant' é foi meu passado de menino, né.

Pesquisadora: Que bom, né?

Narrador: O primero dia que meu avô me levô pa roça pra trabaiá, eu num queria i[r] não. Eu dei ãa dor de barriga de mamparra, né, ele falô: *ó, vou leva 'ocê pa roça, segunda-fera*. Eu falei: *ó, num vô não, vô ficá pra brincá com meus colega*. Tinha ãa venda lá, o meu colega tirava açúcar, tirava bala, me dava e eu falei[#] e minha mãe trabaiava lá, né, nessa venda. Eu falei: deixá de i[r] lá brincá cu (...) pa i[r] pa roça, num vô não. Vou dá ãa dor de barriga. Quando foi de manhã cedo ele me chamô: *levanta pa nois i[r] pa roça*. Minha vó já tinha feito o armoço, sabe. Ai, eu tô c' ãa dor de barriga que num tô aguentano, pai. Eu chamava ele de pai. *A dor de barriga sua é pr'acompanhá sua mãe lá pro consultório do (...) pa brinca cu (...), né. Mais 'cê vai. Chegano lá tem ãa árvore grande lá, 'cê deita lá e se ela num miorá, de tarde nois vem embora*. Falei: ah, num vô não. Minha vó chamô: *o armoço 'tá pronto*. Eu cum vontade de armuçá bastante, né, comi só um muncadim. Se eu cumê muito vão falar que eu num 'tô c'a barriga doendo. Cumi poquim, cum vontade de cumê mais, né.

Pesquisadores: (*risos*).

Narrador: Eu cumi aqui[lo] lá e me contorcendo com a dor de barriga, mas num 'tava doendo nada, né. Doendo a dor de barriga. *Não, 'cê tem que i[r], chegado lá, 'cê deita debaixo da árvre e se 'ocê num miorá de tarde nois vem embora, mas 'cê tem que ir.* Fui chorano. Andava uns dois quilômetros tinha um reberão pra atravessá. Travessei o reberão chorano, de vez em quando ele olhava pa trais: eu 'tô chorano. Ah, coitado de quem num tem pai, num tem pai, sê preciso de trabaiaí duente. Duenta nada, não 'tava nada. Travessei o reberão, tinha ãa fazenda. Trabaiei nessa fazenda treze ano, que era do (...). Quando chegô pa riba da fazenda, ele subiu um morro assim e dobava pa chegá na roça. Eu desacossuei, falei: Ah, já que eu tenho que i[r] memo, já que ele num deixa eu vorta mesmo, de jeito nenhum, eu fui parei de chorar e subi o morro assubiano, né. Chegou lá ele mediu pra mim treis vara (*incompreensível*), cumbuca, abei. E lá debaixo da árve²⁰ tinha um, um ti meu, era mais véi que eu, era mei perrengue, né? Eu [a]cabei, [a]judei ele, né, deitô lá e ficô deitado. Quando ele chegou de tarde, as minhas tia pegou a mexê comigo. *Mexe co' oto não, o oto 'tava tabaiano. O oto 'tá cansado.* É cansado, trabaio pesado e eu num tinha [fa]zido era nada (*risos*). E graças a Deus foi bom pra mim, assim. Foi bom, purquê até hoje, pra todo lado que eu trabaio, eu sô chimado, né? Devo essa obrigação ele. Na hora de saí, eu garrei na saia da minha mãe assim, né? Ele tinha um relho da tampa cumprida assim e falou: *desenrola, se não 'cê ganha ota memo* e me puxô assim (*risos*).

Pesquisadora: Quantos anos o senhor tinha?

Narrador: Eu 'tava c'uns deiz ano. Deiz ano.

Pesquisadora: Deiz? Começa cedo, né? Na roça, né?

Narrador: Porque o meu pai largô da minha mãe, me dexô cum treis ano. O meu avô que me criô, né. /.../. Mais lembro que, graças a Deus, eu honrei também ele até na última hora. Ele pegô sofrê do curaçã, naquele tempo tudo era atrasado, né? Lê, eu que cuidei dele, eu passei vinte e cinco noite, punha um cochão assim na berada da cama dele; tinha que levantar ele, sentá ele num caxote daque[le]s grandão, pô ãas brasa de fogo nãa lata pra ele esquentá. Ele inchô munto. Eu [a]guntei vinte e cinco noite cum ele assim. Ele morreu, foi em dezembro que ele morreu. A minha roça 'tava amarelano tudo no mato. Ele morreu, quando foi no dia 5 de dezembro, juntou ãa turma lá, foi lá e capinô minha roça tudo num dia (*risos*).

Pesquisadora: Fez o serviço pro senhor.

Narrador: É, uai. De maneira que graças a Deus eu não tive pai não, mas meu avô foi mais que pai pra mim, né.

Pesquisadora: E essa roça? onde que era mesmo? Aqui perto?

²⁰ Variação de *árvore*.

Narrador: A roça era pra trás da serra, né?

Pesquisadora: O senhor plantava o que?

Narrador: Prantava de tudo nessa ocasião, né. Era mii, era feijão, era arroizi, era tudo, né.

Pesquisadora: E dava arroz também?

Narrador: Dava, dava arroiz tamém. Eu prantei muita rama de mandioca tamém. Tudo o que tinha de prantação, eu prantava. E tamém, serviço tamém, só a única coisa que eu nunca fui foi de acarriá e tirá leite.

Pesquisadora: O que é acarriá?

Narrador: É carro de boi (*risos*). Carro de boi e eu ia candiá boi p'o (...), quando é fé que não, já 'tava numa distância longe. Tinha at[r]ofiado de esperá a toada do carro de boi.

Pesquisadora: Ia devagar, né? Bem devagarinho.

Narrador: Eu gostava de[#] Eu falava pro, qual' que 'cê qué? Candiá boi ou qué passá a mão no machado e dirrubá o mato o dia inteiro, aí? Eu prifiro passar a mão num machado, num tem paciência não. Mas tudo quant' é serviço que mandá eu fazê eu faço. Eu panh[o] café, eu trabai no ralo, mexo cum tu[do] quant' é serviço de ralo, prantação num é quarqué muié que vai cumigo pra prantá de ferro tamém. Graças a Deus.

Pesquisadora: E o senhor plantava na terra do seu avô mesmo?

Narrador: Hein?

Pesquisadora: A terra era do seu avô mesmo?

Narrador: Nada, plantava era de meia. Terra minha não tinha era nenhũa. Morava de agregado dos oto.

Pesquisadora: Ah! Como é que é, o senhor tinha a terra, morava [#] como que é morar de agregado?

Narrador: Morar de Agregado, porque, aonde eu morava, lá, só era dos oto. Dos fazendero e dos oto tudo, né? No tempo a, a, antigo, eu[#] os fazendero tinha aque[la]s colônia na fazenda, né. Ninguém trabaiava[#] Ninguém tinha terra pa morá, não. Aquele que tinha um pedacinho de terra pa morá, antão trabaiava pro fazendero se quisesse, né. E a gente era obrigado. Hoje [#] pagava ou num pagava a gente era obrigado a trabaiá.

Pesquisadora: É. É verdade.

Narrador: Tinha gente que fintava. A gente trabaiava a semana inteira, ia lá prucurá o cobre: *ah, num tem cobre não*. Passava uns quinze dia, ia torná a prucurá o cobre ota vez, num dá não. Então fica de ismola. Ainda, além da gente ganhá poco, ainda num recebia (*risos*).

Pesquisadora: Mas era o fazendeiro que num pagava?

Narrador: Os fazendero era ruim memo. Num era cum' hoje. Hoje, hoje tem essa lei assim: se eu for trabaiaá pa sinhora ou for atrás eu não faço. Se a sinhora não me pagá eu vou lá no pé do pau tem que pagá memo, né. E de premero não, de premero fala de nós que é pobre, num tinha fala. Fazendero vinha cá, o que ele conversava er' isso memo. Podia batê, tinha muitos que até batia no camarada.

Pesquisadora: Batia no camarada?

Narrador: É. Hoje dimudô tudo, né. Hoje em vez de[#] do patrão mandar na gente, a gente que manda neles, né? (*risos*). Eu costume falá pro meu patrão lá.

Pesquisadora: O dotor (...)?

Narrador: (...). Aí eu falei: Ó, 'ocê já comeu a carne, 'cê tem que ruê o osso, tamém. Já comeu a carne, tem que ruê o osso tamém, né (*risos*). Ieu falei tamém assim: Ó, se 'cê me de[r] prejuízo, igual' seu povo me deu aí, 'cê morre e eu [a]inda fico aí, porque tudo já morreu (*risos*).

Pesquisador: O seu avô era de lá, era desse lugar que o senhor nasceu ou só sua mãe? Sua mãe nasceu ali mesmo onde o senhor nasceu, ou não?

Narrador: Nasceu.

Pesquisador: Ah, é.

Pesquisadora: E seu avô também?

Narrador: Tudo desse lugar que ele nasceu lá.

Pesquisadora: O senhor nunca mudou da região?

Narrador: Hein?

Pesquisadora: O senhor sempre morou aqui nesta região?

Narrador: É, eu sempre morei. Toda vida morou, né? Morava lá atrás da Serra. Depois eu fiz casa aqui e mudei pr'aqui. Eu morei, morei uns nove ano de casa do zoto. Depois o (...) me deu a mão, o pessoal dele e eu fiz essa casa aqui. 'Tô morano.

Pesquisadora: O senhor mora sozinho aqui, seu (...)?

Narrador: Aqui, aquele rapaiz que foi me chamá lá é fi meu, né. Mas aquele inxuga um gole. Aqui, ó, filha aqui, tudo aqui corre por minha conta. Aqui nem um sabonete pra ele, ele num compra. Tudo é ieu que dô. Eu saio segunda, venho quarta, volto quinta pra lá. Sábado [eu] venho. Eu chego aí tem dia que 'tá desbocado aí. Tinha oto que morava comigo; aí dispois que a mãe dele morreu, tamém foi bebendo, bebendo, foi até morrê, né, porque deu diabetes e não podia bebê. Pelejava com ele: *não, eu quero morrê memo*. 'Tá fazeno, agora, dia 25 de março, feiz dois ano que ele morreu.

Pesquisadora: E o seu filho não trabalha? Ele, ele não tem trabalho, seu filho?

Narrador: Não, Traba[#] junta c'us colega dele bebedô, né e vagabundo e é só assim. Eu chego aqui[#] foi preciso eu mudá as fechadura tudo da porta aí. É qu' eu chegava aqui e às veiz 'tava desmontado aqui. Terminô de descê a descida, foi lá pa casa de outro filho meu, lá do odo lado do carrapato e lá na rua. Falô logo: *não, 'cê muda a fechadura [por]que [o] (...) fica o dia inteiro deitado. O dia que 'ocê tivê pra fora, 'cê chegá c'a chave, 'cê abre para não ficar na rua;* porque o (...) pra mim é é mais de que pai, sabe. Ele tem um cuidado comigo, ãa coisa nós dois. Eu vô descendo em quarqué lugá assim, ó. *Não aqui é perigoso.* Ele me dá a mão. Ieu panhei ãa rela[ção][#] fantasia pr' um amigo meu [#] peguei um gai assim, um toco de gai, primero subi assim, quando fui descer pego no danado do gaio [e] caí de costa, né. Num machuquei nada, mais sentei o peito do pé num pedaço de cimento que tinha, qu' e[le]s tinha posto lá debaixo pra passar a ota mesa, né, cortô. Eu fui lá, butei um montão de remédio, aquilo fechou de ãa vez, depois inframô. Foi uns dois meis tratano disso, né. Agora, quando foi segunda-fera, eu vô na casa dum fi meu; daí eu fui lá no buteco lá e bebi c'uns companheiro lá e tomei lá ãas seis cerveja, mai acontece que eu num tinha armuçado não, né?. Eu venho da roça sáb[ad]o, eu faço armoço e dexo pra e[le]s lá. O armoço vem de lá, num armoço não. Venho pra cá, venho armuçá aqui. Chego aqui, num tem nada pronto, nada e eu também vô cumê quarquer coisa lá pra rua e num prucuro fazê nada, né. Eu sexta-feira, eu jantei. Quando foi sábado eu sai e fiz o armoço, deixei pr' ele lá [e] vim. Eu não armuçei sáb[ad]o, num jantei; domingo, eu num almucei e num jantei. Quando foi de tarde, eu tomei essa cerveja lá, minha pressão subiu. Eu vinha desceno, vinha desceno, peguei andá assim, depressa assim. Quando eu vi, tombei assim, parece que eu tombei de um lado assim. N'eu tombá, levei essa mão na pedra. E[le]s foi [#] o rapaz chegô, me pegô, levantô, levô a mão na minha gibera [e] tirô minha cartera. Eu levantei e falei: Minha cartera 'tá c'ocê. Chegou duas muié: (...), *entrega a carteira dele.* Aí ele foi, me entregô a carteira e eu pus no bolso. E dispois me levou.

Pesquisadora: Na hora que o senhor caiu, ele ia tirando.

Narrador: É. Depois me levou inté a casa da minha nora. Cheguei na casa da minha nora e falei: Hoje eu vô pousá aí e num vô pra casa não. Eu caí ali, ieu num 'tô bão não. Minha pressão, acho que subiu demais, né. A minha subiu, né. Fazia uns cinco ano que[#] a munto tempo, se eu ficasse sem armoço até onze hora mai[s] o[u] meno[s], eu podia tá em quarqué buteco aí cunversano; nesse tempo eu ainda bebia pinga, né, de ãas seis veiz ela [a]baixô, eu [a]baixav' assim, levantava e num 'tava sentino nada, uai, o que isso? Fiquei bobo. Agor' tá mode uns cinc'ano qu'eu num tiro, acompanho, agora, dumingo.

Pesquisadora: É que o senhor ficou muito tempo sem comer, né?

Narrador: É, o estômago vazio.

Pesquisadora: É, o estômago vazio /.../.

Narrador: Dois dia sem pô comida de sal' na boca, só cuano café. Mais agora não. Eu num sinto mais nada. Ó, eu não sei duma épa²¹ que eu sentisse ãa dor de cabeça e no estamo²² [#] o que passava guela pa baxo. Agora num foi, né, porque num gosta memo, né. Graças a Deus, tenho boa memora, alembro das coisa tudo, igual eu 'tô falano pra senhora. Ainda pego ãa aguia²³ c'ũa linha bem fininha e ainda enfio.

Pesquisadora: E o senhor enxerga sem óculos?

Narrador: Enfii, sem óculo, ãa linha na aguia. Escuto bem, alembro de tudo. Hoje me[s]mo (*incompreensível*) se tivé mais mió de memora do que ieu, eu falei, não sei.

Pesquisadora: E o senhor fuma?

Narrador: Fumo. Fumo desd' idade de (*tosse*), desd' idade de, de, de deiz ano. E é cigarro de paia. Eu chego no pé da serra [#] pa vim de lá tem ãa serra pa subi. De premero, eu vinh' a pé, todo sáb[ad]o. Eu [a]cendia um cigarro lá e vinha assim fumano, num sentia cansera nem nada. Até hoje, graças a Deus, num sinto.

Pesquisadora: O senhor não sente mal com o cigarro, né? Não, porque todo mundo diz que é preciso parar de fumar. Que o cigarro faz mal.

Narrador: Ah, não, mas ieu, vou te contá que eu num paro [de] fumar. Mas fumo a vida intera. Eu fumava, minha patroa tamém fumô, morreu cum 84 ano.

Pesquisadora: Faz tempo que ela faleceu?

Narrador: 'Tá fazeno quato ano.

Pesquisador: Quantos fii o senhor tem, seu (...)?

Narrador: Agora vivo eu tem seti.

Pesquisador: Sete?

Narrador: Uhum.

Pesquisadora: Família grande, né, seu (...)?

Narrador: É. Eu sou pai de dizessete fio. E teve um, uns dois fora de tempo. O oto morreu de sete meis. Eu tinha ãa menina, morreu de cinco ano. Eu tem o oto que morreu de três ano. Tem ãa fia minha que morreu cum quarenta e cinco ano, tamém, mas essa era [e]pilética, ela

²¹ Variação de *época*

²² Variação de *estômago*.

²³ Variação de *agulha*

[a]dueceu ela 'tava cum quato ano, né? Morreu cum quarenta e cinco ano. Agora tem, eu tem treis em São Paulo.

Pesquisadores: Ah, moram em São Paulo?

Narrador: É, tem treis em São Paulo. Tem ãa fia que mora em Ilau²⁴, e tem, tem um que mora aqui no Parquinho e tem oto que mora aqui no Carrapato onde eu fui e esse tabaia pa fora, né? O que 'tá no Carrapato trabaia em Bel[o] [Hor]izonte. Esse oto, 'tá lá, pra lá, lá em Babacena. 'Tá trabaiano lá em Babacena.

Pesquisadora: Que que é Carrapato?

Narrador: Carrapato é do oto lado ali na rua. É de par dele, tem [a]pilido de Carrapato (*risos*).

Pesquisadora: Como é que é? Eu não entendi.

Narrador: É um conhecido antigo. É que (*incompreensível*) não tinha luiz não, tinha só um chafariz na rua. [A]manhecia o dia tinha dez, doze muié c'as lata esperando enchê pra mode carregá. Caminhão de trança, eu era menino e vinha às festa, né. De noite assim, esse conhecido descia esse beco ali, muntado naque[la]s pedra, tudo, tudo escuro, né. Depois eu fui empregar lá no (...), contá, fazê cárcu[lo]. É que pôs aquela usina lá dos (...), lá. Nós via a festa aí e 'tava ãa beleza, mais lumiava só as rua só, né, na nossa casa num tinha não. Esses barzinho tudo era a luz de camburete que tinha nos bar, né?.

Pesquisadora. O que? Luz do que?

Narrador: [A]pagava 'tava tudo no escuro, né. Eu 'tive lá no (...) empregado lá no (...), eu ganhava dois mirreis por meis. Dois mirreis financado. É duas notinha dessa de um riali agora, né por meis, hein? Ficava lá seis meis, levava doze mirreis pra minha mãe, né (*risos*). Ela achava bom. Só me dá ropa e remédio quando preciso. Agora remédio, graças a Deus, toda vida tive saúde, ela só me dava um dedim de ropa (*risos*).

Pesquisadora: Era só roupa (*risos*).

Narrador: Dispois de lá eu fui, eu fui empregá c'um tal de (...), lá no, num lugá que chama Barriado. Empreguei lá e já fui ganhando sete mirreis e ele dava a ropa e o remédio. Falei: aí já miorô. Dispois eu falei: ah, isso 'tá muito pouco, agor' eu vô caçá de mode tirá dinheiro da arefa, ganhava mili e cem por dia. Agora va[i] miorá munto pra mim, né. Eu trabaia cu meu irmão e eu ia comprá fubá, ãa corda pro b[r]aço, cinco mil réis. Eu ganhava seis, o, o, o, eu ganhava seis por semana, sob[r]ava pra mim, deiz tão. Eu comp[r]ava ãa quada de baço e sobrava deiz tão. Eu tinha um irmão [que] tabaia cumigo, ele recebia doze por semana. Antão ele fazia a

²⁴ Possível variação de *Ilhéus*.

dispesa da casa (*risos*). A vida, ieu já passei por contrário demais nessa vida, né, já sufi²⁵ munto. Aí eu já passei[#] eu vô falá pa sinhora, eu já passei dureza, só num passava fome, porque num dexava. O qu'eu fazia er' só, só pa cumê, né. O dia ca minh' mãe morreu, e[le]s foi mim buscá lá. Ieu já era casado, né, mas eu[#] nós ganhava duzentos e cinquenta réis pur dia. Eu 'tava cum onze fio, onze fio. Tudo piqueno. Eu c'a²⁶ minha muié [a]qui, é [a]qui luitava. Nós apenas podia arrumá a boia pra e[le]s, né, lá. O dia ca minh' mãe morreu, chegô a notícia lá que ela teve internada e tirô ela lá [e] ela morreu. O irmão meu morava em Lavras, ele vei[o], aí ele falou: *agora 'ocê, 'cê paga a sepultura e, e, ieu dô o caxão pa interrá ela*. Eu descí acumpanhano o enterro da minha mãe. Ieu chorei de paxão da minha mãe tê murrído. Olhava no meu corpo e ieu num tinha ãa camisa pra mim trocá. Do jeito que ieu tava na roça sujo assim, ieu tive que [a]cumpanhá o interro. Num tinha nenhũa camisa, nenhũa calça pra trocá. Hoje, graças a Deus, ieu mostro pra sinhora, vai no meu guarda-roupa, tem um tanto de camisa lá qu'ieu num dô conta de usá, e carça e tudo. Tem minh' economia tamém no caso de ãa duença tamém. Conta duns quinze o[u] vinte ieu tem, né? A famia tudo criada, né.

Pesquisadora: Com o passar do tempo miorou a vida, né? Com certeza, né? Haram.

Narrador: A vida é essa, né. Aí eu num isqueço[#] agora, eu nunca perdi a fé de Deus, não, né. Agor' teve dia que Deus vai me ajudá é que miorava, né. E graças a Deus, amizade, graças a Deus, tinha amizade pra todo lado, todo lugá. Era home, era muié e que às veiz eu nem sei quem é que era, né.

Pesquisadora: Seu (...) tem alguém chamando o senhor /.../.

Narrador: (*conversa paralela com a visita que chegou*).

Pesquisador: Nesses trinta e tantos anos que o senhor trabalha pro (...)

Narrador: Trinta e quato ano.

Pesquisador: É, né, amigo, Dr. (...)

Narrador: Eu trabaiei /.../ desde piqueno, eu gosto, c'a minh' mãe. Nós trabaiaava pro avô dele, a minha mãe.

Pesquisador: Avô do Dr. (...)?

Narrador: (...). Trabaiaava lá, a vó dele chamava (...), e o avô dele chamava (...), mais tinha apilido de (...). Ele num gostava que chamava ele de (...)²⁷.

Pesquisadora: (...)? Por quê?

²⁵ Variação de *sofri*.

²⁶ Redução de *com a*.

²⁷ Esta supressão faz referência ao apelido do avô. Em sequência, a pesquisadora repete a alcunha do avô, perguntando o motivo dele.

Narrador: Chamava ele de (...). (...) não, era (...). Fui criado (*risos*). Antão, eu ia pra lá só pa brincá, só, só. Ieu era piqueno. Trabaiei lá, minha mãe trabaiô lá. Minha mãe era munto nervosa, né. A dona tamém era injuada, mais injuada, ãa coisa. Num tinha impregada ninhã [que] [a]guentava ela, né. Tinha dia que ieu, eu, a minha mãe tava fazeno armoço, ela chegava e pegava inchê minh' mãe, minh' mãe largava as panela no fogo lá, campava e ia-se imhora. Quando passav' oito dia, ela tornava chama minha mãe, né e minh' mãe ia ota veiz, lá. De manera que depois eu fui ficano mais maió, fui trabaiá lá pra lá de Santo Antoin. Saía de lá do Pito Aceso, c' a mala na cacunda, carregano foice, inxada, ropa, cuberta, a pé; ieu trabaiava pra lá de Santo Antoin, lá na Lavrinha, na fazenda do (...). Ficav' lá dois meis lá, ganhava treis mirreís, treis notinha dessa.

Pesquisadora: Muito pouco, né?

Narrador: É. Ficava lá dois meis, trazia setenta mirreís, oitenta mirreís, aí eu fazia a festa, né. Chegava aí comprava terno de ropa, comprava chapéu (*risos*). A vida foi essa. Foi, foi in[d]o, eu resuvi casá, né. Pra casá é que foi penoso naquele tempo.

Pesquisadora: Por quê?

Narrador: Uai, ieu num arrumava dinheiro pa arrumá o casamento. Custei arrumá pa compra um, dois ternim de ropa, um chapeuzim, um par de carçado, né. O casamento, meus padrim até que pagô o casamento. Casei só na igreja tamém, né, num casei no civil não. Aí fui luitano, na co[#] no caso, depois de dezoito dia que ieu casei, minha muié perrengô, ficô nove meis duente, quais morreu. Ieu cum [#] munt' apertado ficava levano só em curadô, vai num curadô, vai n'ôto, quase acabei c'a muié, né. Fui que t[ro]uxe ela pa consurtá duas veiz, ela foi panhõ saúde (*incompreensível*) assim tudo. Ela morreu agora, cum oitenta e quato ano. Eu tinha casado, eu tinha casado mais de sessenta ano.

Pesquisador: A sua mãe era índia?

Narrador: Hein?

Pesquisador: A sua mãe era índia?

Narrador: Ô, ô, ô, a minha bisavó qu'era índia.

Pesquisador: Ah, é.

Narrador: Minha bisavó. O meu avô tinha ãa descendência de índio, ele num tinha barba não. Ele só tinha um cavanhaque de barba assim.

Pesquisadora: Ah, bem pouca.

Narrador: É. Ele num tinha barba, o meu avô não. Acho qu'é por ca[u]s[a] disso que [eu sou] forte. Ieu, até a a idade de mais o[u] meno dum sessenta ano, anunca tinha ido im médico não,

num sabia nem [a]jeitá o braço pra tomá injeção, nunca tinha tomado. Agor', de certo tempo pra cá, é, é que mim apareceu um rematism' na perna, mais isso l'em Aragança, né. Iô, iô 'tava 'cabano ãa tarefa assim, fui capinano, capinano assim num disci. Quando vi, meu jueio deu um estralo. Ieu [a]cabei assim c'ũa sede, o copo 'tava perto assim; pra i[r] no corgo, fui escorado c'a inxada pra mim andá. E num tratei tamém, não. Ficô, o juei inchô, eu passei uns, uns treis ano qu'eu 'gachava assim pra mim levantá eu tinha que trazê a perna assim. Foi fican'. Dispois, criô água no juei, o juei [de vez em] [quan]do inchava, inchava. Ieu 'tava na, ieu, ieu. (...) chegava aqui, pra entrá no carro eu punha essa perna, e essa daqui eu tinha que pegá, assim, pra entrá no carro. Ieu achei aquilo né. Dispois que tirô a água do juei 'cabô, tanto faz ãa cumo ota, 'tá tudo ãa coisa só. Mas passei muntos ano, num t[r]atei, uai. Ieu num era munto, quais num tinha custume de i[r] im médico, né. Achava que er'[#] as coisa sarava sem i[r] no médico, sem nada e cum isso eu sufi munto, né. /.../ Mar agora, no dois mili agora, ieu levei dois tombo.

Pesquisadora: Só num ano, né. Só no ano dois mil.

Narrador: Agora, tem que vê se num intera os treis não, porque nos treis é pirigoso d'eu i[r], né (*risos*).

Pesquisadora: Com sua saúde não pode brincar de jeito nenhum, né. O senhor disse que o senhor faz o almoço lá no (...)

Narrador: Eu faço a boia lá pra e[le]s.

Pesquisadora: O senhor que cozinha?

Narrador: É, uai.

Pesquisadora: Ah, é. Ah, fale um pouco do que que o senhor sabe fazer na cozinha.

Narrador: Eu graças a Deus, eu só num [a]prendi roubá e tam[b]ém de maltratá os oto tam[b]ém. Eu sei tratá todo mundo bem, graças a Deus. Mais ieu só num lavo ropa e remendá eu num remendo, não, ropa, né. Maise bordo quarqué colar de borda que quisê que ieu faço, eu faço. A cumade (...) que é muié do (...), ela e a fia dela ia pra lá, ia armuçá lá, ieu que ia pra lá: *Oh, ieu quero comê um anguzim seu e um feijão, porque eu pelejo pra mexê a aguia iguali 'ocê, eu num, num, eu num mexo. Feijão tamém: o feijão seu 'tá gostoso demais. Tô cumeno demais.* Graças a Deus, e[le]s tudo chega lá.

Pesquisadora: Gosta da sua comida.

Narrador: Gosta da minha comida.

Pesquisadora: O senhor faz arroz, feijão e o que mais? O que que normalmente o senhor faz? é carne?

Narrador: Lá, é, é, é, carne, é verdura. Lá nóis tem ãa horta lá, tem de tudo prantado lá, né. Lá tem, tem chuchu, tem arfaça, tem armerão, tem cove, tem cebola, tem tomate, tudo o que caça lá na horta, que ele gosta de prantá mesmo, né.

Pesquisadora: Ele mesmo que planta? O senhor que planta, né.

Narrador: Não, agora ele num dexa nem ieu prantá, não. Tem um primo meu que fica lá comigo. Ele é que cuida da horta. Ele num dexa eu picá um pau de lenha. Lá é não, *'cê tem que mandá*. Se eu pegá um pau de lenha, mode dizem assim, pra trazê: *já falei pr' ocê que não é pr' ocê pegá nisso não*.

Pesquisadora: Agora, pra conversar com o senhor, aí ele gosta, né? Ele quer pra conversar com o senhor. Ele gosta muito de conversar com o senhor.

Narrador: Ah, gosta. E dispois tanto faiz ele como o fi. Às veiz, eu 'tô lá deitado na minha cama lá, ou perto do fi, quando o fio dele 'tá lá, porque agor' tá estudano lá em Lav[r]a[s]. Ele só vem sexta-fera e vai sáb[ad]o pra lá e vem domingo de tarde, mas quando ele 'tava lá cumigo, dispois que ele parô de istudá, ele parô treis ano tomou ãa bomba danada, tornô a vortá traveiz pa estudá, né. Às veiz eu 'tô deitado na minha cama lá, 'tô tussino e ele 'tá c' o remédi[o] lá: O sô (...), *truxe esse remédi[o] pro sinhori, o sinhori tá tussino munto*. Ele tem mais cuidado do que os fi cumigo. Aqui, comigo, aqui, quando eu 'tava ruim dessa perna aqui, que 'tava fazeno quat[r]o meis, tinha noite d'eu dormi duas noite aqui sentado aqui, com um cubertô na cacunda, nem fechá a porta, que ele deixava meio aberta, eu num podia fechá, né.

Pesquisadora: Não conseguia.

Narrador: Não. Aqui tem uma manguera aqui do pau cumprido, eu pus ela aqui. Foi preciso d' eu pegá a cadera c'a manguera, impurrá inté pra cerrá a porta lá. Eu fui pra casa da minha nora lá, minha nora me levô pra lá. Fiquei lá, doze dia lá, tomano remédio, qu'eu num podia nem i[r] no banheiro. Pra ir no banheiro era escorado pra parede, c' o negóço da perna, né. Minha nora que cuidô de mim: era remédi[o], era aplicadô de injeção, era tudo. Aí ela falô que era pra mim i[r] lá todo dia, pra mim era custoso, porque[#]. Eu tomei os remédi[o] lá, graças a Deus, [a]cabô as dor qu' eu 'tava sentino. Hoj' eu ando bem, eu mesmo escovo os dente, tudo. Porque ieu, no começo, eu tomava ãas pinga meia avultado, né. O (...) sempre danava comigo, aí juntava: *não, 'cê tem que largá dessa pinga*. As amiga [a]qui, suas amiga [a]qui, c'a muié dele, eu 'tava meio deslexo, c'a muié dele: (...), *largá dessa pinga sua, que 'cê morre ante[s] do tempo*. Ah, quando eu tivé fazendo nada, ieu laigo. Dispois, quando foi um dia[#]. Eu tenho ãa berruga grande na perna e ela me deu [in]fecção, dispois o (...) falou: *arrumei pr'ocê tirá essa berruga, porque isso às veiz pode risultá mal*'. Aí eu falei: ah, mas ela num me incomoda

nada, eu ando a cavalo é pa todo lado, sento, ela é ãa berruga morta, né, num vô tirá não. O meu fi tinha vindo de São Paulo, chegô aí. Sáb[ad]o e domingo, nós mueue: cerveja, pinga até que num podê mais. Quando foi na segunda-fera, eu fui lá pa tirá a berruga. O Dr. (...) falou: *sua pressão 'tá munto alta. 'cê tem que ficá internado aí, inté normalizá essa pressão sua.* Num tirei a berruga nem nada, a berruga sarô; eu fiquei internado lá, ele me deu lá uns remédio lá pra pressão. Des' desse dia eu falei que num punha pinga na boca mais. 'Tá fazen[d]o dezessete ano. Lá, o (...) leva pinga, lá os cumpanhero leva pinga, e[le]s bebe, que nem 'tá beben[d]o água, mais cerveja ieu tomo to'dia, todo dia ieu tomo.

Pesquisadora: É gostoso, né. Que cerveja o senhor toma?

Narrador: Vim²⁸, eu peguei tomá vim. Achei que 'tava me dan[d]o queimação no estômo, parei tamém. Mas a cervejinha... ieu se eu num levá uma caxinha de cerveja lá [#] chega lá, to'dia na hora do armoço; 'tô fazeno armoço abro ãa latinha de cerveja (*risos*).

Pesquisadora: Qual cerveja o senhor toma, seu (...)?

Narrador: Ah, eu num escoio não. Tomo é, é, é, é, é tudo quant' é cerveja. É mais barata, é tudo. Eu ten[d]o ela lá pra bebê, né, pra mim quarqué ãa serve (*risos*).

Pesquisadora: E é tão gostoso, né?

Narrador: É gostoso memo (*risos*). Porque o (...) tamém gosta. Lá o (...) leva os cumpanhero dele, leva aquel' turma, leva ingradado de cerveja. O (...), mas a (...) vai pra lá leva uma caxa de cerveja, mas leva dois lit[r]o de pinga tamém (*risos*). Agora, pinga 'cê pode bebe[r] pra lá as pinga d'oceis. E[le]s costuma deixá lá na cuzinha, eu falo: oh, 'ceis guarda a pinga d'oceis lá, porque se chegá um aqui que gosta daí, vai nel' aí. Aí guarda pra lá, na hora que 'oceis vie[r] bebe[r], 'ceis traiz, né./.../. O (...) conta que de vez em quando pode levar ele lá no bar, que to'dia ele toma ãa cervejinha. Aí 'tô lá no bar, sentado lá: *não, vamo[s] tomá ãa cerveja.* Maise [#]

Pesquisadora: O senhor é companheiro pra ele, né.

Narrador: É. Agora falô a únic' coisa qui eu faç' hoje é tomá meu (*incompreensível*) e toma ãa cervejinha, né. Mais nada eu faço, né.

Pesquisadora: E não está atrapalhando nada?

Narrador: Han?

Pesquisadora: Não está atrapalhando nada, né? O senhor 'tá bem, né?

²⁸ Variação de *vinho*.

Narrador: Não (*tosse*). Pô tomá cerveja de quarqué marca, aí, no oto dia, 'tô a mesma coisa. Num me faz mal' o estamo, num faiz nada, né. Agora o vim, não, o vim eu 'tava tomando jurubeba, dispois eu parei, né, de bebe[r], porque 'tava me dan[d]o queimação no istamo. Mais a cerveja não, a cerveja nunca me fez mal'.

Pesquisadores: Do tempo antigo o que o senhor lembra assim [de] ãa história. O senhor lembra de alguma história, algum caso, algum causo, ãa história. Alguma coisa que aconteceu, que o senhor lembra que aconteceu há muito tempo, já.

Narrador: Ah, ieu, causo a gente /.../. Arguma história assim?

Pesquisadores: É, causo. Uma coisa que aconteceu n'aonde o senhor morava ou aqui em Bom Sucesso.

Narrador: Não, mas isso aí acontece munta coisa, né.

Pesquisadores: Então, ãa coisa só (*risos*). Ua que o senhor lembra.

Narrador: Acuntecia munta coisa por meio dele, né. Agor' no meu tempo, anssim, eu era bom pra dançá.

Pesquisadora: Gostava de dançá.

Narrador: E era assim, ieu num fazia questão de dama, não. Dama podia ser a criolinha mais feia de todas, mas se ela subesse dançá, era comigo, né. Quand'ieu casei[#] teve oto dia qu'eu fui[#] teve oto dia qu'eu casei, descobri que a minha muié era ciumenta (*risos*). Tinh' um casamento dum colega meu, no lugá chamado Pitacera, lá.

Pesquisadora: Como é o nome?

Narrador: Chamava Pitacera. É aonde meu avô foi no baile na noite qu'ieu nasci, né (*risos*). Tinha uma fuguera, né, ele foi, né. Antão, tinha casamento desse colega meu. Esse colega meu foi criado c' o avô do (...). Ele que arrumô o enxoval' dele pa casá e tudo, né. Quondo feiz oito dia qu'ieu casei, ele tamém casô. Antão lá fazia aquel[a] soca, né, gente no terrero, né, mai[s] enchia de gente, né. E tinha ãa sujeita lá qu' ela era casada, maise ela num rezava munto não, sabe, maise eu gostava de dançá com ela por causa dela ser, ser boa dançadera, porque quarqué coisa que tocasse podia chamá ela, era mazuca, era uma valsa, era quarqué ãa coisa era cum ela memo, né. Ieu caí na bobera e chamei ela pra dançá. Ieu 'tô dançano e 'tô vendo aquela ala assim, né, e o meio 'tava mei[o] vão, falei: vô dançá nesse mei[o] aqui, porque aqui tem mais espaço pra nós requebrá, né. Eu 'tô dançano com ela lá, quando vê a muié 'tá assim. Quando a sanfona parô lá, ieu parei ela falô: *pel'amor de Deus, 'cê num chama essa sujeita mais pra dançá, se não eu dou uma coisa aqui no meio da festa*. Aí ieu falei: 'cê pode dá duas ou treis, agora qu'ieu dancei (*risos*).

Pesquisadora: Ela não gostou da resposta.

Narrador: Desd' esse dia quand' a, quand'a: *ah, num vô c'ocê mais em baile não, quando eu for agora ieu vou suzinha (risos)*. Ela nunca mais foi pro baile.

Pesquisadora: Ela num gostava de dançar?

Narrador: Ela gostava de dançá, maise ela, num gostava, porque[#]. A senhora me desculpa, mais muié ciumenta como ieu tinha. Oh, ieu vinha da roça, ieu podia chegá im casa, é que dispois qu'ieu mudei pr'aqui, tanto faz a casa 'tá cheia de home, como de muié pra mim, eu num arrenava²⁹ nada. Minha muié, se fosse quarquê uma muié, que ela diz que ela num bolava bem, ieu num podia cumprimentá, num podia conversá, né. Aí eu passei a verdade pra ela, passei a verdade. Mas de certo tem ãa coisa: passei munto aperto, nós brigava e só por conta de ciúme. Eu achava que num 'tava marchano errado. Eu às veiz ficava lá c' os meu colega bebena umas pinga lá ou ãas coisa aí. Eu chegava em casa, a muié tampava brigá. Teve noite, eu morava l'embaxo, no (*incompreensível*) numa casa do seu (...). Eu cheguei lá no (...), tinha a caderneta qu'ieu fazia compra pra levá pra cuzinhá pro pessoal' lá; tinha a caderneta minha. Eu pagava a minha caderneta, fazia as compra pra levá pra lá, qu'ieu levava um monte de alimento pr'eu cozinhá lá, dispois ia bebê minhas pinga. Ieu chegava em casa, a muié tampava brigá comigo, aí eu passav' a mão naque[le]s trem, picava no pé, p' aí afora. Eu chegava duas hora, lá é qu'ieu ia fazê um arroiz pra mim cumê, mas levava um lito de pinga tamém, né. Fazia o arroize, bebia um gole de pinga, deitava na cama, aqui eu 'tô sussegado, né (*risos*). Ai, ieu sufi demais, né.

Pesquisadora: Porque a mulher era muito ciumenta?

Narrador: Maise, graças a Deus. Eu acho que o casado [#] a muié ciumenta, 'cê [a]guenta, muié preguiçosa, 'cê [a]guenta, muié preguiçosa, 'cê [a]guenta, mas sen[d]o uma muié honesta 'cê [a]guenta tudo.

Pesquisador: É verdade.

Narrador: Né (*risos*). Num é (*risos*). Só acho que o casado num pode, num pode [a]guentá é desonesta da muié, né. A muié de manera q'ocê tem confiança nela e q'ocê nunca percebeu nada dela, 'cê [a]guenta tudo (*risos*).

Pesquisadora: (*risos*). Ai, seu (...), que vida especial a sua, né /.../. O senhor já contou muita coisa, né, seu (...).

Pesquisador: O senhor lembra alguma coisa de tremor de terra?

²⁹ Provável redução de *arremina*.

Narrador: Tremor de terra? Ah, tremor de terra naquela ocasião foi um tremor munto forte, né. Tinha dia que dava, inté as garrafa na prateleira, 'cê podia, né.

Pesquisadora: E como é que ficavam as garrafa?

Narrador: Han?

Pesquisadora: Como é que fazia para as garrafas ficarem na prateleira?

Narrador: Não, a terra tremia, balançava tudo, né.

Pesquisador: Acontecia muito?

Narrador: De vez em quando dava, né.

Pesquisador: Faz tempo?

Narrador: Ah, faiz tempo. Faiz tempo. Acho que 'tá fazeno, acho que 'tá fazeno uns quarenta ano isso. Era um trem isquisito, era um trem isquisito. Dava aquel[e] istoro assim, que balançava tudo assim. 'Ocê oiava assim, 'cê num sabia pra onde era, nem que lado era, nem nada, né.

Pesquisadora: Estranho, né, Seu (...).

Pesquisador: Mas nunca caiu casa, nada não.

Narrador: Não. Só tremia tudo. /.../ É um trem que nunca pude descobrir o que que era isso, né. Capaz que pra fora daqui, botou o nome aqui de Bom Sucesso de Terra Tremedera (*risos*).

Pesquisadora: Terra Tremedera. Mas era só aqui em Bom Sucesso? Só aqui em Bom Sucesso, [[que acontecia?

Narrador: Era só aqui]]. É. Era engraçado, porque tremia só aqui em Bom Sucesso, né, mas o barui, pra todo lado [ou]via, né.

Pesquisadora: O senhor planta alguma coisa aqui no seu quintal, seu (...)? O senhor tem alguma coisa plantada aqui?

Narrador: Tem. Pode oiá aqui. Vem cá. /.../ tem que arranjà um primo meu, pra ele zelá de mim. Esse fi meu, aqui, o mato podia entrar dentro de casa que ele num capinava, nem nada. Ieu num tinha tempo, porque ieu fico lá na roça, né. Chegava aqui e falava aí em roda da casa, a grama quais entrava dento de casa. Ieu fui [a]rranjá um pri[mo] meu, agor' qu'ele 'tá fazeno aí a limpada, porque tem água, tem tudo aí.

Pesquisadora: Mas ficou bom, aqui, né, a sua parte cimentada, né. Ficou boa.

Narrador: Isso aqui foi eu mesmo [que fiz]. Minha patroa morreu, porque os fi vem de carro lá de São Paulo, né; antão, eu fiz isso aqui pr'e[le]s guardá o carro aqui, num precisa dexá na rua, né. Porque só lá em São Paulo é bisineto, eu tem deiz bisineto. Tem três fi que mora lá, né. De manera qu'eu tem quatorze neto.

Pesquisadora: Bastante. Nossa, a couve 'tá alta, hein?

Narrador: É, uai, as covinha 'tá, 'tá[#] ele zela, mas ele vem aqui e carrega. Ele zela, mas ele mesmo carrega, porque ieu num uso[#]. Lá ieu tem demais, lá, né. Aí dá ãa parrera de chuchu ali, ó.

Pesquisadora: Isso aqui, o que é, essa árvore aqui?

Narrador: Isso aí é maçã.

Pesquisadora: E dá maçã, aqui, é? Dá bem?

Narrador: Dá maçã daque[la]s pequena.

Pesquisadora: Pra doce? O senhor usa mais pra doce? É maçã mais pra fazer doce?

Narrador: Não. É maçã, mas é daque[la]s pequena, né.

Pesquisadora: Mas que gostoso seu quintal, né. Muito gostoso.

Narrador: Aqui ficou bom aqui, ó. Até pra lavá roupa aqui ficô no jeito, né. Puis dois portão.

Pesquisadora: Muito gostosa, viu, sua casa. E ela é grande, né, seu (...)?

Narrador: Aqui, a minha patroa morreu, meus fi num quis tirá nada.

N4F90MG

Narradora: Será que eu vô sabê o que é q'oceis vai preguntá? Essa é minha neta tamém.

Pesquisadores: É, nós já conhecemos, né. Então.

Narradora: Ah, gente, ah, gente, eu sou munto [#]. Ah, eu teim que falá, solicitá, né?

Pesquisadora: É um papo bem, Dona (...), bem, bem à vontade, né. Bem à vontade.

Narradora: É. É que teim hora qu'eu iscutu direito, não.

Pesquisadora: A senhora pode contar o que a senhora quiser contá da sua cidade que a senhora gosta tanto.

Narradora: Da minha cidade?

Pesquisadora: Da sua cidade.

Narradora: Ah, meu Deus.

Pesquisador: Festa, casamento, padre, padre Jesus.

Narradora: Da minha cidade?

Pesquisadora: É, a sua cidade, qual que é? A quanto tempo a senhora 'tá aqui?

Narradora: A minha cidade sempre foi muito pobre, porque lá era arraial, né. Arraialzinho pobre, mas a gente vivia era aqui mesmo. Tinha um padre chamado Padre (...), esse foi Vigáro aqui cinquenta e tantos ano. Batizô a gente, fez primera comunhão e casô, mais aí casei cum dezessete ano, munto nova. Aí fui pa roça, mocim de roça, mas vivi; cumpri minha obrigação de esposa, graças a Deus. E aí fui levano. Tive os pai[s] pobre, mais munto bõ, muito compreensivo c'a vida da gente, né. Nóis éramos oito irmãos, também. Graças a Deus, tudo munto unido. E aí foi levano a vida, né (*risos*). Até que chegou[#] 'tá chegano os noventa e um, graças a Deus. Ai, ai.

Pesquisadora: Com toda essa família linda em volta da senhora.

Narradora: A gente sof[r]eu na roça pra criá os fio, né. Foi só aqui e na roça. Tudo é roça, era roça, mesmo. Mais graças a Deus, toda vida tive munta paciência, muito carinho. Nunca perdi a paciência com fi, hora ninhã. Graças a Deus. Hoje sô tão bem cuidada, que até sinto assim, demais, o que eles fazem comigo, mais faiz 'tá bõ, né. São Tiago era muito pobre, mais sempre muita religião tinha, graças a Deus, Católica, né. Agora depois co Padre (...) morreu, cumeçô [a]parecê essa ôta ruligião aí. Num tinha essas coisa aí não. Ah, como é que chama essas coisa aí, eu nem sei. Num sei o nome dessas ruli[gião]. Lá eu num sei, porque eu num dô nutiça disso, né. Mais foi depois da morte do Padre (...). Ele morreu em cinquenta e cinco. Foi nosso Vigaro muitos ano. Agora em vem essa luta de Padre aqui na nossa cidade, né. Veio monsenhô,

monsenhô, ãas quelloide ele tira, ótimo. Isso foi na guerra, né. Então nós temos esse Capelão aí que é o mínimo pra nós todos, né. Ainda celebra na casa dele.

Pesquisadora: Não vai na igreja, não.

Narradora: É na segunda. Onde há.

Pesquisadora: E foi como padre?

Narradora: Foi, foi como padre já. Agora quando a gente era mais nova tamém, não sei s'oceis já ouviu falá no problema que teve aqui em Sã Tiago. Família minha, minha tia. A minha tia, ela tinha sete filhos; o marido dela, coitada, acho que tev' ãa descabeçaria quarqué lá e ele foi Salão de Rei. Naquele tempo era muito difícil um Salão de Rei. Comprô estracnina e trouxe e deu pra muié e falou: *oh, esse lumbriguero, nós temo que dá aos nossos fio amanhã, e nós também vamo tomá.* Ela disse: *Não posso (...). (...)* que ele chamava. *Não posso tomá, eu tenho que cuidá das criança. Não, tem que tomá, todos nós.* E aí, quando vê, um era da minha idade, cumeçô as criança morrê. Morreu tudo no mesmo dia.

Pesquisadora: A família toda?

Narradora: Toda a famia. Não, a minha tia num morreu não. Ela tamém tomou o remédio, mas ela ficou munto ruim, coitada. Perdeu a mimória, ficou aquela coisa toda. Foi muito cuidada, médico do salão de Rei que vinha aqui pra cuidá, né, dela, né. Aí ela, Deus ajudô ela melhorô. Como ela ainda trabalhou para a igreja e para o próximo. Deu aula ainda pra ensiná munta menina a custurá, a lê e trabalhô munto na igreja. Ela morreu em sessenta e dois. Sessenta e um, né. Morreu com setenta e tantos ano, num lembro mais. Mais certo que essa muié sofreu. Ela era irmã da minha mãe, mais sofreu muito coitadinha, foi uma coisa horrorosa aqui na cidade. Aquele era arraialzinho, né. De forma que a gente já passou, eu 'tava cum, eu 'tava cum nove anos, né. E a gente lembra bem, né. Mais tudo na vida é isso memo né.

Pesquisador: *(incompreensível devido ao baixo volume da gravação).*

Narradora: Eu num iscutei o que ele falô.

I.T. [Filha]: /.../ Ele tá perguntando, mãe, porque o tio (...) fez isso.

Narradora: Ah, o caso dele é muito sem graça, até *(risos)*. Diz[#] ele viajava, vendia boi, vaca, [es]sa coisa, né. E aqui im[#] perto de Olivera aqui, como que chama essa cidade, (...)? Cum' é que chama a cidade perto de Olivera?

I.T. [Filha]: São Francisco de Paula.

Narradora: São Francisco de Paula, ele fez ãa trapalhada lá c'ũa moça. Naquele tempo [#]

Pesquisadora: Era ãa namorada, não?

Narradora: É. E esse, naquel[e] tempo isso era ãa coisa d’oto mundo, né. Né cum’ hoje. Nossa Senhora, aquilo era[#]

Pesquisadora: Pagava-se a honra com o próprio sangue, né.

Narradora: Foi ãa coisa horrorosa. Aí o fazendero disse que ia matá. Ele sabia disso, intão por isso ele fez as coisa errado. O dia qu’eles foram sepultado, dia treze de setembro de mil’ novicentos e[#] eu isqueci agora gente, cum’ é que fala /.../. Pergunta o (...).

I.T. [Filha]: Mil novicentos e...

Narradora: E nove. Oh, gente, mil’ novicentos e quanto? Pergunta o ôto lá. Xô vê s’ieu lemb[r]o, mil’ novicentos e [#]

Pesquisadora: E o que que aconteceu quando a senhora[#]

Narradora: Nesse dia chegô um negrão munto intusiasmado aqui em São Tiago.

I.T. [Filha]: Treze de setembro de mil novicentos e dizesseis.

Narradora: Mil novicentos e dizesseis, né. É, isso mesmo. Treze de setembro de mil’ novicentos e dizesseis. Aí chegô aquele negrão aqui em São Tiago todo importante. Chapelão, de bota de ispora e perguntô. Tinha um tu[r]co que chamava (...), e ele falou: (...), *onde mora* (...). Aí o (...) respondeu: *até ontem murava ali, naquele lugá que chama Pavuna. Ontem foi todo mundo po cimetério, ele e família.* E essa Pavuna tem aí até hoje. O lugá chama Pavuna. De maneira que foi munto triste esse caso, né. Triste mesmo.

I.T. [Filha]: E nessa história a prima da senhora que é escritora. Conta pra e[le]s.

Narradora: É, a (...) fez um[#] escreveu um negócio da vida de[le]s, só que num, diz que num podia pô nome do pessoal’, né. Punha otos nome.

Pesquisadora: Como é que chama o livro?

Narradora: Correntes de Paixão. Correntes de Paixão.

Pesquisadora: Como é que chama a escritora?

Narradora: (...), minha prima, né. É, diss’ é qui’ô ’tô lembrada.

Pesquisadora: E do café com biscoito, dona (...)? ’tô achando muito interessante essa história.

Narradora: (*risos*). ’Ceis vira[m] a fita?

I.T. [Filha]: Toma um golim d’água pra senhora contá pra eles.

Pesquisadora: Aham, conta pra gente como é essa história?

Narradora: /.../ Minha mãe fazia uns biscoito pra vendê. Intão, a gente era menina colocava aquele balaim bem arrumadim, cum pano munto limpin, punha as broa de queijo, sabe, 200 reis e vinha trazê pros fregueis. Ieu era munto rûim pra trocá dinheiro, ih, rûim mesmo. Aí eu falava: ih, mãe, ieu num gosto dess’ negócio só por causa de trocá os cobre. Ela falava: *Não, mais o*

povo dispois paga. O povo dispois pagava, né. Aí trazia[#] nessa rua eu truxe munto, eu truxe munto broa de queijo. Minha mãe fazia munto biscoito pra vendê, porque meu pai coitado era assim; era[#] tinha era carro de boi. Daqui im Santa Rita, que é São Reis, buscava mercadoria, aí a vida dele, a vida[#] o povo era munto pobre, hoje o povo é munto rico, ih. Mais graças a Deus criaro a gente bem. Dan[d]o o necessár[i]o que pode, com muito respeito a todos. E nós somos oito irmãos que fomo[s] criado. Aí ela fazia os biscoito e a gente vindia pra ela, vindia l'em casa tamém, né. Pagava imposto não. Isso foi até enquanto ela [#]

Pesquisadora: Não pagava imposto, né.

Narradora: Não, num pagava. Isso inté enquanto ela pôde. Dispois adueceu, ficô velha parou. É onde a minha irmã ali tem aquele forno ainda, né. [A]inda [a]quela casa, [a]inda é resurtado dessa casa da minha mãe. Minha mãe chamava (...) e meu pai (...). De manera que, né, a gente[#] mas a gente foi criado assim, muito pobre. Tinha vez[#] a gente até tem vergonha d'oceis, porque a gente num tem uma escola boa que nem oceis hoje tem não. 'Ceis todo mundo é professô, é tudo formado. A única formatura qu' ieu tenho é só que Deus me deu muita saúde, muito juízo, criei minha família muito bem, graças a Deus (*risos*). Né (...), né. Tive treze filhos, mais criou nove. Hoje era aniversário dum que chamava (...). Morreu[#] nasceu dia catorze, não hoje é quinzi, não hoje é 14, 14 de junho. Isso mesmo. É, junho. Ieu sô do dia dizesseis de junho de mil novicentos e nove.

Pesquisadora: Nossa. Depois de amanhã, então.

Narradora: É. Mil novicentos e nove (*risos*). É.

Pesquisadora: A senhora vai fazer noventa e um?

Narradora: Noventa e um, se Deus quisé. Deus há de ajudá que chega lá, né (*risos*). Se Deus quiser. Intão tem um padre muito meu amigo, meu afilhado, ele gosta de celebrá a missa aqui na minha casa pra mim esse dia.

Pesquisadora: Ah, fez ele vim aqui.

Narradora: É, mas diz que ele 'tá meio [a]duentado, mais todo ano ele vem. Capaiz que ele vem, né. É. Ele mora em Taguara; Vigário em Taguara. Taguara 'ceis sabe onde é que é, né? Perto de Be[lo] [Ho]rizonte. É, perto de Be[lo] [Ho]rizonte. Ih, ah gente. Acho que num tem mais nada pr'eu falar não (*risos*).

Pesquisador: Então, quantos netos a senhora tem?

Narradora: Ieu? Os neto só contan[d]o, né muito não. Conta lá (...) (*risos*). As moça daqui num são muito casadera não. As moça não foi muito casadera, né. Essa coitada casô e num deu certo c'o marido; mas a ôta que é casada, munto boa tamém. Mãe dessas menina que 'tão aí.

Pesquisador: Já tem bisneto?

Narradora: Cumo que é?

Pesquisadores: Já tem bisneto?

Narradora: Tenho. Quantos, (...)? conta lá /.../. Uns quat[r]o o[u] cinco /.../ bisneto.

I.T. [Filha]: Onze.

Narradora: Onze.

Pesquisadores: Onze? Bisneto?

Narradora: É, onze bisneto. Tem uns assim mei[o] torto, mas é bisneto do memo jeito, né.

Pesquisador: O bisneto mais velho que idade ele tem?

Narradora: Bisneto é (...). Não, é a (...). Quant[o]s ano[s] ela tem? 22 ano. Ela 'tá em Be[lo] [Hor]izonte. Ih, mas se [o] s[enh]or ver o carinho que todo mundo tem comigo. Nossa Sinhora.

Pesquisadores: A gente tá vendo. Nós tamos vendo, viu?

Narradora: Me trazem como se eu fosse uma relíquia pra e[le]s, nossa senhora.

Pesquisador: E o mais novo.

Narradora: É, o mais novo 'tá cum seis meis. 'Tá [a]té ser operado agora. Tem ãa operaçãozinha de coração, tadinho. Hein?

I.T. [Filha]: Treze bisnetos.

Narradora: Treze? Ah, então 'cê contô errado.

I.T. [Filha]: Eu que contei errado, porque tem o (...) e a (...), que são os mais novos. Treze.

Narradora: Treze? É bastante gente, né (*risos*). Mais o s[enh]or precisa de vê o carinho que esse povo tem comigo. Eu acho que até demais. Me pagiam demais, mas [#].

Pesquisadora: Mas num é bom?

Narradora: E[le]s acha qu'eu mereço, melhor, né?

Pesquisadora: Claro.

Narradora: Graças a Deus vivi cinquenta e quato ano casada. Maridim brabo, mas graças a Deus vivemo[s] muito bem (*risos*), porque ele falava e eu num ligava não. Ele falava[#] ele punha muito defeito nas coisa, né. Aí quando ele punha defeito, eu falava assim: 'cê num gostou, não. Ele falava: *não*. Aí eu: Ah, então 'cê pega e faiz. Ieu saía de perto dele e num brigava (*risos*).

Pesquisadora: Boa (*risos*).

I.T. [Filha]: Conta pra eles.

Narradora: O que?

I.T. [Filha]: O que a senhora gosta de fazer (*incompreensível*).

Narradora: Ah, de iscrevê ieu gosto muito. Eu gosto de iscrevê um muncadim to'dia, me[do] da minha mão ficá dura, meus dedo ficá duro um muncadim. Quarqué coisa ieu pego o papel. Eu tenho minha caneta ali, meu papel d'eu iscrevê. Ah, quarqué coisa eu iscrevo um 'cadim to'dia. Hoje qu'ieu ainda num iscrevi porque [a]inda [#].

Pesquisadora: (*incompreensível*).

Narradora: Ah, isso ieu gosto. Leitura ieu gosto muito. E[sse]s dia ieu num 'tava len[d]o, porque ieu 'tava meio duentada, né. Mair tem que agradecê muito a Deus a vida, né. Que nosso Senhor é tão bom. Ele é que dá a vida a gente e, e, e se num fosse [#]. Gosto muito de dá ismola pra igreja, porque se num fosse ele me dá a vida, num tinha cubrim³⁰, né. Ieu ganho muito poco, mas também tem nada de dispesa.

Pesquisadora: (*risos*) porque não precisa, né.

Narradora. Não. Tudo é pra rezá, mandá celebrá missa pros oto, pros que já morreu, pros que 'tá vivo. É, é, é das minhas irmandade. Num compro nada, num pago nada, tamém num gasto nada, né. Graças a Deus. O povo dexa faltar nada, graças a Deus, né. Intão. Oh, gente 'ceis desculpa, porque a gente não sabe conversá muito bem, né (*risos*).

Pesquisadora: Não sabe conversar? Imagina. Como é bom ouvir a senhora conversar e contar a vida da senhora.

Pesquisador: O que a senhora gosta de ler?

Narradora: Por que qu'ieu gosto de lê?

I.T [Filha]: O que?

Pesquisador: Que tipo de livro a senhora lê?

Pesquisadora: A senhora lê livro?

I.T [Filha]: O que c'a senhora gosta de lê?

Narradora: Ieu gosto de lê tudo o que eu vejo. E[le]s chega e fala que vai lê pra mim, ieu num aceito. Não, 'ocêis pula. Ieu que gosto de lê. 'ocêis num ingana. Ó é carta, é revista, jornal. Todos os dia minha fia assina o Estado de Minas, ah leio to'dia. Num 'tô leno esses dia, mas todos os dia. Taí e 'ocêis pode ver aí. Aí eu assino famia cristã, mais é elas que assina, num é eu não, eu só pra lê. O Mensageiro Coração de Jesus, mais o que? Xô vê, tem mais.

Pesquisadora: A senhora gosta de ler revista?

Narradora: A Veja, eu gosto de tudo. Falô que é lê é comigo, né. Ieu gosto muito de vê o que que 'tá passano no mundo. E[le]s fala assim: *desliga a televisão*. Falo: não, dexa a gente vê,

³⁰ Diminutivo de *cobre* (dinheiro).

porque a gente reza pr'aquele povo que 'tá sofreno, né (*risos*). Eu gosto de rezá pro povo que 'tá sofreno, né. Que é tanta gente sofreno, mais gente, acho que é isso mesmo, né.

Pesquisadores: (*pergunta incompreensível*).

Narradora: Não, eu nasci aqui e fui criada aqui.

Pesquisador: A senhora nasceu aqui?

Narradora: Nasci aqui, num arraialzim pobre. Tinha até casa de capim, aí.

Pesquisadores: (*incompreensível*).

Narradora: Meus pais eram daqui. O meu pais era daqui. Minha mãe num era não, mais ela foi e mudou pr' aqui. Ela era de Tapicirica. A mãe dela ficô viúva mudô pr' aqui. Intão, nós somo[#] ela, a gente foi criada aqui mesmo. Nascido, criada, saí só pra i[r] nessa roça qu'ieu num gostava.

I.T [Filha]: Foi nessa roça que[#]

Pesquisadora: Qual é a roça?

I.T [Filha]: Como foi a vida lá na roça?

Narradora: Não, a lá a primera num foi muito boa, porque eu morei na casa do sogro muito tempo. O sogro era munto bão, mais num era bão morá junto não. Mais depois o marido teve uma casinha. Tinha a casinha da gente, eu gostava munto de cuidá da minha casinha. Gostava munto de botá pote, forrá. Naquele tempo era pote, num tinha filtro não, punha lá forrado, meu Deus, mais num aparicia ninguém pra me pedi[r] água, ieu ficava triste. Ah, curuiz amado, eu num quero morá nisso aqui não, mas morei enquanto precisô. Mas dipois, Deus ajudô ele adoeceu. Ele adoeceu e nós tivemo que mudá de repente aqui pra São Tiago. Chegamo aqui oito hora da noite, com munto sacrifício. Aí é qu'eu [a]cabei de criá; foi criano esses oto e chegano mais argum e, graças a Deus[#] 'ocê quer que assunto?[#] e graças a Deus, aqui eu 'tô até hoje ainda, né. Com muita luta pra comprá essa casa. Ih, só o senhor ven[d]o. Comprô a casa, aquela que 'tá lá na parede, seis conto e quinhento[s].

Pesquisador: Que ano mais ou menos assim?

Narradora: Como que é?

Pesquisadores: Que ano que a senhora comprou?

Narradora: Quaren[#] ah, isso agora num 'tô lembrada não. Ano da casa? já tinha a (...), foi em 43, por aí assim. É, porque a (...) nasceu em quarenta e dois, foi em quarenta e treis.

Pesquisador: Era nova?

Narradora: Não. É, é, era mais o[u] meno[s]. Servia bem pra morá. Mais aí a gente ficô Moran[d]o aí, o dono deu pra gente morá uns tempo, depois [ele] falô: *agora eu quero vendê*. Quand[o] e[le]s que[r] vendê[#] ele falou pro meu marido assim: (...), 'ocê que tem que comprá

essa casa, [porque] 'ocê tem muita menina. Aqui tem ãa horta muito boa, intão (incompreensível) passava na horta. 'Cê num pode ficá com home estranho plantan[d]o na horta não, tem que se[r] [d]a casa. Mais seu (...), eu não posso comprar. Dá jeito. Aí vendeu os porvi³¹, vendeu as vaca dos menino, vendeu ãas coisa. Graças a Deus [a]rranjô, pagô tod[a] dívida, né. Os fi tam[b]ém coperaro alguma coisa dispois. Mais aí, vend[#] comprô a casa, depois comprô a horta por um conto de réis. Esse conto de réis ainda teve que passá um documento. Naquele tempo usava documento, né? Hoje é que num tem isso mais não. Ai, graças a Deus [a]inda lutei, vivi, graças a Deus, criei meus fi com munto carinho.

I.T. [Filha]: A senhora tem dezessete netos, né e quatorze bisnetos.

Narradora: Ah, então 'ocê errou munto. Dezessete neto?

I.T. [Filha]: Quatorze bisnetos.

Narradora: Ah, então os bisneto 'tá quais passano (*risos*).

Pesquisadora: Os bisnetos estão quase passando.

Narradora: Ah, te contá um causo. Elas 'tavam na escola ieu sempre fui munto ruim pa fazê conta. Aí a (...) 'tava é[#] armuçô e saiu, ia [fazer] argum trabaio, né. Ieu falei assim: Oh, (...) faiz essa conta aqui pra mim. Aí ela falou: *Ô mãe, ieu num vô fazê conta agora não, ieu agora preciso de[#]* ela tinha quarquê probrema, né. Aí ela saiu. Quando ela andô um muncado aqui na rua, ieu chamei ela: *Ô (...), vem cá minha fia.* Ela falou: *O que é, mãe.* Vem cá, ieu preciso munto d'ocê. Aí ela vortou, né. *Intão, o que a senhora precisa?.* Eu falei: Pr'ocê fazê a conta pra mim. Pra isso ieu te pus na escola, pr'ocê mim ajudá. 'Cê pode fazê? Aí ela sentou, fez a conta e até hoje ieu conto esse causo e ela acha engraçado (*risos*). Aí ela fez a conta.

I.T [Filha]: Num teve jeito. O que mais a senhora quer contar?

Narradora: Ah, acho que agora num 'tô lembrano de mais nada não. Agora num 'tô lembrano de alguma coisa mais não.

I.T. [Filha]: A senhora contou pra eles como foi abertas as ruas aqui em São Tiago? As paradas de São Francisco? São dois casos que a senhora conta. Chamava parada aqui?

Narradora: Não, isso eu num lembrei de contá pra ela não. Ah, isso foi, o prefeito que era[#]

I.T. [Filha]: Mas não era o prefeito não.

Narradora: Era não, né.

I.T. [Filha]: Era um padre, um padre. Quando for' abri[r] as primera rua aqui ele convocou o povo e os parente da (*incompreensível*). Eu sei, mas é mais interessante a senhora falá. Foi a senhora que contou pra mim.

³¹ Variação de *porvilho*.

Narradora: Foi no ano que o (...) nasceu. Com'ê que é, deixô lembrá. Ele era mais, depois da (...), (...) nasceu em[#], esqueci.

I.T. [Filha]: Ela é de setenta e um.

Narradora: Eu sei que teve uma parada aqui, esse (...) arrumo[#] Ele gostava de [#].

Pesquisadora: O que era parada?

Narradora: E[le]s chamava parada de abri[r] rua, né (...). Ele abriu munta rua aqui.

I.T. [Filha]: Esse senhor, ele mais tarde assim, mais tarde aqui, ele veio a ser prefeito aqui, sabe. Duas vezes ele foi prefeito.

Narradora: Ele morava no Rio.

I.T. [Filha]: Ele era do Rio de Janeiro. Ele veio parar aqui como funcionário do, do recenseamento.

Narradora: Era do Bom Sucesso, vei[o] pra cá.

I.T. [Filha]: Nasceu em vinti novi.

Narradora: Vinti novi, né.

I.T. [Filha]: Aí ele ficô gostando daqui, né. Aqui era um arraiázinho atrasadinho. Hoje 'tá bem adiantado aqui, né, mãe? Hoje 'tá bem adiantado aqui, né, mãe.

Narradora: Ah, Graças a Deus. Era chei[o] de casa de capim.

I.T. [Filha]: Mãe, a gente já registrou que o professor (...) falou pra senhora? que a cidade mudou muito.

Narradora: Ih, mudou muito, meu Deus do céu. Contá pr'oceis.

I.T. [Filha]: Pra abrir as rua.

Narradora: Contá pro senhor. Sabe como é que a gente sab[e] cum[o] ia pra escola? C'ũa caixinha daque[la]s de papelão debaixo do braço, oh. E andava munto pra podê [#]

I.T [Filha]: Com aquelas cestinha de palha também.

Narradora: Ah, mais custô chegá as cestinha de paia (*risos*). Custô chegá, custou, bem.

I.T. [Filha]: Esse senhor convocou o pessoal, sabe, pra[#] porque o terreno foi doado por um casal[#].

Narradora: E[le]s não sabe, mas por exemplo, aqui era assim, pra atravessá dessa rua pra outra lá do hospital', era uma i[lh]a enorme. Aí ele abriu as rua, né.

I.T. [Filha]: E fez um quarteirão.

Narradora: Aí melhorou munto, né. Esse (...) trabalhou munto aqui.

I.T. [Filha]: Então pra abrir ruas, aqui era só um núcleo de casa, né, o centro, né. Então ele convocô o pessoal para o pessoal parar de[#] parada de São Francisco, era parada[#] aí vei[o] o povo da roça, sabe. [[Cada um colaborou como podia, né

Narradora: Mas ele pedia]]. Ele pediu os fazendero pra dá mantimento [#].

I.T. [Filha]: Os fazendero tinha que dá os mantimento. As mulheres tinham que fazer comida.

Narradora: Fez aque[la]s vala assim, punha fogo e aque[le]s os tacho grande pra botá o[#] fazê comida pro povo.

I.T. [Filha]: As mulheres colaboravam cozinhando, os fazendero dano os mantimento

Narradora: Todo mundo colaborô.

I.T. [Filha]: E o pessoal trabalhando. Isso era na foice e na enxada pra fazê descida das ruas.

Narradora: É. Aí é que foi começano a melhorar Sã Tiago, né. O (...), nós devemo munto [#]

Pesquisadora: Um pequeno (*incompreensível*) começou a mudá o aspecto, né.

Narradora: Nós devemo munto obrigação o (...), viu. E por isso qu'eu gosto munto desse moço que mora aí.

I.T. [Filha]: Mais tarde a construção das primera escola aqui tamém que foi o mesmo estímulo, certo? Com esse esquema de mutirão. As mulheres cozinhando, os fazenderos c'os mantimentos e cada um participava como podia. Quem tinha carro de boi ia fornecê o carroto para o transporte de material. Quem tinha tijolo ia dá tijolo, quem tinha pedra ia fornecê pedra. Quem não tinha nada ia trabalhar. Quem era pedreiro ia oferecer seu serviço.

Narradora: Meu avô sempre[#]. O vovô (...) sempre na frente de tudo. Meu avô chamava (...).

I.T. [Filha]: Eles era unido.

Narradora: Eles era unido e tudo. Ele era farmacêutico, ele era fazendero, ele era doutori, ele era tudo um poco. Ele fazia, né, porque não tinha outro, era ele, né.

I.T. [Filha]: O tio (...) falava: *eu não tinha bolo, eu não tinha tijolo, eu não tinha pedra, eu não tinha nada*. O que ele falava. Aí o que que eu dei pra fazê a escola, o (...).

Narradora: O (...). O (...) [a]judô munto tam[b]ém, deu carro de boi. Ele era carreiro. Ele machucô até a cabeça, caiu um pau na cabeça dele. Na época 'tava fazendo esse grupo escolar aí.

Pesquisadora: Como que a senhora quer encerrar essa fala?

Narradora: Han?

I.T. [Filha]: Como que a senhora quer encerrar essa fala? Essa fala de São Tiago que a senhora disse.

Narradora: É. Sã Tiago é uma cidade boa pra nós que estamo[s] aqui nesse lugarzim pobre, né. Graças a Deus temos bons professores, boas escola, bons padre (*risos*). Os padre já passou,

'tá passan[d]o, mas bom tam[b]ém, né e graças a Deus os fi da gente já pudero estudá melhor, né do que o que foi a gente que passou, mais a gente aprendeu apenas a vivê, né. A vida e me serviu munto. Meu marido adoeceu lá na roça, me valeu o que eu sabia escrevê um 'cadim, mandei um biete po meu vizim, que era meu[#] padrim dele lá na roça e tinha um carro, este carro aqui, que veio trazê a gente pr' aqui oito hora da noite chegamo aqui.

I.T. [Filha]: A senhora deu aula também, né.

Narradora: (*risos*). Ah, mais iss'ê. Lá na roça eu ensinei as criança que precisava, né. Os coitadim saía da escola, queria aprendê, né, a gente tinha que ensiná um muncadim. O poco que a gente sabia tinha que ensiná, né. E assim vai valen[d]o pra todo mundo, né, graças a Deus. E com isso eu tem muita amizade aqui, graças a Deus, viu. Graças a Deus. Oh, aqui a gente pobre, é rico, é branco, é preto, de quarqué forma, tudo gosta munto de mim, não gosta? Graças a Deus.

Pesquisadores: (*Palmas*).

Narradora: (*risos*) munto obrigado, munto obrigado.

Pesquisadora: Obrigada. Muito obrigada.

N5M75SP

Pesquisador: Então, o nome do senhor?

Narrador: (...), mas /.../ tanto vai lá pra Cunha, Camungol, Jalapão negociá os met[r]o de corda, Jordão, papai chamava (...). Ninguém me conhece mais por nome (...). Mais ninguém conhece seu (...) (*incompreensível*).

Pesquisador: Setenta e cinco anos.

Narrador: É, 'tô com setenta e cinco.

Pesquisador: [Morou] sempre aqui?

Narrador: Toda vida aqui.

Pesquisador: Toda vida morou aqui?

Narrador: Papai comprou aqui im mil novicentos e quarenta e um aqui, e (*incompreensível*). Eu vim pra cá 'tá com quarenta ano [#]

Pesquisador: Que 'ocê mora aqui.

Narrador: É. Tá [com quarenta ano] qu'eu moro aqui. Trabaiei no (...), trabaiei no (...) servino de pedrero, de carpintero, ajudano no caminhão, mar num deu certo, eu num gostava. Eu gostava, ah, eu gostava de negociá um poquim, né. E todo mundo tinha cunhicimento, mandava eu[#] um cara pra vendê, 'tá c'os porco, aí eu comprava, eu criava galinha, comprava de todo mundo.

Pesquisador: E tinha mais gente morano aqui do que hoje, ou hoje é mais povoado?

Narrador: Ah, não. [An]tigamente tinha mais. Eu vou ser franco, dizê po senhor: condo eu cumecei a vida, eu me casei cum vinti seti ano. Comprei um carro, quato boi, mais fiquei devo no quatozentos cruzero ainda pa pagá. Mar a sorte minha é que arrumei uma friguísia japoneizada e cumecei ganhá a vida, japoneizada já viu. Vinti um japoneis, vai pidi. Trabaiaava dia e noite, mai dento de noventa dia tamém, eu livre noventa e cinco cruzero e já comprei quat[r]o alquero e meio. Aí fui. Fui dano um jeito, né. Mais eu tinha[#] cheguei a te[r] dezoito camarada, naquel[a] [época] a japoneizada mi ajudava, né. Aí pidia, quero boi, quero carro, o que ele pidia eu arrumava, levava e vendia pra ele. Eu dava (*incompreensível*), ia lá na COFAB lá. Era vinti um japoneis que prantava nessa horta aí e tudo bão. Ê beleza. Então, mair tinha que (*incompreensível*) oito da manhã. (*incompreensível*) eu 'tô cum setenta e cinco ano, é, é de todo açúca [#], eu sô de vidro cum médico, num gosto não. Tive pelumonia, mais parece que ia tratá de ota coisa. Carro de boi, ando a cavalo, gosto, gosto demais.

Pesquisador: O senhor tem carro de boi?

Narrador: Tenho um carro de boi, ando.

Pesquisador: E 'ocê anda por aí no carro de boi?

Narrador: Hã?

Pesquisador: Estrada de terra tem bastante aí?

Narrador: Num tem. É por caus diss' qui 'cabô o carr' aí de boi, cas de que os boi vai pisano nas pedra e 'caba, né. Intão nesse [tempo] era vê uma lenha, i[r] pro campo, puxá uma raçãozinha tudo pertim, né, agora tem tratô tamém.

Pesquisador: Tem, né. E só o senhor que tem carro de boi ou mais gente?

Narrador: L'em cima tem tamém. L'em cima tem mais gente. A maioria que lida cum curral tem, né. O (...) tem, o (...) tem, esse (...) tem e num importa a ração que o (...) [#] criação no esquema aqui [#]

Pesquisador: Tem carrero?

Narrador: É qui nem eu aqui, é aqui me[s]mo. Aqui se eu num[#] Eu tem cinco fio, um trabaia na cidade. Ficô um ali na frente, mora ali na frente, o mais velho.

Pesquisador: Em frente sua casa aí?

Narrador: Lá na frente. E o, o caçula 'tá cum vinti e cinco ano, vinti seis, mora ali. E oto mora aqui, e oto mora l'embaxo. (*incompreensível*). Tenho nove filho.

Pesquisador: O senhor já tem neto?

Narrador: Tem bisneto tamém (*risos*)

Pesquisador: Bisneto já? Quantos bisneto?

Narrador: Não. Tenho um só, mais já tem. Mais setenta e cinco ano, né. Mais 'tá bõ. Eu gosto dimais daqui. Igual camarada qui perde o imprego, mais num trabaio. E qué ganhá. Intão, eu sempre cuidei. Eu vô bateno aí pego e falo: é vinte rial, se fo[r] meno[s] eu num vô. A deiz, a oito, intão eu falei: se quisé pagá eu vô a vinte, mais eu vô pra trabaia. Larga eu e depois vem vê o serviço. Tem vergonha de trabaia pro sinhô e depois se servi de tarde. Ai meu Deus do céu, comigo num tem disso. Eu gosto de[#] e todo mundo, (...) fazendero lá vei[o] pra reformá a casa dele e a fazenda. Fui lá e trabaiei dois meis e poco pra e[le]s lá. É, trabaia pra um, pra oto.

Pesquisador: Quando o senhor pega um serviço desse, uma casa, por exemplo, o senhor revena, faz reparo, pinta.

Narrador: Eu maceto um poquim. Eu maceto um poquim. De tudo faç' um poquim (*risos*). De tudo faço. Não, graças a Deus, né, até a cultura do boi do (...): *mais minino, cumé c'ocê aprendeu tudo. 'Cê dirige carro, anda a cavalo e pá pá pá, e faz tudo isso e trabaia pa vivê a base de pedre[i]ro, aí inté a[#]*

Pesquisador: Se for preciso o senhor põe o telhado.

Narrador: Eu trabaiei no (...), eu ia pa lá e meu sog[r]o me exigino num deu muito certo. Aí fui pa cidade. Trabaiei na Vila São José, mas deu certo, graças a Deus. Aí, mamãe tinha ãa chacra lá. De lá arrumei [um] servicim na Vila São Carlo, ali. Naquele tempo uns quarenta e tantos ano atrás, né, e cumecei. Só ali fiquei[#], na (...) eu fiquei, mais eu ajudei fazê onze casa. Dali o seu (...), munto bão patrão, né, ieu era servente. Aí, ele pegô, meu cunhado que era impleitero, ele falô: *cadê seu (...), que era meu cunhado, né. Falei ele, ele 'tá [a]pontando, né, chegô. Uai, cumpade (...) chegô, né. Era onze pedrero né, acabô na esquina, na manguera ali. Chegô pá, pá, pá e falô: O (...), sou eu, tira um pedrero seu daí e coloca seu cunhado no lugá dele.* Eu era servente. Fiquei mei[o] chateado, né: *tira aquele lá, seu cunhado assenta muito mió tijolo e trabaia muito mió do que ele. Po[de] tirá.* Aí o cumpade (...): *ô cumpade (...), vem cá, vai ali no lugá da pá, pá, pá.* Aí o seu (...) falô: *iscuta, daqui em diante 'ocê fica pr'aqui, mais eu vou arrumá serviço pr'ocê num aluí, pr'ocê trabaia cumigo.* Ê, mais aí foi batê duro. Vi aquele britadô lá, né, falei: *óia, aqui um caminhão de serviço. Não, aqui 'cê [a]juda eu carregá lá. Mas por semana nós pagava, louco pa pagá, uma beleza, pagava bem, né. Aí naquele tempo eu era novo, gostava de trabaia mesmo. Fomo lá na semana do[#] cinco ajudante. Ah, num[#] ah, era mais caro no relógio pa nós carregá, né. Trabaio mei[o] imbicado c'oto, né. Tabaiei só de camisa, andei[#] caminhei uns cinco met[r]o era meia hora pa carregá, 'cabei ligero. Não vai supossan[d]o o oto. Aqui era metade, ele lá na frente, eu atrás c' aquele garfo né, pa descarregá e[ra] quinze minuto, mais meti o pau pa chegá no serviço, o bornal pagava, né. Ah, era uma beleza, né. Era bastante dinheiro, aí ele falou: seu (...) eu vô arrumá serviço que dê (incompreensível) pr'ocê.* Sim, sinhô, 'tá bão. Eu fiquei lá de [a]judante. Quando foi um belo dia ele falô assim: *'tá chaman[d]o 'ocê num, num [a]campamento lá.* 'Tá bom. Dr. (...) era grandão, fortão assim, e o Dr. (...), né. *O senhor qu'ê [a]judante do seu (...)?* Sou sim senhor, né. *ocê vai trabaia fichado, vai trabaia na caxa d'água, revesti a caxa d'água, ajudá.* Pois não, uai, eu vô. Aí fiquei lá oito meis e poco. Aí tinha um irmão de mamãe que trabaia a conta aqui, já queria saí e mamãe: *ih, cumê que faiz, cumê que faiz.* Aí eu saí aquilo, já num 'tava gostan[d]o do sinhori nada, mais eu comprei um lote ali no São Carlo, deu serviço e comprei um lote e ãa casa. Tem até hoje ãa casinha ali.

Pesquisador: E era ãa casinha de quantos cômodos?

Narrador: Ah, moço, falá pro sinhori, acho que uns cinco cômodo e tem mais uns [#].

Pesquisador: E quantos metros quadrado?

Narrador: Deiz por trinta. É? o lote[#] o lote aí?

Pesquisador: O lote é deiz por trinta; a casa pode ser?

Narrador: A casa num[#]. Óia, eu vô se[r] franco cu sinhori. Um dia choveu moiô[#] quando vinhero pra cá foi pra alugá a cento e cinquenta por meis. Aí o rapaiz: *ih, mãe 'tá doente, ih, pá, pá, pá, pá, não dá pr'ocê abaxá pra mim?* Ih, meu Deus do céu, eu abaxo cento e vinte e cinco. Ficô cento e vinte e cinco. Ficô oito meis e mei[o] e num pagô (*risos*).

Pesquisador: E essa casa o senhor fez? Do baldrame até o telhado?

Narrador: Não, Fiz. Trabaiei dia e noite. Trabaiaava no (...), puxava de noite e emendava c'o pedrero, dia e noite. Às veiz uma hora, duas hora da madrugada eu parava pa descansar um poquim, porque o (*incompreensível*) feiz de conta lá.

Pesquisador: Então o senhor entende de encanamento, de [#].

Narrador: Ah, eu macetava de tudo um poquinho.

Pesquisador: Assentá porta, [[janela

Narrador: Alqueijame, massadera]] (*risos*)

Pesquisador: O madeirame do telhado aí, num é difícil subir?

Narrador: Essa maderá ruliça, pa quem nunca trabaiô, mais esse crivo num [a]rruma dereito, mas tem que tê o costume, a malícia, né, porque ela é meio dispontada, né, mais du[ra]. Tem que te[r] jeito, né. É jeito. É a mesma coisa, num adianta. A gente vai lá e compra essa maderá, porque eu vô fazê um puxado ali, maderá cerrada, mais quem num sabe dá o gorpe, intão fica[#] vô falá que nem o (...), imenda tudo raizada, ah, não.

Pesquisador: Empena?

Narrador: Não, faiz a imenda mais o cerrote. Num gosto disso, corta dum lado, corta do o to fica abergue. Eu num gosto, eu gosto de que fique certinho, né. É, tem que sabê o que 'tá fazeno. Tem que medi[r] tudo.

Pesquisador: E aqui faz telha? Tem olaria por aí?

Narrador: Num tem. Só no remédio.

Pesquisador: O que é o remédio?

Narrador: Tamém ali, agora mudô c'a cidade, né [#]

Pesquisador: Tijolo também? É na cidade também?

Narrador: É, na cidade, né. O (...) mais é o di[a] inter'[#] tem que sobe ali o banguela morro grande. 'cê sabe ali, lá chacra do (...), ali tem um depósi[to] munto bão ali.

Pesquisador: Ah, tem depósito.

Narrador: É.

Pesquisador: Fazer mesmo aqui no lugar, não faz?

Narrador: Traiz [#]. Não, não. Aqui não, [[mas a gente vai lá e compra na loj', ele vai [#], na hora ele traz.

Pesquisador: Não tem, não tem argila?]]. Não tem argila aí?

Narrador: Num tem não sinhô, num tem.

Pesquisador: A terra é boa de agricultura?

Narrador: Nossa (*risos*). A poca hora eu falei pro sinhori que ele é da cidade, né, ele anda de carro. Intão, e[le]s lotiar' ãa fazenda ali e ele comprô parece que oito alqueri e vei[o] aqui pedi[r] po fi fazê carroto. Uma coisa o[u] ota, né, ajud' ele, né, 'tá bom. Intão falei que a respeito de terra, eu tenho um paiolzim lá, uns cento e vinte caiero. Eu, 'tô (*incompreensível*). Eu descobri ele pa podê colocá o mio. Agora que usei, eu aluguei po fio lá tem[#] é o fio mais velho (*incompreensível*) e esse aqui (*incompreensível*), mais 'tá bão, né. O povo daqui tem grande alquero, tem de tudo aí e eu ajudo. Levanto, tiro[#] ajudo a [a]marrá vaca, eu faço de tudo um poquinho.

Pesquisador: Ah, bom.

Narrador: Porque eu num fico parado lá, fica assim: 'cê num pode trabaiá com essa idade avan[çada][#] é. Foi o que eu pensei. Pa cubri eu, graças a Deus tem saúde. Com Deus, ah, tem que trabaiá, né.

Pesquisador: Tem apetite, idade boa.

Narrador: Quarqué oto, ninguém óia. 'Tá oferecen[d]o po povo aí, né. Mais sete hora eu 'tô na cama (*risos*). Sete hora eu 'tô deitado.

Pesquisador: Então o senhor tem de criação (*incompreensível*).

Narrador: É tudo do (...). É tudo dele.

Pesquisador: (*incompreensível*)

Narrador: Eu tem um poquinho tamém, muito poquim. Eu vendi pra ele pa podê[#].

Pesquisador: Tem um bizerrim bem novim ali.

Narrador: Tem, é do fio que 'tava deitado ali.

Pesquisador: O senhor tem picadera?

Narrador: Óia, picadera é do fio tamém, aqui nenhum produto é meu. Não, tem o motor a óleo tamém, mais 'tá encostado lá, 'tá encostado lá e [#]

Pesquisador: E o milho é o senhor que planta?

Narrador: Não, aí já plantamo. Já 'tá nascido já o mio; pra lá, né.

Pesquisador: Cana?

Narrador: Ah, cana. O capim miero, tem bastante.

Pesquisador: Cana é pra fazê [#]

Narrador: É por caus[a] do gado. Pra tratá o gado, é. É ração po gado, é. Tem bastante cana e é por isso que dá um [#] porque tem que comprá, então.

Pesquisador: E a galinha é caipira assim, solta.

Narrador: É, aqui é /.../. Eu gosto de roça, toda vida gostei.

Pesquisador: Muito bom, né.

Narrador: Eu tenho um irmão lá no, tá (...). Tem gente que num gosta, mais ieu gosto de roça. O fio que trabaia na prefeitura já há mais de vinte e tantos ano.

Pesquisador: Ah, é funcionário da prefeitura?

Narrador: É, ele é. Ele é sim sinhori.

Pesquisador: Huum. O que que ele faz na prefeitura?

Narrador: Olha, ele é operado. Faz de tudo.

Pesquisador: Operador.

Narrador: É, ele faz de [#] qualquer máquina pra ele é brin[#] é que nem esse fi que 'tá deitado aí, ele tamém trabaio pouco tempo lá

Pesquisador: Entendi

Narrador: Depois eu falei: ah, 'cê abre [a]quele terreno lá, vamo lá, ajeita aí pra ele né. 'Tá bôo, ganha um até aposentá tamém, é mixaria, mais [a]juda, né. É um salário só, mais [a]juda, nossa sinhora.

Pesquisador: Tem galinha angola também? Eu vi uma correndo lá longe.

Narrador: Tem, lá na, tem.

Pesquisador: Foram lá pa estrada.

Narrador: Vai. Ah é, tem angola, tem ganço, de tudo um pouco.

Pesquisador: Pior que os cachorro c'o barulho?

Narrador: Han?

Pesquisador: Pior que os cachorro c'o barulho?

Narrador: É, é, é bom, é, é, é firme. Pa chegá um cachorro lá 'cê me ataca. Se passá uma gente na estrada e chegá ele já sabe.

Pesquisador: Ele avisa.

Narrador: Dá, dá alarme.

Pesquisador: Cachorro às vezes dá o aviso, mais [#]

Narrador: Esses cachorro, coitado. Às veiz ele saía comigo demais. Ia pum lado e vendia, pra ele tudo uma coisa só, né.

Pesquisador: Uhum.

Narrador: Eu num gosto de cachorro brabo não. Às veiz passa um amigo aí e vem chegan[d]o, ah, Deus me livre e guarde. Aqui fica canhado.

Pesquisador: O senhor 'tá num lugar sossegado, num precisa de cachorro brabo, né.

Narrador: Aqui é um lugá muito bom, muito bom.

Pesquisador: Seu pai morava aqui também?

Narrador: Pra lá.

Pesquisador: Mais é aqui no [#]

Narrador: Ah é, é, nós foi nascido e criado aqui. Papai nasceu aqui no Munjolinho.

Pesquisador: Munjolinho.

Narrador: É, Munjolinho. O senhor conhece aí. Tem uma granja ali. É Munjolinho. Tem um terrenim ali. Depois casô e ficô no corgo e comprô terra no [#] 'tá lá no Morro Pedro.

Pesquisador: E o avô, o senhor tem lembrança?

Narrador: Hein?

Pesquisador: O seu avô, [[também [#]

Narrador: Demais]]. Epa! Deus me livre, é que o s[enh]or (*risos*). Forte mesmo, ih, meu avô era[#] e tod' os dois como diz ele era tamém. Ih, meu avô, Deus me livre, a gente forçado, ele era mais alto um poquim, mai [#]

Pesquisador: O senhor sempre por aqui?

Narrador: Toda vida.

Pesquisador: Então, o senhor será que ouviu contar uma veiz aquela história da Pedra Grande?

Narrador: Do homi da (*risos*). É, toda vida teve aquil' lá (*tosse*). É, toda vida. Tod' mundo fala, mais diz que o fio foi lá tirá o pai, né. E o pai pediu socorro e levô, mai ele atolô na pedra ficô parado na pedra e num conseguiu não fazê nada. O cumpade (...) mora lá em[#] ele num é de[#] nossa o chão batido em pedra setenta e pocos anos, né, faiz tempo, nossa sinhora (*risos*).

Pesquisador: Quem contava isso era o seu avô que contava po seu pai e seu pai contava pr' ocê?

Narrador: Não, isso era nós todo mundo sabia dessa anedota.

Pesquisador: E o nome dele ninguém sabe.

Narrador: Não. Isso num havia não. Num 'tô sabeno não.

Pesquisador: Ainda há pedras daquele tipo por aí ou não?

Narrador: Pedr[a] [i]gual [a]quela, não, tem, tem. A pedra de[#] eu vou dizê pro senhor, aqui no nosso sirviço é uma pedra e eu vô se[r] franco, dizê po senhor. Ah agora fica em casa lá pa mais. É, capaiz que tem muita pedra.

Pesquisador: Agora ela chama Pedra Grande [#]

Narrador: Lá é Pedra Grande.

Pesquisador: Mas pra cima da terra tem pouca pedra.

Narrador: É uma lombadinha. É tem[#] é qui por caus' do acho que aconteceu isso, pusero o nome de Pedra grande, pedra grande e ficô, né. E o bairro tom[b]ém, né, mai a pedra é pequena em vista dessas pedra qui tem por aqui. /.../ Tem uma capela lá é qui eu [#] Tem uma capela hoje tem festa ali na capelinh'. O senhor foi l'em cima, não?

Pesquisador: Ali é [#].

Narrador: Nossa Senhora do Bom Parto.

Pesquisador: Ali é Bom parto?

Narrador: É, Bom Parto. Se falá que quiria uma capela, eu falei não sinhora. Pa cumeçá, no Ipiranga tem uma capela, no Munjolim tem ota capela. Santa Cruz tem a Capelinha, no sítio nosso lá Nossa Senhora do Bom Parto, e ota lá Capela São João, São João Assistido, São João me[s]mo, e tem ota capela de Santa Cruz lá nos Bragança, Pedra Grande, tem. Depois tem Capela lá no São Roque, mai é oto municipi Lagoinha, São Luiz, né.

Pesquisador: Lagoinha.

Narrador: É, São Luiz, Lagoinha, tem. Hoje [#]

Pesquisador: São Luiz é São Luiz de Paraitinga?

Narrador: É.

Pesquisador: Paraitinga.

Narrador: É sim sinhora. É, porque hoje me cunvidaro pra mim i[r] num churrasco lá no afogado, lá nos Avarenga. Falei: Deus me livi guarde, daqui lá por caus' de [#] ah, num vô não (*risos*). É munto longe, porque o [convite] é impropriu. Iiih, cadequê num gosto de frequentá munta festa, a veiz do oto. Aí tem festa 'cê vai e vorta. Hoje queria[#] hoje tem missa aí, i sô mai aqui[#] tem nove novena e fui em duas e bem didia. Fui numa missa aí c'a Dona (...) que faleceu e na[#] o cumpanhero dela já faleceu ele era munto amigo, e a rapaziada dele mora tudo por aqui, tem um que mora ae e tudo munto amigo da gente, mais depois num fui mais. Fui duas veiz só uma veiz aí e igual hoje é quato hora a missa diga (*incompreensível*) diz ê fulano, 'tá bem[#] é abelhudo, né, mai num éé. Eu num [#].

Pesquisador: Essa senhora que morreu, faz quanto tempo?

Narrador: Hein?

Pesquisador: Faz quanto tempo que morreu alguém aqui?

Narrador: Morreu? Faiz quinze dia.

Pesquisador: Quinze dias?

Narrador: É.

Pesquisador: Foi enterrada aonde?

Narrador: Faz mai ou meno[#] é uns quinze, nem tem quinze dia num faiz sab' por quê? No dumingo ela teve na casa do filho aqui, vizinho. Condo foi segunda-fera ela, diz que ela caiu duente, condo foi terça ela faleceu.

Pesquisador: Huum.

Narrador: Então foi rápido.

Pesquisador: Foi pa casa dela?

Narrador: Éeeee, não, foi no hospital me[s]mo. (*incompreensível*) foi no UTI, não guentô, já foi interrada lá no Cimintero Municipal, l'em cima.

Pesquisador: O Cemitério Municipal [#]

Narrador: É.

Pesquisador: É lá perto do Mostero? Do convento?

Narrador: Não, ali é ôto, ali é

Pesquisador: Ali é ôto?

Narrador: É, ali é ôto. Lá no alto, l'em cima, porque ali tem o cemintério do Convento ali, l'em cima é que tem o cimintero Municipal e tem o Cemitéro São Binidito, mai ele de casa vê.

Pesquisador: [Cemitério] São Benedito e Municipal?

Narrador: É.

Pesquisador: Vê ele da estrada?

Narrador: Han?

Pesquisador: Da estrada vê?

Narrador: Quando tira o chapéu vê. Aqui do alto do adubo vê tam[b]ém lá. É meio no alto aqui. E tem ôto cimintério nas painera l'embaixo, é (*tosse*). Nois vamo a pé. Nós anda tudo a pé.

Pesquisador: Não, não. Essa senhora que morreu era de onde? Ela era daqui?

Narrador: Ela era daqui.

Pesquisador: Que idade que ela tinha?

Narrador: Ah, vô sê sincero dizê po senhor, 'tava cuns setenta pra cima tamém.

Pesquisador: Ah, é.

Narrador: É. Forte (*tosse*). Ela morava na fazenda Americano. Ela e os filho dela tudo, mais mais de quarenta ano morano lá.

Pesquisador: Então quais todo mundo é filho daqui?

Narrador: É (*risos*).

Pesquisador: E não vem gente nova morar aí? Gente de fora?

Narrador: Óia, é provavelmente capaiz que vem. Imbaixo agora compraro a fazenda aí e lotiaro um alqueri de oito, então mai por enquando não. É só tudo conhecido.

Pesquisador: Isso é bom.

Narrador: É. Tem cunhicimento.

Pesquisador: Todo mundo conhece todo mundo.

Narrador: É sim sinhori. Eu gosto munto [de] andá; turma [de] cunhicido, né, não tem dor de cabeça. Tem gente que anda e dá dor de cabeça, né, atrapalha. E os senhores são aqui de Taubaté?

Pesquisador: Não, não, nós dois somos de São Paulo.

Narrador: (*risos*).

Pesquisador: O senhor conhece lá a Marquise, lá pert' da estrada no museu?

Narrador: Num cunheço. Óia, fui nascido e criado aqui se contá as rua que eu passei o social, eu só sei a minha saída ali, Faria Liv[r]e. [[Aqui num é dispois

Pesquisador: Então não é longe]] a Faria Livre vai dá, a Faria Livre vai dá lá perto da rodoviária nova?

Narrador: Adianta um poquinho. Não, vem 'té mesmo, vem 'té [a]li mesmo.

Pesquisador: Então, do ôto lado daquela avenida ali. O senhor tem a rodoviária.

Narrador: Tem sim sinhô.

Pesquisador: A rodoviária tem ãa avenidona.

Narrador: Tem.

Pesquisador: Do ôto lado da avenida é o museu. É lá que falar[am] o que tem o nome da[#] o pessoal de lá. A gente veio aqui, o sinhô quê vê, a gente veio aqui talvez uns quinze dias.

Narrador: Sim sinhô.

Pesquisador: E aí é que nós fomos lá no seu (...)

Narrador: É, sei, sei, sei (...).

Pesquisador: (...). Depois no seu (...)

Narrador: (...)

Pesquisador: E me falaro que eu num podia deixar de falar c'o senhor, seu (...)

Narrador: (*risos*)

Pesquisador: Aí a gente batemo aqui hoje.

Narrador: E[le]s são. Eu vô dizê, aquela turminha lá, num sei o que dizê dela, mais tem tanta confiança na gente que esses dia memo compraro um gado aí do (...). É muito chegado c'a gente aqui, então: *Um, cumé que tá, cumé que tá, ah, larga o dinheiro lá c'o (...)*. Dexaro o dinheiro

cumigo. Minino, guardá dinheiro do zoto é [#] mais ele é, falei: se 'ocê num vim buská [esse dinheiro] hoje, ou amanhã, ou depois, eu vô leva lá.

Pesquisador: O senhor virou banco? Banco (...)

Narrador: É, mai ieu num gosto, né. O bom[#] Deus me livre e guarde e, né, mai eu fico agradicido, porque [[tem plena confiança

Pesquisador: confiança]].

Narrador: É, mai eu vô sê franco c'o sinhô eu digo Campo Belo, Solapão, Cunha, São Luiz, Lagoinha, [Na]tividade é aqui pras Painera.

Pesquisador: Redenção.

Narrador: Catapava, Trabijú, l'em [A]parecida, lá perto do[#] da COFAB e[le]s negociava, mais nunca di cheque sem fundo e nunca tamém, é no dia é no dia. Ah, num gosto, papai dizia: *meu filho, o que fô o home*, papai morreu cum morreu aí tamém, *meu filho, o que fô o home num é tamanho, o nome é que* [faz] o home.

Pesquisador: É, né.

Narrador: 'Ocê ten[d]o nome. Por todo lado onde compro aí se eu vô a pé, se eu fô com dinheiro faço compra, se eu fô Lagoinha, quarqué lugá aqui e eu fico agradicido, né, que é tudo, se num tem oto amigo tem, *eu arrumo pr'ocê*, então, né eu fico agradicido.

Pesquisador: (*incompreensível*).

Narrador: Não, eu saía daqui uma mais eu, numa buca. Eu cheguei pra cá de Campos Alto era nove e pouco da noite, [a]inda armano uma chuva. Eu fui num banheiro que tem lá em São Roque, aí pousamo na estrada. Oto dia, faltava mais treis quilômeto de noite. No fim, um casal munto bão, véi, mais munto bão, deu café, um monte de coisa, arriemo a tropa, fomo na casa do seu (...), peguei nove nuvilha lá. Aí cedinho, condo cheguei em Lagoinha, tinha uns amigo da gente lá, graças a Deus, um lugar um tal de (...) e (...). Posei em Lagoinha seis hora da tarde, posei lá. Quando foi oto dia, saí [de] Lagoinha, seis hora, seis e meia cheguei aqui, andano só eu e Deus, tocano o gado

Pesquisador: Tocando as [#]

Narrador: É, as nove cabeça de gado.

Pesquisador: Então é uma, é uma tropa, né.

Narrador: Ah, é é é é.

Pesquisador: Cada mula com dois cajá, dois jacá.

Narrador: Não, num dava não, não chegava[#] sabia, vai na venda, comprava um lanche, lavá uma loça, né e arrumava às veiz ota vizinhança aí pra cima. O s[enh]or aqui, fome nós num

passa me[s]mo. Aqui pertim aquele lugá de[#] se tivé cunhicimento a sinhor num sai de jeito nenhum. É lá no (...) chegá uma hora dessa lá capaiz de num d[e]ixá i[r] imbora me[s]mo.

Pesquisadores: (*risos*).

Narrador: Tem que chegá e posá (...). Falecido (...), os fio dele mora mais tudo a me[s]ma coisa. Nesses ponto e[le]s é mei /.../.

Pesquisadores: Se todo mundo é conhecido, se é todo mundo família, aqui todo mundo conhece todo mundo, não tem novidade, sabe que é ùa pessoa de confiar.

Narrador: Ah, é. Eu vô sê franco c'ucê, eu sou sincero. Se quarqué uma pessoa[#] sai c'ũa turminha mais o[u] meno (*incompreensível*) se eu saí com uma pessoa boa, pode negociá com ele. Eu já paguei conta do zoto com esse negóço, quando o dinheiro valia doze mil cruzeiro e óia lá, vendi dezesseis boi pa podê pagá. Bati na lona, mais paguei a conta porque o meu compadre [#] chegô um fulano aí, dotô (...), falô: *iscuta, 'cê tem deiz mil cru[#] pa podê comprá*. Ah, era cruzeiro naquele tempo, né, falei: ah, eu num tenho, aí vei proseando c'o (...). Aí eu falei: o cumpade (...) tem, mora lá na frente. *Quant' é[#] vamo cumigo lá?* Eu falei: vamo. Aí o (...), eu apresento ele pr'ocê, que é dono da propriedade, chegô lá pá, pá, pá, tinha muito papo, num sei o que, vô arrumá a cumida lá, cumpade (...) muito bom, aí eu fui e falei (...), o (...) falô cumigo sob um dinheiro, mais eu num tenho, 'ocê já deu seu dinheiro? *Não cumpade, t'ái*. Aí falô: Seu (...), 'ocê num tem deiz mil pa arrumá pa ele? *Tenho, tenho até [o] dobro. 'Ocê qué levá?* Ué, eu levo. *Tudo bem, dexa cumigo*. Vai lá pra dentro e vem c'o dinheiro, aqui ele vai lá perto de mim e pá, confere. Aí, menos [uma coisa] agora. O (...) disse: *Seu (...) qualé documento que o sinhô vai querê. Documento? O cumpade (...)*.

Pesquisadores: Ah!

Narrador: (*risos*). Eu dancei. O (...), primero meis deu juro, paguei; segundo meis, paguei; terceiro meis, paguei, aí, aí, aí, nunca mais [em]boscada. Agora, 'tô aí e passei dinheiro, óia lá, óia lá perdi todo milhão, perdi. Ai meu Deus do céu, /.../ mai 'tá bão.

Pesquisadores: Na região, tem alguma coisa, alguma lembrança muito forte, dum caso, dum crime, de alguma coisa, qualquer coisa.

Narrador: (*tosse*) Tem é esse fato. Seu (...) era um minerão aí, morav' aqui embaixo, ó, um magrelão ligero, né e el'era mei famoso e da equipe do jagunço do tempo do destinado, destinado. Ele era o capataiz me[s]mo, tão respeitado e num era flor que se chera me[s]mo. Eu andav' cum ele. Pra mim num existia melhor do que ele. Mai quando foi casinha [#] tinha um sitiuzim pra lá, era dezoito alquero [para] limpá e ele ajudava: eu, eu, ele e as criança. Munto direito e trabalhava mulher, home, tudo. Aí falei assim: queria entendê o [#] antes de, foi no

natal, dia vinte e treis fomos lá. Quando chegô lá perto ele ia em casa e tinha [#] *falá pr'ocê que amanhã num dá pra mim i[r] lá, pra que o meu subrinho, que é fi do (...), 'tá estudano pa padre e vem passeá aí em casa; pra mim num esperá ele fica[#] vô fazê, tem que esperá*. Falei: sim sinhô, num tem probrema, num tem nem como. Aí eu vô lá, vai lá, vem e volta ele 'tava numa manguerinha desse eucalipo ali, ele, a Dona (...) que é esposa dele, porque a famia é tudo pequininim assim. Tinha uma égua grande, com imagem de pampa [#] ele chamava me[s]mo, ele puxava um, ãa. Aí eu cheguei em casa, almocei e se passa[#] l'em cima são quarenta e seis alquere e tinha um pasto separado lá, eu vô leva isso aqui pa pô o gado lá, aí munto piqueno. Dia seis de janero, eu vô[#] se botô eu num vi. Trabaiei um dia, almocei, peguei o sal e fui levá lá. Aí deitei na sombra quando vi so[#] epa sinhora, a sede e desci pa bebê água, eu ia embora. Quando cheguei, saí na estrada a turma ia jogano [fute]bol. (...), vamo jogá, eu gostava de futebol, falei: olha, eu vou jogá. Aí cheguei em casa, né, ah, não foi poca segundo (*tosse*), cheguei, entrô ãa filha dele, moça já, 'tava pa casá 'té, né: *Seu (...), acuda, papai atirô mamãe e matô mamãe e atirô ao (...)* que é o noivo dela. Falei: ah, num fala, ele num matô sua mãe. *Matô, mato*. E ela, a (...) qu'era a moça, a (...), não, a moça er'a (...), a (...), a (...), a (...), o (...) e o (...), o (...) tamém, foru se escondê l'em casa. O (...), a bala pegô aqui assim, per[to] da cinta e ooo, cumê que faiz? L'em casa tem um quarto nosso pra cá e oto pra cá, né, da rapaziada. Mai que coisa. *O (...) vai 'cabá c' ocê*. Falei: não rapaiz, [a]qui num tem perigo, num tem perigo. Mai Deus parece que dá ãa força pa gente. Aí, a fia dele fez [#] fia 'cê entra no quarto aí. Eu tinha ãa minina minha, 'tá moça cum trint' e tantos ano, né, piquinininha. Fica no quarto da menina e 'pera lá, fica quetinha, mais queta. Falei: O fio, deita aí na minha cama aí. Ele deitô de bruço e fechô o oi, nem suspira parece (*o narrador imita a respiração ofegante da criança*). Subi até o (*incompreensível*) ai, ai, ai. E um ventinho de frio. Vim c'a cumpanhera na mão, fui chegano perto e com um poco de mola atravessei a cuzinha. A velha chegô no terrero, foi chegano, foi chegano, nem iscutô e chegô, só pô o pé na[#] pô as duas mão batê na porta da cuzinha, meu pé na solera assim, falô: *o fi, coloca a minha fami[#] as minha criança pra fora aí qu' eu vô levá*. Mais num 'tá aqui (...). 'Tá, 'tá puque eu vi entrá aí, eu vô fazê ãa limpeza hoje. Falei: mais (...), num fala isso, não. *Já matei minha esposa e vô fazê limpeza*. Falei: 'ocê num matô, mai 'tô dizeno pra ele assim: 'cê matô, 'cê machucô ela. *Matei porque eu ixaminei*. Ai, ai, ai, falei: põe a, eu 'tô aí, vai de[#] O (...), o seu pai. Ela responde: *não 'tô falano que era isso*. Mai eu 'tava bem estiradim, os dois met[r]lo, mai ela respondeu. Põe ela pra fora que amanhã porque foi oito tiro (*incompreensível*). Falei: ó, seu (...) o senhor 'tá lidano é cum home, num é cum criança. O senhor 'tá lidano cum home, num é cum criança, não. E cheguei (*risos*)

e cheguei[#] ele 'tava cum revorve aqui e ãa faca aqui, quando pus a mão nele: *não põe a mão nimim*, eu falei: ok, é certo, 'cê tá nervoso. *Eu num 'tô nervoso*. falei: eu num 'tô nervoso, então vamo ali agora. *Num põe a mão nimim*. Ah, que isso, 'cê tá munto nervoso (*risos*) e foi uma luta e foi de fasto, fasto, fasto. Aí quando chegô no mei do terrero da cuzinha ele falô: *Ô, fuma um cigarro[a]í*. Mais Deus parece que encaminha mesmo. Eu vô querê[#] ele fumava aquel' fumim amarelim, goianim, né. Eu queria um corte de cigarro daque[le]s fumim goianim, assim, ó. Ele pegô (*incompreensível*), pegô um pedacim de fumo e deu, nem faca num tinha. Até o canivete, ele pegô a faca dele e mediu assim, lemb[r]o até hoje, mediu c'o cabo na minha mão e a fôia po lado dele. Eu pedi, falei pa véia: eu vô lá levá ele. Subiu, ele de fasto e eu colano com ele. Aí o pai do rapaiz morava aí no fundão desce, o irmão dele desce ai, ai. Disse que era cumpanhero, mais tudo cum medo. Vô ser franco, tinha um fazenderão al[i] imbaxo, era o (...), mais era mei sistemático, aí eu 'tava de fogo caçano cum ele. Aí eu falei: vamo chamá o (...) pa socorrê o (...), senão ele acaba morreno aí, dento da minha[#] do meu quarto aí, quarto. Socorro vai chamá, né. Falei: o sinhô aguarda ele aqui, seu (...), já comuniquei a polícia e me aguarda aqui no terrero. Num me sai daqui, porque o delegado deve chegá, vim em casa, tudo. O senhor que é réu leão fortão, chegado comigo e já contei. *Não, fico aqui me[s]mo*. Quand'eu vô muntá [no] cavalo, os dois 'tarraca [n]ele e toma o revorve dele e deu dois tiro pra descarregá o revorve. 'Tava uns seis, eu pulei de novo cheguei na mão de fulano, um tar de (...): me dá o revorve aqui. *Ih, que dia que nós vam 'bora*. Falei: Pode sortá o revorve. *Quer o revorve?* Falei: iscuta aqui, dá ele aqui. 'Tá bem guardadinho, né. Comigo ele 'tá melhor do que[#] num adianta, cumigo ele volta. Aguarda aí que eu vô chama uma condução pra levá 'oceis, né. Falei: Cumpade [#] mais tinha poca, tinha só doze pessoa (*risos*), eu vou l'embaxo. Cheguei lá falei: *Não vô l'embaxo, os home vai mata eu*. Falei: num mata. Num conversa, ninguém mata 'ocê. *Vai matá eu*. Falei: o revorve dele 'tá aqui, que ele promete fazê 'tá aqui cumigo. 'Cê vai lá, eu num vô. Falei: Então, me dá a chave, se 'ocê num vai, eu quero a chave eu vô levá seu carro, eu vô levá seu carro. *Então vô c'ocê lá*. Saiu e veio. Quando chega na descida ali, ele ia desceno aaaquela tropa, e a fia dele e ele, todo mundo. Eu cheguei, pulei do cavalo e falei po (...), (...), mais num era pa ele saí de casa. *Ah, cumpade, ele falô que lá, na sua fazenda ele num podia i[r] cu nós, mais aqui na casa dele ele tem uma cartuchera e um penado, [a]inda*. Aí ele num ia entrá na portera e pegô a fia dele pelo pescoço e Deus me ajudô, porque eu peguei levantei: *ela é minha fia*. Falei: é sua fia, mais o senhor [#] num foi que 'cê pensa. Olha ela, o senhor num sabe o que o senhor 'tá pensano. *Ela vai, diz que ela vai vê em casa c'a minha muié lá, vam' vortá lá. E pa cumeço de cun[#]* falei: iscuta, eu num quero sabê. Eu sô capaiz de [a]marrá o

sinhô e dexá até o delegado vim, deixo o sinhô amarrado [a]í. Aí sentô, chorô. Sentô e chorô. Eu pego até uma corda, e foi correno, ele sentô e chorô. (...), *num faiz isso*. Aí eu falei pra ele: intão vamo 'calmá. *É, não, 'tá certo*. Levantô, *vô chegá até em casa*. Falei: 'tá bão. Junto cum ele, parece que Deus ajuda. Quando chegô lá fora, ele levô a mão pa pegá a chave, eu puxei ele pa traiz e [a]rranquei a chave do meu borso. Assim, não, o senhor é pa aguardar no terrero, não den' de casa. Aí, ele deu a volta, chegô na porta da cozinha. Meti o peito, falei assim: oh, calma, não faiz isso, tudo no terrero. Aí, saiu bem na janela: *preciso bebê mais um gole de vim pra mim[#] eu sei que 'tô preso' agora*. Tirô a cinta dele, a cinta, porque quem 'tá na cadeia, num pode levá cinta, não (*incompreensível*) num dexa. Pegô um relógio bão dele de bolso que ele tinha. Falei: *É, iss' é de estimação. 'cê queria comprá, eu queria de (incompreensível), fica de presente pra você, po[de] passiá cum ele, fica de presente pra você, de um amigo qu'eu tenho misericórdia, porque tem bastante home, mais home qu'eu conheço, tô lidan[d]o com você. Home é poco. Tem bastante home, mais home é poco. Isso é home, incaro de coisa*. Aí, ele falô[#]. Eu vou dizê uma coisa pro sinhori, mais não, a porta eu vô abri, eu vô entrá pela janela. Olhou tudo pela janela assim da cozinha falô a muié do[#] cumade (...) arrumô direitinho, puxô o vestido dela, arrumô direitim. A bala pegô nela aqui, saiu aqui e tocô essa parte do fugão. Coitada! Aí, né (*tosse*). Quat[r]o e meia da madrugada tive que i[r] na delegacia pa prestá depoimento.

Pesquisador: Isso faz quantos ano?

Narrador: Ah, faiz bastante ano. (...), seu pai lá³². Eu num sei, eu num 'tô alebrado, mais faiz bastante tempo.

Pesquisador: Os fi já era nascido?

Narrador: Ah, era, não muito novo tam[b]ém não. Quantos ano faiz ca dona (...) morreu? Ih, quê vê que num sabe (*risos*). (*resposta incompreensível*). Faiz mais, mais de quinze, faiz mais.

I.T. [Voz desconhecida]: Faiz mais de vinti cinco anos.

Narrador: Faiz mais, 25, faiz mais. (*tosse*). Eu sei que deu, graças a Deus.

I.T. [Voz desconhecida]: [[Cuidado que ele tem [#]

Narrador: Vai lá fio cum ele, vai levanta, ué.]]

I.T. [Voz desconhecida]: Eu sei que tem vinti seti ano, hein? Vinti sete ano.

Pesquisador: 'Tá cum vergonha.

Narrador: É, ele é muito vergonhoso, mais nós 'tava contano essa história aqui agora, ele num sai. Criança pre[cisa] saí. Eu tenh' ãa menina, neta que foi[#] onte eu me [ar]rependi de tê ido

³² Faz menção a alguém, uma criança, provavelmente, que estava na casa e o pai chega para buscá-la.

na casa do (...), porque eu gosto de fazê ãa visita pra ele. Sempre passei por lá; óia, pra mim saí da casa do (...), precisô a minha fia saí cum ela na rua e inganá ela e pá, pá, pá, pá. E saiu c'o cachorro pra ela fazê ãa[#] virô a esquina e condo ela vei[o] hoj' (*tosse*), eu 'tava no curral lá na, no meio [da] lamera, eu fui prciso pegá ela lá e trazê ela no braço aqui. Aí a minha fia foi prcurá ela falei: não, eu já levei lá na casa do filho lá, 'tá lá. Esse (...) aqui é um sem vergonho (*risos*)

Pesquisador: É, né

Narrador: Né (...). (*tosse*). só sei que, na cidade é mais (*tosse*). Hoj' ele tem quatro ano, até que né nanico não.

II O SOCIAL NA LÍNGUA E A LÍNGUA NO SOCIAL: TRAÇANDO PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE DO *CORPUS*

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. (ALKMIN, 2012, p. 23)

Neste capítulo, intencionamos demonstrar percorrer os caminhos linguísticos iniciando em Saussure, passando por seus percussores e pela Linguística Histórica, ciência que servirá de base para a realização deste estudo. Deste modo, entendemos que a língua utilizada no seio de uma comunidade se remodela continuamente para melhor evidenciar os costumes de seus utentes. Nesse sentido, buscamos, ainda, realizar uma breve exposição sobre variação e mudança e sobre os objetos de estudo da Morfologia, da Fonética e da Fonologia para então compreendermos a interface que denominamos de Morfofonologia.

2.1 Mote inicial

O capítulo que ora apresentamos partirá da dicotomia língua e fala apresentada em Saussure (2006), enfocando o conceito de fala trazido pelo autor, malgrado ele pouco se dedique ao estudo desta. Com o suporte teórico-metodológico da divisão tripartite sistema, norma e fala proposta por Coseriu (1980), versaremos sobre o conceito de norma, ponto fulcral para as discussões empreendidas pela Sociolinguística. A seguir, focalizaremos os conceitos de variação e mudança empregados pela Sociolinguística laboviana, no intento de relacionar a língua em uso com a cultura, bem como abordaremos concepções empregues pela Linguística Histórica, ciência que também dará o respaldo necessário para a concretização deste estudo.

Distante de ser aleatório, o percurso adotado para a execução deste trabalho, partindo do mestre genebrino até chegar aos pressupostos teóricos labovianos, assenta-se no fato de Saussure ser o pioneiro nos estudos estruturais da língua, vendo-a como estrutura homogênea, ao passo que Labov (2008) rompe com este paradigma, concebendo a língua como elemento heterogêneo vinculado ao seu uso no âmbito social.

Isto não quer dizer que antes de Saussure não havia estudos de natureza linguística, pelo contrário, as pesquisas que o antecederam, quais sejam, o comparatismo ou gramática comparada e a neogramática (PAVEAU; SARFATI, 2006), contribuíram abundantemente para alicerçar os fundamentos da Linguística, mas foi a partir dele que esta sistematizou seu objeto de estudo, a língua estudada por ela mesma, passando, então, a se constituir ciência, pautada no

rigor científico exigido. Saussure estuda a sistematicidade da língua e para isso, precisou focalizar nas suas regularidades, deixando de lado a face mais heterogênea da língua, ou seja, sua realização discursiva, seja falada ou escrita.

O conceito de norma foi engendrado pelo linguista Eugênio Coseriu partindo das concepções de língua e fala de Saussure. Ao propor este conceito, o autor amplia o modelo existente para a tricotomia sistema, norma e fala. Segundo Coseriu (1980), **a norma** engloba tudo o que existe na língua, tudo o que é comum, constante e tradicional a um grupo linguístico. É o conjunto de possibilidades combinatórias usuais em uma língua, mesmo que essas possibilidades combinatórias não estejam de acordo com o que ensina a norma padrão. Ela é escolhida tacitamente pelo grupo que a emprega.

Coseriu (1980) parte da premissa de que a fala precisa ser realizada através de um conjunto coeso de normas que fundamentam e regulam o comportamento linguístico de um grupo social. Admite, ainda, que as normas não se realizam apenas de uma maneira, cada grupo social no uso de suas atribuições linguísticas faz uso da norma que melhor lhe representa.

Foi com Meillet, discípulo de Saussure, que a relação estabelecida entre língua e sociedade começou a vigorar nos estudos linguísticos (MONTEIRO, 2000). A partir do princípio formulado por Meillet, qual seja, que é na fala que melhor se observa o caráter social da linguagem verbal, é que Labov busca fontes para formalizar a Sociolinguística, compreendendo que é na língua em uso que melhor se captam as variações.

A constatação de que é no discurso que melhor se observa a mutabilidade linguística foi formalizada na pesquisa empreendida pelo pai da Sociolinguística sobre os ditongos centralizados /ay/ e /aw/ falados pelos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachussets. Nessa concepção, Labov (2008) destacou os elementos intra e extralinguísticos que contribuíram para a concretização destas variantes, sobre as quais discutiremos em momento oportuno.

Faz-se mister, então, olhar meticulosamente para cada opção teórica no intento de vinculá-las ao *corpus* em estudo. Conquanto Saussure tenha dado maior enfoque ao estudo da língua, ele admite que para estudar a linguagem verbal é necessário reconhecer a sua dupla face, qual seja: a língua e a fala. Vale lembrar que a visão estruturalista do mestre deve-se em grande parte à herança da doutrina neogramática (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), a qual preconizava que as leis fonéticas não admitiam exceções, porque tinham como princípio evolutivo as forças mecânicas e fisiológicas que não estavam sob controle humano. As exceções ou o rompimento dos paradigmas eram explicados pelo processo de analogia, “pelo qual

elementos da língua tenderiam a ser regularizados por força de paradigmas estruturais hegemônicos” (FARACO, 2005, p. 52).

No que tange à constituição da interface língua e fala, é mister mencionar que a primeira é social, existe sob forma de memória coletiva e independe do indivíduo para ser formada e desenvolvida; ao passo que a segunda, através dos atos de fonação, concretiza, seja pelo oral ou pelo escrito, a realidade humana que até então existia como forma de abstração (SAUSSURE, 2006).

O fato de Saussure ter distinguido língua e fala e ter elegido a língua como objeto da linguística fez com que tais modalidades requerem teorias distintas. No *Curso de Linguística Geral*, o autor revela que apesar das similaridades entre língua e fala, é possível estudá-las em separado, tanto que para ele a língua realizada na modalidade oral ou escrita é que deveria ser objeto de estudo da Linguística (SAUSSURE, 2006).

A linguagem enquanto faculdade instaura no homem a capacidade de ele se comunicar com o outro. Mas é no convívio diário, no intercâmbio social das experiências interiorizadas e exteriorizadas que se nota essa capacidade de comunicação e simbolização em realização (COELHO, 2006a). Do ponto de vista saussureano, a língua tem a função de estruturar o pensamento humano.

O linguista de Genebra, em uma linguagem metafórica, explica a relação entre pensamento e linguagem. Para ele:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som [...] (SAUSSURE, 2006, p. 131).

Concorde a Saussure, Coelho (2006a, p. 25) complementa que a linguagem é a realidade contígua do pensamento, e o pensamento se faz perceptível na linguagem. Isso não quer dizer que as pessoas com comprometimento na fala não são capazes de estruturar o pensamento, elas simplesmente não conseguem expressá-lo com perfeição acústica, como faz uma pessoa sem disfunção orgânica da mesma natureza.

A relação entre língua e fala se faz notar no sentido em que a fala é necessária para que a língua se concretize e de maneira similar só se aprende a concretizar a língua através de sua internalização e esta se dá no convívio diário com outros seres que a realizam.

Segundo o mestre genebrino, a língua se realiza nas modalidades oral e/ou escrita e as modificações sonoras que se captam através dos atos de fala não são responsáveis por alterar o sistema linguístico. A esse respeito, o autor faz a seguinte observação:

Os órgãos vocais são exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si. Sob este aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade. (SAUSSURE, 2006, p. 26)

Se pensarmos na teoria saussureana para as narrativas em análise, compreendemos que, na perspectiva estruturalista, as realizações fônicas dos narradores em nada interferiam na estrutura linguística; as alterações fonéticas apenas modificavam a forma do arranjo vocabular dentro do contexto. No entanto, sabemos que estas variações podem ser notadas futuramente, apesar de sabermos, também, que não há como prever de antemão os desígnios da língua no eixo temporal, em consonância com o uso que dela faz a massa de falantes.

É perceptível, então, que apesar de Saussure não se aprofundar nos estudos sobre a fala, ele cria condições para que outros estudiosos venham realizá-lo. Foi no *Curso de Linguística Geral* que Troubetskoï, Karcevsky e Jakobson, linguistas do Círculo de Praga, através da proposição 22, se embasaram para criar a Fonologia. Troubetskoï sustentava que as mutações ocorridas na Fonética e na Fonologia não eram fenômenos isolados, mas sim organizados e tinham como meta a harmonia do sistema (PAVEAU; SARFATI, 2006). Em Saussure, a Fonologia e a Fonética receberam empregos diferentes do período hodierno. A primeira se ocuparia do estudo sincrônico dos fenômenos vocais, enquanto a segunda atentaria para os mesmos fenômenos em perspectiva diacrônica (COELHO, 2008).

É imperioso ressaltar que a língua, sistema de signos disponíveis virtualmente na memória de uma comunidade, é o objeto de estudo da Linguística. Estuda-se, portanto, o signo linguístico composto pelo conceito e imagem acústica. Cabe, então, para desfazer qualquer interpretação dúbia, as palavras de Carvalho (2004, p. 103, grifos do autor), segundo ele:

Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que *conceito* ou *idéia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado (plano das idéias), algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da

expressão), que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, p. 80). Melhor dizendo, *a imagem acústica é o significante*. Com isso, temos que o signo lingüístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80), semelhante a uma moeda.

Este esclarecimento, se articulado à distinção de Fonética e Fonologia, o conceito estaria para a Fonética, que se ocupa da produção dos sons e a imagem acústica estaria para a Fonologia, ciência que se ocupa da organização dos sons para que eles adquiram sentido dentro do contexto (CARVALHO, 2004). Depreende-se, assim, que a Fonética estuda os sons da fala como entidades físico-articulatórias, isoladas, descrevendo-os e analisando-os; a Fonologia, as entidades fônicas intencionais distintivas que se unem à significação.

Coelho (2006a) relata que a enunciação fônica é um ato criativo, porquanto os falantes não memorizam as frases, mas as vão produzindo no momento em que proferem-nas. Convém aclarar que a presente pesquisa se servirá de material fônico, isto é, da fala dos narradores, que reproduzem memórias e ecoam os saberes que constituirão as páginas deste trabalho.

Cabe salientar que o processo de enunciação não se dá aleatoriamente. Os falantes que participam de uma comunidade se comunicam de acordo com a norma tácita estabelecida pelo grupo. Por ser um produto cultural, a língua existe parcialmente na memória dos falantes que a utilizam. A língua em sua totalidade apenas existe na sociedade. Face a isso, Coelho (2005, p. 43) reitera que “[...] na memória do indivíduo, não existe a interiorização do sistema lingüístico em sua totalidade – ele só existe de forma completa e global na sociedade; cada indivíduo possui somente uma parcela de todo o repertório cultural que é a língua”.

Considerando as questões apresentadas, fica evidente que os falantes seguem um princípio norteador para se comunicarem. No âmbito lingüístico, a norma é responsável por regulamentar os parâmetros lingüísticos adotados pelos utentes. Coelho (2006a) explica que a **norma** em sentido *lato* corresponde a um conjunto de costumes, ações, hábitos, tradições e leis que modelam e orientam o uso lingüístico de uma comunidade. Os falantes agem de acordo com a norma acordada pelo grupo por se identificar com os comportamentos e hábitos dos seus membros.

No que tange à língua, norma é o comportamento lingüístico de uma comunidade de fala ou de um determinado grupo de falantes. Noutras palavras, por norma entende-se o modo como as pessoas pertencentes a um determinado grupo social realizam suas competências comunicativas. Neste sentido, sublinhamos que as entrevistas foram transcritas obedecendo-se a norma lingüística de cada narrador, vez que se encontram em Estados distintos. Assim,

mantivemos uma transcrição gráfica fidedigna ao que ouvimos, de modo a contemplar as particularidades linguísticas de cada falante.

Convém explanar que o vocábulo norma geralmente vem acompanhado do adjetivo culto. É lícito dizer que culto é um rótulo que caracteriza a boas maneiras de falar e de escrever, geralmente retirado de gramáticas normativas da língua. Essa asserção se reforça em Bechara (2009, p. 52) ao definir gramática normativa. Para ele, “[...] a gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos”.

Os estudos científicos têm revelado que esse conceito de norma é aplicável em um modelo de língua idealizado; na língua real, isto é, na língua em curso, a homogeneidade cai por terra. Corolários disso são as construções frasais elaboradas pelos entrevistados, que embora não estejam em pleno acordo com o que ensina a gramática normativa, são entendíveis sem grandes dificuldades.

No **sistema** estão contidas as oposições possíveis de serem realizadas na língua para que uma unidade linguística não se confunda com outra, quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo. Ele abrange todas as normas para tornar possível a comunicação. Destarte, a comunidade escolhe dentro do sistema a norma que melhor lhe convém para realizar a comunicação.

Nas palavras de Coseriu (1980, p. 122-123, destaque do autor),

o *sistema* contém as oposições funcionais: tudo aquilo que na técnica linguística é distintivo e que, se fosse diferente, teria (ou seria) uma outra função de língua, ou não teria (nem seria) nenhuma função na língua respectiva, podendo, eventualmente, tornar-se irreconhecível (ou incompreensível). Portanto, todos os traços que assinalamos como distintivos pertencem ao sistema.

Abalizando os tipos de combinatórias que abrangem o sistema encontramos as possíveis, exigidas e inaceitáveis. A primeira pode ser realizada pelos falantes sem que haja empecilho na comunicação, podendo ser realizada por mais de uma maneira; a segunda, é instituída aos falantes na tentativa de uniformizar a língua, ao passo que a última é impossível de ser realizada por provocar problemas de compreensão (COELHO, 2006a).

Na concepção de Coseriu (1980), a **fala** se individualiza em função da norma ou das normas adotadas por uma comunidade de fala, a partir das quais é possível observar a variação. A fala, nesta perspectiva, ganha maior destaque e se envolve em um movimento oscilante entre o processo de criação e de repetição das mensagens incluindo todas as variantes que o falante

pode acrescentar às inúmeras estruturações linguísticas formuladas e aceitas pela comunidade de fala.

Acerca disto, Pietroforte (2002, p. 92) atesta que:

[...] Quando se presta atenção na fala, é possível determinar formas de realização que não são de natureza individual, mas também não são realizadas por todos os falantes de uma mesma língua. Os diferentes sotaques, o uso de vocabulários próprios de alguns grupos sociais, a presença ou não de concordâncias verbais e nominais etc. caracterizam modos de realização linguística que não são próprios nem de um só indivíduo nem de todos os falantes de uma língua, mas caracterizam variantes lingüísticas de uma mesma língua (PIETROFORTE, 2002, p. 92).

Bechara (2009, p. 43) explica que “a norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização”. Inferimos, ainda, que a diferença crucial entre fala e sistema é a possibilidade de a primeira variar mais constantemente que o segundo. A enunciação fônica, pelo fato de ser individual, oferece maior maleabilidade para sua execução, ao passo que o sistema, por possuir uma estrutura mais rígida e/ou por ser social, torna-se menos flexível. A variação, neste caso, apenas se faz notar através do confronto de falantes de gerações distintas.

Vale relembrar que a função primordial da língua é servir como instrumento para a interação social (COELHO, 2008). Ao se comunicar com o outro, o homem não apenas expressa o seu conhecimento de mundo, ele diz muito sobre si mesmo e vivencia o saber partilhado pelo próximo.

Desta feita, o presente capítulo pretende demonstrar como a língua serve de fonte para os estudos culturais de uma dada comunidade, especialmente daquelas às quais pertencem os atores que contribuíram com as entrevistas do Filologia Bandeirante, haja vista que o discurso expressa substancialmente o conjunto de padrões comportamentais de uma comunidade.

É através da fala que se notam os traços de variação, uma vez que, mesmo convivendo em uma mesma comunidade de fala, dois sujeitos não realizam a língua de maneira idêntica. A divergência linguística é notada quando sujeitos distintos se colocam em situação de interação, haja vista que cada um escolherá dentro do sistema linguístico os vocábulos e as combinatórias gramaticais que melhor expressam seu mundo interno e externo. Neste mirante, é preciso realçar que todos os falantes de um idioma aprendem e executam a língua de seu país através da norma utilizada por seu grupo.

Coelho (2007, p. 117-118), numa perspectiva sincrônica, elenca dois tipos de variação: a de uso coletivo e a de uso individual. A variação de uso coletivo é imposta coercitivamente

pelo grupo social. No entanto, essa imposição não é aceita pacificamente pelos falantes, pois mesmo inconscientemente, o sujeito atua dentro da comunidade alterando o código linguístico. Secundariamente, a variedade individual é evidenciada nos atos de fala e varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com a situação de interação.

Acerca das modalidades de variação no nível individual, o autor (2007) pontua que elas caracterizam o modo peculiar de uma pessoa no ato da enunciação, manifestando seu modo de ser na individualidade, por isso mesmo denominada de estilo ou idioleto; já o nível de fala qualifica as diversas maneiras de o falante se pronunciar, a depender da situação em que ele se encontra.

É possível traçar um perfil prévio do falante a partir da sua fala e conjecturar o seu local de origem, o seu grau de escolaridade e mais uma série de aspectos que revelam informações acerca da pessoa que produziu a mensagem.

Parece-nos útil, a esta altura, diferenciar a variação e a mudança. Por variação, entende-se o conjunto de alterações que a língua apresenta no curso do seu desenvolvimento, em um determinado intervalo de tempo ou dentro de uma mesma sincronia. Desta forma, a maneira de realização da língua utilizada por um grupo social, numa determinada época e lugar dificilmente será idêntica à de outro grupo social, numa outra época e em outro lugar; de modo similar, falantes de gerações ou de lugares distintos usarão a língua de maneiras divergentes. Por seu turno, a mudança compreende qualquer modificação sofrida na estrutura da língua ao longo do tempo. A mudança é um processo ininterrupto e inevitável (DUBOIS *et al.*, 2006).

Sobre esta asserção, Nazário (2011, p. 334) complementa que:

A variação linguística é um processo inerente a toda língua natural que pode levar ou não a uma mudança linguística [...] o processo de variação e mudança pode ser explicado através de estágios de variação. Num primeiro estágio, surge a variação entre duas entidades linguísticas; no segundo estágio, essa variação pode ser imitada e difundida de modo que formas novas convivam com formas antigas da língua (por exemplo, meu pai x o meu pai; eu o vi x eu vi ele; nós x a gente); num terceiro e último estágio, uma das duas formas desaparece, concluindo a regularidade do sistema.

Noutras palavras, ainda segundo a autora (2011), as variantes são formas alternadas de um indivíduo ou uma comunidade de falantes realizarem a língua. Para a execução das regras opcionais leva-se em consideração o contexto linguístico com suas restrições e os aspectos sociais vinculados ao falante. A mudança ocorre quando há a sobreposição de uma das formas que antes coexistiam. Para que esta sobreposição se efetive é necessário um período de aprovação e adequação por parte da comunidade que antes se comunicava utilizando o

vocábulo, a pronúncia e a estrutura gramatical concorrente. Feita a distinção, acentuamos que o presente estudo se valerá parcialmente dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, especialmente, dos fatores intra e extralinguísticos.

Concernente à abordagem histórica adotada, vale frisar que Meillet foi responsável por estreitar os laços entre a Linguística enquanto ciência e a Linguística enquanto fato social (ALKMIM, 2012). Para ele, a história das línguas não se segrega do sociocultural. Corroborando esta assertiva, vejamos como o autor se pronuncia acerca desta questão:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social (MEILLET, 1906 apud ALKMIM, 2012, p. 26).

Esta tese serviu como fio condutor para a criação da Sociolinguística, disciplina que tem como principal fim o estudo da língua que varia e se transforma em função do contexto sócio-histórico, viabilizando a interação social (MONTEIRO, 2000).

Alkmin (2012) explica que Jakobson também advoga acerca da relação entre linguagem e contexto social. Para este autor, o princípio postulado por Saussure “não passa de uma ficção desconcertante”, já que todo cidadão participa de diferentes comunidades linguísticas e todo código linguístico é “multiforme e compreende uma hierarquia de subcódigos diversos, livremente escolhidos pelo sujeito falante” (JAKOBSON, 1973, p. 29 citado por ALKMIN, 2012, p. 27).

Esta assertiva ratifica a ideia que defendemos neste trabalho, a de que a língua é de fato heterogênea por ela abarcar diversas normas linguísticas. Todavia, não concordamos plenamente com o autor ao dizer que as escolhas linguísticas são aleatórias ao falante, pois a predileção por uma norma em detrimento de outra depende sobremaneira da situação em que o interlocutor se encontra.

Na contemporaneidade, os falantes têm a sensação de que a língua é estática. O processo evolutivo apenas se faz perceptível quando colocam-se em confronto escritas seculares ou falantes com faixas etárias distintas. A partir destes cotejos é possível perceber as transformações sofridas pela língua .

À esteira de Monteiro (2000), compreendemos que Labov, na década de 60, atestou que todo enfoque linguístico ocorreria no âmbito do social. Essa afirmação contrapôs-se à lei da

imanência da linguagem elaborada por Saussure, a qual considerava a estrutura linguística como única motivadora das suas próprias alterações.

No tópico ulterior, discutiremos acerca dos fatores que contribuem para que haja a variação linguística. Reiteramos que, embora a metodologia empregue na Sociolinguística não seja adotada plenamente neste estudo, porquanto não lançamos mão da principal ferramenta utilizada para quantificar dados, o VARBRUL, ela servirá como um parâmetro para entendermos qual a correlação entre os níveis linguístico e social.

2.2 As contribuições da Sociolinguística para o estudo das entrevistas do Filologia Bandeirante

O percurso histórico adotado no tópico anterior mostrou que os estudos saussureanos foram tributários para os sociolinguísticos. Na concepção laboviana, a língua, enquanto meio de estabelecer e manter relações cordiais com outras pessoas e enquanto sistema semiótico para a comunicação, acompanha e reflete parcialmente os padrões comportamentais que variam de acordo com o tempo e o espaço.

Na obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*, Weinreich; Labov e Herzog (2006) postularam alguns princípios para a Sociolinguística, a saber: a heterogeneidade da língua ocorre de forma ordenada, ou seja, ela se estrutura por regras estabelecidas tacitamente pelos falantes; o sistema heterogêneo da língua abriga a competência de aquisição e uso, pois o falante adequa a fala às mais diversas situações de interação e isso está vinculado intimamente aos diversos estilos, o que implica dizer que o falante, a depender da situação interacional, mostra maior ou menor grau de formalidade; e fatores linguísticos e sociais estão vinculados ao processo de mudança.

Partindo da premissa de que dentro de um mesmo grupo social pode haver variação e que esta não ocorre de modo aleatório, Coelho *et al.* (2015) elencam os fatores que contribuem para este processo. Segundo os autores (2015), a variação pode ser ocasionada pelo entrecruzamento dos fatores linguísticos (relacionados à estrutura da língua) e extralinguísticos (concernente aos aspectos sociais, como gênero, escolaridade, idade, estilo etc.). Iniciando pelos fatores linguísticos, vejamos como os autores classificam esses níveis:

❖ **fonético-fonológico:** ocorre quando um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de maneiras distintas. Exemplos: poco (por pouco); ropa (por roupa); aguia (por agulha) etc.

❖ **morfológico:** acontece quando há variação no morfema do vocábulo através do acréscimo ou retirada de sufixo, prefixo ou infixos. Exemplos: facilitá (por facilitar); andá (por

andar); recebê (por receber) etc. Neste caso, em especial, há ausência do grafema <r>, indicador de infinitivo.

❖ **sintático:** quando os elementos constituintes frásicos são rearranjados dentro da oração sem que ela perca seu sentido primeiro. Exemplos: Eu o vi no cinema; eu vi ele no cinema; Eu vi-o no cinema.

❖ **semântico:** verifica-se quando um vocábulo ganha sentidos diversificados, a depender de alguns fatores, como a origem do geográfica falante e do nível socioeconômico que ele participa. Exemplo: avexado, a depender da região do falante, pode adquirir sentido de vergonha ou de brabeza.

❖ **lexical:** corresponde ao emprego de vocábulos distintos para expressar o mesmo significado. Exemplos: banheiro (toalete, w.c., casinha); pão francês (pão de trigo, cacetinho, filãozinho); mexerica (bergamota, tangerina, laranja-cravo, mimosa).

❖ **estilístico-pragmático ou discursivo:** configura-se como as diversas maneiras de o falante interagir socialmente, tendo como diferença primordial o grau de formalidade do ambiente e a intimidade entre os falantes. Exemplos: Queira, por obséquio, passar-me os talheres; passe-me, por gentileza, o garfo e a faca; me passe o garfo e a faca, por favor; vai passando aí o garfo e a faca.

No que tange aos fatores extralinguísticos, Coelho *et al.* (2015) assinalam os seguintes:

❖ **Variação diatópica ou geográfica:** é o modo como se identificam os falares das diversas regiões brasileiras. Em geral, o que provoca esta distinção é a entonação do falante e certos traços fonológicos que os particularizam em detrimento de outros. Exemplo: em certas regiões do país se diz tia, com /tʃ/ africado pós-alveolar desvozeado, enquanto em outras regiões se diz tia, com /t/ oclusivo alveolar desvozeado.

❖ **Variação diastrática ou socioeconômica:** quando a fala reflete a origem ou classe social do falante. Assim, a variação ocorre entre as falas de pessoas com nível de escolaridade mais elevado e aquelas com pouco ou nenhum grau de instrução formal, a depender do contexto situacional que o falante se encontre. De maneira similar, há relação entre o uso da variedade padrão por pessoas com rentabilidade financeira elevada, ao passo que grupos sociais menos favorecidos socialmente a preterem. Vejamos um exemplo extraído do *corpus*, no qual o pesquisador faz uso da lateral palatal, enquanto o narrador realiza o processo inverso, isto é, a vocalização:

Pesquisador: E essa casa o senhor fez? Do baldrame até o **telhado?**
Narrador: Não, Fiz. **Trabaiei** dia e noite. **Trabaiava** no (...), puxava de noite

e emendava c'o pedrero, dia e noite. Às vez uma hora, duas hora da madrugada eu parava pa descansar um poquim, porque o (*incompreensível*) feiz de conta lá. (N5M75SP).

❖ **Varição estilística ou diafásica:** são os diferentes modos de a pessoa pronunciar, realizar a seleção vocabular e a estruturação sintática, a depender do local e das pessoas com as quais se encontram. Uma pessoa, em uma fala extremamente formal, pode lançar mão de vocábulos que não utiliza no cotidiano porque a situação exige que assim seja feita. Em uma conversa com familiares menos escolarizados, por exemplo, para se referir a uma pessoa que fala muito, é normal utilizar o vocábulo “muito falante”, ao passo que em uma conversa mais formal ou mesmo em um texto científico, o falante/escritor, para evitar repetição, pode utilizar o vocábulo “eloquente”.

❖ **Varição diacrônica:** se verifica quando, na história da língua, há o cotejo de falares ou de escritos de dois ou mais intervalos temporais. Um exemplo clássico é a evolução do pronome de tratamento Vossa mercê> vosmicê> você>ocê>cê.

❖ **Varição diamésica:** este eixo diz respeito às variações textuais relacionadas entre a fala e a escrita. Etimologicamente, o vocábulo diamésico está intrinsecamente vinculado à ideia de vários *meios*. Para a Sociolinguística, esses meios são a fala e a escrita, códigos que possuem características distintas, embora algumas vezes “essas diferenças devem ser relativizadas, uma vez que a relação entre a fala e a escrita, assim como entre o registro formal e o registro informal, não é dicotômica, mas contínua” (COELHO *et al.*, 2015, p. 49). Exemplo: na escrita, vocábulos como advogado, pneu, obter, dentre outros são representados graficamente pelo encontro de duas consoantes, mas na fala, geralmente, ocorre a emissão de uma vogal desfazendo o encontro consonantal. É o que encontramos em adivogado ou adevogado; pineu ou peneu, obter etc.

A sociolinguística, especialmente, opera com a concepção de que a língua está vinculada à fala e à escrita, uma vez que é explícito que a fala e/ou a escrita possuem particularidades de realizações distintas, com maior ou menor grau de formalidade, a depender do âmbito em que são utilizadas como formas de interação social.

Outros fatores meritórios de destaque são o sexo e o gênero, haja vista que homens, mulheres e homossexuais, respectivamente, fazem usos distintos da língua, cada um a sua maneira, utilizam a língua do modo que melhor lhes representam dentro do seu grupo. A faixa etária também auxilia na forma do discurso, uma vez que grupos com idades diferenciadas utilizarão vocábulos que melhor os identificam com seus semelhantes da mesma faixa etária. Outrossim, a escolha profissional faz com que a fala se adeque ao âmbito empregatício, assim,

um encanador que não cultiva o hábito de leitura dificilmente fará as mesmas escolhas linguísticas que um professor universitário em estágio pós-doutoral. Por meio dos exemplos citados, é possível observar a variação em curso dentro da mesma sincronia.

Ao estudo em questão, especialmente, interessam sobretudo as variações fonético-fonológica e morfológica, motivadas pelo fator diatópico, porquanto a realização destas variáveis motivaram a variação na estrutura dos vocábulos.

Pautamos-nos nesses processos pelo fato de eles propiciarem a realização do presente estudo, uma vez que as variações nos vocábulos dos entrevistados foram ocasionadas pelos fatores supramencionados. Como todo estudo preza por um determinado recorte, os fatores que não foram contemplados poderão ser estudados em oportunidades futuras.

De ordinário, a terminologia da Sociolinguística traz conceitos aplicáveis ao objeto desta pesquisa, por isso, a importância de trazer à tona os termos empregados por ela. Variável é a nominata que se dá para o termo cânone suscetível de variação; variantes são as formas concorrentes de uma variável. Um exemplo clássico é o uso concorrente dos pronomes tu x você; nós x a gente, ou, então, o pronome você, que sofrendo reduções na língua oral atualmente é realizado nas formas “ocê” e “cê”. Vale dizer que os vocábulos retrocitados serviram para situar o leitor em relação às inúmeras variações que ocorrem na língua e que, na maioria das vezes, passam despercebidas.

É sabido, também, que nem tudo na língua varia, ou seja, há regras que todos os falantes, escolarizados ou não, utilizam da mesma maneira, como por exemplo: o uso do artigo antes do substantivo por ele determinado; haja vista que todos os falantes utilizam *a menina* e não *menina a**, embora a marcação de plural deste sintagma nominal possa ser vulnerável a variações. De maneira similar, o grafema <p> por exemplo, não apresenta várias formas de pronúncia, diferentemente do grafema <s>, que a depender da posição ocupada no contexto silábico pode apresentar oscilações na pronúncia. A estas regras não propensas a variações denominam-se regras categóricas ou invariáveis; já as regras passíveis de variação, alcunha-se regra variável (COELHO *et al.*, 2015; FARACO, 2005).

O fato de a variação ser inerente às línguas não significa que o falar “diferente” da norma padrão marginaliza o idioma. Pelo contrário, a interação social entre os falantes propicia as variações linguísticas. A realização dos diferentes tipos de falares são significativos porquanto a escolha vocabular distingue os grupos sociais e os traços fonológicos, que por virtude aparecerem, podem ser a causa de preconceito linguístico. Neste contexto a variante padrão é prestigiada, enquanto a variante não padrão, geralmente, é estigmatizada.

O mesmo ocorre quando se pensa na realização da fala. Os sotaques de algumas pessoas são depreciados justamente porque a região a que elas pertencem não possui um cabedal econômico significativo. É justamente esta circunstância que oportuniza os juízos de valores acerca de uma pronúncia em detrimento de outras.

No cenário desta pesquisa acentuamos que, apesar de os falantes residirem em Estados distintos, a realização fonológica no que tange aos sotaques não se faz tão diferenciada, talvez pelo fato de os Estados estarem contíguos uns aos outros. Outrossim, diante da perspectiva adotada pelo trabalho, não é possível admitir o estatuto de erro às variações realizadas pelos entrevistados do Filologia Bandeirante; é mais fácil pensar que eles adotaram uma norma diferente da oficial, cuja realização se deu principalmente em momentos de certa descontração, no qual a fala se priva, em parte, de monitoramento.

É meritório de destaque, ainda, que não há uma correspondência direta entre as fronteiras linguísticas e as geográficas, assim, é possível que os modos de realizações linguísticas de um grupo se façam presentes no uso de outros grupos.

Por fim, vale ressaltar que, por ser a Sociolinguística um campo vasto e fecundo devido à sua relação com outras áreas do saber, não tivemos a intenção de esgotar o assunto abordado neste tópico. Nosso ensejo foi simplesmente de demonstrar em quais pontos ela pode contribuir com o objeto desta pesquisa.

2.3 Linguística Histórica e história da Linguística: recortes teóricos

Mattos e Silva (2008) explica que a Linguística Histórica é uma subárea da Linguística que busca interpretar mudanças em todos os níveis da língua, ao longo do tempo. Por conseguinte, Machado Filho (2014) complementa que a Linguística Histórica tem como objeto de estudo a heterogeneidade linguística, a qual lança mão do método descritivo-comparativo para realizar suas análises. Em suas palavras:

[...] a diversidade linguística pode ser considerada como arquiobjeto teórico da Linguística Histórica (LH) em sentido lato, a que se relacionariam, em relação de contínuo, variação e mudança, como objetos prototípicos, conjugados a diferentes traços específicos, como espaço, sociedade, tempo e gramática (ou sistema funcional). A filiação principal a um dos dois subobjetos teóricos (variação ou mudança) permite individualizar a Linguística Histórica Stricto Sensu da Sociolinguística e da Dialectologia, já que estas operam eminentemente com a variação em perspectiva diastrática e diatópica, respectivamente, e, ainda, distinguir a LH da Linguística Diacrônica, que, embora focalize seu trabalho de investigação na mudança linguística em função do tempo, esta, diferentemente da Linguística Histórica,

exclui fatores extralinguísticos, sobretudo os sócio-históricos, no foco e no cômputo de suas análises. (MACHADO FILHO, 2014, p. 252)

Coseriu (1980) pontua, também, que a língua histórica é um diassistema, por ela abrigar um conjunto de dialetos, níveis e estilos. A heterogeneidade se faz visível quando o olhar capta apenas um ângulo: para cada dialeto são notáveis as diferenças diastráticas e diafásicas; para cada nível, observam-se diferenças diatópicas e diafásicas e para cada estilo, diferenças diatópicas e diastráticas. Além disso, as fronteiras entre os estilos e níveis de língua podem variar de acordo com os dialetos, e os limites entre os estilos também podem ser alterados conforme os vários níveis.

O autor revela que “uma língua histórica não pode ser descrita estrutural e funcionalmente como um sistema linguístico, como uma estrutura unitária e homogênea, simplesmente porque não o é; ao contrário, contém, em geral, sistemas lingüísticos bastante diferenciados” (COSERIU, 1980, p. 113). Concorde com a asserção do autor, é possível perceber que uma língua admite diversas realizações e nenhuma delas se superpõe às outras.

Para Faraco (2005), todos os níveis da língua são passíveis de variação, mas aquele em que ela mais se faz notar é o fonético-fonológico. Diz-se que houve uma mudança fonética quando se constata uma alteração na pronúncia; e a mudança fonológica consiste na inserção, troca, permuta e transposição de alguns fonemas no vocábulo. Ante isso, dizemos que nosso estudo é fonético-fonológico, porquanto alguns vocábulos sofreram modificação na estrutura através da inserção, da retração, da permuta e da transposição de fonemas.

Assim como a Sociolinguística, a Linguística Histórica perfilha a ideia de que a língua muda continuamente, mas ela mantém seu aspecto sistemático. O social é também objeto de interesse da Linguística Histórica; ela reconhece que a sociedade contribui para as modificações linguísticas e estabelece um jogo dialético entre ambas as estruturas (FARACO, 2005).

Imbuído neste propósito, o autor esclarece que a Linguística Histórica não é a História da Linguística, a primeira estuda as mudanças ocorridas em uma determinada língua no decorrer do tempo e a segunda busca recuperar a origem e o desenvolvimento da Linguística enquanto ciência. Desta feita, nosso estudo se enquadra na Linguística Histórica, pois o seu objetivo central é verificar uma possível preservação de traços linguísticos dos bandeirantes.

Podemos, então, considerar que a realização cultural aqui manifesta se revela especialmente pelo vocabulário e pela fonética dos falantes, razão pela qual eles estejam prenhes de variações. É neste sentido que a língua serve como palco para que a cultura seja realizada. Além disso, narrar sobre suas práticas e/ou memórias exige a organização dos fatos

mais relevantes. Os atores sociais escolhem o que é mais significativo em suas memórias e o revelam com norma escolhida por seu grupo social, marcando as suas origens e a sua pertença a ele.

Não é demais ressaltar que o vocabulário que serve como instrumento para a comunicação dos entrevistados é marcado, não raras vezes, pela realização de alguns processos morfofonológicos através da inserção, permuta, retirada e transposição de fonemas, o que aparentemente concede estatuto de *erro* aos vocábulos que os recebem, isso se pensarmos pelo prisma da gramática normativa. Quer dizer, a gramática normativa rotula o erro à medida em que ele se distancia da norma dita padrão, uma vez que o escrito está intimamente relacionado a contextos sociais marcados pela formalidade (FARACO, 2005).

Há controvérsias acerca desta asserção, pois a modalidade escrita e a falada podem também ser marcadas pela informalidade, a depender do contexto em que são utilizadas. Quando os interlocutores são mais íntimos, por exemplo, é possível que uma conversa pelas redes sociais ou até mesmo pessoalmente seja pontuada pelas ausências de concordâncias verbais e nominais estipuladas pela gramática. A falta de monitoramento da fala e da escrita nestas ocasiões confere aos interlocutores maior liberdade para usar a língua.

O vocabulário que serve de expressão para os narradores que integraram este estudo provavelmente possui formas linguísticas menosprezadas pelos falantes mais novos. Realizações como o /ʎ/ lateral fricativo alveolar no fim da sílaba demonstra não ser prestigiada pelos falantes mais novos, que utilizam a variante vocálica /w/ para reafirmar identidade com o grupo mais jovem. É notável a coexistência de ambas as formas, apesar de a última variante encontrar-se praticamente consolidada.

Redução de ditongos, acréscimo, troca, subtração e transposição de alguns fonemas dentro do vocábulo também são recorrentes no discurso dos entrevistados. Provavelmente, a geração mais nova prescindia deles, pois adquiriram a língua com outras condições de uso e gozaram de oportunidades que seus pais e avós na mesma faixa etária não tiveram.

A propósito, Faraco (2005) ilustra que cada escolha linguística feita pelos falantes resulta de um conjunto de peculiaridades inerentes às experiências constituídas sócio-historicamente. Estas escolhas, pondera ele, refletem-se na constituição do ser humano enquanto sujeito e tendem a transparecer em sua escala social, na sua forma de se portar diante dos outros, nos valores e visão de mundo defendidos por ele, nas suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação e assim sucessivamente. No caso do Brasil, é possível notar

que a variedade provinda de áreas suburbanas não possui o mesmo prestígio quanto aquela falada por grupos ascendidos socialmente.

Do ponto de vista linguístico, nenhuma variedade se superpõe à outra. Não se defende o certo e o errado porque todas as normas linguísticas são entendíveis dentro do seu espaço de realização. Ademais, sustentar que existe uma variante certa em detrimento das demais, significa reforçar que as outras opções de realização estão erradas e que por isso devem ser extintas (FARACO, 2005). Dadas essas contribuições, no tópico superveniente, passaremos à análise dos processos morfofonológicos vocálicos.

2.4 Garimpendo traços de língua antiga remanescentes: análise dos processos morfofonológicos vocálicos realizados por narradores do Filologia Bandeirante

As noções basilares com as quais operam este estudo não partem de Saussure, contudo é necessário, mais uma vez, recorrer ao mestre genebrino para então chegarmos ao alvo pretendido. No *Curso de Linguística Geral*, notadamente no capítulo intitulado *Objeto da Linguística*, Saussure já reconhecia que a língua se segmentava em unidades menores. É o que se pode comprovar no seguinte excerto “Em latim, *articulus* significa ‘membro, parte, subdivisão numa série de coisas’; em matéria de linguagem, a articulação pode designar não só a divisão da cadeia falada em sílabas, como a subdivisão da cadeia de significações em unidades significativas [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 18, grifos no original). Na obra saussureana, inúmeras passagens corroboram esse princípio articulatório e foi partindo da premissa apresentada pelo mestre genebrino, que André Martinet desenvolveu princípios teórico-metodológicos para mostrar que a língua era duplamente articulada.

Antes de nos atermos mais profundamente ao conceito de dupla articulação, faz-se mister compreender o que se denomina por articulação. Coelho (2006b, p. 24) preconiza dois sentidos para este vocábulo. Em sentido *stricto*, isto é, fonético, articulação são os movimentos produzidos pelo órgão fonador na produção de enunciados, e em sentido *lato*, é o processo *continuum* que vincula fonemas e morfemas formadores da trama discursiva.

A fim de corroborar esta compreensão, cabem aqui, também, as palavras de Camara Júnior (1977a, p. 16, grifos do autor). Segundo ele,

[...] por *articular* derivado do diminutivo *articulus* do latim *artus*, ‘membro’, entenda-se aí, em sentido lato, o processo de dividir em membros mínimos, ou elementos, uma enunciação vocal e a representação mental que nela se consubstancia e exterioriza. A articulação é assim decorrente da divisibilidade: a enunciação vocal humana é articulada, porque se presta a uma

divisão sistemática, por meio da qual chegamos a *elementos* sônicos significativos. E por outro lado, esses elementos existem, porque sua significação permanente assegura a sua individualidade nítida e nos faz reconhecê-los, sempre idênticos a si mesmos, nas mais variadas circunstâncias.

A articulação da língua é, pois, uma sequência de elementos linguísticos divisíveis que se vinculam uns aos outros para estruturar uma trama discursiva. Ao reconhecer que a língua era duplamente articulada, Martinet instituiu um método de investigação para a primeira e segunda articulação. Aos elementos constitutivos da **primeira articulação**, isto é, às unidades mínimas significativas, denominou-se **morfema** ou **monema**, na terminologia utilizada por Martinet, ao passo que para os elementos constituintes da **segunda articulação**, ou seja, às unidades mínimas insignificativas, deu-se o nome de **fonema**. (CAMARA JÚNIOR, 2011; COELHO, 2011)

De acordo com Coelho (2006b, p. 46), no nível significativo, não há unidade linguística inferior ao morfema pelo fato de ele não poder ser dividido em unidades menores sem perder a matriz semântica e, de igual maneira, dentro do nível distintivo, não há unidade menor que o fonema. Na obra *Unidades Morfológicas do Português*, Coelho (2011) acrescenta que para identificar um morfema é necessário que ele tenha três características: ser recorrente, ou seja, aparecer em outros contextos de uso; ser discreto, isto é, permanecer sem alterações em qualquer contexto apresentado e ser dotado de significado.

Assim como o morfema é a pedra angular da Morfologia, sabemos que o fonema é a pedra de toque da Fonologia, por isso, faz-se mister dizer que o conceito de fonema com a acepção de som produzido pelo aparelho fonador já existia na Grécia Antiga, no entanto, coube ao polonês Jan Baudoin Courtenay, um professor de Linguística, da Universidade de São Petersburgo, fazer a distinção entre os sons que os falantes produziam e os sons que eles acreditavam fazê-lo ou ouvi-lo. Courtenay advogava pela análise psicológica para se chegar ao fonema, definido por ele como “a idéia de um som vocal” (CAMARA JÚNIOR, 1975, p. 199). Cabe salientar que, a ideia de Courtenay fora preterida por seus discípulos na Rússia, embora estes, ao darem um novo conceito ao termo, não tenham conseguido dissociá-lo do conceito psicológico, principiado por Courtenay. Os linguistas do círculo de praga, para chegar a uma abordagem diferenciada de Courtenay, embeberam-se, também, nas ideias saussureanas, vez que um de seus integrantes, Serge Karcevsky, era seu discípulo na Suíça (CAMARA JÚNIOR, 1975).

Na obra *Fonema e Fonologia*, Jakobson (1967, p. 115) apresenta a definição de fonema como um conjunto de “traços distintivos que se reúnem em feixes simultâneos [...] [e] se

concatenam em sequências”. Citando Husserl, Jakobson (1967, p. 30) chama a atenção para o fato de o fonema ser “um ato de atribuição de significação e jamais um ato de plenitude de significação”.

O fonema é, desta feita, um unidade privada de significação e, dentro de um *continuum* sonoro significativo, tem a função de diferenciar dois vocábulos mediante o processo de comutação. Ainda, segundo Cristóforo-Silva (2011, p. 109, grifo no original), os “Fonemas são transcritos entre barras transversais e não são pronunciáveis, pois expressam uma **representação** linguística abstrata”.

Sobre o fone, Cristóforo-Silva (2011) esclarece que ele é uma “unidade sonora pronunciável isoladamente” e sua transcrição fonética se dá pelo uso de colchetes. O fone, termo de oposição por excelência, só se tornará fonema em contraste com outros dentro do sistema linguístico (COELHO, 2006b). Assim, o fone [b], por exemplo, apenas será convertido em fonema se estiver em oposição a outros. É o que se percebe no par [bata] e [lata], no qual a diferença crucial decorre da disparidade fônica existente entre os fones [b] e [l]. O fone é a realização concreta do fonema, entidade abstrata pertencente à língua.

Ao fazer a distinção entre Fonética e Fonologia e suas abordagens teóricas, Leroy (1971, p. 98) deslinda que:

[...] enquanto a Fonética é o estudo dos sons da fala, a Fonologia aparece como o estudo dos sons da língua [...]. Poder-se-ia dizer também que a Fonética estuda o que se pronuncia na realidade, coisa variável de indivíduo para indivíduo e mesmo dentro do próprio uso individual, enquanto a Fonologia estuda aquilo que temos consciência de pronunciar ou de ouvir pronunciar, e isto é uma constante no interior de uma mesma comunidade linguística.

Nesse sentido, Coelho (2008, p. 17, destaques do autor) também esclarece que

A *Fonética*, ciência que estuda o som vocal considerando seus aspectos físicos; preocupa-se com a produção e a percepção dos sons vocais do ponto de vista articulatório e do ponto de vista acústico [...]. A *Fonologia* [...] estuda o som vocal considerando a sua função distintiva dentro da organização de uma língua.

Cabe introduzir que foi o padre Pierre Jean Rousselot que esboçara os caminhos da Fonética. Ao publicar a tese *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin*, ele promoveu, em torno de um falar de uso corrente, técnicas precisas de análise para identificar os sons utilizados pelos falantes, tornando-se pioneiro nos estudos de Fonética moderna (LEROY, 1971, p. 61).

Como já mencionado, foi partindo dos princípios teóricos formulados por Saussure que Roman Jakobson, Serge Karcevsky e Nikolay S. Trubetzkoy instituíram o nascimento da Fonologia. Ao apresentarem em 1928 a *Proposição 22*, no I Congresso Internacional de Linguística, realizado em Haia, criaram uma ciência que se ocuparia das diferenças significativas, em contraste à Fonética, que se ocupava com a realização efetiva do som vocálico (LEROY, 1971).

Feita essas considerações preliminares, cabe dizer que o presente estudo se dedica ao estudo dos processos morfofonológicos vocálicos, isto é, buscamos investigar apenas as alterações vocálicas ocorridas nas estruturas vocabulares, em detrimento das alterações consonânticas, que também são realizadas nas narrativas.

Apesar da pouca referência ao termo morfofonologia, nos livros analisados, encontramos em Zanotto (1986, p. 40) uma definição para essas flutuações sônicas que se refletem, também, na estrutura dos vocábulos. Utilizando o termo morfofonêmica, ao invés de morfofonologia, o autor diz que “[...] a mudança morfofonêmica é o nome que se dá a alterações produzidas no sistema fonêmico do vocábulo, com repercussão no sistema mórfico”. Não utilizamos o termo mencionado por Zanotto, por uma questão teórico-metodológica, já que morfofonologia e morfofonêmica são, de certa forma, denominações distintas para o mesmo fenômeno linguístico.

Buscando entender a diferença entre *morfofonêmica* e *morfofonologia*, encontramos em Coelho (2008) uma profícua explicação. Conforme o autor, concomitante às discussões realizadas na Europa, no fim do século XIX e início do século XX, até a criação da Fonologia em 1928, pelos linguistas da *Proposição 22*; Edward Sapir, também desenvolvia nos Estados Unidos, um estudo acerca da descrição das línguas ágrafas dos ameríndios e buscava encontrar elementos fonêmicos na estrutura da língua investigada. Nesse sentido, os estudos de Sapir contribuíram sobejamente para a criação da disciplina denominada Fonêmica, em direção oposta à Fonética. Conquanto os estudos desses linguistas tenham pontos divergentes metodologicamente e não tenham sido elaborados a partir de circunstâncias semelhantes, a *Fonologia* e a *Fonêmica* possuem várias similaridades e podem ser vistas praticamente como termos sinônimos para a mesma ciência, que tem como objeto de estudo, os fones. (COELHO, 2008, p. 20-21, grifos nossos)

Não obstante Camara Júnior (1977b) reconheça que a morfofonologia e a morfofonêmica são termos que se assemelham, na obra *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, o autor, visando a justificar o emprego do vocábulo fonêmica no título do exemplar, nos ensina que “[...] o termo *phonology* [é usado] para designar a descrição sônico-gramatical de uma

determinada língua, ao lado de *phonemics*, considerada como teoria geral fonêmica, ou pelo menos, como se faz aqui, o levantamento dos fonemas de uma língua” (CAMARA JÚNIOR, 1977b, p. 16, grifos no original). Sob este prisma, buscamos aqui, mesmo que de forma concisa, fazer a descrição dos vocábulos utilizados pelos entrevistados do Filologia Bandeirante. E, entendendo que os fonemas são responsáveis pela constituição dos vocábulos, optamos por utilizar o termo Fonologia ao invés de Fonêmica.

Trubetskoy (1939 apud CAGLIARI, 2002, p. 64) adiciona que na morfofonologia ocorre permuta de fonemas e não de alofones, portanto, toda alomorfa é, também, uma questão de morfofonologia. Dessarte, a morfofonologia transita entre a Fonologia e a Morfologia, sem deixar de ser integrante da gramática. Desta feita, podemos dizer que a unidade de análise no nível morfofonológico é o morfofonema, que seria um amálgama entre os objetos da Morfologia e da Fonologia.

O que denominamos de processos morfofonológicos podem ser encontrados, ainda, nos manuais de Linguística Histórica sob a denominação de Metaplasmos, que segundo Coutinho (1970) são as alterações pelas quais passam os vocábulos de uma dada língua ao longo de sua evolução.

Faz-se mister sublinhar que os processos morfofonológicos realizados pelos narradores foram produzidos pelo acréscimo, permuta, transposição ou subtração de fonemas em posição inicial, medial ou final dos vocábulos. A esse respeito, Coutinho (1970) explica que por causa de os fonemas constituírem o material sonoro da língua, eles estão mais propensos a transformações. No entanto, é preciso reiterar que nem tudo na língua varia. A língua, por ser um sistema organizado, também é composta por regras categóricas que são reproduzidas sem alterações por todos os falantes da língua.

Embora com algumas ressalvas, esse princípio teórico foi inicialmente formulado em Saussure (2006). No capítulo *Imutabilidade e mutabilidade do signo*, é evidenciado que a língua precisa modificar-se para continuar servindo como instrumento de comunicação social, diante de um cenário sociocultural em incessante transformação. Por esse prisma, a língua estaria suscetível a mudança porque está em uso pela massa de falantes cotidianamente. Em direção oposta, há na língua uma tendência à permanência, de modo a continuar viabilizando a interação verbal entre pessoas de gerações distintas.

Faraco (2005) corrobora com esse preceito ao afirmar que ser tempolábil é uma das características das línguas. No entanto, é importante frisar que essas alterações na estrutura linguística ocorrem vagarosamente, atingindo parcialmente o sistema. O fato de a língua estar em constante movimento, não faz com que ela perca seu caráter sistêmico, pois diálogo entre

os falantes continua sendo estabelecido, mesmo que haja mudança na forma, na função e/ou no significado do vocábulo.

É oportuno lembrar que o nível fonético-fonológico, também, possui regras para sua organização. Não é qualquer feixe de fonemas que pode se organizar de forma sequenciada para produzir morfemas coerentes. Os fonemas combinam-se no eixo sintagmático de acordo com as regras ou leis combinatórias. Os fonemas vocálicos podem aparecer praticamente em qualquer posição vocabular, já os fonemas consonantais sofrem limitações em sua distribuição. A respeito disso, vale sublinhar que em posição de coda silábica, apenas os fonemas /r/, /s/, /z/, /m/ e /l/ podem constar. (PAIS, 1981, p. 160)

Consoante Jakobson (2007), ao falante não é permitido engendrar traços distintivos, nem tampouco sequências sonoras que fujam ao repertório de combinações possibilitadas pela gramática da língua, pois o conjunto de fonemas de uma língua é restrito. O código impõe limites às combinações de um fonema com outros antecedentes e procedentes, porque apenas uma parcela das sequências permissíveis é realmente realizada no arcabouço vocabular do falante. Dentro dessa demarcação, é possível, também, considerando-se um determinado contexto, alterar o arranjo de um vocábulo através do processo de comutação de fonemas.

Hjelmslev (2006) atenta-nos para o fato de a troca de um fonema por outro causar alteração na esfera semântica. Contudo, o mesmo não ocorre quando há a variação fonética na realização vocabular. Nos enunciados *dispois* e *depois*, ambos realizados por um dos narradores, há diferenças fônicas na enunciação, no entanto, percebemos que os sentidos dos vocábulos permaneceram intactos. Resultado diferente teríamos se um dos narradores utilizasse *comprimento* e *cumprimento*, vez que a comutação entre as vogais, neste caso, confere aos vocábulos sentidos divergentes. No capítulo superveniente, nos debruçaremos sobre a classificação dos processos morfofonológicos vocálicos encontrados nas narrativas.

III PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS VOCÁLICOS: RASTROS LINGUÍSTICOS DA ÉPOCA DAS BANDEIRAS

Os fonemas são os tijolos para a constituição das palavras (CAMARA JÚNIOR, 1977b, p. 30)

Neste capítulo, apresentaremos os processos morfofonológicos, bem como alguns exemplos retirados do *corpus*. Faremos, também, uma explanação sobre as características das vogais, porquanto elas são a pedra de toque desse estudo. Apresentaremos a estrutura do Índice de Frequência e Ocorrências e analisaremos os dados extraídos do *corpus*.

3.1 Palavras primeiras

Já se fez bastante evidente o caráter interdisciplinar deste estudo. Devido às várias abordagens teóricas apresentadas, faz-se necessário apresentar algumas minudências da espinha dorsal desta investigação, isto é, as vogais. Malmberg (1954) acena que as vogais, no nível acústico, têm como característica a ausência de ruídos, devido à aproximação da lâmina da língua e do palato, e no prisma articulatório, há a ausência de um bloqueio no canal que possibilita à passagem do ar. Ante isso, Callou e Leite (2003) explicitam que as vogais se contrapõem às consoantes, em virtude de constituírem o núcleo silábico, ou seja, sem vogal não há a constituição de sílabas, por sobre elas poderem incidir acentos de tom ou intensidade, por não possuírem qualquer tipo de contato entre os órgãos articuladores e, também, por serem acusticamente sons regularmente complexos.

É necessário trazer à tona que o aparelho fonador, o qual permite que haja a execução dos sons da fala, possibilitando a comunicação, realiza-se pela ação dos órgãos pertencentes aos sistemas digestivo e respiratório, os quais têm como função primária respirar e facultar a trituração dos alimentos. Destarte, os pulmões e a cavidade nasal têm atividades específicas no processo de respiração; o primeiro encarrega-se de ser a câmara iniciadora da corrente de ar e a segunda se incumbem de tornar-se uma câmara de ressonância para a produção dos sons nasais ou nasalizados. Os dentes e a língua são órgãos importantes para mastigar os alimentos, mas na produção dos sons, funcionam como articuladores que modificam a corrente de ar egressa dos pulmões (CALLOU; LEITE, 2003).

Ladefoged (2007 apud SANTOS, 2013) diz que a variação na matriz fônica das vogais está intimamente relacionada às anatomias das pregas vocálicas de cada falante. Desta feita, as

características anatômicas dos sujeitos que ora intensificam, ora enfraquecem os sinais acústicos realizados pelos falantes, justificam a oscilação dos timbres vocálicos.

Camara Júnior (1971), em uma retrospectiva histórica, diz que Gonçalves Viana, ao estudar o sistema vocálico do português europeu, foi pioneiro nos estudos sobre a variedade dos timbres vocálicos. Segundo Camara Júnior (1971, p. 20, destaques do autor)

Na sua clássica exposição da pronúncia normal do português europeu, Gonçalves Viana procurou cingir rigorosamente essa realidade. Mais tarde, embora já estivesse numa época em que ia se impondo outra orientação na Europa e na América do Norte, Sá Nogueira levou ainda mais longe a subdivisão dos timbres vocálicos. Gonçalves Viana tratou no mesmo plano o que hoje distinguiríamos como *fonemas*, de um lado, e alofones, ou variantes posicionais, de outro. Sá Nogueira procurou indiscriminadamente destacar e dar *status* próprio de <<fonemas>> ao que são antes as variantes, posicionais livres e até estilísticas. É claro que ainda assim ficou aquém da realidade fonética, porque o timbre vocálico depende do formato de ressonância, que se constitui na bôca, e varia com a mais ligeira variação dêsse formato.

A esta asserção, o autor (1971) complementa que no Brasil o enfoque sobre a língua oral se iniciou com Franco de Sá, com a obra *A língua portuguesa*. Embora não fosse foneticista de formação e tenha realizado seu estudo com base em caracteres ortográficos, Franco de Sá instituiu que as cinco vogais, baseadas na pronúncia padrão, tinham variedades no timbre, os quais foram denominados por ele de aberto, fechado e surdo. O último termo, certamente por não ser considerado próprio para uma ciência que se ocupa do estudo dos sons, foi substituído pelo vocábulo reduzido, o qual aparece eventualmente em Gonçalves Viana e na atual Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Hodiernamente, o critério classificatório de Franco de Sá ainda é atribuído a certos timbres específicos, como em /a/, /i/ e /u/, em posições átonas (CAMARA JÚNIOR, 1971).

Alguns gramáticos, embasados na orientação da NGB, dizem que o timbre reduzido explica o enfraquecimento enunciativo das vogais átonas, em contexto final de sílabas. Contudo, a redução não é aplicada ao timbre, mas à duração (quantidade) do som. Além disso, esse traço não é pertinente ao estudo dos fonemas vocálicos em português, ele é um fato meramente fonético (AZEVEDO FILHO, 1969, p. 39 apud COELHO, 2008, p. 47).

Camara Júnior (1971), ao citar o mecanismo de formação do feminino em português, nos lembra que ele pode ser formado pela desinência - a e, também, pela abertura do timbre da vogal média tônica no radical. Ilustra esse exemplo com o par “avô” e “avó”, que segundo ele, é o única marca de feminino que escapa às regras gerais. Diante do exposto, faz-se mister dizer que há um processo, isto é, a metafoia, que dá conta das alterações realizadas no timbre.

O autor retromencionado (2008) apresenta as vogais do português brasileiro em um sistema triangular. A classificação articulatória das vogais é concebida pelos movimentos da língua, que ora adianta-se, ora recua-se, resultando no que o autor denomina de zona de articulação, a qual pode ser organizada em: anterior, posterior e central. Diz-se que a vogal foi produzida na zona anterior, quando a língua faz movimentos frontais; ao realizar movimentos de recuo, diz-se que ela foi produzida na parte posterior e quando a língua fica em repouso, diz-se que a vogal foi produzida na parte central.

Para classificar os processos morfofonológicos vocálicos, utilizamos os ensinamentos de Coutinho (1970), Cristófaros-Silva (2011) e Trask (2006). Antes de nos atermos nas tipologias extraídas do *corpus*, carece fazer um panorama de todas as tipologias listadas em Coutinho (1970), uma vez que há processos que não aparecem aqui pelo fato de ocorrerem em contexto consonânticos. Não iremos definir esses processos consonantais, pelo fato de eles fugirem do escopo do trabalho, no entanto, para uma descrição pormenorizada, recomendamos consultar o referido autor.

Coutinho (1970) classifica os processos em quatro tipologias específicas: i) por permuta, ii) por aumento, iii) por subtração e iv) por transposição. O primeiro grupo abarca a sonorização, a vocalização, a consonantização, a assimilação, a dissimilação, a nasalização, a desnasalização, a apofonia e a metafonía. Ao segundo grupo pertencem a prótese ou prótese, a epêntese, a anaptixe ou suarabácti e a paragoge ou epítese. O terceiro grupo integra a aférese, a síncope, a haplogia, a apócope, a crase e a sinalefa ou elisão. Do quarto grupo fazem parte a metátese e o hiperbibasmo (sístole e diástole). Feita esta breve explanação, passemos, portanto, às suas classificações.

Processos morfofonológicos por permuta: fundamentam-se basicamente na substituição ou troca de um fonema por outro. Segundo Coutinho (1970), encaixam-se nesta classe a vocalização, a assimilação, a dissimilação, a nasalização e a desnasalização. A estes acrescentamos a alternância vocálica, o alçamento e o abaixamento de vogais pelo fato de neles haverem a troca de um fonema por outro. Vejamos a definição de cada um, conforme Coutinho (1970), Trask (2006) e Cristófaros-Silva (2011).

A **vocalização** ocorre quando um fonema consonantal é convertido em uma vogal. Este processo ocorre na língua portuguesa desde sempre, sendo muito comum na variante popular. Partindo deste raciocínio, faz-se mister trazer à tona duas premissas básicas da Fonologia, a saber: i) todo fonema, em função do seu ambiente, tende a se alterar; ii) todo fonema tende a assimilar traços de fonemas vizinhos. Nesse sentido, cabe esclarecer que, para além da

vocalização do /r/ em semivogal /j/, em contexto de coda silábica, ocorre, também, o processo de manutenção.

É, a gente plantava as roça, cuía os mantimento do gasto, criava **poico**, tinha carne, tinha tudo, né? E agora não, aqui é tudo é no dinheiro, né. (N2M78GO)

A **assimilação**³³ é a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas constituintes do mesmo vocábulo; resultam da influência que um exerce sobre o outro. Diz-se que a assimilação é vocálica quando o fonema que se assimila é uma vogal, bifurcando-se nos eixos progressivo (quando a assimilação ocorre posteriormente ao fonema assimilador) e regressivo (quando a assimilação se apresenta em fonema anterior ao fonema assimilador). No *corpus* em análise, a maioria das ocorrências inventariadas ocorreram no eixo regressivo, vejamos:

Eu maceto um poquim. Eu maceto um poquim. De tudo faç' um poquim (*risos*). De tudo faço. Não, graças a Deus, né, até a cultura do boi do (...): *mais minino, cumé c'ocê aprendeu tudo. 'Cê dirige carro, anda a cavalo e pá pá pá, e faiz tudo isso e trabaia pa vivê a base de pedrero, aí inté a[#]* (N5M75SP).

A **dissimilação**, processo oposto à assimilação, ocorre quando há a diversificação ou queda de um fonema por já existir outro igual ou semelhante no vocábulo. A dissimilação bifurca-se em vocálica, quando o fonema que se dissimila é vogal, e consonantal, quando a unidade mínima distintiva que se dissimila é uma consoante. Desdobra-se, ainda, nos eixos progressivo (quando o fonema divergente ocorre após o dissimilador) e regressivo (quando o fonema divergente ocorre em posição contrária). Em sua maioria, o processo de dissimilação vocálica ocorreu no *corpus*, também, no eixo regressivo. Vejamos, então, um exemplo:

Eu tinha um irmão tabaiava cumigo, ele recebia doze por semana. Antão ele fazia a **dispesa** da casa (*risos*).” (N3M92MG)

A **nasalação** ou **nasalização** afigura-se pela conversão de um fonema oral em nasal. A nasalização pode afetar os fonemas que antecedem o fonema nasalizado, que o sucedem, bem

³³ De acordo com Mateus e Xavier (1990), o termo assimilação é sinônimo de harmonização vocálica. Contudo, deve-se atentar ao fato de que a harmonia vocálica decorre do alçamento de /e/ e /o/ para /i/ e /u/, respectivamente, apenas em contexto pretônico. Neste caso, sempre há a influência de fatores que condicionam o alçamento para que a vogal assimiladora mude a qualidade da(s) vogal(is) do vocábulo para que haja harmonia entre elas. São exemplos de harmonia vocálica os vocábulos: /pepino/~ /pipino/, /coruja/~ /curuja/, dentre outros.

como pode se espriair e atingir, concomitantemente, os fonemas anteriores e posteriores. Nas narrativas, apenas tivemos casos de nasalização progressiva.

Dorado, tinha Pintado, cor laranja, daqui na porta, assim. Desses que pode pegá, né? Pode pegá os piqueno. Intão o **IMBAMA**, se lá no rio Tocantim, lá no Amazona, no Rio Araguaia, e[le]s fica de oio, sabe, em tudo que 'tá pegano. O bicho vai desová, vai criá, né? e e[le]s fica lá, vigiano, mair mesmo assim [a]inda o povo come, né. (N2M78GO)

A **desnasalação** ou **desnasalização** ocorre quando um fonema perde seu traço nasal, transformando-se em fonema oral.

Falei: ó, seu (...) o senhor 'tá lidano é cum **home**, num é cum criança. O senhor 'tá lidano cum **home**, num é cum criança, não. E cheguei (*risos*) e cheguei[#] ele 'tava cum revolve aqui e ãa faca aqui, quando pus a mão nele: *não põe a mão nimim*, eu falei ok, é certo, 'cê 'tá nervoso. (N5M75SP)

A **alternância vocálica** define-se como a variação de um fonema ou de um grupo de fonemas vocálicos em um determinado sistema morfológico (TRASK, 2006). O que denominamos de alternância vocálica são aqueles processos em que ocorre alternância de fonemas vocálicos que não se encaixam no alçamento, nem no abaixamento da altura das vogais.

Oto dia faltava mais treis quilômeto de noite, no fim um casal munto bão, véi, mais munto bão, deu café, um monte de coisa, **arriemo** a tropa, fomo na casa do seu (...), peguei nove nuvilha lá. (N5M75SP)

O **alçamento vocálico**, como explicitado anteriormente, configura-se pela elevação da propriedade da altura das vogais médias-altas [e] e [o], que se realizaram como vogais altas [i] e [u], respectivamente (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Ainda segundo a autora, o alçamento pode ocorrer em posição pretônica e postônica. Quando em contexto postônico o alçamento é regular e presente em quase todas as pronúncias do português brasileiro. Em posição pretônica, a variação é regulada por convenções sociais e sociolinguísticas (CRISTÓFARO-SILVA, 2011).

Esses dizeres remontam à teoria da difusão lexical, a qual prevê que as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Nesta teoria, oposta à teoria preconizada pelos neogramáticos, o sentido do vocábulo é modificado a depender do fonema inserido, extraído ou permutado. Essa mudança pode ou não propagar para outros vocábulos

com estruturas análogas. Em determinados casos, alguns vocábulos permanecem sem alterações sonoras, em outros, a mudança estende-se a todas as estruturas suscetíveis de mudanças sônicas (OLIVEIRA, 2003). Conforme o autor (2003, p. 607),

A bem da verdade, o modelo da difusão lexical não descarta a regularidade; o que ele faz é permitir a existência de irregularidades. Além disso, o modelo difusionista não recusa a possibilidade de condicionamento fonético; o que ele faz é incorporar a possibilidade de mudanças sonoras que não sejam foneticamente condicionadas.

Seguindo o mesmo direcionamento, Oliveira (2003, p. 606) adiciona que “cancelamentos, inserções e metáteses não podem ser graduais e devem ser concebidos como fenômenos discretos”. Viegas (1987), em seu trabalho intitulado *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*, tenta responder se o alçamento é um processo de natureza neogramática ou se ele tem embasamento sociolinguístico, tal como propôs Labov.

É válido mencionar que, segundo a autora (1987), Labov concordava com o modelo neogramático de que algumas regras afetavam o léxico abruptamente. Apesar da tarefa árdua, a autora conclui que alguns signos linguísticos são propensos a sofrer variação em posição pretônica, outros, em posição postônica, a depender do contexto sócio-histórico dos falantes. Existem, ainda, aqueles que nunca são alçados, apesar do ambiente fonético favorecer a realização do processo e aqueles que são alçados, conquanto o contexto não favoreça. São exemplos disso os vocábulos <tomada>, que independente do contexto será sempre pronunciado sem alterações sonoras e <tomate>, o qual, a depender do contexto, pode sofrer alterações sonoras. Consoante a autora (1987), o alçamento de vogais é uma das principais características que difere o português falado no Brasil do português falado na Europa.

Não, **num** pagava. Isso inté enquanto ela pôde. **Dispois adueceu**, ficô velha parou. É onde a minha irmã ali tem aquele forno ainda, né. [a]inda [a]quela casa, [a]inda é resurtado dessa casa da minha mãe. Minha mãe chamava (...) e meu pai (...). De manera que, né, a gente[#] mas a gente foi criado assim, muito pobre. (N4F90MG)

Abaixamento vocálico: fenômeno caracterizado pelo abaixamento da posição da língua na articulação de uma vogal. Em termos fonológicos, o abaixamento refere-se à perda do traço mais alto nas vogais (CRISTÓFARO-SILVA, 2011).

Essa madeira ruliça, pa quem nunca trabaiô, mais esse crivo num [a]rruma **dereito**, mas tem que tê o costume, a malícia, né, porque ela é meio dispontada, né, mais du[ra], tem que te[r] jeito, né (N5M75SP).

Processos morfofonológicos por aumento: são os que adicionam fonemas vocálicos ou consonantais no início, meio ou fim dos vocábulos. Fazem parte desse conjunto a prótese ou prótese, a epêntese, a suarabácti ou anaptixe e a paragoge ou epítese. Acrescemos a este grupo, segundo os ensinamentos de Cristófaros-Silva, o processo de ditongação³⁴.

A **Prótese** ou **prótese** é o aumento de fonema no início do vocábulo.

Aqui, a gente [a]inda **alembra** d' alguma coisa, é assim, só isso. As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difíci dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto difíci. Cria de quorqué jeito e veve de quorqué jeito. É veigonha falá, mais é isso aí. (N2M78GO)

A **epêntese** configura-se pelo acréscimo de fonema(s) no interior do vocábulo.

É. Depois me levou inté a casa da minha nora. Cheguei na casa da minha nora e falei: Hoje eu vô pousá aí e num vô pra casa não. Eu caí ali, ieu num 'tô **bão** não. Minha pressão, acho que subiu demais, né. A minha subiu, né. (N3M92MG)

A **suarabácti** ou **anaptixe** é um tipo especial de epêntese que desfaz os encontros consonantais a partir da inserção de um fonema vocálico.

Nada]], 'tô vivendo é por vivê. É igual eu 'tô contano, se fô pra mim tirá um dinheiro eu num[#] eu tiro cum **dificuldade**. Ou pedino outro (*intervenção da narradora*) (N2M78GO)

A **paragoge** ou **epítese** é a adição de um fonema no fim do vocábulo.

Eles era unido e tudo. Ele era farmacêutico, ele era fazendero, ele era **doutori** ele era tudo um poco. Ele fazia, né, porque não tinha outro, era ele, né. (N4F90MG)

Ditongação: ocorre quando junto a um monotongo é acrescentada uma semivogal [i] ou [u], tornando-o ditongo. Esse fonema acrescentado, o glide, faz com que a vogal simples perca seu papel de núcleo silábico. No português brasileiro, a ditongação ocorre em alguns dialetos, geralmente, em vogais átonas finais de sílaba como em freguês [fre'gwejz]; em vogais tônicas seguidas de consoantes palatais como em peleja [pe.'lej.ʒɐ] ou ainda, em hiatos como em

³⁴ A ditongação poder-se-ia ser incluída no processo de epêntese, no entanto, devido ao fato de este processo não ser o único a ocasioná-la, uma vez que a vocalização, principalmente da consoante palatal, também pode provocar ditongação, como no caso de /telha/ ~ /teia/, optamos por incluí-la no rol destes processos.

Andrea [ã.'drɛj.ɐ] (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 93). De fato, percebemos que o contexto em que as sibilantes /s/ /z/ aparecem, bem como em ambientes favorecedores da vocalização, seja da palatal ou de outras consoantes, o processo de ditongação é mais propício.

Não, num dava não, não chegava[#] sabia, vai na venda, comprava um lanche, lavá uma loça, né e arrumava às veiz ota vizinhança aí pra cima, o s[enh]or aqui, fome **nóis** num passa me[s]mo. Aqui pertim aquele lugá de[#] se tivé cunhicimento a sinhor num sai de jeito nenhum. É lá no (...) chegá uma hora dessa lá **capaiz** de num d[e]ixá i[r] imhora me[s]mo. (N5M75SP)

Processos morfofonológicos por subtração: configuram-se pela retirada ou perda de fonemas em um vocábulo. Pertencem a este grupo a aférese, a síncope, a sinalefa, a apócope, a crase, e a monotongação³⁵, que incluímos por conter características subtrativas.

A **aférese** é a queda de fonema no início do vocábulo.

É. Eu sou pai de dezessete fio. E teve um, uns dois fora de tempo. O oto morreu de sete meis. Eu tinha ãa menina, morreu de cinco ano. Eu tem, o oto que morreu de três ano. Tem ãa fia minha que morreu cum quarenta e cinco ano, tamém, mas essa era **[e]pilética**, ela **[a]dueceu** ela **'tava** cum quato ano, né? Morreu cum quarenta e cinco ano. Agora tem, eu tem treis em São Paulo. (N3M92MG)

A **síncope** é a subtração de fonemas no interior do vocábulo.

Dois dia sem pô comida de sal' na boca, só cuano café. Mais agora não. Eu num sinto mais nada. Ó, eu não sei duma **épa** se eu sentisse ãa dor de cabeça e no **estamo**, o que passava guela **pa** baxo. Agora num foi, né, porque num gosta memo, né. Graças a Deus, tenho boa memora, alembro das coisa tudo, igual eu 'tô falano **pra** senhora. Ainda pego ãa aguia c'ũa linha bem fininha e ainda enfio. (N3M92MG)

A **sinalefa** afigura-se pela queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte também inicia-se por vogal.

Não, faiz a imenda mais o cerrote. Num gosto disso, corta **dum** lado, corta do oto fica abergue, eu num gosto, eu gosto de que fique certinho, né. É, tem que sabê o que 'tá fazeno. Tem que medi[r] tudo. (N5M75SP)

A **apócope** é a queda do fonema no final do vocábulo.

³⁵ Cabe dizer que a monotongação poderia ser inserida no processo de síncope quando ocorre em contexto medial do vocábulo, contudo, quando realizada em contexto final de sílaba, como por exemplo em /falou/ ~ /falô/, se categorizada meramente como apócope, a classificação se torna incompleta.

Chegou lá ele mediu pra mim três vara (*incompreensível*), cumbuca, abei. E lá debaixo da árve tinha um, um ti meu, era mais véi que eu, era **mei[o]** perrengue, né? Eu [a]cabei, [a]judei ele, né, **deitô** lá e **ficô** deitado. (N3M92MG)

Na **crase** ocorre a fusão de dois sons vocálicos idênticos, que no contexto estão contíguos uns aos outros. De acordo com Coutinho (1970), a crase é um recurso linguístico para eliminar o hiato.

[...] É todo dia, morre dois, três. Aí é por causa qui hoje a cidade [está] mais [a]gitada, cas que os pedestre, sei como **qu'ê** lá vai [a]travessá, os carro vem e (*assobio para simular o acidente*). (N1F75GO)

Monotongaço: processo pelo qual um ditongo passa a ser reproduzido como monotongo, geralmente, caracterizado pela perda da semivogal. Em português, segundo Cristófar-Silva (2011), a monotongaço ocorre em ditongos crescentes e decrescentes. Ante isso, acrescentamos que a monotongaço pode ocasionar síncope e/ou apócope nos vocábulos que a realiza e vice-versa.

Foi ãa coisa horrorosa. Aí o **fazendero** disse que ia matá. Ele sabia disso, intão por isso ele fez as coisa errado. O dia qu'eles foram sepultado, dia treze de setembro de mil' novecentos e[#] eu esqueci agora gente, cum'ê que fala /.../. Pergunta o (...). (N4F90MG)

Processo morfofonológico por transposição: consiste na transferência de um fonema ou de um acento tônico dentro do vocábulo.

Dentro das narrativas tivemos a ocorrência da **metátese**, definida pela transposição de fonemas seja na mesma sílaba ou em sílabas distintas dentro do mesmo vocábulo.

De manera que depois eu fui ficano mais maió, fui trabaiá lá pra lá de Santo Antoin, saía de lá do Pito Aceso, c' a mala na cacunda, carregano foice, inxada, ropa, cuberta, a pé, ieu trabaiava pra lá de Santo **Antoin**, lá na Lavrinha, na fazenda do (...), ficav' lá dois meis lá, ganhava três mirreis, três notinha dessa. (N3M92MG)

E da **sístole**, que, por seu turno, corresponde ao deslocamento do acento tônico para a sílaba anterior, vejamos:

Ieu era munto **rũim** pra trocá dinheiro, ih, **rũim** mesmo. (N4F90MG)

Para que as vogais possam articular é necessário que a língua movimente-se para frente e para o alto ou para trás e para o alto. Dessarte, a elevação da língua é também dividida em três zonas de articulação, quais sejam: alta, média e baixa. O timbre, por conseguinte, definido por Coelho (2008, p. 46) como “o efeito acústico resultante da ressonância em conjunto com o grau de abertura bucal”, quando apenso ao “movimento de elevação e abaixamento da língua, combinado com o avanço e recuo, modifica-se a área da cavidade oral, o que provoca ressonâncias diferentes” (COELHO, 2008, p. 46). Portanto, quando se utilizam os termos aberto e fechado, está se referindo ao timbre das vogais. Por fim, a cavidade também exerce papel importante na produção das vogais. Se a corrente sonora egressa dos pulmões, passa pela glote encontrando a úvula abaixada, tem-se o desvio do som pela cavidade oronasal. Estando a úvula levantada, com o afastamento da parede faríngea, a corrente sonora se encaminhará para a cavidade oral, tendo assim, o som oral (COELHO, 2008).

Procuramos, aqui, demonstrar brevemente como as vogais podem ser afetadas pelas leis fonológicas atingindo, sobretudo, a forma dos vocábulos. Concordamos com Callou; Moraes e Leite (1996) ao dizerem que no português do Brasil, as diferenças dialetais incidem primordialmente sobre as vogais. Devido à abundância de processos morfofonológicos vocálicos realizados pelos narradores, conjecturamos que eles foram mais recorrentes que os processos morfofonológicos consonantais. A seguir, mostraremos o Índice de Frequência e Ocorrência dos vocábulos que sofreram processos vocálicos no *corpus*.

3.2 Primeiro filão de preciosidades linguísticas: considerações preliminares sobre o Índice de Frequência e Ocorrências dos vocábulos que apresentam processos morfofonológicos

Esta seção tenciona apresentar o Índice de Frequência e Ocorrências dos vocábulos inventariados no *corpus*. Esperamos, assim, que o leitor possa obter uma visão mais ampla dos processos, dando a conhecer os critérios que nortearam o seu feito. A categorização do Índice será baseada no inventário dos processos morfofonológicos vocálicos feito previamente.

Para a confecção do Índice, a seguinte estrutura será seguida: o vocábulo que configurará a entrada será apresentado em sua forma canônica, em negrito e minúsculo ou inicial maiúscula quando se tratar de substantivo próprio. Por conseguinte, apresentaremos

sua(s) classificação(ões) gramatical(is) de forma abreviada(s), sempre em itálico, seguida do número total de ocorrências obtidas em todas as narrativas. Depois, o vocábulo será apresentado da maneira que aparece nas narrativas, acompanhado de sua transcrição fonética, entre colchetes, de sua frequência parcial, assinalada entre parênteses e da narrativa da qual ele foi extraído. Quando em um mesmo lema houver vocábulos que apresentem classes gramaticais distintas, em função do seu uso no enunciado, inseriremos um triângulo (▲) como subentrada para marcar essa diferença. Os vocábulos que apresentarem flexões de gênero e número também serão inclusos na mesma entrada. Por fim, para exemplificar o contexto de uso e dirimir os possíveis equívocos de interpretação, traremos um trecho do *corpus* no qual o vocábulo encontra-se em uso.

A finalidade principal do Índice é permitir que o consulente identifique todos os processos ocorridos, sem ter que consultar as transcrições reiteradamente. Com o fito de tornar a consulta ao Índice mais célere e imediata, as entradas obedecerão ao critério de ordem alfabética. Vale ressaltar que outros trabalhos, como o de Ferreira *et al.* (2005 apud XAVIER, 2012), também se valeram de Índices de Frequência e Ocorrências para demonstrar os dados obtidos. A autora em questão, à luz do autor predito, fez o Índice de Frequência e Ocorrências dos substantivos, verbos e adjetivos em um *corpus* manuscrito, com a finalidade de se obter um vocabulário e mapear os principais assuntos abordados. Contudo, o modelo apresentado nesse trabalho foi adaptado para melhor evidenciar os resultados de nossa investigação. Ademais, o Índice exposto pode servir de arquétipo para outras pesquisas que enveredarem por prismas semelhantes.

É válido dizer que o Índice contém informações precisas sobre a realização dos processos em cada narrativa, obtidas mediante um inventário prévio, no qual constam a frequência e a ocorrência de cada vocábulo proferido. Nesse inventário, catalogamos os tipos dos processos, bem como os vocábulos nos quais esses processos foram realizados. As variantes, nesse inventário, foram compiladas com suas variáveis. Percorrer esse caminho foi importante, porque ele nos ajudou, também, a evitar a duplicação dos dados.

Para realizar a transcrição fonética, utilizamos os símbolos da fonte **SILDoulos IPA93**, disponível para *download* em inúmeros *sites*. A transcrição fonética foi feita entre colchetes simples [], conforme ensinam os diversos manuais da área. Acerca da transcrição fonética, Cristófaros-Silva (2011) relata que existem duas maneiras de fazê-la: a ampla e a restrita. Na transcrição restrita, são descortinados todos os detalhes fonéticos, incluindo as propriedades secundárias e os detalhes que podem ser previsíveis no contexto, ao passo que a transcrição ampla é aproximativa e nela ficam explícitos apenas os aspectos genéricos dos segmentos. Para

exemplificar as duas modalidades, a autora utiliza as seguintes amostras: “[pat^wu]”, para representar a transcrição restrita, e “[patu]” para representar a transcrição ampla (CRISTÓFARO- SILVA, 2011). No caso das transcrições fonética dos vocábulos que sofreram processos morfofonológicos, lançamos mão da transcrição ampla, vez que acreditamos que a transcrição restrita não atende os propósitos dessa investigação pelo fato de ela não poder ser captada fielmente pelo canal auditivo.

Cabe, aqui, uma rápida digressão para pontuarmos sobre as marcas prosódicas utilizadas nas transcrições fonéticas dos vocábulos que compõem o Índice. Nesse sentido, vale salientar que as marcas prosódicas dizem respeito à qualidade distintiva emitida através dos sons da fala. Elas são capazes de diferenciar vocábulos e não podem ser segmentadas em unidades menores. Fazem parte da prosódia os diacríticos e a entonação. Os diacríticos são símbolos gráficos sobrepostos ao fonema para conferir-lhe um novo valor fonético ou fonológico. É importante dizer que em português são considerados diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til. A entonação ou tom diz respeito à forma como uma sentença é pronunciada, ou seja, se é um pedido, uma ordem ou uma afirmação e o acento tônico marca a sílaba que se realiza com maior intensidade sonora (COELHO, 2008; HOUAISS; VILLAR, 2009). As marcas prosódicas foram utilizadas para tentar dar maior fidelidade ao conteúdo narrado. No quadro a seguir, demonstramos essas marcas prosódicas.

Quadro 1 – marcas prosódicas utilizadas na transcrição fonética dos vocábulos proferidos pelos narradores do FB.

Marcas prosódicas	Significado
.	Diacrítico indicativo de separação silábica
ː	Sílaba longa
ˈ	Diacrítico indicativo de sílaba tônica (Acento principal/tônico)
ˌ	Acento secundário
~	Diacrítico indicativo de nasalidade

Extraídas de Cristófaros-Silva e Yehia (2009).

Cabe dizer, ainda, que a metodologia empregue para tal fim não contou com o auxílio de *softwares*, haja vista que, devido ao foco da pesquisa, desconhecemos na Linguística Computacional programas que contemplem as particularidades dos dados analisados.

No inventário, vários vocábulos sofreram mais de um processo porque havia neles presença e/ou ausência de traços fonêmicos que permitiram tal classificação. Nesse contexto, vale trazer à baila o que entendemos por vocábulo e seus respectivos desdobramentos. De acordo com Bechara (2009, p. 333), o termo vocábulo é oriundo do latim *vox* e possui acepção de ‘a voz’.

Compreendemos por vocábulo o *continuum* sonoro significativo que abrange tanto os itens lexicais (lexemas) quanto os gramaticais (gramemas). Nas palavras de Camara Júnior (1971, p. 34), palavra e vocábulo não se confundem; para ele, a palavra³⁶ é um tipo especial de vocábulo, porquanto ela abarca os verbos e os substantivos, vocábulos autônomos foneticamente. Nesse caso, ao pronunciar um substantivo seguido de um verbo, as fronteiras existentes entre esses grupos fônicos são devidamente marcadas. Resultado diferente teríamos ao pronunciar um substantivo e um adjetivo, vez que eles se uniriam formando uma única sequência sonora. Um clássico exemplo disso seriam os vocábulos “camisa amarela” [kamizamarela], os quais pronunciados sem pausa se acoplam porque o ambiente fonético favorece essa juntura intervocabular.

Diante do exposto, faz-se mister, então, diferenciar o vocábulo fonológico do vocábulo mórfico ou morfológico. A grosso modo, Camara Júnior (1971) identifica o primeiro como uma ausência de interrupção na cadeia falada. Já o segundo diz respeito a um segmento que se individualiza dos demais por um espaço em branco em função de um sentido específico que lhe é conferido. Desta feita, o vocábulo fonológico estaria para a fala, ao passo que o vocábulo mórfico estaria para a escrita.

No entanto, na fala essa divisão não é tão simples, pois nessa modalidade ambos vocábulos podem ser concorrentes. Para melhor entendermos essa discussão, cabe dar relevo às palavras de Camara Júnior (1971, p. 34-35):

Para os vocábulos fonológicos, seria um erro supor que eles se separam entre si por pausas na corrente da fala. Os espaços em branco, usuais na nossa língua escrita, não são indicações de interrupção de emissão de voz na língua oral.

³⁶ Na definição de Coelho (2006b, p. 62, grifos no original) “a palavra é uma unidade significativa memorizada no seu todo, formada por apenas um morfema, como /lápiz/, ou por mais de um, como /and-á-va-mos/ [...]”. Consoante esta asserção, Bechara (2009, p. 334, grifo no original) reforça que “a palavra está constituída indissolúvelmente [...] de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico de *morfema*.”

As pausas marcam uma divisão acima dos vocábulos, que é a do <<grupos de força>>. Assim, entre um substantivo e o adjetivo que o qualifica (ex. campo aberto ou livro excelente ou grande homem) não há qualquer pausa, embora haja dois vocábulos fonológicos. Há pausa entre qualquer dessas enunciações e um verbo, por exemplo, porque elas constituem um grupo de força e o verbo outro grupo.

Grupo de força, segundo Houaiss e Villar (2009), é um “sintagma de dois ou mais vocábulos enunciados sem pausa entre si, formando um conjunto fonético significativo dentro da frase, subordinado a um acento tônico predominante, que é o do vocábulo mais importante do grupo”. Na narrativa, vários vocábulos que na escrita seriam separados por espaço em branco foram acoplados. Vejamos o seguinte excerto: “Aquele cuidado com aquele povão de fora. Vinha gente de tudo **quant’**é lugá, andano lá de lancha. Agora ouvi falá, diz que ’tá aque[le]s poço do Titanic, secô. Aque[le]s poço, daqui **pr’**ali. Nasceu ’té capim” (N1F75GO; N2M78GO).

A esse respeito, são salutares as palavras de Bechara (2009) ao explicitar que na fala há o predomínio do ritmo acentual, fazendo com que as sílabas átonas se acoplem às tônicas. Segundo o autor (2009), é por esse motivo que nem sempre o vocábulo coincide com a palavra, vez que na escrita teríamos duas palavras plenas de significado demarcadas por um espaço em branco (*quanto* e *é*), enquanto na fala, temos apenas um vocábulo (*quant’*é).

Assim como as narrativas, o Índice pode servir de *corpus* para estudos outros, tais como lexicais, semânticos, sintáticos, discursivos, dentre outros. Cabe ressaltar que o Índice não tem como finalidade detalhar a função sintática dos vocábulos, circunscrevendo-se a indicar apenas a classe gramatical deles. Caso haja dúvidas acerca do gênero ou algo similar, o consulente dispõe de mecanismos para dirimi-las, acessando a transcrição.

Palmilhando nesse contexto, convém dizer que o Índice é uma “lista, geralmente alfabética, que inclui todos ou quase todos os itens (temas, tratados, nomes próprios mencionados) que se consideram de maior importância no texto de uma publicação, e que, junto a cada item, indica o lugar onde ele pode ser encontrado.” (HOUAISS; VILLAR, 2009) O Índice também tem a função de mapear os processos nas narrativas, possibilitando a identificação da maior ou menor produtividade de um processo em detrimento de outros, a depender da narrativa. Passemos, então, para o Índice, no qual constam os vocábulos inventariados.

3.3 O silêncio vale prata e o vocábulo vale ouro: apresentação do Índice de Frequência e Ocorrências

abadia s. (1) [a]badia [ba.'dʒi.ɐ] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Tinha muito. Gostava demais de festa: Sinhora da **[A]badia**, São Sebastião, São Binidito.”

abaixar v. (4). [a]baixô [baj.'ʃo] (1) *aférese*, *apócope* e *monotongação*; [a]baixav' [baj.'ʃav'] (1) . *aférese* e *apócope* (N3M92MG); abaxá [a.ba.'ʃa] (1) *síncope* e *monotongação*; abaxo [a.'ba.ʃu] (1). *síncope* e *monotongação* (N5M75SP). Exemplo: “Se eu ficasse sem armoço até onze hora mai[s] o[u] meno[s] eu podia taí em quarqué buteco aí cunversano; nesse tempo eu ainda bebia pinga, né, de ãas seis veiz ela **[a]baixô**, eu **[a]baixav'** assim, levantava e num 'tava sentino nada, uai, o que isso?”

abaixo adv. (3) baxo ['ba.ʃu] (1). *aférese*, *síncope* e *monotongação* (N1F75GO; N2M78GO); baxo ['ba.ʃu] (2). *síncope* e *monotongação* (N3M92MG). Exemplo: “Ó, eu não sei duma épa se eu sentisse ãa dor de cabeça e no estamo, o que passava guela pa **baxo**.”

abóbora s. (1) abóbra [a.'bɔ.brɐ] (1). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ih, plantava arroz, feijão, miio, meu pai cuía café, munto café, mandioca, **abóbra**, quiabo, tinha cebola, tinha tudo.”

acabar v. (16) 'cabô [ka.'bo] (5) *aférese*, *apócope* e *monotongação*; 'cabaro [ka.'ba.ru] (1) *aférese*, *alternância* e *desnasalização*; 'cabo ['ka.bu] (1) *aférese* (N1F75GO; N2M78GO); [a]cabei [ka.'bej] (2) *aférese*; 'cabano [ka.'bẽ.nũ] (1) *aférese*; 'cabô [ka.'bo] (1) *aférese*, *apócope* e *monotongação* (N3M92MG); [a]cabei [ka.'bej] (1) *aférese* (N4F90MG); 'cabá [ka.'ba] (1) *aférese*; 'cabô [ka.'bo] (1) *aférese*, *apócope* e *monotongação*; caba ['ka.bɐ] (1) *aférese*; 'cabei [ka.'bej] (1) *aférese* (N5M75SP). Exemplo: “Fazia trinta, quarenta latona assim de doce. Povo comia, carregava. Hoje **cabô** tudo. Hoje tem as festa, faiz as novena. Mais assim, e[le]s leva refrigerante, cigarro, essas [coisas], mais é pra vendê.”

acalmar v. (1) calmá [kaw.'ma] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo:” Aí eu falei pra ele: intão vamo **'calmá**. *É, não, 'tá certo*. Levantô; *vô chegá até em casa*.”

acampamento s. (1) [a]campamento [kẽ.pa.'mẽ.tu] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu fiquei lá de [a]judante. Quando foi um belo dia ele falô assim: *'tá chaman[d]o 'ocê num, num [a]campamento lá*”.

acampar v. (1) campava [kẽ.'pa.vɐ] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Tinha dia que ieu, eu, a minha mãe tava fazeno armoço, ela chegava e pegava inchê minh' mãe, minh' mãe largava as panela no fogo lá, **campava** e ia-se imbora, quando passav' oito dia ela tornava chamá minha mãe, né e minh' mãe ia ota veiz, lá.”

acanhado *adj.* (1) canhado [kã.'ja.du] (1). *aférese*. (N5M75SP) Exemplo: “Eu num gosto de cachorro brabo não. Às vez passa um amigo aí e vem chegan[d]o, ah, Deus me livre e guarde. Aqui fica **acanhado**.”

acarunchar *v.* (1) caruncha [ka.'rũ.ʃø] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Fejão num perdia, agora 'cê compra um saquim de feijão, quand'ali um mês ele, ele **caruncha** tudo.”

acender *v.* (1) [a]cendia [sẽ.'dzi.ø] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu [a]cendia um cigarro lá e vinha assim fumano, num sentia cansera nem nada.”

achar *v.* (1) achô [a.'ʃo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Antão, jogara a curpa nele, foi ele que tinha matado o tar de hôme, lá nessa Pedra Preta, pos lado, caminho de Sum Paulu aí. Um coronel fazendero vinha pra cidade e mato[#] **achô** ele morto, mas num era ele nada, né?”

acompanhar *v.* (2) [a]cumpanhá [kũ.pa.'ja] (1). *aférese* e *alçamento*; acumpanhano [a.kũ.pẽ.'jã.nu] (1) *alçamento* (N3M92MG). Exemplo: “Do jeito que ieu tava na roça sujo assim, ieu tive que [a]cumpanhá o interro.”

acontecer *v.* (1) acontecen' [a.kõ.te.'sẽ] (1). *apócope*. Exemplo: “Aqui 'tá **acontecen'** isso.” (N1F75GO; N2M78GO);

acontecer *v.* (1) acuntecia [a.kũ.te.'sja] (1). *alçamento*. Exemplo: “**Acuntecia** munta coisa por meio dele, né. Agor' no meu tempo, anssim, eu era bom pra dançá.” (N3M92MG)

adiantar *s.* (4) [a]diant' [di.'ẽt'] (1). *aférese* e *apócope*; [a]diantano [di. ẽ.'ta.nu] (2) *aférese*; [a]dianta [di.'ẽ.tø] (1) *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Agora a gente não aprendeu quasi nada e o que aprendeu, num 'tá [a]diant'[#], e o que aprendeu, num 'tá [a]diantano.”

adoecer *v.* (1) adueceu [a.du.e.'sew] (1). *alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Dispois **adueceu**, ficô velha parou.”

adoentado *adj.* (1) [a]duentado [du.ẽ.'ta.du] (1). *aférese* e *alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “É, mas diz que ele 'tá meio [a]duentado, mais todo ano ele vem.”

aftose *s.* (1) afitose [a.fi.'tõ.zi] (1). *suarabácti*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Vacina contra **aftose**, vacina contra raiva, vacina contra[#] é muita coisa, gente.”

agarrar *v.* (1) garrei [ga.'xej] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Na hora de saí eu **garrei** na saia da minha mãe assim, né?”

agitado *adj.* (1) [a]gitada [ʒi.'ta.dø] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Todo dia, e[le]s têm acidente aqui na rua é demais, né? É todo dia, morre dois, treis. Aí é por causa qui hoje a cidade [está] mais [a]gitada, cas que os pedestre, sei como qu'é lá vai [a]travessá, os carro vem e (*assobio para simular o acidente*).”

agora *adv.* (9) [a]gora [ˈgo.rɐ] (2). *aférese*; agor'eu [a.ˈgo.r.ew] (1). *sinalefa*. (N1F75GO; N2M78GO); agor' [a.ˈgo.r] (6). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “[a]gora e[le]s vão criá ota barrage, no rio de São Marco, agor'eu esqueci o nome do lugar pra lá. Já tem um aqui nos Treis Rancho, pertim daqui, ó.”

agradecido *adj.* (3) agradecido [a.gra.dzi.ˈsi.du] (3). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “’Ocê ten[d]o nome. Por todo lado onde compro aí se eu vô a pé, se eu fô com dinheiro faço compra, se eu fô Lagoinha, quarqué lugá aqui e eu fico **agradecido**, né, que é tudo, se num tem ota amigo tem, eu arrumo pr'ocê, então, né eu fico **agradecido**.”

aguentar *v.* (5) [a]guentei [gwẽ.ˈtej] (1). *aférese*; [a]guentava [gwẽ.ˈta.vɐ] (1). *aférese*; [a]guenta [ˈgwẽ.tɐ] (2). *aférese*; [a]guentá [gwẽ.ˈta] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Ele inchô munto. Eu [a]guentei vinte e cinco noite cum ele assim.”

agulha *s.* (4) aguia [a.ˈguja] (1). *vocalização e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); aguia [a.ˈguja] (3). *vocalização e ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que fecharo ele uns oito dia sem cumê. Depois tiraro a ropa dele, saiu tocando ele pra rua a fora nú, bateno, socano **aguia** debaxo da unha, assim, furar' olho, diz que cortaru a unha e fizero outras coisa mais e levaro ele e cabaro de matar ele lá no fim da cidade, pra lá da tar de [#]”

aí *adv.* (2) [a]í [i] (2). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu sô capaiz de [a]marrá o sinhô e dexá até o delegado vim, deixo o sinhô amarrado [a]í.”

ainda *adv.* (11) [a]inda [ˈĩ. dɐ] (4). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO); [a]inda [ˈĩ. dɐ] (1). *aférese*. (N3M92MG); [a]inda [ˈĩ. dɐ] (4). *aférese*. (N4F90MG); [a]inda [ˈĩ. dɐ] (2). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Não, eu saía daqui uma mais eu, numa buca. Eu cheguei pra cá de Campos Alto era nove e pouco da noite, [a]inda armano uma chuva.”

ajeitar *v.* (1) [a]jeitá [ʒej.ˈta] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Ieu até a a idade de mais o[u] meno dum sessenta ano, anuncia tinha ido im médico não, num sabia nem [a]jeitá o braço pra tomá injeção, nunca tinha tomado.”

ajudante *s.* (2) [a]judante [ʒu.ˈdɐ.tʃɪ] (2). *aférese*. (N5M75SP) Exemplo: “Eu fiquei lá de [a]judante. Quando foi um belo dia ele falô assim: ’tá chaman[d]o ’ocê num, num [a]campamento lá. ’Tá bom. Dr. (...) era grandão, fortão assim, e o Dr. (...), né. O sinhor qu'ê [a]judante do seu (...)? Sou sim sinhor né.”

ajudar *v.* (11) [a]judá [ʒu.ˈda] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO); [a]judei [ʒu.ˈdej] (1). *aférese*. (N3M92MG); [a]judô [ʒu.ˈdo] (1). *aférese*. ajudô [a.ʒu.ˈdo] (2). *apócope, monotongação* (N4F90MG); [a]juda [ˈʒu.dɐ] (2). *aférese*. ajud' [a.ˈʒud] (1) *apócope*; ajudô [a.ʒu.ˈdo] (1) . *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Os pai de premero num era assim uns pai[#] nem todos era rico, era pobre. O fi de de[#] que nem eu, de doze ano pra, pra cima, já ’tava cumeçano a ganha arguma coisinha pa [a]judá na casa.”

algibeira *s.* (1) gibera [ʒi.'be.rø] (1). *aférese, síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Quando eu vi tombei assim, parece que eu tombei de um lado assim, n’eu tombá levei essa mão na pedra, e[le]s foi, o rapaz chegô, me pegô, levantô, levô a mão na minha **gibera**, tirô minha cartera.”

ali *adv.* (1) [a]li [li] (1). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “Adianta um poquinho. Não, vem ’té mesmo, vem ’té **[a]li** mesmo.”

almoçar *v.* (7) armuçei [a.ɾ.mu.'sej] (1). *alçamento vocálico*; almuçá [aw.mu.'sa] (1) *vocalização e alçamento vocálico*; armuçá [a.ɾ.mu.'sa] (4) *alçamento vocálico.* (N3M92MG); armuçô [a.ɾ.mu.'so] (1). *alçamento, apócope e monotongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Quando foi sábado eu sai e fiz o armoço, deixei pr’ ele lá, vim; eu não **armuçei** sáb[ad]o, num jantei; domingo eu num **almucei** e num jantei.”

alqueire *s.* (4) alquero [aw.'ke.ro] (2). *vocalização, síncope, monotongação e alternância vocálica*; alquere [aw.'ke.ri] (1) *vocalização, síncope e monotongação*; alqueri [aw.'ke.ri] (1) *vocalização, síncope, monotongação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Aí eu cheguei em casa, almocei e se passa[#] l’em cima são quarenta e seis **alquere** e tinha um pasto separado lá, eu vô leva isso aqui pa pô o gado lá, aí munto piqueno.”

amarrar *v.* (2) [a]marrá [ma.'xa] (2). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “Levanto, tiro[[#]] ajudo a **[a]marrá** vaca eu faço de tudo um poquinho.”

analfabeto *adj.* (2) [a]nafabeto [na.fa.'be.tu] (2). *aférese.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ara! Quais ninguém tinha estudo. Era tudo **[a]nafabeto.**”

andar *v.* (1) andô [’ẽ.do] (1). *apócope e monotongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Quando ela **andô** um muncado aqui na rua, ieu chamei ela: Ô (...), vem cá minha fia.”

angu *s.* (1) anguzim [ẽ.gu.'zi] (1). *apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “A cumade (...) que é muié do (...) ela e a fia dela ia pra lá, ia armuçá lá, ieu que ia pra lá: *Oh, ieu quero comê um anguzim seu e um feijão, porque eu pelejo pra mexê a aguia iguali ’ocê, eu num, num, eu num mexo.*”

antigamente *adv.* (1) [an]tigamente [tʃi.ga.'mẽ.tʃi] (1). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “Ah, não. **[An]tigamente** tinha mais. Eu vou ser franco, dizê po senhor: condo eu cumecei a vida, eu me casei cum 27 ano.”

apanhar *v.* (2) panh[o] [’pẽj] (1). *aférese*; panhô [pẽ.'jo] (1). *aférese, apócope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Mas tudo quant’ é serviço que mandá eu fazê eu faço. Eu **panh[o]** café, eu trabai no ralo.”

aparecer *v.* (2) [a]parecê [pa.re.'se] (1). *aférese*; aparicia [a.pa.ri.'si.ø] (1). *alçamento.* (N4F90MG). Exemplo: “Agora depois co Padre (...) morreu cumeçô **[a]parecê** essa ôta ruligião aí. Num tinha essas coisa aí, não.”

Aparecida *s.* (1) [A]parecida [pa.re.'si.dø] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Catapava, Trabijú, l’em [A]parecida, lá perto do[[#]] da COFAB e[le]s negociava”

apelidar *v.* (4) apilidô [a.pi.li.'do] (1). *alçamento, apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); ▲ *s.* apilido [a.pi.'li.du] (2). *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); apilido [a.pi.'li.du] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Lá chama Varge. Aí **apilidô** de Mata, porque o povo matava muito cachorro (*risos*).”

apontar *v.* (1) [a]pontando [põ.'tẽ.du] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí, ele pegô, meu cunhado que era impleitero, ele falô: *cadê seu (...)*, que era meu cunhado, né. Falei ele, ele ’tá [a]pontando, né, chegô.”

aprender *v.* (1) [a]prendi [prẽ.'dʒi] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu graças a Deus, eu só num [a]prendi roubá e tam[b]ém de maltratá os oto tam[b]ém.”

aquela *pron.* (19) aque[le]s [a.'kes] (9). *síncope*; aque[la]s [a.'kes] (2). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO); aque[la]s [a.'kes] (1). *síncope*; aquel’ [a.'keʃ] (1) *apócope*; aquel[a] [a.keʃ] (1) *apócope*. (N3M92MG); [a]quela [’kẽ.la] (2). *aférese*; aque[la]s [a.'kes] (1). *síncope*; aque[le]s [a.'kes] (1). *síncope*. (N4F90MG); [a]quele [’ke.le] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Dos fazendero e dos oto tudo, né? No tempo a, a, antigo, eu[[#]] os fazendero tinha **aque[la]s** colônia na fazenda, né.”

aqui *adv.* (5) [a]qui [ki] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO); (4) [a]qui [ki] (3). *aférese*. (N3M92MG); [a]qui [ki] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “A igreja fica cheinha, [a]qui tem ãs duas paróquia, ãs quato ou cinco igreja grande”.

aquilo *pron.* (1) aqui[lo] [a.'ki] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “eu cumi **aqui[lo]** lá e me contorcendo com a dor de barriga, mas num ’tava doendo nada, né. Doendo a dor de barriga.”

arraial *s.* (2) arraialzinho [a.xaj.a.li.'zi.nu] (1). *vocalização e epêntese*; arraialzim [a.xaj.aw.'zi] (1). *vocalização e apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “A minha cidade sempre foi muito pobre, porque lá era arraial, né. **Arraialzinho** pobre, mas a gente vivia era aqui mesmo.”

arrancar *v.* (1) [a]rranquei [xẽ.'kej] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Quando chegô lá fora, ele levô a mão pa pegá a chave, eu puxei ele pa traiz e [a]rranquei a chave do meu borso.”

arranjar *v.* (3) [a]rranjá [xẽ.'ʒa] (1). *aférese*. (N3M92MG); [a]rranjô [xẽ.'ʒo] (1). *aférese, apócope e monotongação*; [ar]ranjô [xẽ.'ʒo] (1). *aférese, apócope e monotongação* (N4F90MG). Exemplo: “Chegava aqui e falava aí em roda da casa, a grama quais entrava dento de casa. Ieu fui [a]rranjá um pri[mo] meu, agor’ qu’ele ’tá fazeno aí a limpada, porque tem água, tem tudo aí”.

arreminar v. (1) arrenava [a.xe.'na.vø] (1). *síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “é que dispois qu'ieu mudei pr'aqui, tanto faz a casa 'tá cheia de home, como de muié pra mim, eu num arrenava nada.”

arriar v. (1) arriemo [a.xi.'e.mũ] (1). *alternância vocálica e assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “Oto dia faltava mais treis quilômeto de noite, no fim um casal munto bão, véi, mais munto bão, deu café, um monte de coisa, **arriemo** a tropa, fomo na casa do seu (...), peguei nove nuvilha lá.”

arroz s. (4) arroizi [a.'xoj.zi] (1). *epêntese, ditongação e paragoge*; arroiz [a.'xojz] (2). *epêntese e ditongação*; arroize [a.'xoj.ze] (1). *epêntese, ditongação e paragoge*. (N3M92MG). Exemplo: “Prantava de tudo, nessa ocasião, né. Era mi, era feijão, era **arroizi**, era tudo, né.”

arrumar v. (7) [ar]rumava [xu.'ma.vø] (1). *aférese*; arrumadim [a.xu.ma.'dʒĩ] (1). *apócope* (N1F75GO; N2M78GO); arrumô [a.xu.'mo] (1). *apócope e monotongação*. (N3M92MG); arrumadim [a.xu.ma.'dʒĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG); [a]rruma ['xu.ma] (1). *aférese*; arrumô [a.xu.'mo] (2). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O povo de premero tinha lugá de trabaiá, **[ar]rumava** o chão bem **arrumadim**, prantava e cuía arroz, cuía feijão, cuía galin'[#] tinha galinha, tinha capadim no chiquero. O povo era trabaiadô, mais munto assim, faltano curtura.”

árvore s. (1) árvre ['a.ɾ.vrɛ] (1). *síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “eu cumi aqui[lo] lá e me contorcendo com a dor de barriga, mas num 'tava doendo nada, né. Doendo a dor de barriga. Não, 'cê tem que i[r], chegano lá, 'cê deita debaxo da **árvre** e se 'ocê num miorá de tarde nois vem embora, mas 'cê tem que ir.”

às vezes adv. (7) às veiz [az.'vejz] (4). *epêntese, ditongação e apócope*. (N3M92MG); às veiz [az.'vejz] (3). *epêntese, ditongação e apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu num gosto de cachorro brabo não. **Às veiz** passa um amigo aí e vem chegan[d]o, ah, Deus me livre e guarde. Aqui fica canhado.”

assim adv. (2) anssim [ẽ.'sĩ] (1). *nasalização*. (N1F75GO; N2M78GO); anssim [ẽ.'sĩ] (1). *nasalização* (N3M92MG). Exemplo: “Aquel' mundo d'água a gente num via o fim, né? Submerso, aquel' azulão **anssim**, diz ela que 'tava aque[le]s poço aqui pr'ali criando capim lá dento.”

atarracar v. (1) 'tarraca³⁷ [ta.'xa.kø] (1). *aférese e desnasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “Quand'eu vô muntá [no] cavalo, os dois '**tarraca** ele e toma o revorve dele e deu dois tiro pra descarregá o revorve.”

até adv. (11) 'té [tɛ] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO); inté [ĩ.'tɛ] (4). *alternância vocálica e nasalização*. (N3M92MG); inté [ĩ.'tɛ] (1). *alternância vocálica e nasalização*; [a]té [tɛ] (1). *aférese*. (N4F90MG); 'té [tɛ] (3). *aférese*; inté [ĩ.'tɛ] (1). *alternância vocálica e nasalização* (N5M75SP). Exemplo: “Lá chama Varge. Aí apilidô de Mata, porque o povo matava muito

³⁷ variação de *atarracam*.

cachorro (*risos*). Vei[o] da Varge, vei[o] do Mata Cachorro e lá foi residino lá [a]té fazê um tipo [#] um, duas separação”

atirar v. (2) atirô [a.tʃi.ˈro] (2). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “*Seu (...), acuda, papai atirô mamãe e matô mamãe e atirô ao (...)* que é o noivo dela.”

atolar v. (1) atolô [a.to.ˈlo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Tod’ mundo fala, mais diz que o fio foi lá tirá o pai, né. E o pai pediu socorro e levô, mai ele **atolô** na pedra ficô parado na pedra e num conseguiu não fazê nada.”

atrás adv. (1) traiz [ˈtraiz] (1). *aférese*, *epêntese* e *ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); traiz [ˈtraiz] (1). *aférese*, *epêntese* e *ditongação* (N5M75SP). Exemplo: “Era lamparina nessa época que a gente ’tá falano aí pra **traiz**. A tar de lamparininha.”

atravessar v. (3) [a]travessá [tra.ve.ˈsa] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO); travessei [tra.ve.ˈsej] (2). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Todo dia, e[le]s têm acidente aqui na rua é dimais, né? É todo dia, morre dois, treis. Aí é por causa qui hoje a cidade [está] mais [a]gitada, cas que os pedestre, sei como qu’ê lá vai [a]travessá, os carro vem e (*assobio para simular o acidente*)”

avançar v. (1) avan[çada] [a.vẽ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Porque eu num fico parado lá, fica assim: ‘cê num pode trabaiá com essa idade **avan[çada]**[#] é.”

balaios s. (1) balaim [ba.la.ĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Intão a gente era menina, colocava aquele **balaim** bem arrumadim, cum pano munto limpim, punha as broa de queijo, sabe, 200 reis e vinha trazê pros fregueis.”

barragem s. (1) barrage [ba.ˈxa.ʒi] (1). *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “[a]gora e[le]s vão criar ota **barrage**, no rio de São Marco”.

barulho s. (1) barui [ba.ˈruj] (1). *vocalização* e *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “É. Era engraçado, porque tremia só aqui em Bom Sucesso, né, mas o **barui**, pra todo lado [ou]via, né.”

batizar v. (1) batizô [ba.tʃi.ˈzo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Tinha um padre chamado Padre (...), esse foi Vigáro aqui cinquenta e tantos ano. **Batizô** a gente, fez primera comunhão e casô, mais aí casei cum dezessete ano, munto nova.”

beirada s. (1) berada [be.ˈra.dɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Lê, eu que cuidei dele, eu passei vinte e cinco noite, punha um cochão assim na **berada** da cama dele”

Belo Horizonte *s.* (4) Be[lo] [Ho]rizonte³⁸ [be.ri.'zõ.tʒi] (1). *síncope*. (N3M92MG); Be[lo] [Ho]rizonte [be.ri.'zõ.tʒi] (3). *síncope*. (N4F90MG). Exemplo: “O que ’tá no Carrapato trabaia em **Bel[o] [Hor]izonte**. Esse oto, ’tá lá, pra lá, lá em Babacena.”

Benedito *s.* (1) Binidito [bi.ni.'di.tu] (1). *assimilação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Gostava dimais de festa: Senhora da [A]badia, São Sebastião, São **Binidito**.”

bicho *s.* (1) bichim [bi.'ʃi] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “E[le]s pega e tom’ as arma, toma rede e murta a pessoa (*risos*). Mais tinha bicho memo, aque[le]s bichão grande assim, ó. Tão bonito, né? Bonito. Sariema, Ema, fora os passarim piqueno, aque[le]s **bichim** piqueno.”

bisneto *s.* (2) bisineto [bi.zi.'ne.tu] (2). *suarabácti*. (N3M92MG). Exemplo: “Porque só lá em São Paulo é **bisineto**, eu tem dez **bisineto**.”

bocado *s.* (9) muncado [mũ.'ka.du] (1). *alçamento e nasalização*; (1) muncadim [mũ.ka.'dʒi] (1). *alçamento, nasalização e apócope*. (N3M92MG); muncado [mũ.'ka.du] (1). *alçamento e nasalização*; ’cadim [ka.'dʒi] (2) *aférese e apócope*; muncadim [mũ.ka.'dʒi] (3). *alçamento, nasalização e apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí ela falou: *Ô mãe, ieu num vô fazê conta agora não, ieu agora preciso de[#]* ela tinha quarquê probrema, né. Aí ela saiu. Quando ela andô um **muncado** aqui na rua, ieu chamei ela: *Ô (...), vem cá minha fia*.”

bom *adj.* (20) bão [bẽw] (6). *epêntese*. (N1F75GO; N2M78GO); bão [bẽw] (1). *epêntese*. (N3M92MG); bão [bẽw] (4). *epêntese*. (N4F90MG); bão [bẽw] (9). *epêntese*. (N5M75SP). Exemplo: “A igreja fica cheinha, [a]qui tem ãas duas Paróquia, ãas quato ou cinco igreja grande, tem centro comunitário nem sei das quanta, tem muito, fica tudo cheim, né? O povo muito caridoso, faiz muita caridade pros pobre tudo, e ’tá muito **bão**.”

botar *v.* (1) botô [bo.'to] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Dia seis de janero, eu vô[#] se **botô** eu num vi. Trabaiei um dia, almocei, peguei o sal e fui leva lá.”

cadeira *s.* (1) cadera [ka.'de.rɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Não. Aqui tem uma manguara aqui, do pau cumprido, eu pus ela aqui, foi preciso d’ eu pegá a **cadera** c’a manguara, impurrá, inté pra cerrá a porta, lá.”

caixa *s.* (3) caxa [ˈka.ʃɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); caxa [ˈka.ʃɐ] (2). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O (...), mas a (...) vai pra lá leva uma **caxa** de cerveja, mas leva dois lit[r]o de pinga tamém (*risos*).”

caixão *s.* (1) caxão [ka.'ʃɛw] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “O dia ca minh’ mãe morreu, chegô a notíça lá que ela teve internada e tirô ela lá, ela morreu. O irmão

³⁸ Em casos como este, no qual o vocábulo é composto, consideramos que houve o processo de síncope em detrimento ao processo de apócope. Neste caso, consideramos que houve a supressão dos fonemas mediais em decorrência da pronúncia da sequência fônica.

meu morava em Lavras, ele vei[o] aí ele falou: *agora 'ocê, 'cê paga a sepultura e, e, ieu dô o caxão pa interrá ela.*”

caixote *s.* (1) caxote [ka.'ʃo.tʃɪ] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Lê, eu que cuidei dele, eu passei vinte e cinco noite, punha um cochão assim na berada da cama dele; tinha que levantar ele, sentá ele num **caxote** daque[le]s grandão, pô ãas brasa de fogo nũa lata pra ele esquentá. Ele inchô munto.”

cálcu *s.* (1) cárcu[lo] [¹kaɾ.ku] (1). *apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “Depois eu fui empregar lá no (...), contá, fazê **cárcu[lo]**. É que pôs aquela usina lá dos (...), lá.”

caluniar *v.* (1) coluniá [ko.lu.'nj.a] (1). *assimilação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ai meu Deus do céu! acho que essa[#] pa podê vinga desse Antero pactuô, diz o povo, eu não falo nada que eu num vi. Eu só falo, confirmo o que eu vejo, porque a gente **coluniá** os zoto é pecado, né?”

canseira *adj.* (1) cansera [kẽ.'se.ra] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Eu [a]cendia um cigarro lá e vinha assim fumano, num sentia **cansera** nem nada. Até hoje, graças a Deus, num sinto.”

capado *s.* (1) capadim [ka.pa.'dĩ] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “O povo de premero tinha lugá de trabaiá, [ar]rumava o chão bem arrumadim, prantava e cuía arroz, cuía feijão, cuía galin'[#] tinha galinha, tinha **capadim** no chiquero.”

capataz *s.* (1) capataiz [ka.pa.'tajz] (1). *epêntese e ditongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Seu (...) era um minerão aí, morav' aqui embaixo, ó, um magrelão ligero, né e el'era mei famoso e da equipe do jagunço do tempo do destinado, destinado, ele era o **capataiz** me[s]mo tão respeitado e num era flor que se chera me[s]mo.”

capaz *adv.* (4) capaiz [ka.'pajz] (1). *epêntese e ditongação.* (N4F90MG); capaiz [ka.'pajz] (3). (N5M75SP). Exemplo: “É, mas diz que ele 'tá meio [a]duentado, mais todo ano ele vem. **Capaiz** que ele vem, né.”

capela *s.* (1) capelinh' [ka.pe.'lĩj] (1). *apócope.* (N5M75SP). Exemplo: “/.../ Tem uma capela lá é qui eu [#] Tem uma capela hoje tem festa ali na **capelinh'**. O senhor foi l'em cima, não?”

capinar *v.* (1) capinô [ka.pi.'no] (1). *apócope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “A minha roça 'tava amarelano tudo no mato. Ele morreu, quando foi no dia 5 de dezembro, juntou ãa turma lá, foi lá e **capinô** minha roça tudo num dia (*risos*).”

carbureto *s.* (1) camburete [kẽ.bu.'re.tʃɪ] (1). *nasalização e alternância vocálica.* (N3M92MG). Exemplo: “Esses barzinho tudo era a luz de **camburete** que tinha nos bar, né?”

carpinteiro *s.* (1) carpintero [kaɾ.pĩ.'te.rũ] (1). *síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “É, tá qu'eu moro aqui. Trabaiei no (...), trabaiei no (...), servino de pedrero, de **carpintero**, ajudano no caminhão, mar num deu certo, eu num gostava.”

carro s. (1) carr' [kar] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Num tem. É por caus diss' qui 'cabô o **carr'** aí de boi, cas de que os boi vai pisanô nas pedra e 'caba, né.”

cartão s. (2) cartãozim [ka.ɾ.tẽw.'zĩ] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Sabê mexê com aque[le]s negócio, né? passa o **cartãozim** naqui[lo] lá.”

carteira s. (4) cartera [ka.ɾ.'te.rẽ] (4). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Quando eu vi tombei assim, parece que eu tombei de um lado assim, n'eu tombá levei essa mão na pedra, e[le]s foi, o rapaz chegô, me pegô, levantô, levô a mão na minha gibera, tirô minha **cartera**. Eu levantei e falei: Minha **cartera** 'tá c'ocê. Chegou duas muié: (...), *entrega a cartera dele*. Aí ele foi, me entregô a **cartera** e eu pus no bolso. E dispois me levou.”

cartucheira s. (1) cartuchera [ka.ɾ.tu.'ʃe.rẽ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Ah, *cumpade, ele falô que lá, na sua fazenda ele num podia i[r] cu nós, mais aqui na casa dele ele tem uma cartuchera e um penado, [a]inda.*”

casadeira adj. (2) casadera [ka.za.'de.rẽ] (2). *síncope* e *monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “As moça não foi muito **casadera**, né. Essa coitada casô e num deu certo c'o marido; mas a ôta que é casada, munto boa tamém.”

casar v. (4) casô [ka.'zo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); casô [ka.'zo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N4F90MG); casô [ka.'zo] (2). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Quondo feiz oito dia qu'ieu casei ele tamém **casô**. Antão lá fazia aquel[a] soca, né, gente no terrero, né, mai[s] enchia de gente, né.”

causa s. (4) ca[u]s[a] ['kaz] (1). *síncope*, *monotongação* e *apócope*. (N3M92MG); caus[a] ['kawz] (1). *apócope*. caus [kawz] (2). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “É. Ele num tinha barba, o meu avô não. Acho qu'ê por **ca[u]s[a]** disso que [eu sou] forte.”

cemitério s. (2) cimintério [si.mĩ.'tẽ.riũ] (1). *assimilação* e *nasalização*. (N4F90MG); cimintério [si.mĩ.'tẽ.rjũ] (1). *assimilação* e *nasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “Tinha um tu[r]co que chamava (...) e ele falou: (...), *onde mora* (...). Aí o (...) respondeu: *até onte murava ali, naquele lugá que chama Pavuna. Onte foi todo mundo po cimintério, ele e família.*”

chácara s. (2) chacra ['ʃa.krẽ] (2). *síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “É, na cidade, né. O (...) mais é o di[a] inter'[#] tem que, sobe ali o banguela morro grande. 'cê sabe ali, lá **chacra** do (...), ali tem um depósi[to] munto bão ali.”

chamar v. (3) chamô [ʃa.'mo] (2). *apócope* e *monotongação*; chimado [ʃi.'ma.dũ] (1). *alternância vocálica*. (N3M92MG). Exemplo: “Minha vó **chamô**: *o armoço 'tá pronto*. Eu cum vontade de armuçá bastante, né, comi só um muncadim.”

chapéu s. (1) chapeuzim [ʃa.pẽw.'zĩ] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Uai, ieu num arrumava dinheiro pa arrumá o casamento. Custei arrumá pa compra um, dois ternim de ropa, um **chapeuzim**, um par de carçado, né. O casamento, meus padrim até que pagô o casamento.”

chegar v. (7) chegô [ʃe.'go] (2). *apócope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); chegô [ʃe.'go] (4). *apócope* e *monotongação* (N3M92MG); chegô [ʃe.'go] (1). *apócope* e *monotongação* (N4F90MG). Exemplo: “Eu morava junto cum irmão e tinha que zelá da casa, e o que eu ganhava fazia pra ele e foi in[d]o até que **chegô** um ponto que, o pai morreu, o irmão morreu, e nós pegô, foi pr'ũa tal de Cumari e da tal Cumari e vortou pr'aqui.”

cheio adj. (2) cheim [ʃeĩ] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); chei[o] [ʃei] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “A igreja fica cheinha, [a]qui tem ãas duas paróquia, ãas quatro ou cinco igreja grande, tem centro comunitário nem sei das quanta, tem muito, fica tudo **cheim**, né? O povo muito caridoso, faiz muita caridade pros pobre tudo, e 'tá muito bão.”

cheira adj. (1) chera [ʃe.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Seu (...) era um minerão aí, morav' aqui embaixo, ó, um magrelão ligero, né e el'era mei famoso e da equipe do jagunço do tempo do destinado, destinado, ele era o capataiz me[s]mo tão respeitado e num era flor que se **chera** me[s]mo.”

chiqueiro s. (1) chiquero [ʃi.'ke.ru] (1). *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “O povo de premero tinha lugá de trabaiá, [ar]rumava o chão bem arrumadim, prantava e cuía arroz, cuía feijão, cuía galin'[#] tinha galinha, tinha capadim no **chiqueiro**.”

chorar v. (3) chorô [ʃo.'ro] (3). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí sentô, **chorô**. Sentô e **chorô**. Eu pego até uma corda, e foi correno, ele sentô e **chorô**. (...), num faiz isso.”

cinco num. card. (1) cinc' [ʃĩk] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Se eu ficasse sem armoço até onze hora mai[s] o[u] meno[s] eu podia taí em quarqué buteco aí cunversano, nesse tempo eu ainda bebia pinga, né, de ãas seis veiz ela [a]baixô, eu [a]baixav' assim, levantava e num 'tava sentino nada, uai, o que isso? Fiquei bobo. Agor' tá mode uns **cinc'** ano qu'eu num tiro, acompanho”.

coberta s. (1) cuberta [ku.'be.ɾ.tɐ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “[...] carregano foice, inxada, ropa, **cuberta**, a pé, ieu trabaiava pra lá de Santo Antoin, lá na Lavrinha, na fazenda do (...), ficav' lá dois meis lá, ganhava treis mirreis, treis notinha dessa.”

cobertor s. (1) cubertô [ku.be.ɾ.'to] (1). *assimilação* e *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “[...] tinha noite d'eu dormi duas noite aqui sentado aqui, com um **cubertô** na cacunda, nem fechá a porta que ele deixava meio aberta, eu num podia fechá, né.”

cobre s. (1) cubrim [ku.'brĩ] (1). *alçamento*, *apócope* e *nasalização*. (N4F90MG). Exemplo: “Gosto muito de dá ismola pra igreja, porque se num fosse ele me dá a vida, num tinha **cubrim**, né. Ieu ganho muito poco, mas também tem nada de dispesa.”

coitado adj. (1) coitadim [koj.ta.'dĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Ah, mais iss'ê. Lá na roça eu ensinei as criança que precisava, né. Os **coitadim** saía da escola, queria aprendê, né, a gente tinha que ensiná um muncadim.”

colaborar v. (1) colaborô [ko.la.bo.'ro] (1). *apócope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Todo mundo **colaborô**.”

colher v. (6) cuía ['kuj.ɐ] (6) *alçamento e vocalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “É, a gente plantava as roça, **cuía** os mantimento do gasto, criava poico, tinha carne, tinha tudo, né? E agora não, aqui é tudo é no dinheiro, né.”

com a prep. e art. (16) c'a [ka] (9). *desnasalização e síncope*; c'as [kaz] (1). *desnasalização e síncope*. (N3M92MG); c'a [ka] (1). *desnasalização e síncope* (N4F90MG). c'a [ka] (5). *desnasalização e síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu cum vontade de armuçá bastante, né, comi só um muncadim. Se eu cumê muito vão falar que eu num 'tô **c'a** barriga doendo. Comi poquim, cum vontade de cumê mais, né.”

com aquele prep. e pron. (1) c'aquele [ka.'ke.li] (1). *desnasalização e síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “Não vai supossan[d]o o oto, aqui era metade, ele lá na frente eu atrás **c'aquele** garfo né, pa descarregá e[ra] quinze minuto, mais meti o pau pa chegá no serviço o bernal pagava, né.”

com as prep. e art. (1) c'as [kaz] (1). *desnasalização e síncope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Aqui [a]inda 'tá passano porque tem a fia que istudô um poquim. Pouco mais é maise /.../ é mais compreensiva **c'as** coisa. Ela, ela é que recebe pra, pra nós.”

com o prep. e art. (16) cu [ku] (1). *desnasalização, síncope e alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); co' [ko] (1). *desnasalização e apócope*; cu [ku] (1). *desnasalização, síncope e alçamento*; c'us [kuz] (1). *desnasalização, síncope e alçamento*; c'uns [kũz] (1). *desnasalização, síncope e alçamento*. c'um [kũ] (1). *desnasalização e síncope*. c'os [koz] (1). *desnasalização, síncope*. (N3M92MG); c'o [ko] (1). *síncope e desnasalização*. (N4F90MG); c'o [ko] (6). *desnasalização e síncope*; cu [ku] (1). *síncope, desnasalização e alçamento*; c'os [koz] (1). *síncope e desnasalização* (N5M75SP). Exemplo: “As moça não foi muito casadera, né. Essa coitada casô e num deu certo **c'o** marido; mas a ôta que é casada, munto boa tamém.”

com outro prep. e pron. (1) c'oto ['ko.tu] (1). *desnasalização, síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Trabaiô mei[o] imbicado **c'oto**, né. Tabaiei só de camisa, andei[#] caminhei uns cinco met[r]o era meia hora pa carregá, 'cabei ligero.”

com prep. (47) cum [kũ] (7). *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); cum [kũ] (13). *alçamento*; cu [ku] (3). *desnasalização e alçamento* (N3M92MG); cum [kũ] (5). *alçamento*. (N4F90MG); cum [kũ] (18). *alçamento*; cu [ku] (1). *alçamento e desnasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “É, e nós mudô pra cá pr'um tal de Buriti que tem pra cá, perto do Frigurifo. Nós se cunheceu e casou, 'tá **cum** 55 ano de casado.”

com um prep. e art. (4) c'uns [kũs] (2); c'um (1) [kũ]. *desnasalização e síncope*. (N3M92MG); c'uns [kũz] (1). *desnasalização e síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “Agora quando foi segunda-fera, eu vô na casa dum fi meu, daí eu fui lá no buteco lá e bebi **c'uns** companheiro lá e tomei lá ãas seis cerveja, mai acontece que eu num tinha armoçado não, né?”

com uma *prep. e art.* (6) c'ũa [kũa] (3). *desnasalização e síncope.* (N3M92MG); c'ũa [kũa] (2). *desnasalização e síncope.* (N4F90MG); c'ũa [kũa] (1). *desnasalização e síncope.* (N5M75SP). Exemplo: “Quando foi de manhã cedo ele me chamô: *levanta pa nois i[r] pa roça.* Minha vó já tinha feito o armoço, sabe. Ai, eu tô **c'ũa** dor de barriga que num tô aguentano, pai. Eu chamava ele de pai.”

com você *prep. e pron.* (4) c'ocê [ko.'se] (1). *desnasalização e síncope.* (N3M92MG); c'ocê [ko.'se] (2). *desnasalização e síncope;* c'ucê [ku.'se] (1). *desnasalização, síncope e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Eu levantei e falei: Minha cartera 'tá **c'ocê**. Chegou duas muié: (...), *entrega a cartera dele.*”

começar *v.* (8) cumeçô [ku.me.'so] (1). *assimilação, alçamento, apócope e monotongação;* cumeçano [ku.me.'sẽ.nu] (1). *assimilação e alçamento.* (N1F75GO; N2M78GO); cumeçô [ku.me.'so] (1). *assimilação, alçamento, apócope e monotongação;* começô [ko.me.'so] (1). *apócope e monotongação.* (N4F90MG); cumecei [ku.me.'sej] (3). *alçamento;* cumeço [ku.'me.su] (1). *dissimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “É vergonha falá, a gente num tem curta ninhã, **cumeçô** a estudá e parô.”

comer *v.* (6) cumê [ku.'me] (4). *alçamento;* cumi [ku.'mi] (2). *alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “Se eu **cumê** muito vão falar que eu num 'tô c'a barriga doendo. **Cumi** poquim, cum vontade de **cumê** mais, né.”

comigo *pron.* (10) cumigo [ku.'mi.gu] (3). *assimilação e alçamento.* (N3M92MG); cumigo [ku.'mi.gu] (7). *assimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Eu tinha um irmão tabaiava **cumigo**, ele recebia doze por semana. Antão ele fazia a dispesa da casa (*risos*).”

como *conj.* (3) cum' [kum] (1). *alçamento e apócope;* cumo ['ku.mu] (1). *assimilação e alçamento* (N3M92MG); cum [kũ] (1). *alçamento;* cum[o] ia ['ku.mjɐ] (1). *alçamento e apócope.* (N4F90MG). Exemplo: “Os fazendero era ruim memo. Num era **cum'** hoje. Hoje, hoje tem essa lei assim: se eu for trabaiá pa sinhora ou for atrás eu não faço.”

como é *conj. interj.* (9) cum'ê [ku.'mɛ] (2). *alçamento e sinalefa;* com'ê [ko.'mɛ] (1). *sinalefa.* (N4F90MG); Cum'ê [ku.'mɛ] (6). *alçamento e sinalefa.* (N5M75SP). Exemplo: “(...). É muito chegado c'a gente aqui, então: *Um, cumé que tá, cumé que tá, ah, larga o dinheiro lá c'o (...).* Dexaro o dinheiro cumigo.”

compadre *s.* (10) cumpade [kũ.'pa.dʒi] (10). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Vai lá pra dentro e vem c'ô dinheiro, aqui ele vai lá perto de mim e pá, confere. Aí, menos [uma coisa] agora. O (...) disse: *Seu (...) qualé documento que o sinhô vai querê. Documento? O cumpade (...).*”

companheiro *s.* (5) cumpanhero [kũ.pẽ.'je.ru] (2). *alçamento, síncope e monotongação.* (N3M92MG); cumpanhero [kũ.pẽ.'je.ru] (2). *alçamento, síncope e monotongação;* cumpanhera [kũ.pẽ.'je.rɐ] (1). *alçamento, síncope e monotongação.* (N5M92MG). Exemplo:

“Lá, o (...) leva pinga, lá os **cumpanhero**, leva pinga, e[le]s bebe que nem ’tá beben[d]o água, mais cerveja ieu tomo to’ dia, todo dia ieu tomo.”

comprar v. (8) comprô [kõ.'pro] (4). *apócope e monotongação*. (N4F90MG); compraro [kõ.'pra.ru] (2). *síncope, abaixamento e desnasalização*; comprô [kõ.'pro] (2). *apócope e monotongação* (N5M75SP). Exemplo: “Mais aí, vend[#] **comprô** a casa, depois **comprô** a horta por um conto de réis. Esse conto de réis ainda teve que passá um documento.”

comprido adj. (1) cumprido [kũ.'pri.dũ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Não. Aqui tem uma manguara, aqui, do pau **cumprido**, eu pus ela aqui, foi preciso d’ eu pegá a cadera c’ a manguara, impurrá, inté pra cerrá a porta, lá.”

confiança s. (1) confiança [kũ.fi.'š.sɐ] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “E[le]s são. Eu vô dizê, aquela turminha lá, num sei o que dizê dela, mais tem tanta **cunfiança** na gente”.

conhecer v. (2) conheceu [kũ.je.'sew] (1). *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); cunheço [kũ.'je.su] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Num **cunheço**. Óia, fui nascido e criado aqui se contá as rua que eu passei o social, eu só sei a minha saída ali, Faria Liv[r]e.”

conhecido s. (1) cunhido [kũ.ji.'si.dũ] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “É sim sinhori. Eu gosto munto [de] andá; turma **cunhido**, né, não tem dor de cabeça.”

conhecimento s. (3) cunhimento [kũ.ji.si.'mẽ.tu] (3). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Aqui pertim aquele lugá de[#] se tivé **cunhimento** a senhor num sai de jeito nenhum.”

contar v. (1) contô [kõ.'to] (1). *apócope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Treze? Ah, então ’cê **contô** errado.”

conversar v. (1) cunversano [kũ.ve.ɣ.'sa.nũ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Fazia uns cinco ano que[#] a munto tempo. Se eu ficasse sem armoço até onze hora mai[s] o[u] meno[s] eu podia taí em quarqué buteco aí **cunversano**, nesse tempo eu ainda bebia pinga, né, de ùas seis veiz ela [a]baixo”

convidar v. (1) cunvidaro [kũ.vi.'da.ru] (1). *alçamento, síncope e desnasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “É sim senhor. É, porque hoje me **cunvidaro** pra mim i[r] num churrasco lá no afogado, lá nos Avarenga.”

cooperar v. (1) coperaro [ko.pe.'ra.ru] (1). *síncope e desnasalização*. (N4F90MG). Exemplo: “Graças a Deus [a]rranjô, pagô tod[a] dívida, né. Os fi tam[b]ém **coperaro** alguma coisa dispois. Mais aí, vend[#] comprô a casa, depois comprô a horta por um conto de réis.”

cooperativa s. (1) [coo]perativa [pe.ra.'tʃi.vɐ] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Não. Antigamente num tinha aquel’ negócio de **[coo]perativa**, né? Nes[se] tempo num tinha. Era carro de boi, acho que num tinha cooperativa não. Agora, todo mundo tem carro, né?”

coração s. (1) curação [ku.ra.'sẽw] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Ele pegô sofrê do **coração**, naquele tempo tudo era atrasado, né?”

córrego s. (4) corgo ['koɾ.gu] (2). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO); corgo ['koɾ.gu] (1). *síncope*. (N3M92MG); corgo ['koɾ.gu] (1). *síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “Quando vi meu jueio deu um estralo, ieu [a]cabei assim c’ũa sede, o copo ’tava perto assim, pra i[r] no **corgo** fui escorado c’a inxada pra mim andá.”

cortar v. (2) cortar [koɾ.'ta.ru] (1). *síncope e desnasalização*; cortô [koɾ.'to] (1). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que fecharo ele uns oito dia sem cumê. Depois tiraro a ropa dele, saiu tocando ele pra rua a fora nú, bateno, socano aguia debaxo da unha, assim, furar’ olho, diz que **cortaru** a unha e fizero outras coisa mais e levaro ele e cabaro de matar ele lá no fim da cidade [...]”

costume s. (1) costume [kus.'tu.mi] (1). *assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “Essa maderá ruliça, pa quem nunca trabaiô, mais esse crivo num [a]rruma dereito, mas tem que tê o **costume**, a malícia, né, porque ela é meio dispontada, né, mais du[ra], tem que te[r] jeito, né.”

costurar v. (1) custurá [kus.tu.'ra] (1). *assimilação*. (N4F90MG). Exemplo: “Deu aula ainda pra ensiná munta menina a **custurá**, a lê e trabalhô munto na igreja.”

couve s. (1) covinha [ko.'vĩ.jɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “É, uai, as **covinha** ’tá, ’tá[#] ele zela, mas ele vem aqui e carrega. Ele zela, mas ele mesmo carrega, porque ieu num uso[#]. Lá ieu tem demais, lá, né. Aí dá ãa parrera de chuchu ali, ó.”

cozinhar v. (1) cuzinhá [ku.zĩ.'ja] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu cheguei lá no (...), tinha a caderneta qu’ieu fazia compra pra levá pra **cuzinhá** pro pessoal’ lá; tinha a caderneta minha.”

cozinha s. (6) cozinha [ku.'zĩ.jɐ] (6). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “E um ventinho de frio, vim c’a cumpanhera na mão, fui chegano perto e com um poco de mola atravessei a **cuzinha**, a velha chegô no terrero, foi chegano, foi chegano, nem iscutô e chegô, só pô o pé na# pô as duas mão batê na porta da **cuzinha**, meu pé na solera assim, falô: *o fi, coloca a minha fami[#] as minha criança pra fora aí qu’ eu vô levá.*”

criar v. (3) criô ['krio] (2). *apócope e monotongação*. (N3M92MG); criaro [kri.'a.ru] (1). *desnasalização e alternância vocálica*. (N4F90MG). Exemplo: “E num tratei tamém, não. Ficô, o juei inchô, eu passei uns, uns treis ano qu’eu ’gachava assim pra mim levantá eu tinha que trazê a perna assim. Foi fican’. Dispois, **criô** água no juei, o juei [de vez em] [quan]do inchava, inchava.”

cruzeiro s. (2) cruzero [kru.'ze.ru] (2). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Comprei um carro, quato boi, mais fiquei deveno 400 **cruzero** ainda pa pagá.”

cuidar v. (1) cuidô [kuj.'do] (1). *apócope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Pra ir no banheiro, era escorado pra parede, c’ o negócio da perna, né. Minha nora que **cuidô** de mim, era remédi[o], era aplicadô de injeção, era tudo.”

custar v. (3) custô [kuz.'to] (1). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); custô [kuz.'to] (2). *apócope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “**Custô** a chegá esse negócio [[de energia e chegô de pocos ano.

da Abadia prep. e s. (1) d'abadia [da.ba.'dʒi.ɐ] (1). *crase*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Antero. Nossa Senhora **D'abadia**. É um santim.”

dançadeira adj. (1) dançadera [dẽ.sa.'de.rɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “E tinha ãa sujeita lá qu' ela era casada, mais ela num rezava munto não, sabe, mais eu gostava de dançá com ela por causa dela ser, ser boa **dançadera**, porque quarqué coisa que tocasse podia chamá ela, era mazuca, era uma valsa, era quarqué ãa coisa era cum ela memo, né.”

daquela prep. e pron. (3) daque[la]s [da.'kez] (2). *síncope*. (N3M92MG); daque[la]s [da.'kez] (1). *síncope*. (N4F90MG). Exemplo: “Não. É maçã, mas é **daque[la]s** pequena, né.”

daquele prep. e pron. (2) daque[le]s [da.'kez] (1). *síncope*. (N3M92MG); daque[le]s [da.'kez] (1). *síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “tinha que levantar ele, sentá ele num caxote **daque[le]s** grandão, pô ãas brasa de fogo nãa lata pra ele esquentá.”

dar um v. e art. (1) derum [¹de.rũ] (1). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “**Derum** problema, e[le]s mataru'm fazendero, jogara a culpa nesse Antero.”

dar v. (3) dô [do] (1). *apócope e monotongação*. (N3M92MG); dô [do] (1). *apócope e monotongação*. (N4F90MG); di [dʒi] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aqui nem um sabonete pra ele, ele num compra. Tudo é ieu que **dô**. Eu saio segunda, venho quarta, volto quinta pra lá, sábado [eu] venho.”

de água prep. e s. (3) d'água [¹da.gwɐ] (1). *sinalefa*. (N1F75GO; N2M78GO); d'água [¹da.gwɐ] (2). *sinalefa*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí agora a muié foi lá, diz ela que ficô boba de vê. Aquel' mundo **d'água** a gente num via o fim, né?”

de alguma prep. e pron. (1) d'argũa [daɿ.'gũa] (1). *sinalefa*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Aqui, a gente [a]inda alembra **d' argũa** coisa, é assim, só isso. As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difici dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto difici.”

de dia prep. e s. (1) di dia [dʒi.'dʒi.ɐ] (1). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Hoje queria[#] hoje tem missa aí, i sô mai aqui[#] tem nove novena e fui em duas e bem **di dia**.”

de energia prep. e s. (1) d'energia [de.ner.'ʒja] (1). *crase*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Agora hoje não. Nas fazenda pra isso, tem aque[la]s máquina, né? Liga lá e (*som onomatopeico com a boca para representar o barulho da máquina*). Bão demais, mais agora cum esse negócio de raçonnemento **d'energia** [a]cabou foi tudo. Num pode, né? Gasta energia demais.”

de eu *prep. e pron.* (3) d'eu [dew] (2). *crase.* (N3M92MG); d'eu [dew] (1). *crase.* (N4F90MG). Exemplo: “tinha noite **d'eu** dormi duas noite aqui sentado aqui, com um cubertô na cacunda, nem fechá a porta que ele deixava meio aberta, eu num podia fechá, né.”

de outro *prep. e pron.* (1) d'oto [do.tu] (1). *sinalefa, síncope e monotongação.* (N4F90MG). Exemplo: “É. E esse, naquel[e] tempo isso era ãa coisa **d'oto** mundo, né. Né cum' hoje.”

de um *prep. e art.* (9) dum [dũ] (3). *sinalefa.* (N1F75GO; N2M78GO); dum [dũ] (3). *sinalefa;* duma [dũa] (1). *sinalefa.* (N3M92MG); dum [dũ] (1). *sinalefa.* (N4F90MG); dum [dũ] (1). *sinalefa.* (N5M75SP). Exemplo: “E deu problema na cabeça e enxerga só **dum** oio.”

de vez *loc.* (1) de veiz [dʒi 'vejz] (1). *epêntese e ditongação.* (N3M92MG). Exemplo: “**De veiz** em quando dava, né.”

de você *prep. e pron.* (4) d'oceis [do.'sejz] (2). *sinalefa, epêntese e ditongação.* (N3M92MG); d'ocê [do.'se] (1). *sinalefa;* d'oceis [do.'sejz] (1). *sinalefa, epêntese e ditongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Tinha veiz[#] a gente até tem vergonha **d'oceis**, porque a gente num tem uma escola boa que nem oceis hoje tem não. ‘Ceis todo mundo é professô, é tudo formado.’”

debaixo *adv.* (2) debaxo [de.'ba.ʃu] (1). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); debaxo [de.'ba.ʃu] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que fecharo ele uns oito dia sem cumê. Depois tiraro a ropa dele, saiu tocando ele pra rua a fora nú, bateno, socano aguia **debaxo** da unha, assim, furar' olho, diz que cortaru a unha e fizero outras coisa mais e levaro ele e cabaro de matar ele lá no fim da cidade”

dedo *s.* (1) dedim [de.'dʒĩ] (1). *apócope.* Exemplo: “Ficava lá seis meis, levava doze mirreis pra minha mãe, né (*risos*). Ela achava bom. Só me dá ropa e remédio quando preciso. Agora remédio, graças a Deus, toda vida tive saúde, ela só me dava um **dedim** de ropa (*risos*).” (N3M92MG)

deitar *v.* (2) deitô [dej.'to] (1). *apócope e monotongação.* (N3M92MG); deitô [dej.'to] (1). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “E lá debaixo da árve tinha um, um tí meu, era mais véi que eu, era mei perrengue, né? Eu [a]cabei, [a]judei ele, né, **deitô** lá e ficô deitado.”

deixar *v.* (13) dexô [de.'ʃo] (1). *síncope, apóscope e monotongação;* deixô [dej.'ʃo] (1). *apócope e monotongação;* dexo ['de.ʃu] (1). *síncope, apóscope e monotongação;* dexa ['de.ʃa] (2). *síncope, apóscope e monotongação;* dexá [de.'ʃa] (1). *síncope, apóscope e monotongação;* dexava [de.'ʃa.və] (1). *síncope, apóscope e monotongação.* (N3M92MG); dexa ['de.ʃə] (2). *síncope, monotongação.* (N4F90MG); dexa ['de.ʃə] (2). *síncope e monotongação;* de[i]xá (1). *síncope e monotongação;* dexaro [de.'ʃa.ru] (1). *síncope, monotongação e desnasalização.* (N5M75SP). Exemplo: “Porque o meu pai largô da minha mãe, me **dexô** cum treis ano. O meu avô que me criô, né. /.../.”

dele *pron.* (2) de[le]s [des] (1). *síncope.* (N1F75GO; N2M78GO); de[le]s [des] (1). *síncope.* (N4F90MG). Exemplo: “É, a (...) feiz um[#] escreveu um negócio da vida **de[le]s**, só que num, diz que num podia pô nome do pessoal', né. Punha otos nome.”

demais *adv.* (1) dimais [dʒi.'majʃ] (1). *assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu gosto **dimais** daqui.”

dentro *s.* den' [dẽ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Assim, não, o senhor é pa aguardar no terrero, não **den'** de casa. Aí, ele deu a volta, chegô na porta da cuzinha.”

depois *adv.* (39) dispoisi [dis.'poj.zi] (1). *assimilação, alçamento e paragoge*. (N1F75GO; N2M78GO); (19) dispoisi [dis.'poj.zi] (14). *assimilação, alçamento e paragoge*. (N3M92MG); dispois [dis.'pojs] (5). *assimilação, alçamento e paragoge*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí eu falava: ih, mãe, ieu num gosto dess' negóço só por causa de trocá os cobre. Ela falava: *Não, mais o povo **dispois** paga. O povo **dispois** pagava, né.*”

depósito *s.* (1) depósi[to] [de.'pɔ.zi] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “É, na cidade, né. O (...) mais é o di[a] inter'[#] tem que, sobe ali o banguela morro grande. 'cê sabe ali, lá chacra do (...), ali tem um **depósi[to]** munto bão ali.”

derrubar *v.* (1) dirrubá [dʒi.xu.'ba] (1). *assimilação e alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu gostava de[#] Eu falava pro, qual' que 'cê qué? Candiá boi ou qué passá a mão no machado e **dirrubá** o mato o dia inteiro, aí?”

descendência *s.* (1) descendência [des.sẽ.'dẽ.sɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Minha bisavó. O meu avô tinha ãa **descendência** de índio, ele num tinha barba não. Ele só tinha um cavanhaque de barba assim.”

descer *v.* (1) disci [dis.'si] (1). *assimilação e alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Iô, iô 'tava 'cabano ãa tarefa assim, fui capinano, capinano assim num **disci**. Quando vi meu jueio deu um estralo [...].”

desde *prep.* (3) desd' ['desdʒ] (2). *apócope*; des [des] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Fumo. Fumo **desd'** idade de (*tosse*), **desd'** idade de, de, de deiz ano. E é cigarro de paia.”

desleixado *adj.* (1) deslexo [des.'le.ʃu] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “As amiga qui, suas amiga qui c'a muié dele, eu 'tava meio **deslexo** c'a muié dele: (...), *larga dessa pinga sua, que 'cê morre ante[s] do tempo.*”

despesa *s.* (3) dispesa [dʒis.'pe.za] (1). *dissimilação e alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); dispesa [dʒis.'pe.za] (1). *dissimilação e alçamento*. (N3M92MG); dispesa [dʒis.'pe.za] (1). *dissimilação e alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Eu tinha um irmão tabaiava cumigo, ele recebia doze por semana. Antão ele fazia a **dispesa** da casa (*risos*).”

desse *pron.* (1) dess' [des] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Ieu era munto rûim pra trocá dinheiro, ih, rûim mesmo. Aí eu falava: ih, mãe, ieu num gosto **dess'** negóço só por causa de trocá os cobre.”

dever v. (2) divia [dʒi.ˈvjə] (2). *assimilação e alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “diz que ele num **divia** não, mas os povo era mandão, mandava em tudo, né? Aí ficô por isso memo, né? Aí até que ultimamente, num ’tá aconteceno muita coisa não.”

dez num. card. (6) deiz [ˈdeɪz] (4). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG); deiz [ˈdeɪz] (2). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Fumo. Fumo desd’ idade de (*tosse*), desd’ idade de, de, de **deiz** ano. E é cigarro de paia.”

dezesseis num. card. (2) dizesseis [dʒi.ze.ˈsejs] (2). *assimilação e alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Mil novicentos e **dizesseis**, né. É, isso mesmo. Treze de setembro de mil’ novicentos e **dizesseis**.”

dia s. (1) di[a] [dʒi] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “É, na cidade, né. O (...) mais é o **di[a]** inter’[#] tem que, sobe ali o banguela morro grande.”

difícil adj. (2) difici [di.ˈfi.si] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difici dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto **difíci**. Cria de quorqué jeito e veve de quorqué jeito. É veigonha falá, mais é isso aí.”

dificuldade s. (1) dificuldade [di.fi.ku.li.ˈda.dʒi] (1). *suarabácti*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “É igual eu ’tô contano, se fô pra mim tirá um dinheiro eu num[#] eu tiro cum **dificuldade**.”

dinheiro s. (3) dinheiro [dʒi.ˈje.ru] (3). *síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); dinheiro [dʒi.ˈje.ru] (2). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); dinheiro [dʒi.ˈje.ru] (10). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “**Dinheiro** o povo roba, o ôro o povo roba, as perna o povo roba /.../, otas coisa a ferruja come, mais este[#] estudo quem é que vai tirá? ninguém né?”

direito adj. (3) direitim [di.rej.ˈtʃi] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); dereito [de.ˈrej.tu] (1). *assimilação e abaixamento*; direitim [di.rej.ˈtʃi] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “De premera punha feijão nũa tuia grande, assim, oh! passav’o ano o grão ’tava **direitim**.”

disso é prep. e pron. (1) diss’ é [di.ˈsɛ] (1). *sinalefa*. (N4F90MG). Exemplo: “(...), minha prima, né. É, **diss’ é** qui’ô ’tô lembrada.”

disso prep. (1) diss’ [dis] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Num tem. É por caus **diss’** qui ’cabô o carr’ aí de boi, cas de que os boi vai pisano nas pedra e ’caba, né.”

dizer v. (1) dize³⁹ [ˈdi.ze] (1). *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ele, **dize** que ele num divia, né?”

documento s. (2) documento [du.ku.ˈmẽ.tu] (2). *assimilação e alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Esse conto de réis ainda teve que passá um **documento**. Naquele tempo usava **documento**, né? Hoje é que num tem isso mais não.”

³⁹ variação de *dizem*.

doente *adj.* (3) duente [du.'ẽ.tʃi] (3). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Ah, coitado de quem num tem pai, num tem pai, sê preciso de trabaiá **duente**. **Duente** nada, não ’tava nada.”

domingo *s.* (3) dumingo [du.'mĩ.gu] (2). *assimilação e alçamento*. (N3M92MG); dumingo [du.'mĩ.gu] (1). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “O meu fi tinha vindo de São Paulo, chegô aí, sáb[ad]o e **dumingo**, nós mueu, cerveja, pinga até que num podê mais.”

dourado *s.* (1) dorado [do.'ra.du] (1). *síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “**Dorado**, tinha Pintado, cor laranja, daqui na porta, assim. Desses que pode pegá, né? Pode pegá os piqueno”

doutor *s.* (3) dotô [do.'to] (1). *síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); doutori [dow.'to.ri] (1). *paragoge*. (N4F90MG); dottor [do.'tor] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Ele era farmacêutico, ele era fazendero, ele era **doutori** ele era tudo um pouco. Ele fazia, né, porque não tinha outro, era ele, né.”

economia *s.* (1) econumia [e.ko.nu.'mja] (1). *dissimilação*. (N3M92MG). Exemplo: “Tem minh’ econumia tamém no caso de ãa duença tamém, conta duns quinze o[u] vinte ieu tem, né? A famia tudo criada, né.”

ele *pron.* (34) e[le]s [es] (13). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO); e[le]s [es] (8). *síncope*. (N3M92MG); e[le]s [es] (7). *síncope*. (N4F90MG); e[le]s [es] (5). *síncope*; el’ [eʃ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “[a]gora **e[le]s** vão criá ota barrage, no rio de São Marco, agor’eu esqueci o nome do lugar pra lá. Já tem um aqui nos Treis Rancho, pertim daqui, ó.”

em eu *prep. e pron.* (1) n’eu [new] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Quando eu vi tombei assim, parece que eu tombei de um lado assim, **n’eu** tombá levei essa mão na pedra, e[le]s foi, o rapaz chegô, me pegô, levantô, levô a mão na minha gibera, tirô minha cartera.”

em mim *prep. e pron.* (2) nimim [ni.'mĩ] (2). *aférese e epêntese*. (N5M75SP). Exemplo: “quando pus a mão nele: *não põe a mão **nimim***, eu falei ok, é certo, ’cê tá nervoso. *Eu num ’tô nervoso.*”

em *prep.* (8) im [ĩ] (3). *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); im [ĩ] (2). *alçamento*. (N3M92MG); im [ĩ] (2). *alçamento*. (N4F90MG); im [ĩ] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Ieu até a a idade de mais o[u] meno dum sessenta ano, anunca tinha ido **im** médico não, num sabia nem [a]jeitá o braço pra tomá injeção, nunca tinha tomado.”

em um *prep. e art.* (1) num [nũ] (1). *aférese*. (N4F90MG); num [nũ] (4). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Nasci aqui **num** arraialzim pobre. Tinha até casa de capim, aí.”

em uma *prep. e art.* (5) numa [nũa] (2). *aférese*. (N3M92MG); numa [nũa] (3). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “É carro de boi (*risos*). Carro de boi e eu ia candiá boi p’o (...) quando é fé que não, já ’tava **numa** distância longe.”

embaixo *adv.* (1) imbaxo [ĩ.'ba.ʃu] (1). *alçamento, síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Vô ser franco, tinha um fazenderão al[i] **imbaxo**, era o (...), mais era mei sistemático, aí eu ’tava de fogo caçano cum ele.”

embora *adv.* (1) imhora [ĩ.'bõ.rø] (1). *assimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Aqui pertim aquele lugá de[#] se tivé cunhicimento a senhor num sai de jeito nenhum. É lá no (...) chegá uma hora dessa lá capaiz de num d[e]ixá i[r] **imbora** me[s]mo.”

emboscada *s.* (1) [em]boscada [bos.'ka.dø] (1). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “Eu dancei. O (...), primero meis deu juro, paguei; segundo meis, paguei; terceiro meis, paguei, ai, ai, ai, nunca mais **[em]boscada.**”

emenda *s.* (2) imenda [i.'mẽ.dø] (2). *dissimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Não, faiz a **imenda** mais o cerrote. Num gosto disso, corta dum lado, corta do oto fica abergue, eu num gosto, eu gosto de que fique certinho, né.”

empoeirar *v.* (1) puera [pu.'ɛ. rø] (1). *aférese, alçamento, síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Fazia trinta, quarenta latona assim de doce. Povo comia, carregava. Hoje cabô tudo. Hoje tem as festa, faiz as novena. Mais assim, e[le]s leva refrigerante, cigarro, essas [coisas], mais é pra vendê. Cidadão, né? A janta lá **puera.**”

empregada *s.* (1) impregada [ĩ.pre.'ga.dø] (1). *dissimilação e alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “A dona tamém era injuada, mais injuada, ãa coisa. Num tinha **impregada** ninhã [que] [a]gumentava ela, né.”

emprego *s.* (1) imprego [ĩ.'pre.gu] (1). *dissimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Mais ’tá bão. Eu gosto dimais daqui. Igual camarada que perde o **emprego**, mais num trabaio.”

empreiteiro *adj.* (1) impleitero [ĩ.plej.'te.rũ] (1). *dissimilação, síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Dali o seu (...), munto bão patrão, né, ieu era servente. Aí, ele pegô, meu cunhado que era **impleitero**, ele falô: *cadê seu (...), que era meu cunhado, né.*”

empurrar *v.* (1) impurrá [ĩ.pu.'xa] (1). *alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “Não. Aqui tem uma manguara aqui, do pau cumprido, eu pus ela aqui, foi preciso d’ eu pegá a cadera c’a manguara, **impurrá**, inté pra cerrá a porta, lá.”

encarar *v.* (1) incaro [ĩ.'ka.rũ] (1). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “*Home é poco. Tem bastante home, mais home é poco. Isso é home, incaro de coisa.*”

encher *v.* (1) inchê [ĩ.'ʃe] (1). *dissimilação e alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “Tinha dia que ieu, eu, a minha mãe tava fazeno armoço, ela chegava e pegava **inchê** minh’ mãe, minh’ mãe largava as panela no fogo lá, campava e ia-se imhora.”

enfiar v. (1) enfii⁴⁰ [ẽ.'fi:] (1). *alternância*. (N3M92MG). Exemplo: “**Enfii**, sem óculo, ãa linha na aguia.”

enganar v. (2) ingana [ĩ.'ga.nɐ] (1). *alçamento*. (N4F90MG); inganá [ĩ.'ga.'na] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Não, 'ocêis pula. Ieu que gosto de lê. 'ocêis num **ingana**. Ó é carta, é revista, jornal.”

engordar v. (1) engoidá [ẽ. goj. 'da] (1). *vocalização e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ara! Fazia farinha, fazia porvio, criava galinha, **engoidá** poico, capiná roça, isso aí (*risos*).”

engradado s. (1) ingradado [ĩ.'gra.'da.du] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “É gostoso memo (*risos*). Porque o (...) tamém gosta. Lá o (...) leva os cumpanhero dele, leva aquel' turma, leva **ingradado** de cerveja.”

enjoada adj. (2) injuada [ĩ.ju.'a.dɐ] (2). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “A dona tamém era **injuada**, mais **injuada**, ãa coisa. Num tinha impregada ninhã [que] [a]guentava ela, né.”

então interj. (23) antão [ẽ.'tẽw] (1). *assimilação*. (N1F75GO; N2M78GO) ▲ *adv.* antão [ẽ.'tẽw] (8). *assimilação*. (N3M92MG); *adv.* intão [ĩ.'tẽw] (7). *assimilação*. (N4F90MG); *adv.* intão [ĩ.'tẽw] (7). *assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “**Antão**, jogara a curpa nele, foi ele que tinha matado o tar de hôme, lá nessa Pedra Preta, pos lado, caminho de Sum Paulu aí.”

enterro s. (2) interro [ĩ.'te.xu] (1). *dissimilação e alçamento*. interrá [ĩ.'te.'xa] (1). *dissimilação e alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Do jeito que ieu tava na roça sujo assim, ieu tive que [a]cumpanhá o **interro**. Num tinha nenhãa camisa, nem ãa calça pra trocá.”

entrar v. (2) entrô [ẽ.'tro] (1). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); entrô [ẽ.'tro] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí cheguei em casa, né, ah, não foi poca segundo (*tosse*), cheguei, **entrô** ãa filha dele, moça já, 'tava pa casá 'té, né.”

entusiasmado adj. (1) intusiasmado [ĩ.tu.zi.as.'ma.du] (1). *alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Nesse dia chegô um negrão munto **intusiasmado** aqui em Sã Tiago.”

enxada s. (2) inxada [ĩ.'ʃa.dɐ] (2). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Quando vi meu jueio deu um estralo, ieu [a]cabei assim c'ũa sede, o copo 'tava perto assim, pra i[r] no corgo fui escorado c'a **inxada** pra mim andá.”

enxugar v. (1) inxuga [ĩ.'ʃu.gɐ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Aqui, aquele rapaiz que foi me chamá lá é fi meu, né. Mas aquele **inxuga** um gole.”

⁴⁰ Variação de *enfio*.

epilética *adj.* (1) [e]pilética [pi.'lɛ.tʃi.kɐ] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Tem ãa fia minha que morreu cum quarenta e cinco ano, tamém, mas essa era [e]pilética, ela [a]dueceu ela ’tava cum quato ano, né?”

época *s.* (1) épa [¹ɛ.pɐ] (1). *síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “Ó, eu não sei duma **épa** se eu sentisse ãa dor de cabeça e no estamo.”

era a *v. e art.* (1) er’a [¹ɛ.rɐ] (1). *crase*. (N5M75SP). Exemplo: “Falei: ah, num fala, ele num matô sua mãe. *Matô, matô* e ela, a (...) qu’era a moça, a (...), não, a moça **er’a** (...), a (...), a (...), a (...), o (...) e o (...), o (...) tamém, foru se escondê l’em casa.”

era *v.* (7) era⁴¹ [¹ɛ.rɐ] (3). *desnasalização*; er’ [ɛr] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); er’ [ɛr] (2). *apócope*. (N3M92MG); e[ra] [ɛr] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Os pai de premero num **era** assim uns pai[#] nem todos **era** rico, **era** pobre. O fi de de[#] que nem eu, de doze ano pra, pra cima, já ’tava cumeçano a ganhá alguma coisinha pa [a]judá na casa.”

escolher *v.* (1) escoio [es.'koj.u] (1). *vocalização e ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Ah, eu num **escoio** não. Tomo é, é, é, é, é tudo quant’ é cerveja. É mais barata, é tudo. Eu ten[d]o ela lá pra bebê, né, pra mim quarqué ãa serve (*risos*).”

escrever *v.* (5) iscrevê [is.cre.'vɛ] (3). *dissimilação e alçamento*; iscrevo [is.'cre.vu] (1). *dissimilação e alçamento*; iscrevi [is.cre.'vi] (1). *dissimilação e alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Eu tenho minha caneta ali, meu papel d’eu **iscrevê**. Ah, quarqué coisa eu **iscrevo** um ’cadim to’ dia. Hoje qu’ieu ainda num **iscrevi** porque [a]inda [#].”

escutar *v.* (1) iscutu [is.'ku.tu] (1). *alçamento*. (N4F90MG). iscutô [is.ku.'to] (1). *alçamento, apócope e monotongação*; iscuta [is.'ku.tɐ] (4). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “É. É que teim hora qu’eu **iscuto** direito, não.”

esmola *s.* (2) ismola [is.'mɔ.lɐ] (1). *alçamento*. (N3M92MG); ismola [is.'mɔ.lɐ] (1). *alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Passava uns quinze dia, ia torná a prucurá o cobre ota vez, num dá não. Então fica de **ismola**. Ainda, além da gente ganhá pouco, ainda num recebia (*risos*).”

esperar *v.* (1) pera [¹pɛ.rɐ] (1). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Fica no quarto da menina e ’pera lá, fica quetinha, mais queta.”

espingarda *s.* (1) [es]pingarda [pĩ.'ga.ɫ.dɐ] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Eu nunca peguei [es]pingarda pra caçá, não (*risos*).”

espora *s.* (1) ispora [iz.'po.rɐ] (1). *assimilação e alçamento*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí chegô aquele negrão aqui em Sã Tiago todo importante. Chapelão, de bota de **ispora** e perguntô. Tinha um tu[r]co que chamava (...) e ele falou: (...), *onde mora* (...).”

⁴¹ variação de *eram*.

esquisito *adj.* (2) isquisito [is.ki.'zi.tu] (2). *assimilação e alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Era um trem **isquisito**, era um trem **isquisito**. Dava aquel[e] istoro assim, que balançava tudo assim.”

essa *pron.* (1) [es]sa [sa] (1). *aférese*. (N4F90MG). Exemplo: “Ah, o caso dele é muito sem graça, até (*risos*). Diz[#] ele viajava, vendia boi, vaca, **[es]sa** coisa, né.”

esse *pron.* (1) e[sse]s [es] (1). *síncope*. (N4F90MG). Exemplo: “Ah, isso ieu gosto. Leitura ieu gosto muito. **E[sse]s** dia ieu num ’tava len[d]o, porque ieu ’tava meio duentada, né.”

estar aí *v. e adv.* (3) taí [taj] (1). *aférese e crase* (N3M92MG); taí [taj] (1). *aférese e crase*. (N4F90MG); taí [taj] (1). *aférese e crase*. (N5M75SP). Exemplo: “Num ’tô leno esses dia, mas todos os dia. **Taí** e ’ocêis pode ver aí. Aí eu assino famia cristã, mais é elas que assina, num é eu não, eu só pra lê.”

estar *v.* (246) ’tão [tẽw] (1). *aférese*; ’tá [ta] (29). *aférese*; ’tô [to] (6). *aférese, apócope e monotongação*; ’tava [’ta.vø] (4). *aférese*. ’tano [’tã.nũ] (1); *aférese*; ’teve [’te.vi] (1). *aférese* (N1F75GO; N2M78GO); ’tá [ta] (25). *aférese*; ’tava [’ta.vø] (26). *aférese*. tive [’tʃi.vi] (1). *aférese*; tivé [tʃi.’vẽ] (1). *aférese*; ’tô [to] (17). *aférese, apócope e monotongação*. (N3M92MG); ’tá [ta] (14); *aférese*. ’tava [’ta.vø] (6). *aférese*; ’tavam [’ta.vẽ] (1). *aférese*; ’tô [to] (6). *aférese, apócope e monotongação*; ’tão [tẽw] (1). *aférese*. (N4F90MG); ’tá [ta] (39). *aférese*; tã [to] (15). *aférese, apócope e monotongação*; tava [’ta.vø] (11). *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Ah, te contá um causo. Elas ’**tavam** na escola, ieu sempre fui munto ruim pa fazê conta.”

estirar *v.* (1) estiradim [es.tʃi.ra.’dʒĩ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Ai, ai, ai, falei: põe a, eu ’tô aí, vai de[#] O (...), o seu pai. Ela responde: *não ’tô falano que era isso*. Mai eu ’tava, bem **estiradim**”

estômago *s.* (4) estamo [es.’ta.mũ] (2). *alternância vocálica e síncope*; estomo [es.’tõ.mũ] (1). *síncope*; istamo [is.’ta.mũ] (1). *alçamento, alternância vocálica e síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “Ó, eu não sei duma épa se eu sentisse ãa dor de cabeça e no **estamo**.”

estourar *v.* (1) istoro [is.’to.rũ] (1). *alçamento, síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Dava aquel[e] **istoro** assim, que balançava tudo assim.”

estricnina *s.* (1) estracnina [es.tra.ki.’ni.nø] (1). *epêntese e alternância vocálica*. (N4F90MG). Exemplo: “Comprô **estracnina** e trouxe e deu pra muié e falou: *oh, esse lumbriguero, nós temo que dá aos nossos fio amanhã, e nós também vamo tomá*.”

estudar *v.* (13) istudô [is.tu.’do] (3). *alçamento, apócope e monotongação*; istuda (7). *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); istudá [is.tu.’da] (3). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “mas quando ele ’tava lá cumigo, dispois que ele parô de **istudá**, ele parô treis ano, tomou ãa bomba danada, tornô a vortá traveiz pa estudá, né.”

eu *pron.* (90) ieu [i.'ew] (62). *prótese.* (N3M92MG); ieu [i.'ew] (25). *prótese.* (N4F90MG); ieu [i.'ew] (3). *prótese.* (N5M75SP). Exemplo: “**Ieu** falei tamém assim, ó: Se 'cê me de[r] prejuízo, igual' seu povo me deu, aí 'cê morre e eu [a]inda fico aí, porque tudo já morreu (*risos*).”

examinar *v.* (1) ixaminei [i.za.mi.'nej] (1). *assimilação e alçamento.* Exemplo: 'ocê num matô, mai 'tô dizeno pra ele assim: 'cê matô, 'cê machucô ela. *Matei porque eu **ixaminei**.* (N5M75SP)

falar *v.* (23) falô [fa.'lo] (3). *apócope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); falô [fa.'lo] (4). *apócope e monotongação.* (N3M92MG); falô [fa.'lo] (4). *apócope e monotongação.* (N4F90MG); falô [fa.'lo] (12). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Terminô de descê a descida, foi lá pa casa de outro filho meu lá do oto lado do carrapato e lá na rua. **Falô** logo: *não, 'cê muda a fechadura [por]que (...) fica o dia inteiro deitado.*”

faltar *v.* (1) faltava [faw.'ta.vɐ] (1). *vocalização e desnasalização.* (N5M75SP). Exemplo: “Oto dia, **faltava** mais treis quilômetro, de noite, no fim um casal munto bão, véi, mais munto bão, deu café, um monte de coisa, arriemo a tropa, fomo na casa do seu (...), peguei nove nuvilha lá.”

família *s.* (5) famia [fa.'mja] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG); famia [fa.'mja] (2). *síncope e monotongação.* (N4F90MG); famia [fa.'mja] (2). *síncope e monotongação.* (N5F75SP). Exemplo: “Aí eu assino **famia** cristã, mais é elas que assina, num é eu não, eu só pra lê. O Mensageiro Coração de Jesus, mais o que? Xô vê, tem mais.”

farmacêutico *s.* (1) farmacético [faɾ.ma.'se.tʒi.ku] (1). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Derum probrema, e[le]s mataru'm fazendero, jogara a culpa nesse Antero. É um **famacético** bão demais, né? Novo, bo, bo, bo, bonito.”

fazendeiro *s.* (13) fazendero [fa.zẽ.'de.ru] (4). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); fazendero [fa.zẽ.'de.ru] (4). *síncope e monotongação.* (N3M92MG); fazendero [fa.zẽ.'de.ru] (3). *síncope e monotongação.* (N4F90MG); fazendero [fa.zẽ.'de.ru] (1). *síncope e monotongação;* fazenderão [fa.zẽ.de.rẽw] (1). *síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Morar de Agregado, porque, aonde eu morava lá, só era dos oto. Dos **fazendero** e dos oto tudo, né?”

fazer *v.* (33) faiz ['fajs] (5). *epêntese e ditongação.* fizeram [fi.'ze.ru] (2). *síncope e desnasalização.* (N1F75GO; N2M78GO); feiz ['fejz] (2). *epêntese e ditongação;* faiz ['fajs] (2). *epêntese e ditongação;* [fa]zido ['zi.du] (1). *aférese;* faç ['fas] (1). *apócope.* (N3M92MG); faiz [fajs] (2). *epêntese e ditongação.* (N4F90MG); faiz (17) [fajs]. *epêntese e ditongação;* feiz (1) [fejs]. *epêntese e ditongação.* (N5M75SP). Exemplo: “'Tá fazeno agora, dia 25 de março, **feiz** dois ano que ele morreu.”

fechar *v.* (2) fecharo [fe.'ʃa.ru] (1). *síncope e desnasalização.* (N1F75GO; N2M78GO); fechô [fe.'ʃo] (1). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que **fecharo** ele uns oito dia sem cumê.”

feijão *s.* (2) fevão [fe.'ʒẽw] (2). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); fevão [fe.'ʒẽw] (3). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Ih, plantava arroz, **fevão**, miio, meu pai cuía café, munto café, mandioca, abóbra, quiabo, tinha cebola, tinha tudo. Meu pai gostav[a] demais de prantá, prantava de tudo.”

ferrugem *s.* (1) ferruja [fe.'xu. ʒɐ] (1). *alternância vocálica e desnasalização.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Dinhero o povo roba, o ôro o povo roba, as perna o povo roba /.../, otas coisa a **ferruja** come, mais este[#] estudo quem é que vai tirá? ninguém né?”

ficar *v.* (18) fica ['fi.kɐ] (2). *desnasalização; ficav[a]* [fi.'kav] (1). *apócope e desnasalização; ficô* [fi.'ko] (1). *apócope* (N1F75GO; N2M78GO); *ficav'* [fi.'kav] (1). *apócope; fican'* [fi.'kẽ] (1). *apócope; ficô* [fi.'ko] (3). *apócope e monotongação.* (N3M92MG); *ficô* [fi.'ko] (3). *apócope e monotongação* (N4F90MG); *ficô* [fi.'ko] (6). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “no rio Tocantim, lá no Amazona, no rio Araguaia, e[le]s **fica** de oio, sabe, em tudo que 'tá pegano. O bicho vai desová, vai criá, né? e e[le]s **fica** lá, vigiano, mair mesmo assim [a]inda o povo come, né.”

filho *s.* (17) fi [fi] (4). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO); fi [fi] (7). *apócope.* (N3M92MG); fi [fi] (4). *apócope.* (N4F90MG); fi [fi] (2). *apócope* (N5M75SP). Exemplo: “Depois surgiu um home aí que era de lá tamém e tinha muito **fi** e levou um professor pra roça. Aí istudô lá assim mais ou meno, naque[la]s escola de roça.”

fininho *adv.* (1) finim [fi.'nĩ] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “O governo 'teve aqui aí disse que[#] os fazendero foi tudo pra lá, pra vê o que e[le]s resurvia, né? Diz que ele entrô de **finim** e foi pro[#] falar com o gerente, num deu papo pra e[le]s (*risos*).”

fugão *s.* (1) fugão [fu.'gẽw] (1). *assimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “A bala pegô nela aqui, saiu aqui e tocô essa parte do **fugão**. Coitada!”

fogueira *s.* (1) fuguera [fu.'gwe.rɐ] (1). *alçamento, síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Chamava Pitacera. É aonde meu avô foi no baile na noite qu'ieui nasci, né (*risos*). Tinha uma **fuguera**, né, ele foi, né.”

folha *s.* (1) foia ['foj.ɐ] (1). *vocalização e ditongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Até o canivete, ele pegô a faca dele e mediu assim, lemb[r]o até hoje, mediu c'ô cabo na minha mão e a **fôia** po lado dele.”

freguês *s.* (1) fregueis [fre.'gwejz] (1). *epêntese e ditongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Intão a gente era menina, colocava aquele balaim bem arrumadim, cum pano munto limpim, punha as broa de queijo, sabe, 200 reis e vinha trazê pros **fregueis**.”

freguesia *s.* (1) friguísia [fri.gwi.'zi.ɐ] (1). *dissimilação e alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Mar a sorte minha é que arrumei uma **friguísia** japoneizada e cumecei ganhá a vida, japoneizada já viu. Vinti um japoneis, vai pidi.”

frigorífico *s.* (2) frigurifo [fri.gu.'ri.fu] (2). *assimilação, alçamento e síncope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “a capelinha, lá perto do **frigurifo**. Ele virô santo, viu? Faiz milagre demais da conta.”

fumar *v.* (1) fumô [fu.'mo] (2). *apócope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Ah, não, mas ieu, vou te contar que eu num paro [de] fumar, mas fumo a vida intera. Eu fumava, minha patroa tamém **fumô**, morreu cum 84 ano.”

furar *v.* (1) furar' [fu.'ra.r] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Sei que e[le]s pegaro esse hôme, acho que fecharo ele uns oito dia sem cumê. Depois tiraro a ropa dele, saiu tocando ele pra rua a fora nú, bateno, socano aguia debaxo da unha, assim, **furar'** olho, diz que cortaru a unha e fizero outras coisa”

futebol *s.* (1) [fu]tebol [tʃi.'bow] (1). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “Quando cheguei, saí na estrada a turma ia jogano **[fute]bol**. (...), vamo jogá, eu gostava de futebol, falei olha, eu vou jogá.”

galho *s.* (3) gai ['gaj] (2). *vocalização, ditongação e apócope; gaio ['gaj.u] (1). vocalização, ditongação e apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “peguei um **gai** assim, um toco de **gai** primero subi assim, quando fui descer pego no danado do **gaio**; caí de costa, né.”

galinha *s.* (1) galin' [ga.'li] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “O povo de premero tinha lugá de trabaiá, [ar]rumava o chão bem arrumadim, prantava e cuía arroz, cuía feijão, cuía **galin'**[#] tinha galinha, tinha capadim no chiquero.”

gente *s.* (1) gen' [ʒẽ] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “A **gen'** num, num é ãa pessoa assim totalmente igual ela, o sinhere, assim, que dá notícia das coisa, que faiz as coisa, não.”

glaucoma *s.* (2) glucoma [glu.'ko.mø] (2). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “O oto deu **glucoma**, mas é pá operá, mas o médico 'tá achano que pela idade dele num convém, né? Tano enxergano de um já 'tá bão, né?”

goela *s.* (1) guela ['gwe.lø] (1). *alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “Ó, eu não sei duma épa se eu sentisse ãa dor de cabeça e no estamo, o que passava **guela** pa baxo.”

gostar *v.* (1) gostav[a] [gos.'tav] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ih, plantava arroz, feijão, miio, meu pai cuía café, munto café, mandioca, abóbra, quiabo, tinha cebola, tinha tudo. Meu pai **gostav[a]** demais de prantá, prantava de tudo.”

governo *s.* (3) governo [gu.'veɾ.nu] (3). *assimilação e alçamento.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Conhece assim, gorpe de vista, assim, conhece muita coisa, mais, poco, poco adianta pa gente, porque o **governo**, tem hora que a gente acha que ele 'tá mal.”

hoje em *s. e prep.* (3) hoj'im [o.'ʒi] (2). *sinalefa e alçamento; hoj' [o.ʒ] (1). apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “[a]gora **hoj'im** dia os produtô num 'tá cum nada.”

hoje s. (2) hoj' [oʒ] (2). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Né (...). (*tosse*). só sei que, na cidade é mais (*tosse*). **Hoj'** ele tem quatro ano, até que né nanico não.”

homem s. (16) home [ˈõ.mi] (3). *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO); home [ˈõ.mi] (2). *desnasalização*. (N3M92MG); home [ˈo.mi] (10). *desnasalização*; homi (1). *desnasalização* e *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Depois surgiu um **home** aí que era de lá tamém e tinha muito fi e levou um professor pra roça”

ibama s. (2) imbama [i.ˈbẽ.mɐ] (2). *nasalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Dorado, tinha Pintado, cor laranja, daqui na porta, assim. Desses que pode pegá, né? Pode pegá os piqueno. Intão o **IMBAMA**, se lá no rio Tocantim, lá no Amazona, no rio Araguaia, e[le]s fica de oio”

igual adv. (1) iguali [i.ˈgwa.li] (1). *paragoge*. (N3M92MG). Exemplo: “A cumade (...) que é muié do (...) ela e a fia dela ia pra lá, ia armuçá lá, ieu que ia pra lá: *Oh, ieu quero comê um anguzim seu e um feijão, porque eu pelejo pra mexê a aguia iguali 'ocê, eu num, num, eu num mexo*”.

Ilhéus s. (1) Ilau [i.ˈlaw] (1). *alternância vocálica* (N3M92MG). Exemplo: “É, tem treis em São Paulo. Tem ãa fia que mora em **Ilau**.”

inchar v. (3) inchô [i.ˈʃo] (2). *apócope* e *monotongação*; inchava [i.ˈʃa.vɐ] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Ficô, o juei **inchô**, eu passei uns, uns treis ano qu'eu 'gachava assim pra mim levantá eu tinha que trazê a perna assim.”

infecção s. (1) [in]fecção [fek.ˈsẽw] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Dispois, quando foi um dia[#]. Eu tenho ãa berruga grande na perna e ela me deu **[in]fecção**”

inflamar v. (1) inframô [i.fra.ˈmo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “sentei o peito do pé num pedaço de cimento que tinha, qu'e[le]s tinha posto lá debaixo pra passar a ota mesa, né. Cortô, eu fui lá, butei um montão de remédio, aquilo fechou de ãa vez, depois **inframô**.”

instante s. (1) instantim [is.tẽ.ˈfĩ] (1). *desnasalização* e *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Tudo quant' é fazenda tem energia. Antes de[le]s arranjà esse negócio desta máquina de tirá leite. No **istantim** tira leite de seis vaca aí, ó.”;

inteira s. (2) intera [i.ˈte.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG); inter' [i.ˈte.] (1). *síncope*, *monotongação* e *apócope* (N5M75SP). Exemplo: “Ah, não, mas ieu, vou te contá que eu num paro [de] fumar, mas fumo a vida **intera**.”

ir embora (1) loc. vam'bora [vẽ.ˈbo.rɐ] (1). *aférese* e *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “*Ih, que dia que nós vam'bora*.”

ir v. (51) va[i] [va] (1). *apócope* e *monotongação*; vei[o] [vej] (1). *apócope* e *monotongação*; vô [vo] (10). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); foru [ˈfo.rũ] (1). *síncope* e

desnasalização; vam' [vẽ] (1). *apócope*; vô [vo] (37). *apócope* e *monotongação* (N5M75SP). Exemplo: “Agora **va[i]** miorá munto pra mim, né.”

isso é *pron.* (2) v. iss'ê [i.'sɛ] (1). *sinalefa*. (N4F90MG); iss'ê [i.'sɛ] (1). *sinalefa*. (N5M75SP). Exemplo: “(risos). Ah, mais **iss'ê**. Lá na roça eu ensinei as criança que precisava, né.”

janeiro *s.* (1) janero [ʒa.'ne.rũ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Dia seis de **janero**”

japonês *s.* (3) japoneis [ʒa.po.'nejz] (3). *epêntese* e *ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “21 **japoneis**, vai pidi”

japonesada *adj.* (2) japoneizada [ʒa.po.nej.'za.dɐ] (2). *epêntese* e *ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Mar a sorte minha é que arrumei uma friguísia **japoneizada** e cumecei ganhá a vida. **Japoneizada** já viu.”

joelho *s.* (5) jueio [ju.'ej.ũ] (1). *alçamento*, *vocalização* e *ditongação*; juei [ju.'ej] (4). *alçamento*, *vocalização*, *ditongação* e *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Quando vi, meu **jueio** deu um estralo”

jogar *v.* (2) jogara⁴² [ʒo.'ga.ra] (2). *monotongação* e *desnasalização*. Exemplo: “Derum problema, e[le]s mataru'm fazendero **jogara** a culpa nesse Antero.” (N1F75GO; N2M78GO).

lá em *adv.* e *prep.* (18) l'em [lẽ] (2). *sinalefa*; l'embaxo [lẽ.'ba.ʃũ] (1). *sinalefa*, *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG); l'em [lẽ] (1). *sinalefa*. (N4F90MG); l'em [lẽ] (10). *sinalefa*; l'embaxo [lẽ.'ba.ʃũ] (4). *sinalefa*, *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí ela fazia os biscoito e a gente vindia pra ela, vindia **l'em** casa tamém, né.”

largar *v.* (2) laigo ['laj.go] (1). *vocalização* e *ditongação*; largô [laɣ.'go] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Porque o meu pai **largô** da minha mãe, me dexô cum treis ano. O meu avô que me criô, né. /.../”

lembrar *v.* (6) alembra [a.'lẽ.brɐ] (1). *prótese*. (N1F75GO; N2M78GO); alembro [a.'lẽ.brũ] (4). *prótese*. (N3M92MG); alebrado [a.lẽ.'bra.dũ] (1). *prótese*. (N5M75SP). Exemplo: “Tô com 92. Agora, graças a Deus eu tenho boa mimóra, **alembro** de tudo de quant'ê foi meu passado de menino, né.”

levantar *v.* (1) levantô [le.vẽ.'to] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí eu falei pra ele: intão vamo 'calmá. *É, não, 'tá certo*. **Levantô**, vô chega até em casa. Falei: 'tá bão.”

levar *v.* (5) levarô [le.'va.rũ] (1). *síncope* e *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO); levô [le.'vo] (2). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); levô [le.'vo] (2). *apócope* e

⁴² variação de *jogaram*.

monotongação. (N5M75SP). Exemplo: “o rapaz chegô, me pegô, levantô, **levô** a mão na minha gibera, tirô minha cartera.”

ligeiro *adj.* (2) ligero [li.'ʒe.ru] (2). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Seu (...) era um minerão aí, morav' aqui embaixo, ó, um magrelão **ligeiro**, né”

limpo *adj.* limpim [li.'pĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Intão a gente era menina, colocava aquele balaim bem arrumadim, cum pano munto **limpim**, punha as broa de queijo, sabe, 200 reis e vinha trazê pros fregueis.”

livre *adj.* (1) livi ['li.vi] (1). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “É sim senhor. É, porque hoje me cunvidaro pra mim i[r] num churrasco lá no afogado, lá nos Avarenga. Falei Deus me **livi** guarde, daqui lá por caus' de [#] ah, num vô não (*risos*).”

loja *s.* (1) loj' [loj] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: Traiz [#]. Não, não. Aqui não, [[mas a gente vai lá e compra na **loj'**, ele vai [#], na hora ele traz.

lombrigueiro *s.* (1) lumbriguero [lũ.bri.'gwe.ru] (1). *assimilação, alçamento, síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Comprô estracnina e trouxe e deu pra muié e falou: *oh, esse lombriguero, nós temo que dá aos nossos fio amanhã, e nós também vamo tomá.*”

lotear *v.* (2) lotiar' [lo.tzi.'aʔ] (1). *apócope*; lotiaru [lo.tzi.'a.ru] (1). *síncope e desnasalização* (N5M75SP). Exemplo: “Nossa (*risos*). A poca hora eu falei pro sinhori, que ele é da cidade, né, ele anda de carro, intão e[le]s **lotiar'** ãa fazenda ali e ele comprô parece que oito alqueri.”

loça *s.* (1) loça ['lo.sa] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “vai na venda, comprava um lanche, lavá uma **loça**, né e arrumava às veiz ota vizinhança aí pra cima, o s[enh]or aqui, fome nós num passa me[s]mo.”

lugar *s.* (1) lugarzim [lu.ga.ʔ.'zi] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “É. São Tiago é uma cidade boa pra nós que estamo[s] aqui nesse **lugarzim** pobre, né.”

lutar *v.* (2) luitava [luj.'ta.vø] (1). *epêntese e ditongação*; luitano [luj.'tẽ.nu] (1). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu c'a minha muié qui, e [a]qui **luitava**. Nós apenas podia arrumá a boia pra e[le]s, né, lá.”

luz *s.* (5) luiz ['lujz] (4). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); luiz [lujz] (1). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Acho que não. Não sei se o governo tem a ver com **luiz** não. Acho que não. Imposto de água e **luiz** ele cobra[#] água é a SANEAGO, a **luiz**[#] a energia é da CERG.”

machucar *v.* (2) machucô [ma.ʃu.'ko] (1). *apócope e monotongação*. (N4F90MG); machucô [ma.ʃu.'ko] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “ocê num matô, mai 'tô dizem pra ele assim: 'cê matô, 'cê **machucô** ela. *Matei porque eu ixaminei.*”

madeira *s.* (3) maderá [ma.'de.rɐ] (3). *síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Essa **madera** ruliça, pa quem nunca trabaiô, mais esse crivo num [a]rruma dereito, mas tem que tê o costume, a malícia, né, porque ela é meio dispontada, né, mais du[ra], tem que te[r] jeito, né.”

maneira *s.* (6) manera [ma.'ne.rɐ] (2). *síncope e monotongação.* (N4F90MG); manera [ma.'ne.rɐ] (4). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Porque só lá em São Paulo é bisineto, eu tem deiz bisineto. Têm três fi que mora lá, né. De **manera** qu’eu tem quatorze neto.”

mangueira *s.* (1) manguera [mẽ.'gwe.rɐ] (1). *síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Era onze pedrero né, acabô na esquina, na **manguera** ali.”

marido *s.* maridim [ma.ri.'dĩ] (1). *apócope.* (N4F90MG). Exemplo: “Graças a Deus vivi 54 ano casada. **Maridim** brabo, mas graças a Deus vivemo[s] muito bem (*risos*), porque ele falava e eu num ligava não.”

mas *conj. adv.* (87) mais ['majz] (10). *epêntese e ditongação;* mais ['maj.zi] (1). *epêntese, ditongação e paragoge.* (N1F75GO; N2M78GO); mais ['maj.zi] (6). *epêntese, ditongação e paragoge;* mais ['majz] (9). *epêntese e ditongação;* maisi [maj.zi] (1). *epêntese, ditongação e paragoge.* (N3M92MG); mais ['majz] (18). *epêntese e ditongação.* (N4F90MG); mais ['majz] (42). *epêntese e ditongação.* (N5M75SP). Exemplo: “(*incompreensível*) eu ’tô cum 75 ano, é, é de todo açúca [#], eu sô de vidro cum médico, num gosto não. Tive pelumonia, **mais** parece que ia tratá de ota coisa.”

matar um *v. e pron.* (1) mataru'm [ma.'ta.rũ] (1). *síncope, alçamento e crase.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Derum probrema, e[le]s **mataru'm** fazendero, jogara a culpa nesse Antero.”

matar *v.* (6) matô [ma.'to] (6). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Falei: ’ocê num **matô**, mai ’tô dizeno pra ele assim: ’cê **matô**, ’cê machucô ela. *Matei porque eu ixaminei.*”

me *pron.* (1) mi [mi] (1). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Fui dano um jeito, né. Mais eu tinha[#] cheguei a te[r] dezoito camarada, naquel[a] [época] a japoneizada **mi** ajudava, né.”

meio *adv.* (12) mei[o] ['mej] (3). *apócope e monotongação.* (N3M92MG); mei[o] ['mej] (3). *apócope e monotongação.* (N4F90MG); mei[o] ['mej] (6). *apócope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “É, onze bisneto. Tem uns assim **mei[o]** torto, mas é bisneto do memo jeito, né.”

melhorar *v.* (7) miorô [mi.o.'ro] (1). *assimilação, alçamento, apócope, monotongação, vocalização e crase;* miorá [mi.o.'ra] (1). *assimilação e alçamento;* mió [mi.'o] (1). *assimilação e alçamento;* miorava [mi.o.'ra.vɐ] (1). *assimilação e alçamento.* (N3M92MG); melhorô [mi.ʎo.'ro] (1). *assimilação e alçamento, apócope e monotongação* ▲ *adj.* melhor [mi.ʎoɾ] (2). *assimilação e alçamento.* (N4F90MG). Exemplo: “Perdeu a mimória, ficou aquela coisa

toda. Foi muito cuidada, médico do salão de Rei que vinha aqui pra cuidá, né, dela, né. Aí ela, Deus ajudô ela **milhorô**.”

melhor *adj.* (4) mió [mjɔ] (2). *assimilação e alçamento*; melhor [mi.'kɔɿ] (2). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Fiquei mei[o] chateado, né: tira aquele lá, seu cunhado assenta muito **mió** tijolo e trabaia muito **mió** do que ele, po[de] tirá.”

memória *s.* (4) mimora [mi.'mɔ.rɐ] (1). *assimilação, alçamento, síncope e monotongação*; memora [me.'mɔ.rɐ] (2). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); mimora [mi.'mɔ.rɐ] (1). *assimilação, alçamento, síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Graças a Deus, tenho boa **memora**, alembro das coisa tudo, igual eu 'tô falano pra senhora.”

menino *s.* (5) minino [mi.'ni.nu] (3). *assimilação e alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); minino [mi.'ni.nu] (1). *assimilação e alçamento*; minina (1). *assimilação e alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Dexaro o dinheiro cumigo. **Minino**, guardá dinheiro do zoto é, mais ele é, falei: se 'ocê num vim buscá [esse dinheiro] hoje, ou amanhã, ou depois eu vô leva lá.”

merecer *v.* (1) merecesse⁴³ [me.re.'se.si] (1). *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difíci dá escola os fi, assim, que que **merecesse**, é munto difíci.”

mês *s.* (14) meis ['mejz] (7). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG); meis ['mejz] (1). *epêntese e ditongação* (N4F90MG); meis ['mejz] (6). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O (...), primero **meis** deu juro, paguei; segundo **meis**, paguei; terceiro **meis**, paguei, ai, ai, ai, nunca mais [em]boscada.”

mil *num. card.* (2) mili ['mi.li] (2). *paragoge*. (N3M92MG). Exemplo: “Dispois eu falei: ah, isso 'tá muito pouco, agor' eu vô caçá de mode tirá dinheiro da arefa, ganhava **mili** e cem por dia.”

milho *s.* (2) miio ['mi:u] (1). *vocalização*. (N1F75GO; N2M78GO); mii ['mi:] (1). *vocalização*. (N3M92MG). Exemplo: “Prantava de tudo, nessa ocasião, né. Era **mii**, era feijão, era arroizi, era tudo, né.”

mineiro *adj.* (1) minerão [mi.ne.'rɛw] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “(tosse) tem é esse fato. Seu (...) era um **minerão** aí, morav' aqui embaixo, ó, um magrelão ligero.”

minha *pron.* (6) minh' ['mĩɲ] (6). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “O dia ca **minh'** mãe morreu, chegô a notícia lá que ela teve internada e tirô ela lá, ela morreu.”

mocinha *s.* (1) moçim [mo.'sĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí fui pa roça, **mocim** de roça, mas vivi; cumpri minha obrigação de esposa, graças a Deus.”

⁴³ variação de *merecessem*.

moer v. (1) mueue [mu.'ew] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “O meu fi tinha vindo de São Paulo, chegô aí, sáb[ad]o e dumingo, nós **mueue**, cerveja, pinga até que num podê mais.”

monjolo s. (4) munjolim [mũ.ʒo.'li] (1). *dissimilação* e *apócope*; monjolinho [mũ.ʒo.'li.ju] (3). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Se falá que quiria uma capela, eu falei não sinhora. Pa cumeçá, no Ipiranga tem uma capela, no **Munjolim** tem ota capela.”

montar v. (1) muntá [mũ.'ta] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Quand’eu vô **muntá** [no] cavalo, os dois ’tarraca ele e toma o revolve dele e deu dois tiro pra descarregá o revolve.”

morar v. (2) murava [mu.'ra.və] (1). *alçamento*. (N4F90MG); morav’ [mo.rav] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Tinha um tu[r]co que chamava (...) e ele falou: (...), *onde mora* (...). Aí o (...) respondeu: *até onte murava ali, naquele lugá que chama Pavuna.*”

mudar v. (4) mudô [mu.'do] (1). *apócope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); dimudô [dʒi.mu.'do] (1). *prótese*, *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); mudô [mu.'do] (1). *apócope* e *monotongação*. (N4F90MG); mudô [mu.'do] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “É, e nós **mudô** pra cá pr’um tal de Buriti que tem pra cá, perto do Frigorifo. Nós se cunheceu e casou, ’tá cum 55 ano de casado.”

muito adv. (63) muit[o] [’mũjt] (2). *nasalização* e *apócope*; muit[a] [mũjt] (2). *nasalização* e *apócope*; munto [’mũ.tu] (4). *nasalização*, *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); munto [’mũ.tu] (12). *nasalização*, *síncope* e *monotongação*; muntos [’mũ.tus] (1). *nasalização*, *síncope* e *monotongação*; munta [’mũ.tɐ] (2). *nasalização*, *síncope* e *monotongação*; muit[o] [’mũjt] (2). *nasalização* e *apócope*. (N3M92MG); munto [’mũ.tu] (35). *nasalização*, *síncope* e *monotongação*; munta [’mũ.tɐ] (3). *nasalização*, *síncope* e *monotongação* (N4F90MG). Exemplo: “A vida, ieu já passei por contrário demais nessa vida, né, já sufi **munto**.”

mulher s. (29) muié [muj.'ɛ] (1). *vocalização* e *ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); muié [muj.'ɛ] (24). *vocalização* e *ditongação*. (N3M92MG); muié [muj.'ɛ] (2). *vocalização* e *ditongação*. (N4F90MG); muié [muj.'ɛ] (2). *vocalização* e *ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “E graças a Deus amizade, graças a Deus, tinha amizade pra todo lado. Todo lugá, era home, era **muié** e que às veiz eu nem sei quem é que era, né.”

município s. (2) municipo [mu.ni.'si.pu] (1). *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); municipi [mu.ni.'si.pi] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Só memo o ri[o] memo, mais arretirado do **municipo**, o rio Grande abate um pouco, mais tem muit[a] água /.../ mair é argum, é argum que tem muit[a] água, é argum.”

não adv. (256) num [nũ] (36). *síncope*, *alçamento* e *nasalização*. (N1F75GO; N2M78GO); num [nũ] (92). *síncope*, *alçamento* e *nasalização*. (N3M92MG); num [nũ] (39). *síncope*, *alçamento* e *nasalização*. (N4F90MG); num [nũ] (89). *síncope*, *alçamento* e *nasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “Agora depois co Padre (...) morreu cumeçô [a]parecê essa ôta ruligião aí. **Num** tinha essas coisa aí, não. Ah, como é que chama essas coisa aí, eu nem sei. **Num** sei o nome dessas ruli[gião]. Lá eu **num** sei, porque eu num dô nutiça disso, né.”

não é *adv.* (286) né [nɛ] (50). *sinalefa e apócope.* (N1F75GO; N2M78GO); né [nɛ] (106). *sinalefa e apócope.* (N3M92MG); né [nɛ] (68). *sinalefa e apócope.* (N4F90MG); né [nɛ] (62). *sinalefa e apócope.* (N5M75SP). Exemplo: “Já [ou]viu falá dos Três Rancho, **né?**”

naquela *prep. e pron.* (6) naque[le]s [na.'kes] (1). *síncope;* naque[la]s [na.kes] (1). *síncope.* (N1F75GO; N2M78GO); naque[le]s [na.'kes] (1). *síncope;* naque[la]s [na.kes] (1). *síncope.* (N3M92MG); naquel[e] [na.'keʃ] (1). *apócope.* (N4F90MG); naquel[a] [na.keʃ] (1). *apócope.* (N5M75SP). Exemplo: “Fui dano um jeito, né. Mais eu tinha[#] cheguei a te[r] dezoito camarada, **naquel[a]** [época] a japoneizada mi ajudava, né.”

naquilo *prep. e pron.* (1) naqui[lo] [na.'ki] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Sabê mexê com aque[le]s negócio, né? passa o cartãozim **naqui[lo]** lá. Aqui o trem é mal feito, sai do ar”

Natividade *s.* (1) [Na]tividade [tʃi.vi.'da.dʒi] (1). *aférese.* (N5M75SP). Exemplo: “É, mai eu vô sê franco c’o sinhô eu digo Campo Belo, Solapão, Cunha, São Luiz, Lagoinha, **[Na]tividade,** é aqui pras Painera.”

necessário *s.* (1) necessár[i]o [ne.se.'sa.rũ] (1). *síncope e monotongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Mais graças a Deus criaro a gente bem. Dan[d]o o **necessár[i]o** que pode, com muito respeito a todos.”

negócio *s.* (14) negóço [ne.'gɔ.sũ] (7). *síncope e monotongação;* (1) negócião [ne.gɔ.'si.ẽw] (1). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); negóço [ne.'gɔ.sũ] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG); negóço [ne.'gɔ.sũ] (2). *síncope e monotongação.* (N4F90MG); negóço [ne.'gɔ.sũ] (2). *síncope e monotongação.* (N5M75SP). Exemplo: “Pra ir no banheiro, era escorado pra parede, c’o **negóço** da perna, né. Minha nora que cuidô de mim, era remédi[o], era aplicadô de injeção, era tudo.”

nela *prep. e pron.* (1) nel’ [’neʃ] (1). *apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “e[le]s costuma deixá lá na cozinha eu falo: oh, ’ceis guarda a pinga d’oceis lá, porque se chegá um aqui que gosta daí, vai **nel’** aí.”

nenhum *pron.* (1) nenhum [ni.'jũ] (1). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Aqui pertim aquele lugá de[#] se tivé cunhicimento a senhor num sai de jeito **ninhum.**”

nenhuma *pron.* (3) nenhuma [ni.'jũɐ] (1). *alçamento.* (N1F75GO; N2M78GO); nenhuma [ni.'jũɐ] (1). *alçamento.* (N3M92MG); nenhuma [ni.'jũɐ] (1). *alçamento.* (N4F90MG). Exemplo: “A dona tamém era injuada, mais injuada, ãa coisa. Num tinha impregada **ninhũa** [que] [a]guentava ela, né.”

nesse *pron.* (1) nes[se] [nes] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Não. Antigamente num tinha aquel’ negóço de [coo]perativa, né? **Nes[se]** tempo num tinha. Era carro de boi, acho que num tinha cooperativa não.”

nós *pron.* (38) nós [ˈnɔjz] (8). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); nós [ˈnɔjz] (16). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG); nós [ˈnɔjz] (4). *epêntese e ditongação*. (N4F90MG); nós [ˈnɔjz] (11). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “É. São Tiago é uma cidade boa pra **nóis** que estamo[s] aqui nesse lugarzim pobre, né.”

Nossa Senhora *s.* (4) Nossa Senhora [no.ˌsa.sĩ.ˈjo.rɐ] (4). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Santa Cruz tem a Capelinha no sítio nosso lá **Nossa Senhora** do Bom Parto, e ota lá Capela São João, São João Assistido, São João me[s]mo, e tem ota capela de Santa Cruz lá nos Bragança, Pedra Grande, tem.”

notícia *s.* (1) nutiça [nu.ˈtʃi.sa] (1). *alçamento, síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Ah, como é que chama essas coisa aí, eu nem sei. Num sei o nome dessas ruli[gião]. Lá eu num sei, porque eu num dô **nutiça** disso, né.”

novecentos *num.* (3) novicentos [no.vi.ˈsẽ.tus] (3). *dissimilação*. (N4F90MG). Exemplo: “Mil **novicentos** e dizesseis, né. É, isso mesmo. Treze de setembro de mil’ **novicentos** e dizesseis.”

novilha *s.* (1) nuvilha [nu.ˈvi.ʎɐ] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “no fim um casal munto bão, véi, mais munto bão, deu café, um monte de coisa, arriemo a tropa, fomo na casa do seu (...), peguei nove **nuvilha** lá.”

nunca *adv.* (1) anunca [a.ˈnũ.kɐ] (1). *prótese*. (N3M92MG). Exemplo: “Ieu até a a idade de mais o[u] meno dum sessenta ano, **anunca** tinha ido im médico não, num sabia nem [a]jeitá o braço pra tomá injeção, nunca tinha tomado.”

olhar *v.* (11) óia [ˈɔj.ɐ] (1). *vocalização e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); oiá [oj.ˈa] (1). *vocalização e ditongação*. (N3M92MG); óia [ˈɔj.ɐ] (9). *vocalização e ditongação* (N5M75SP). Exemplo: “Tem. Pode **oiá**, aqui. Vem cá. /.../”

olho *s.* (5) oio [oj.ɔ] (4). *vocalização e ditongação*; oi [oj] (1). *vocalização e ditongação e apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “E deu problema na cabeça e enxerga só dum **oio**.”

Oliveira *s.* (2) Olivera [o.li.ˈve.rɐ] (2). *síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Diz[#] ele viajava, vendia boi, vaca, [es]sa coisa, né. E aqui im[#] perto de **Olivera** aqui, como que chama essa cidade, (...). Cum’ é que chama a cidade perto de **Olivera**?”

onde *adv.* (1) aonde [a.ˈõ.dʒɪ] (1). *prótese*. (N3M92MG). Exemplo: “Morar de Agregado, porque, **aonde** eu morava lá, só era dos oto.”

ontem *adv.* (1) onte⁴⁴ [ˈõ.tʃɪ] (1). *desnasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu tenh’ ãa menina, neta que foi[#] **ontem** eu me [ar]rependi de tê ido na casa do (...), porque eu gosto de fazê ãa visita pra ele.”

⁴⁴ variação de *ontem*.

os outros v. (3) o zoto [u.'zo.tu] (3). *dissimilação, síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Se for pra mim ir lá passá o cartão, lá eu vejo **o zoto** me dano.”

ou conj. (3) o[u] [o] (2). *apócope e monotongação* (N4F90MG); o[u] [o] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Não. É, é, era mais **o[u]** meno[s]. Servia bem pra morá.”

ouro s. (1) ôro ['o.ru] (1). *síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Dinhero o povo roba, o **ôro** o povo roba, as perna o povo roba /.../, otas coisa a ferruja come”

outra pron. (31) otas ['o.təs] (2). *síncope e monotongação*; ota ['o.tə] (1). *síncope e monotongação*; oto ['o.tu] (5). *síncope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); ota ['o.ta] (2). *síncope e monotongação*; ôto ['o.tu] (2). *síncope e monotongação*; ôtos ['o.tos] (1). *síncope e monotongação* (N4F90MG); ota [o.tə] (6). *síncope e monotongação*; oto ['o.tu] (12). *síncope e monotongação* (N5M75SP). Exemplo: “Oh, gente, mil’ novicentos e quanto? Pergunta o **ôto** lá.”

outra vez adv. (2) traveiz [tra.'vejs] (1). *aférese, epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); traveiz [tra.'vejs] (1). *aférese, epêntese e ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “ele parô treis ano tomou ãa bomba danada, tornô a vortá **traveiz** pa estudá, né.”

ouvir v. (2) [ou]viu ['viw] (1). *aférese*; [ou]via [vja] (1). *aférese*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Já **[ou]viu** falá dos Três Rancho, né?”

paciência s. (2) paciença [pa.si.'ẽ.sə] (2). *síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Mais graças a Deus toda vida tive munta **paciença**, muito carinho. Nunca perdi a **paciença** com fi, hora ninhã.”

pacto s. (1) pactuô [pa.ki.tu.'o] (1). *suarabácti, apóscope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ai meu Deus do céu, acho que essa[#] pa podê vinga desse Antero **pactuô**, diz o povo, eu não falo nada que eu num vi.”

padrinho s. (2) padrim [pa.'dĩ] (1). *apócope*. (N3M92MG); padrim [pa.'dĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “O casamento, meus **padrim** até que pagô o casamento. Casei só na igreja tamém, né, num casei no civil não.”

pagar v. (3) pagô [pa.'go] (1). *apócope e monotongação*. (N3M92MG); pagô [pa.'go] (1). *apócope e monotongação*. (N4F90MG); pagô [pa.'go] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O casamento, meus padrim até que **pagô** o casamento. Casei só na igreja tamém, né, num casei no civil não.”

pagode s. (2) pagodim [pa.go.'dʒĩ] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Ah, aquilo (*risos*). Aque[le]s **pagodim** de sábado e dança, e o povo fazia mutirão, aquel’ povão, né.”

paiol *s.* (1) paiolzim [paj.ɔw.'zi] (1). *vocalização e apócope.* (N5M75SP). Exemplo: “Intão falei que a respeito de terra eu tenho um **paiolzim** lá, uns cento e vinte caiero.”

paixão *s.* (1) paxão [pa.'fɛw] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Eu desci acumpanhano o enterro da minha mãe, ieu chorei de **paxão** da minha mãe tê murrido.”

palha *adj.* (1) paia [¹paj.ɐ] (1). *vocalização e ditongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Fumo. Fumo desd’ idade de (*tosse*), desd’ idade de, de, de deiz ano. E é cigarro de **paia**.”

para a *prep. e art.* (2) pras [pras] (1). *síncope e crase* (N1F75GO; N2M78GO); pras (1). *síncope e sinalefa.* (N5M75SP). Exemplo: “Não, eu nasci nũa tar de, de Varge. É pra cá, **pras** banda do Mata Cachorro pra cá /.../.”

para ali *prep. e adv.* (2) pr’ali [prali] (2). *síncope e crase.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “diz ela que ’tava aque[le]s poço aqui **pr’ali** criando capim lá dento.”

para aquele *prep. e pron.* (1) pr’aquele [pra.'ke.le] (1). *síncope e crase.* (N4F90MG). Exemplo: “E[le]s fala assim: *desliga a televisão*. Falo: não, dexa a gente vê, porque a gente reza **pr’aquele** povo que ’tá sofreno, né (*risos*)”

para aqui *prep. e adv.* (8) pr’aqui [praki] (2). *síncope e crase.* (N1F75GO; N2M78GO); pr’aqui [praki] (2). *síncope e crase.* (N3M92MG); pr’aqui [praki] (3). *síncope e crase.* (N4F90MG); pr’aqui [praki] (1). *síncope e crase.* (N5F75SP). Exemplo: “A mãe dela ficô viúva mudô **pr’aqui**. Intão, nós somo[#] ela, a gente foi criada aqui mesmo.”

para ele *prep. e pron.* (1) pr’e[le]s [¹prez] (1). *síncope e sinalefa;* pr’ele [¹pre.le] (1). *síncope e sinalefa.* (N3M92MG). Exemplo: “Quando foi sábadu eu sai e fiz o armoço, deixei **pr’ele** lá, vim; eu não armuçei sáb[ad]o, num jantei; domingo eu num almocei e num jantei.”

para esse *prep. e pron.* (1) pr’esse [¹pre.se] (1). *síncope e sinalefa.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Esses povo de Sum Paulu, ele devia muito **pr’esse** povo; esse povo devia muito pra ele e ele num quiria pagá.”

para eu *prep. e pron.* (2) pr’eu [¹prew] (1). *síncope e sinalefa.* (N3M92MG); pr’eu [¹prew] (1). *síncope, apócope e sinalefa.* (N4F90MG). Exemplo: “Eu pagava a minha caderneta, fazia as compra pra levá pra lá, qu’ieu levava um monte de alimento **pr’eu** cozinhá lá, dispois ia bebê minhas pinga.”

para o *prep. e art.* (36) pro [pro] (1). *síncope, e sinalefa;* po [po] (1). *síncope e sinalefa;* pros [pros] (2). *síncope e sinalefa;* pos [pos] (1). *síncope e sinalefa.* (N1F75GO; N2M78GO); pro [pro] (6). *síncope e sinalefa;* p’o [po] (1). *síncope e sinalefa.* (N3M92MG); po [po] (2). *síncope e sinalefa;* pros [proz] (3). *síncope e sinalefa;* pro [pro] (4). *síncope e sinalefa.* (N4F90MG); pro [pro] (6). *síncope e sinalefa;* p’o [po] (9). *síncope e sinalefa.* (N5M75SP). Exemplo: “Não. Tudo é pra rezá, mandá celebrá missa **pros** oto, **pros** que já morreu, **pros** que ’tá vivo. É, é, é das minhas irmandade.”

para *prep.* (215) pra [pra] (37). *síncope*; pa [pa] (5). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO); pra [pra] (69). *síncope*; pa [pa] (2). *síncope*. (N3M92MG); pra [pra] (31). *síncope*; pa [pa] (1). *síncope*. (N4F90MG); pra [pra] (36). *síncope*; pa [pa] (34). *síncope*. Exemplo: “É. Sã Tiago é uma cidade boa **pra** nós que estamo[s] aqui nesse lugarzim pobre, né. Graças a Deus temos bons professores, boas escola, bons padre (*risos*).”

para um *prep. e art.* (4) prum [prũ] (2). *síncope e sinalefa*; pr’ũa [prũa] (1). *síncope e sinalefa*. (N1F75GO; N2M78GO); pum [pũ] (1). *síncope, apócope e sinalefa*. (N5M75SP). Exemplo: “É, e nós mudô pra cá **pr’um** tal de Buriti que tem pra cá, perto do Frigurifo.”

para você *prep. e pron.* (13) pr’ocê [pro.ˈse] (3). *síncope e sinalefa*. (N3M92MG); pr’ocêis [pro.ˈsejz] (1) (N4F90MG); pr’ocê [pro.ˈse] (7). *síncope e sinalefa*. (N5M75SP). *síncope, sinalefa, epêntese e ditongação*; pr’ocê [pro.ˈse] (2). *Síncope e sinalefa*. Exemplo: “Eu tenho ãa berruga grande na perna e ela me deu [in]fecção, dispois o (...) falou: *arrumei pr’ocê tirá essa berruga, porque isso às veiz pode risultá mal’.*”

parar *v.* (4) parô [pa.ˈro] (1). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); parô [pa.ˈro] (3). *apócope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “A fia que óia, que recebe, que põe (*incompreensível*) um remédio. É vergonha falá, a gente num tem cultura ninhũa, cumeçô a estudá e **parô.**”

passar *v.* (2) passaro [pa.ˈsa.ru] (1). *desnasalização e alternância vocálica*. (N1F75GO; N2M78GO) passav’ [pa.ˈsav] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Esse negócio de, de energia que vem pra cá e sujeita demais, e[le]s ’tão brigano, mais brigano mesmo. **Passaro** o tempo todo aqui. Aqui vei pra mim pagá[#] gastá só 29 kilowats [...]”

pássaro *s.* (1) passarim [pa.sa.ˈrĩ] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Mais tinha bicho memo, aque[le]s bichão grande assim, ó. Tão bonito, né? Bonito. Sariema, Ema, fora os **passarim** piqueno, aque[le]s bichim piqueno.”

passear *v.* (1) passiá [pa.si.ˈa] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: Falei: “É, iss’é de estimação. ’cê queria comprá, eu queria de (*incompreensível*). *Fica de presente pra você, po[de] passiá cum ele, fica de presente pra você, de um amigo qu’eu tenho misericórdia*”

pedaço *s.* (1) pedacim [pe.da.ˈsĩ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Ele pegô (*incompreensível*), pegô um **pedacim** de fumo e deu, nem faca num tinha.”

pedir *v.* (3) pidi [pi.ˈdʒi] (1). *assimilação*; pidia [pi.ˈdʒi.ɐ] (2). *assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “naquel[a] [época] a japoneizada mi ajudava, né. Aí **pidia**, quero boi, quero carro, o que ele **pidia** eu arrumava, levava e vendia pra ele.”

pedra *s.* (1) pedr[a] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “**Pedr[a]** [i]gual [a]quela, não, tem, tem, a pedra de[#] eu vou dizê pro senhor, aqui no nosso sirviço é uma pedra e eu vô se[r] franco, dizê po senhor.”

pedreiro *s.* (5) *pedrero* [pe.'dre.ro] (5). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Trabaiei no (...), trabaiei no (...), servino de **pedreiro**, de carpintero, ajudano no caminhão, mar num deu certo, eu num gostava.”

pegar *v.* (14) *pega*⁴⁵ [pe.'ga] (1). *desnasalização*; *pegaro* [pe.'ga.ru] (1). *desnasalização*, *alternância vocálica*; *pegô* [pe.'go] (1). *apócope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); *pegô* [pe.'go] (2). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); *pegô* [pe.'go] (9). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Mais lembro que, graças a Deus, eu honrei também ele até na última hora. Ele **pegô** sofrê do curação, naquele tempo tudo era atrasado, né?”

peixe *s.* (1) *pexim* [pe.'fĩ] (1). *síncope*, *monotongação* e *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Pescá até sabe, mas num dá [para] *pegá*. Só uns **pexim** à toa.”

pelo amor *prep., art. e s.* (1) *pel'amor* [pe.la.'moɹ] (1). *crase*. (N3M92MG). Exemplo: “Quando a sanfona parô lá, ieu parei ela falô: **pel'amor** de Deus, 'cê num chama essa sujeita mais pra dançá, se não eu dou uma coisa aqui no meio da festa”

pequeninho *adj.* (3) *pequinim* [pi.ki.ni.'nĩ] (1). *dissimilação* e *apócope*; *piquininha* [pi.ki.ni.'nĩ.nɐ] (1). *dissimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí eu vô lá, vai lá, vem e volta ele 'tava numa manguerinha desse eucalipo ali, ele, a Dona (...) que é esposa dele porque a famia é tudo **pequinim** assim.”

pequeno *adj.* (7) *piqueno* [pi.'ke.nu] (3). *dissimilação* e *alçamento*. (N1F75GO; N2M78GO); *piqueno* [pi.'ke.nu] (3). *dissimilação* e *alçamento*. (N3M92MG); *piqueno* [pi.'ke.nu] (1). *dissimilação* e *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu 'tava cum onze fio, onze fio. Tudo **piqueno**”

perdido *adj.* (1) *peidido* [pej.'di.du] (1). *vocalização* e *ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Istuda, istuda, mais o meno, não fica **peidido**, purque este ninguém toma, né?”

perguntar *v.* *perguntô* [peɹ.gũ.'to] (1). *apócope* e *monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí chegô aquele negrão aqui em São Tiago todo importante. Chapelão, de bota de ispora e **perguntô**. Tinha um tu[r]co que chamava (...) e ele falou: (...), *onde mora* (...).”

perrengue *adj.* (1) *perrengô* [pe.xẽ.'go] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Aí fui luitano, na co[#] no caso, depois de dezoito dia que ieu casei, minha muié **perrengô**, ficô nove meis duente, quais morreu.”

perto *adv.* (5) *pertim* [peɹ.'fĩ] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); *pertim* [peɹ.'fĩ] (2). *apócope*; *per[to]* [peɹ] (1) *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: Quem vem de São Paulo tem vez que passa na Ponte Estelita]] e é logo pra cá. **Pertim** daqui.”

picadeira *s.* (1) *picadera* [pi.ka.'de.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Óia, **picadera** é do fio tamém, aqui nenhum produto é meu.”

⁴⁵ Variação de *pegam*.

pimenteira *s.* (1) pimentera [pi.mẽ.'te.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Lá, lá onde eu nasci, eu nasci num lugá chamado **Pimentera**.”

pires *s.* pir[e]s [ˈpɪrs] (1). *síncope*. Exemplo: É. Nois era tu[do] de Pires Belo. Nois era da roça, né? Pires Belo agora virô **Pir[e]s** Belo, mas lá era roça, naque[le]s temp[o] era roça. (N1F75GO; N2M78GO).

Pitaceira *s.* (1) pitacera [pi.ta.'se.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu nasci dia 29 de junho, duas hora da madrugada. E eu[#] e antão tinha ãa fogueira ali berto de São Pedro, num lugá chamado **Pitacera**, num povoado lá, né.”

pneumonia *s.* (1) pelumonia [pe.lu.mo.'njɐ] (1). *metátese* e *suarabácti*. (N5M75SP). Exemplo: “eu sô de vidro cum médico, num gosto não. Tive **pelumonia**, mais parece que ia tratá de ota coisa.”

poder *v.* (12) po[de] [po] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); podia [pu.'dʒi.ɐ] (5). *alçamento*. (N3M92MG); pudero [pu.'de.ru] (1). *síncope* e *desnasalização*; podia [pu.'dʒi.ɐ] (1). *alçamento* (N4F90MG); podia [pu.'dʒi.ɐ] (1). *alçamento*; po[de] [po] (2). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “e graças a Deus os fi da gente já **pudero** estudá melhor, né do que o que foi a gente que passou, mais a gente aprendeu apenas a vivê, né, a vida e me serviu munto.”

por aí *prep.* e *adv.* (1) p'ái [paj] (1). *síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “Ieu chegava em casa a muiê tampava brigá comigo, aí eu passav' a mão naque[le]s trem, picava no pé **p' aí** a fora.”

por causa de que *loc.* (1) cadequê [ka.dʒi.'ke] (1). *apócope*, *alçamento* e *aférese*. (N5M75SP). Exemplo: “Iih, **cadequê** num gosto de frequentá munta festa, a veiz do oto.”

por *prep.* (1) pur [pu.ɾ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Ieu já era casado, né, mas eu[#] nós ganhava duzentos e cinquenta réis **pur** dia.”

pôr *v.* (2) puis [ˈpujs] (1). *epêntese* e *ditongação*. (N3M92MG); pusero [pu.'zɛ.ru] (1). *síncope* e *desnasalização*. (N5M75SP). Exemplo: “Aqui ficou bom aqui, ó. Até pra lavá roupa aqui ficô no jeito, né. **Puis** dois portão”

porco *s.* (2) poico [ˈpoj.ku] (2). *vocalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “É, a gente plantava as roça, cuía os mantimento do gasto, criava **poico**, tinha carne, tinha tudo, né?”

porque *conj.* (1) purque [pu.ɾ.'ke] (1). *alçamento*. (N3M92MG); (1) purque [pu.ɾ.'ke] (1). *alçamento*. (N4F90MG); puke [pu.'ke] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu falei: ó, num vô não, vô ficá pra brincá com meus colega. [...] E graças a Deus foi bom pra mim, assim. Foi bom, **purque** até hoje, pra todo lado que eu trabaio, eu sô chimado, né? Devo essa obrigação ele.”

porteira *s.* (1) portera [po.ɾ.'te.rɐ] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí ele num ia entrá na **portera** e pegô a fia dele pelo pescoço e Deus me ajudô, porque eu peguei levantei: *ela é minha fia*. Falei: é sua fia, mais o senhor, num foi que 'cê pensa.”

porvilho s. (1) porvi [poɫ.ˈvi] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Mais seu (...) eu não posso comprar. *Dá jeito*. Aí vendeu os **porvi**, vendeu as vaca dos menino, vendeu ãas coisa. Graças a Deus [a]rranjô, pagô tod[a] dívida, né.”

pouco *adj.* (33) poco [ˈpo.ku] (7). *síncope* e *monotongação*; poca [ˈpo.ka] (2). *síncope* e *monotongação*; poquim [po.ˈki] (3). *síncope*, *monotongação* e *apócope*; pocos [ˈpo.kos] (1). *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); poquim [po.ˈki] (1). *síncope*, *monotongação* e *apócope*. (N3M92MG); poco [ˈpo.ko] (3). *síncope* e *monotongação*. (N4F90MG); poco [ˈpo.ko] (8). *síncope* e *monotongação*; poca [ˈpo.kɐ] (1). *síncope* e *monotongação*; poquim [po.ˈki] (7). *síncope*, *monotongação* e *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu gostava, ah, eu gostava de negociá um poquim, né.”

pousar v. (2) posei [po.ˈsej] (2). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “**Posei** em Lagoinha seis hora da tarde, **posei** lá.”

precisar v. (2) precisô [pre.si.ˈzo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N4F90MG); precisô [pre.si.ˈzo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Ah, curuiz amado, eu num quero morá nisso aqui não, mas morei enquanto **precisô**.”

prefirir v. (1) prifiro [pri.ˈfi.ru] (1). *assimilação* e *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu **prifiro** passar a mão num machado, num tem paciência não. Mas tudo quant’ê serviço que mandá eu fazê eu faço.”

primeiro *num.* (13) premera [pre.ˈme.rɐ] (2). *assimilação*, *síncope* e *monotongação*. (N4F90MG). premero [pre.ˈme.ro] (3). *assimilação*, *síncope* e *monotongação*; primero [pri.ˈme.ro] (2). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG); primero [pre.ˈme.ru] (1). *síncope* e *monotongação*. (N5M75SP) ▲ *adv.* premero [pre.ˈme.ro] (1). *assimilação*, *síncope* e *monotongação*; primero [pri.ˈme.ro] (1). *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); premero [pre.ˈme.ro] (3). *assimilação*, *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “O **primero** dia que meu avô me levô pa roça pra trabaiá, eu num queria i[r] não.”

primo s. (1) pri[mo] [pri] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Chegava aqui e falava aí em roda da casa, a grama quais entrava dento de casa. Ieu fui [a]rranjá um **pri[mo]** meu, agor’ qu’ele ’tá fazeno aí a limpada, porque tem água, tem tudo aí.”

procurar v. (3) prucurá [pru.ku.ˈra] (2). *assimilação* e *alçamento*; prucuro [pru.ˈku.ru] (1). *alçamento*. (N3M92MG) Exemplo: “Tinha gente que fintava. A gente trabaiava a semana inteira, ia lá **prucurá** o cobre: *ah, num tem cobre não*.”

puxar v. (2) puxô [pu.ˈʃo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N3M92MG); puxô [pu.ˈʃo] (1). *apócope* e *monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Ele tinha um relho da tampa cumprida assim e falou: *desenrola, se não ’cê ganha ota memo* e me **puxô** assim (risos)”

qualquer *pron.* (2) quorqué [ko.ɫ.'kɛ] (2). *alternância vocálica.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difíci dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto difíci. Cria de **quorqué** jeito e veve de **quorqué** jeito. É veigonha falá, mais é isso aí.”

quando a *conj. e art.* (2) quand'a [k'wẽ.'da] (2). *sinalefa.* (N3M92MG). Exemplo: “Desd' esse dia **quand' a**, **quand'a**: *ah, num vô c'ocê mais em baile não, quando eu for agora ieu vou suzinha (risos).* Ela nunca mais foi pro baile.”

quando dá ali *pron., v. e adv.* (1) quand'ali [k'wẽ.'da.li] (1). *síncope e sinalefa.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Meu pai gostav[a] demais de prantá, prantava de tudo. Engraçado, antigamente ele cuía aque[le]s mantimento as saca era pô ano, né? Fejão num perdia, agora 'cê compra um saquim de fejão, **quand'ali** um mês ele, ele caruncha tudo.”

quando eu *pron.* (1) quand'ieu [k'wẽ.'diew] (1). *sinalefa e prótese.* (N3M92MG). Exemplo: “**Quand'ieu** casei[#] teve oto dia qu'eu fui[#] teve oto dia qu'eu casei, descobri que a minha muié era ciumenta (*risos*).”

quando *pron.* (1) quondo [k'wõ.du] (1). *assimilação.* (N3M92MG). Exemplo: “**Quondo** feiz oito dia qu'ieu casei, ele tamém casô.”

quanto é *pron. e v.* (5) quant'ê [k'wẽ.'tɛ] (1). *sinalefa.* (N1F75GO; N2M78GO); quant'ê [k'wẽ.'tɛ] (4). *sinalefa.* (N3M92MG). Exemplo: “Vinha gente de tudo **quant'ê** lugá, andano lá de lancha.”

quanto *pron.* (1) quant[o]s [k'wẽts] (1). *síncope.* (N4F90MG). Exemplo: “Bisneto é (...), não. É a (...). **Quant[o]s** ano[s] ela tem? 22 ano.”

quase *adv.* (8) quais [k'wajz] (1). *epêntese, ditongação e apócope.* (N1F75GO; N2M78GO); quais [k'wajz] (6). *epêntese, ditongação e apócope.* (N3M92MG); quais [k'wajz] (1). *epêntese, ditongação e apócope.* (N4F90MG). Exemplo: “(...), 'tô **quais** morta de calô e 'ocê de brusa?”

que *pron.* (4) qui [ki] (4). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “É uma lombadinha. É tem[#] é **qui** por caus' do acho que aconteceu isso, pusero o nome de Pedra grande, pedra grande e ficô, né. E o bairro tom[b]ém, né, mai a pedra é pequena em vista dessas pedra **qui** tem por aqui.”

que é *pron. e v.* (2) qu'ê [kɛ] (2). *crase.* (N3M92MG). Exemplo: “É. Ele num tinha barba, o meu avô não. Acho **qu'ê** por ca[u]s[a] disso que [eu sou] forte.”

que ele *conj. int. e pron.* (6) qu'e[le]s [k'ɛz] (1). *crase e síncope;* qu'ela [k'ɛ:lɐ] (1). *crase e síncope;* qu'ele [k'ɛ:le] (1). *crase.* (N3M92MG); qu'eles [k'ɛ:les] (1). *crase e síncope.* (N4F90MG). Exemplo: “O dia **qu'eles** foram sepultado, dia treze de setembro de mil' novicentos e[#] eu esqueci agora gente, cum'ê que fala /.../. Pergunta o (...).”

que era conj. int. e v. (4) qu'era ['ke:ra] (1). *crase*; qu'é [kɛ] (1). *crase*. (N1F75GO; N2M78GO); qu'era ['ke:ra] (1). *crase*. (N3M92MG); qu'era ['ke:ra] (1). *crase*. (N5M75SP). Exemplo: “ô, ô, ô, a minha bisavó **qu'era** índia.”

que eu conj. int. e pron. (26) qu'eu [kew] (9). *crase*. (N3M92MG) ▲ pron. e pron. qu'ieu [ki.'ew] (8). *sinalefa* e *prótese*. (N3M92MG); qui'ô [ki.'o] (1). *alçamento*, *aférese* e *assimilação*; qu'ieu [ki.'ew] (4). *sinalefa* e *prótese*. (N4F90MG); qu'eu [kew] (4). *crase*. (N5M75SP). Exemplo: “Intão, nós somo[#] ela, a gente foi criada aqui mesmo. Nascido, criada, saí só pra i[r] nessa roça **qu'ieu** num gostava.”

que você conj. int. e pron. (5) c'ocê [ko.'se] (5). *síncope*. (N3M92MG). Exemplo: “A muié de manera **c'ocê** tem confiança nela e **c'ocê** nunca percebeu nada dela, 'cê [a]guenta tudo (*risos*).”

queijo s. (2) quejo ['ke.ʒu] (2). *síncope* e *monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Intão a gente era menina, colocava aquele balaim bem arrumadim, cum pano munto limpim, punha as broa de **quejo**, sabe, 200 reis e vinha trazê pros fregueis.”

queimação s. (1) quemação [ke.ma.'sẽw] (1). *síncope* e *monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Vim, eu peguei tomá vim. Achei que 'tava me dan[d]o **queimação** no estômo, parei tamém.”

querer v. (1) quiria [ki.'ri.ɐ] (1). *assimilação* e *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “É, Bom Parto. Se falá que **quiria** uma capela, eu falei: não sinhora.”

quieto v. (2) quetinha [ke.'tʃi.nɐ] (1). *síncope* e *monotongação*; queta ['ke.tɐ] (1). *síncope* e *monotongação* (N5M75SP). Exemplo: “Fica no quarto da menina e 'pera lá, fica **quetinha**, mais **queta**. Falei: O fio, deita aí na minha cama aí ele deitô de bruço e fechô o oi nem suspirá parece (*o narrador imita a respiração ofegante da criança*).”

racionamento s. (1) raçonnement [xa.so.na.'mẽ.tu] (1). *síncope* e *monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Agora hoje não. Nas fazenda pra isso, tem aque[la]s máquina, né? Liga lá e (*som onomatopeico com a boca para representar o barulho da máquina*). Bão demais, mais agora cum esse negócio de **raçonnement** d'energia [a]cabou foi tudo. Num pode, né? Gasta energia demais.”

rapaz s. (1) rapaiz [xa.'pajz] (1). *epêntese* e *ditongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Aqui, aquele **rapaiz** que foi me chamá lá é fi meu, né.”

real s. (2) riali [xi.'a.li] (1). *alçamento* e *paragoge*. (N3M92MG); rial [xi.'aw] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “É duas notinha dessa de um **riali** agora, né por meis, hein? Ficava lá seis meis, levava doze mirreis pra minha mãe, né (*risos*).”

religião s. (2) ruligião [xu.li.ʒi.'ẽw] (1). *alternância vocálica*; ruli[gião] [xu.li] (1). *alternância vocálica* e *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Agora depois co Padre (...) morreu cumeçô [a]parecê essa ôta **ruligião** aí. Num tinha essas coisa aí, não.”

remédio *s.* (3) remédi[o] [xe.¹me.dʒi] (3). *apócope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Às veiz eu ’tô deitado na minha cama lá, ’tô tussino e ele ’tá c’ o **remédi[o]** lá: O sô (...), *truxe esse remédi[o] pro sinhori, o sinhori tá tussino munto.*”

resolver *v.* (2) resurvia [xe.su.ɾ.¹vja] (1). *alçamento.* (N1F75GO; N2M78GO); resuvi [xe.su.¹vi] (1). *alçamento.* (N3M92MG). Exemplo: “O governo ’teve aqui aí disse que[#] os fazendero foi tudo pra lá, pra vê o que e[le]s **resurvia**, né? Diz que ele entrô de finim e foi pro[#] falar com o gerente, num deu papo pra e[le]s (*risos*).”

resultar *v.* (1) risultá [xi.su.¹ta] (1). *alçamento e vocalização.* (N3M92MG). Exemplo: “[#]. Eu tenho ãa berruga grande na perna e ela me deu [in]fecção, dispois o (...) falou: *arrumei pr’ocê tirá essa berruga, porque isso às veiz pode risultá mal’.*”

retirado *adj.* (1) arretirado [a.xe.tʃi.¹ra.du] (1). *prótese.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Só memo o ri[o] memo mais **arretirado** do municipo, o rio Grande abate um pouco, mais tem muit[a] água /.../ mair é argum, é argum que tem muit[a] água, é argum.”

retornar *v.* (1) tornô [to.ɾ.¹no] (1). *aférese, apócope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “dispois que ele parô de istudá, ele parô treis ano tomou ãa bomba danada, **tornô** a vortá traveiz pa estudá, né.”

reumatismo *s.* (1) reumatism’ [xew.ma.¹tism] (1). *apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “Agor’ de certo tempo pra cá, é, é que mim apareceu um **rematism’** na perna, mais isso l’em Aragança, né.”

ribeirão *s.* (3) reberão [xe.be.¹rẽw] (3). *assimilação, síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Andava uns dois quilômetros tinha um **reberão** pra atravessá. Travessei o **reberão**, chorano, de vez em quando ele olhava pa trais, eu ’tô chorano.”

rio *s.* (1) ri[o] [xi] (1). *apócope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Só memo o **ri[o]** memo, mais arretirado do municipo, o rio Grande abate um pouco, mais tem muit[a] água /.../ mair é argum, é argum que tem muit[a] água, é argum.”

roceiro *s.* (2) rocero [xo.¹se.rũ] (2). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Não. **Rocero** com poco estudo. Bem dizê quais que simples, né? Bobo.”

roer *v.* (1) ruê [xue] (1). *alçamento.* (N3M92SP). Exemplo: “(...). Aí eu falei, ó. ’ocê já comeu a carne, ’cê tem que ruê o osso, tamém. Já comeu a carne, tem que **ruê** o osso tamém, né (*risos*)”

ruliça *adj.* (1) ruliça [xu.¹li.sɐ] (1). *alçamento.* (N5M75SP). Exemplo: “Essa madera **ruliça**, pa quem nunca trabaiô, mais esse crivo num [a]rruma dereito, mas tem que tê o costume, a malícia, né, porque ela é meio dispontada, né, mais du[ra], tem que te[r] jeito, né.”

roubar *v.* roba [ˈxɔ.bɐ] (3). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Dinhero o povo **roba**, o ôro o povo **roba**, as perna o povo **roba**”

roupa *s.* (9) ropa [ˈxo.pɐ] (2). *síncope e monotongação.* (N1F75GO; N2M78GO); ropa [ˈxo.pɐ] (7). *síncope e monotongação.* (N3M92MG). Exemplo: “Depois tiraro a **ropa** dele, saiu tocando ele pra rua a fora nú, bateno, socano aguia debaxo da unha, assim [...]”

rui *adj.* (2) rui[m] [xũ.ĩ] (2). *sístole.* (N4F90MG). Exemplo: “Ieu era munto **rui**m pra trocá dinheiro, ih, **rui**m mesmo.”

sábado *v.* (5) sáb[ad]o [ˈsa.bo] (5). *síncope.* (N3M92MG). Exemplo: “O meu fi tinha vindo de São Paulo, chegô aí. **Sáb[ad]o** e domingo, nós mueu, cerveja, pinga até que num podê mais.”

saber *v.* (3) subesse [su.ˈbɛ.sɪ] (1). *síncope e monotongação.* (N3M92MG); sab[e] [sab] (1). *apócope.* (N4F90MG); sab’ [sab] (1). *apócope.* (N5M75SP). Exemplo: “E era assim, ieu num fazia questão de dama, não. Dama podia ser a criolinha mais feia de todas, mas se ela **subesse** dançá, era comigo, né.”

saco *s.* (1) saquim [sa.ˈkĩ] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Engraçado, antigamente ele cuía aque[le]s mantimento as saca era pô ano, né? Fejão num perdia, agora ’cê compra um **saquim** de feijão, quand’ali um mês ele, ele caruncha tudo.”

Santa Cruz *s.* (2) santa cruz [sɛ̃.ta.ˈkruʒ] (2). *epêntese e ditongação.* (N5M75SP). Exemplo: “**Santa Cruz** tem a Capelinha no sítio nosso lá Nossa Senhora do Bom Parto, e ota lá Capela São João, São João Assistido, São João me[s]mo, e tem ota capela de **Santa Cruz** lá nos Bragança, Pedra Grande, tem.”

santo *s.* (1) santim [sɛ̃.ˈfɪ] (1). *apócope.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Antero. Nossa Senhora D’abadia. É um **santim**”

Santo Antônio *s.* (2) Santo Antoin [sɛ̃.ta. ẽ.ˈtõ.ʒ] (2). *metátese e apócope.* (N3M92MG). Exemplo: “saía de lá do Pito Aceso, c’ a mala na cacunda, carregano foice, inxada, ropa, cuberta, a pé, ieu trabaiaava pra lá de **Santo Antoin**, lá na Lavrinha, na fazenda do (...)”

São Paulo *s.* (2) sum paulo [sũ.ˈpaw.lu] (2). *síncope, monotongação e alçamento.* (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Era desse oto povo, os antigo, que já morreu tudo tamém. Esses povo de **Sum Paulo**, ele devia muito pr’esse povo; esse povo devia muito pra ele e ele num queria pagá.”

São Tiago *s.* (7) Sã Tiago [sɛ̃.ti.ˈa.gu] (7). *síncope.* (N4F90MG). Exemplo: “Agora quando a gente era mais nova tamém, não sei s’oceis já ouviu falá no problema que teve aqui em **Sã Tiago**.”

se eu *conj. pron.* (1) s’ieu [sj.ˈew] (1). *síncope e prótese.* (N4F90MG). Exemplo: “Oh, gente, mil’ novecentos e quanto? Pergunta o ôto lá. Xô vê **s’ieu** lemb[r]o”.

se você *conj. pron.* (1) s’oceis [so.ˈsejs] (1). *sinalefa, epêntese, síncope e monotongação.* (N4F90MG). Exemplo: “Agora quando a gente era mais nova tamém, não sei **s’oceis** já ouviu falá no problema que teve aqui em Sã Tiago.”

secar v. (2) secô [se.'ko] (2). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Tem que esperá aparecê. Represa não, um corgo até grande que **secô**.”

segunda-feira s. (3) segunda-fera [se.,gũ.dɐ.'fe.rɐ] (3). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); segunda-fera [se.,gũ.dɐ.'fe.rɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Condo foi **segunda-fera** ela, diz que ela caiu duente, condo foi terça ela faleceu.”

sem vergonha s. (1) sem vergonho [sẽ.ve.ɣ.'gõ.ɲu] (1). *alternância vocálica*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí a minha fia foi prucurá ela falei: não, eu já levei lá na casa do filho lá, 'tá lá. Esse (...) aqui é um **sem vergonho** (*risos*)”

senhor s. (40) senhora [sĩ.'ɲo.ra] (1). *alçamento*; sinhore [sĩ.'ɲo.ri] (1). *alçamento e paragoge*; sô [so] (1). *síncope*. (N1F75GO; N2M78GO); sinhori [sĩ.'ɲo.ri] (2). *alçamento e paragoge*; senhora [sĩ.'ɲo.rɐ] (4). *alçamento*. (N3M92MG); s[enh]or [so.ɹ] (2). *síncope*; senhora [sĩ.'ɲo.rɐ] (1). *alçamento*. (N4F90MG); sinhô [sĩ.'ɲo] (10). *alçamento*; senhor [sĩ.'ɲo.ɹ] (9). *alçamento*; sinhori [sĩ.'ɲo.ri] (7). *alçamento e paragoge*; sô [so] (2). *síncope*. (N5M75SP). Exemplo: “Ih, mas se [o] **s[enh]or** ver o carinho que todo mundo tem comigo. Nossa Senhora.”

sentar v. (3) sentô [sẽ.'to] (3). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “falei: iscuta, eu num quero sabê. Eu sô capaiz de [a]marrá o sinhô e dexá até o delegado vim, deixo o sinhô amarrado [a]í. Aí **sentô**, chorô. **Sentô** e chorô.”

ser v. (4) sô [so] (2). *apócope e monotongação*. (N4F90MG); sô [so] (2). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “É, junho. Ieu **sô** do dia 16 de junho de 1909.”

serviço s. (2) servicim [ser.vi.'sĩ] (1). *apócope*. (N5M75SP); sirviço [si.ɹ.'vi.su] (1). *assimilação*. (N5M75SP). Exemplo: “De lá arrumei [um] **servicim** na Vila São Carlo, ali.”

sexta-feira s. (1) sexta-fera [ses.ta.'fe.rɐ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “Ele só vem **sexta-fera** e vai sáb[ad]o pra lá e vem domingo de tarde”

sítio s. (1) sitiuzim [si.tʃiw.'zi] (1). *assimilação, alçamento e apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Eu andav' cum ele pra mim num existia melhor do que ele, mai quando foi casinha, tinha um **sitiuzim** pra lá, era dezoito alquero, limpá e ele ajudava eu, eu, ele e as criança.”

sobrinho s. (1) subrinho [su.'brĩ.ɲu] (1). *alçamento*. (N5M75SP). Exemplo: “Quando chegô lá perto ele ia em casa e tinha, *falá pr'ocê que amanhã num dá pra mim i[r] lá, pra que o meu subrinho, que é fi do (...), 'tá estudano pa padre e vem passeá aí em casa, pra mim num esperá ele fica[#] vô fazê, tem que esperá.*”

sofrer v. (2) sufi [su.'fi] (2). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “A vida, ieu já passei por contrário demais nessa vida, né, já **sufi** munto.”

sossego adj. (1) sussegado [su.se.'ga.du] (1). *alçamento*. (N3F92MG). Exemplo: “Fazia o arroize, bebia um gole de pinga, deitava na cama, aqui eu 'tô **sussegado**, né (*risos*).”

sozinha *adj.* (1) *suzinha* [su.'zi.nɐ] (1). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Desd’ esse dia quand’ a, quand’a: *ah, num vô c’ocê mais em baile não, quando eu for agora ieu vou **suzinha** (risos)*. Ela nunca mais foi pro baile.”

tempo *s.* (1) *temp[o]* [’tẽp] (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “É. Nois era tu[do] de Pires Belo. Nois era da roça, né? Pires Belo agora virô Pir[e]s Belo, mas lá era roça, naque[le]s **temp[o]** era roça.”

ter *v.* (5) *tinh’* [’fɨj] (1). *apócope*. (N3M92MG); *teim* [tẽj] (2). *epêntese e ditongação*; *tev’* [tev] (1). *apócope*. (N4F90MG); *tinh’* [’fɨj] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “É. É que **teim** hora qu’eu iscuto direito, não.”

terceiro *num.* (1) *tercero* [te.ɫ.’se.ru] (1). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O (...), primero meis deu juro, paguei; segundo meis, paguei; **tercero** meis, paguei, ai, ai, ai, nunca mais [em]boscada.”

terminar *v.* (1) *terminô* [te.ɫ.mi.’no] (1). *apócope e monotongação*. (N3M92MG). Exemplo: “**Terminô** de descê a descida, foi lá pa casa de outro filho meu, lá do oto lado do carrapato, e lá na rua.”

terno *s.* (1) *ternim* [te.ɫ.’nĩ] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “Uai, ieu num arrumava dinheiro pa arrumá o casamento. Custei arrumá pa compra um, dois **ternim** de ropa, um chapeuzim, um par de carçado, né.”

terreiro *s.* (6) *terrero* [te.’xe.ru] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); *terrero* [te.’xe.ru] (5). *síncope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Quondo feiz oito dia qu’ieu casei ele tamém casô. Antão lá fazia aquel[a] soca, né, gente no **terrero**, né, mai[s] enchia de gente, né.”

terreno *s.* (1) *terrenim* [te.xe.’nĩ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “É, Munjolinho. O senhor conhece, aí. Tem uma granja ali. É Munjolinho. Tem um **terrenim** ali.”

tio *s.* (1) *ti* [tʃi] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “E lá debaixo da árve tinha um, um **ti** meu, era mais véi que eu, era mei perrengue, né? Eu [a]cabei, [a]judei ele, né, deitô lá e ficô deitado.”

tirar *v.* (5) *tiraro* [tʃi.’ra.ru] (1). *síncope e desnasalização*; *tirav[a]* (1). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); *tirô* [tʃi.’ro] (2). *apócope e monotongação*. (N3M92MG); *tirô* [tʃi.’ro] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O dia ca minh’ mãe morreu, chegô a notícia lá que ela teve internada e **tirô** ela lá, ela morreu.”

tocar *v.* (1) *tocô* [to.’ko] (1). *apócope e monotongação*. (N5M75SP). Exemplo: “A bala pegô nela aqui, saiu aqui e **tocô** essa parte do fugão.”

toda *pron.* (1) *tod[a]* [tod] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Graças a Deus [a]rranjô, pagô **tod[a]** dívida, né. Os fi tam[b]ém coperaro alguma coisa dispois.”

todo dia *pron. e s.* (6) to'dia [to.'dʒi.ɐ] (3). *síncope*. (N3M92MG); to'dia [to.'dʒi.ɐ] (3). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Lá, o (...) leva pinga, lá os cumpanhero leva pinga, e[le]s bebe, que nem 'tá beben[d]o água, mais cerveja ieu tomo **to'dia**, todo dia ieu tomo.”

todo *pron.* tod' [tod] (2). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: Demais]]. Epa! Deus me livre, é que o s[enh]or (*risos*). Forte mesmo, ih, meu avô era[#] e **tod'** os dois como diz ele era tamém. Ih, meu avô, Deus me livre a gente forçado, ele era mais alto um poquim, mai [#]

tossir *v.* (2) tussino [tu.'sĩ.nũ] (2). *alçamento*. (N3M92MG). Exemplo: “Às veiz eu 'tô deitado na minha cama lá, 'tô **tussino** e ele 'tá c' o remédi[o] lá: O sô (...), *truxe esse remédi[o] pro sinhori, o sinhori tá tussino munto.*”

tostão *s.* (1) tão [tẽw] (1). *aférese*. (N3M92MG). Exemplo: “Eu comp[r]ava ãa quada de baço e sobrava deiz **tão**.”

trabalhar *v.* (52) trabaiá [tra.'baj.a] (1). *vocalização e ditongação*; trabaiadô [tra.baj.a.'do] (1). *vocalização e ditongação*; trabaiava [tra.baj.'a.vɐ] (1). *vocalização e ditongação*; trabai [tra.'baj] (1). *vocalização, ditongação e apócope*; trabaiô [tra.baj.'o] (1). *vocalização, ditongação, apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); trabaiá [tra.baj.'a] (5). *vocalização e ditongação*; trabaiava [tra.baj.'a.vɐ] (8). *vocalização e ditongação*; trabaiei [tra.baj.'ej] (4). *vocalização e ditongação*; trabaio [tra.'bajw] (1). *vocalização e ditongação*; trabaia [tra.'baj.a] (1). *vocalização e ditongação*; trabaiô [tra.baj.'o] (1). *vocalização, ditongação, apócope e monotongação*; trabai [tra.'baj] (1). *vocalização, ditongação e apócope*; tabaia [ta.'baj.ɐ] (1). *vocalização e ditongação*; tabaiava [ta.baj.'a.vɐ] (1). *vocalização e ditongação*; trabaiano [tra.baj.'ẽ.nũ] (1). *vocalização e ditongação* (N3M92MG); trabaio [tra.'baj.u] (2). *vocalização e ditongação*; trabalhô [tra.ba.'lo] (1). *apócope e monotongação* (N4F90MG); trabaiô [tra.baj.'o] (3). *vocalização, ditongação, apócope e monotongação*; trabaiei [tra.baj.'ej] (7). *vocalização e ditongação*; trabaiei [ta.baj.'ej] (1). *vocalização e ditongação*; trabaiava [tra.baj.'a.vɐ] (4). *vocalização e ditongação*; trabaiá [tra.baj.'a] (6). *vocalização e ditongação* (N5M75SP). Exemplo: “Deu aula ainda pra ensiná munta menina a custurá, a lê e **trabalhô** munto na igreja.”

trazer *v.* (7) traiz [trajs] (3). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); traiz [trajz] (1). *epêntese e ditongação*; truxe ['tru.sɪ] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG); truxe ['tru.sɪ] (2). *síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Aí trazia[#] nessa rua eu **truxe** munto, eu **truxe** munto broa de queijo.”

tremedeira *adj.* (1) tremedera [tre.me.'de.ra] (1). *síncope e monotongação*. (N3M92MG) Exemplo: “Não. Só tremia tudo. /.../ É um trem que nunca pude descobrir o que que era isso, né. Capaz que pra fora daqui, botou o nome aqui de Bom Sucesso de Terra **Tremedera** (*risos*).”

três *num.* (15) treis [trejs] (3). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); treis ['trejs] (11). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG); treis ['trejs] (2). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Todo dia, e[le]s têm acidente aqui na rua é dimais, né? É todo dia, morre dois, **treis**.”

Três Ranchos *s.* (2) Treis Rancho [trejs 'xẽ.ʃu] (2). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “[a]gora e[le]s vão criar ota barrage, no rio de São Marco, agor’eu esqueci o nome do lugar pra lá. Já tem um aqui nos **Treis Rancho**, pertim daqui, ó.”

trinta *num.* (1) trint’ [trít] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “Aí, a fia dele fez, fia ’cê entra no quarto aí, eu tinha ãa minina minha, ’tá moça cum **trint’** e tantos ano, né, piquininhinha.”

tudo *pron.* (4) tu[do] [tu] (3). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); tu[do] [tu] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “É. Nois era **tu[do]** de Pires Belo. Nois era da roça, né? Pires Belo agora virô Pir[e]s Belo, mas lá era roça, naque[le]s temp[o] era roça.”

tulha *s.* (1) tuia [’tuj.ɐ] (1). *vocalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “De premera punha feijão nãa **tuia** grande, assim, oh! passav’o ano, o grão ’tava direitim.”

único *adj.* (1) únic’ [’u.nik] (1). *apócope*. (N3M92MG). Exemplo: “É. Agora falô a **únic’** coisa qui eu faç’ hoje é tomá meu (*incompreensível*) e toma ãa cervejinha, né. Mais nada eu faço, né.”

vargem *s.* (1) varge [’va.ɾ.ʒe] (1). *desnasalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Não, eu nasci nãa tar de, de **Varge**. É pra cá, pras banda do Mata Cachorro pra cá /.../.”

velho *adj.* (3) véi [vej] (1). *apócope, vocalização e ditongação*. (N3M92MG); véi [vej] (1). *apócope, vocalização e ditongação*; véia [’vej.ɐ] (1). *vocalização e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “E lá debaixo da árve tinha um, um ti meu, era mais **véi** que eu, era mei perrengue, né?”

ver *v.* (1) veijo [’vej.ʒu] (1). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: Eu, eu, eu **veijo** na televisão, e[le]s liga os trem lá nos peito da vaca e só faz (*som com a boca para representar o barulho da máquina tirando leite das tetas das vacas, seguido de risos*).”

vergonha *s.* (1) veigonha [vej.’gõ.ɲɐ] (1). *vocalização*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “Cria de quorqué jeito e veve de quorqué jeito. É **veigonha** falá, mais é isso aí.”

vez *s.* (9) veiz [vejz] (1). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); veiz [vejz] (4). *epêntese e ditongação*. (N3M92MG); veiz [vejz] (1). *epêntese e ditongação*. (N4F90MG); veiz [vejz] (3). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “O leite a 0,9 centavos o litro é demais, né? A dispesa que o gado dá de sal’, remédio e vacina duas **veiz** por ano.”

vigário *s.* (2) vigaro [vi.’ga.ro] (2). *síncope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Tinha um padre chamado Padre (...), esse foi **Vigáro** aqui cinquenta e tantos ano.”

vinho *s.* (5) vim [vĩ] (4). *apócope*. (N3M92MG); vim [vĩ] (1). *apócope*. (N5M75SP). Exemplo: “**Vim**, eu peguei tomá **vim**. Achei que ’tava me dan[d]o queimação no estômo, parei tamém.”

vir *v.* (9) vei[o] [vej] (3). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); vinh’ [vĩɲ] (1). *apócope*. (N3M92MG); vei[o] [vej] (4). *apócope e monotongação*; vinhero [vĩ.’ɲe.ru] (1).

síncope e desnasalização. (N5M75SP). Exemplo: “A casa num[#]. Óia, eu vô sê franco cu sinhori. Um dia chuveu moiô[#] quando **vinhero** pra cá foi pra alugá a cento e cinquenta por meis.”

virar v. (3) virô [vi.'ro] (2). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); virô [vi.'ro] (1). *apócope e monotongação*. (N3M75SP). Exemplo: “Ele **virô** santo, viu? Faiz milagre demais da conta.”

viver v. (1) veve ['ve.ve] (1). *assimilação e abaixamento*. (N1F75GO; N2M78GO). Exemplo: “As pessoa mais antigo num, num[#] é munto difíci dá escola os fi, assim, que que merecesse, é munto difíci. Cria de quorqué jeito e **veve** de quorqué jeito.”

vizinho s. (3) vizim [vi.'zĩ] (2). *apócope*. (N1F75GO; N2M78GO); vizim [vi.'zĩ] (1). *apócope*. (N4F90MG). Exemplo: “Até **vizim** que era, era grande, no tempo da crise mais novo, eles eram **vizim** até grande, 'tá poquim, poquim.”

você pron. (61) 'cê [se] (1). *aférese*; cêis [sejz] (1). *epêntese e ditongação*. (N1F75GO; N2M78GO); 'cê [se] (27). *aférese*; ceis ['sejz] (2). *aférese, epêntese e ditongação*; oceis [o.'sejz] (1). *epêntese e ditongação* (N3M92MG); 'ceis ['sejz] (3). *aférese, epêntese e ditongação*; oceis [o.sejz] (4). *epêntese e ditongação*; 'cê [se] (5). *aférese* (N4F90MG); cê [se] (16). *aférese*; oceis [o.sejz] (1). *epêntese e ditongação*. (N5M75SP). Exemplo: “Aguarda aí que eu vô chama uma condução pra levá '**oceis**, né.”

vou v. (3) vô [vo] (1). *apócope e monotongação*. (N1F75GO; N2M78GO); vô [vo] (2). *apócope e monotongação*. (N4F90MG). Exemplo: “Não **vô** falá mais nada.”

Expostos os vocábulos que sofreram processos morfofonológicos vocálicos nas narrativas em estudo buscaremos, na próxima seção, apresentar considerações gerais sobre os processos nas narrativas, a análise de cada narrativa, as confluências entre os dados do *corpus* e o cotejo destes com outros estudos que se debruçaram sobre o mesmo material desta investigação.

3.4 Considerações sobre o *continuum* linguístico encontrado nas trilhas das bandeiras

Importa, aqui, pontuar sobre alguns aspectos comuns às narrativas. O primeiro deles aponta para o fato de que os narradores parecem ter preservado traços linguísticos que provavelmente remontam ao latim vulgar; corolário disso é o vocábulo *então* pronunciado como *antão*, reproduzido por todos eles. Consoante Nunes (1970), a permuta de <en> por <an> , ou o inverso, a troca de <an> por <en>, em sílaba inicial ou medial, é um processo muito antigo na língua e é possível que estas alterações sonoras tenham ocorrido inicialmente na variante popular da língua falada pelos romanos.

Acerca da troca de <a> por outras vogais, como em /até/ por /inté/, igualmente executado pelos narradores, a explicação também se assemelha, vejamos o que ele diz: “É possível que ascenda já ao latim vulgar a tendência, muito visível na linguagem do povo, para trocar por *a* qualquer vogal, especialmente *e*, que se encontre em sílaba inicial átona” (NUNES, 1970, p. 59, grifos no original). Ainda nos rastros de Nunes (1970), compreendemos que essa troca de <a> por outra vogal pode ser explicada, em alguns casos, pelos processos de assimilação ou dissimilação.

É digno de nota, também, que a maioria dos narradores não faz uso da lateral palatal [ʎ] em sua falas, a qual foi com frequência substituída por [i], como em /trabaiá/, ao invés de /trabalhar/. A única exceção encontrada foi em relação à narradora de número quatro, a qual realizou ambas as formas. Em alguns vocábulos, como em /mii/ ~ /milho/; /fii/~ /filho/, por exemplo, notamos que, em virtude da vocalização da lateral palatal, há um prolongamento no [i] da primeira sílaba.

Outrossim, a fricativa lateral alveolar [ʃ] e a semivogal [w] foram utilizadas indistintamente quando em posição final de sílaba - /saw/ e /saʃ/. Segundo Silva Neto (1979), a alternância entre a lateral alveolar e a vocalização não é um processo recente, porquanto ela também já existia no vernáculo latino.

Cumprido dizer que em apenas duas entrevistas, quais sejam, a primeira (N1F75GO; N2M78GO) e a terceira (N4F90MG), os narradores afirmaram ter frequentado a escola por algum período. Contudo, cabe ressaltar que, na primeira, o autor assegura que apenas *aprendeu assiná o nome mais ou meno* (N1F75GO; N2M78GO). O fato de ter estudado pouco revelou uma baixa autoestima de ambos os narradores, conforme podemos observar no seguinte trecho:

E aqui, nós ficamo vivo. Foi determinação da fia. A fia que óia, que recebe, que põe (*incompreensível*) um remédio. É vergonha falá, a gente num tem curtura ninhã, cumeçô a estudá e parô [...] Os pai de premero num era assim uns pai[#] nem todos era rico, era pobre. O fi de, de[#] que nem eu, de doze ano pra, pra cima, já 'tava cumeçano a ganha alguma coisinha pa [a]judá na casa. Não é vergonha falá e hoj'im dia eu pratiquei a vivê, mas no fundo 'cabo sendo aquilo anarfabeto, bobo, mair alguma coisa que ela falô aí. A gen' num, num é ãa pessoa assim totalmente igual ela, o sinfore, assim, que dá notícia das coisa, que faiz as coisa, não. (N1F75GO; N2M78GO)

Concernente à terceira narrativa, cabe mencionar que algumas informações apresentadas pela narradora coadunaram com a baixa autoestima dos narradores supramencionados. Conquanto ela tenha relatado aos pesquisadores ter ido à escola “C'ũa

caixinha daque[l]as de papelão debaixo do braço” para aprender minimamente a ler e a escrever, em alguns momentos ela demonstrou se sentir envergonhada por não ter o mesmo nível de escolaridade dos pesquisadores. Segundo ela, a pouca instrução formal adquirida se deixava transparecer em seu modo de falar, consoante podemos notar no excerto que segue:

Tinha veiz[#] a gente até tem vergonha d’oais, porque a gente num tem uma escola boa que nem oais hoje tem não. ‘Ceis todo mundo é professô, é tudo formado. A única formatura qu’ ieu tenho é só que Deus me deu muita saúde, muito juízo, criei minha família muito bem, graças a Deus (*risos*). [...] Oh, gente ’ceis desculpa, porque a gente não sabe conversá muito bem, né (*risos*). (N4F90MG)

Não é possível tecer considerações sobre o grau de escolaridade dos outros dois narradores, uma vez que eles não dão pistas se frequentaram ou não a escola quando crianças. A falta de maior detalhamento sobre o perfil dos narradores impediu que se analisasse a influência de fatores extralinguísticos nos processos de vocalismos.

Outra realização comum aos narradores é o uso das variantes populares “sô”, “sor” para se referir ao vocábulo *senhor*, e o alçamento de [e] em [i] em contexto pretônico, como em: *imenda, imprego, impleito* etc., processo este que, consoante Santiago-Almeida (2009, p. 98), pôde ser observado em seu estudo sobre o vocabulário dos falantes da baixada cuiabana e que também ocorre no português padrão europeu e no português brasileiro em geral.

Apresentar os traços que caracterizam os narradores de maneira geral foi importante para demonstrar que, apesar de morarem em Estados distintos e não se conhecerem, preservam práticas culturais e linguísticas muito semelhantes, o que atesta a presença de um *continuum* linguístico em seus falares, cuja origem remonta aos dos bandeirantes.

3.4.1 *Análise das frequências dos processos de vocalismos que apontam para traços linguísticos dos bandeirantes*

Nesta seção, intencionamos analisar qualitativa e quantitativamente os processos que indicam variações morfofonológicas vocálicas no *corpus*, considerando o total de ocorrências nas narrativas. Nesse sentido, arrolamos os que tiveram maior e menor número de ocorrências, haja vista que ambos caracterizam o *corpus* em análise. Importa lembrar que os vocábulos que sofreram esses processos e se repetem em todas as narrativas foram dispostos tendo em vista a ordem das narrativas, conforme se pode notar nas chaves para transcrição, localizadas frente às

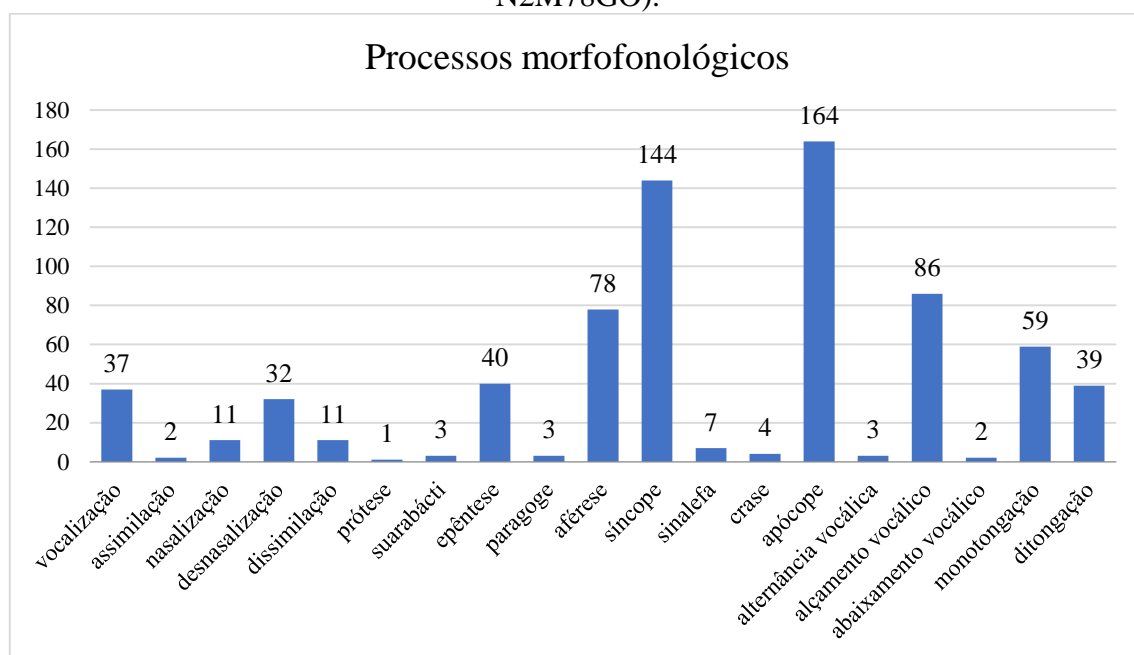
ocorrências. *A priori*, tais vocábulos foram organizados em uma tabela e depois divididos em subgrupos, com o intuito de viabilizar uma melhor compreensão e auferição dos dados.

Considerando os vocábulos que sofreram variações vocálicas nos falares dos narradores, contabilizamos um total de 616 (seiscentos e dezesseis), que constituíram as entradas do Índice. Nesta primeira contagem, não levamos em conta os que se repetiram em outras narrativas, nem suas variantes, pois acreditamos que eles serão melhor evidenciados nos gráficos que ilustrarão os processos em cada narrativa. Para a confecção dos gráficos, nos embasamos na quantidade de ocorrências e não na de vocábulos. A fim de corroborar o *continuum* entre os dados analisados, realizaremos o cotejo entre os cinco processos mais recorrentes e os cinco menos frequentes, sendo que os demais processos poderão ser observados nos gráficos.

Cumpramos notar que, na análise dos dados, foram considerados os processos morfofonológicos vocálicos de caráter geral, nos quais se incluíram outros mais específicos, tais como: i) **ditongaço** e **suarabácti**, classificados como **epêntese**; ii) **monotongaço**, classificada como **síncope** ou **apócope** iii) **sinalefa** como **apócope** e iv) **assimilação** e **dissimilação**, classificadas como **alternância vocálica**, **alçamento** ou **abaixamento**, conforme resultassem em um ou outro.

Dadas estas informações, passemos, então, para o primeiro gráfico que contém os processos realizados pelos **primeiros narradores**, identificados pelas chaves N1F75GO; N2M78GO.

Gráfico 1 – Processos morfofonológicos na primeira narrativa (N1F75GO; N2M78GO).



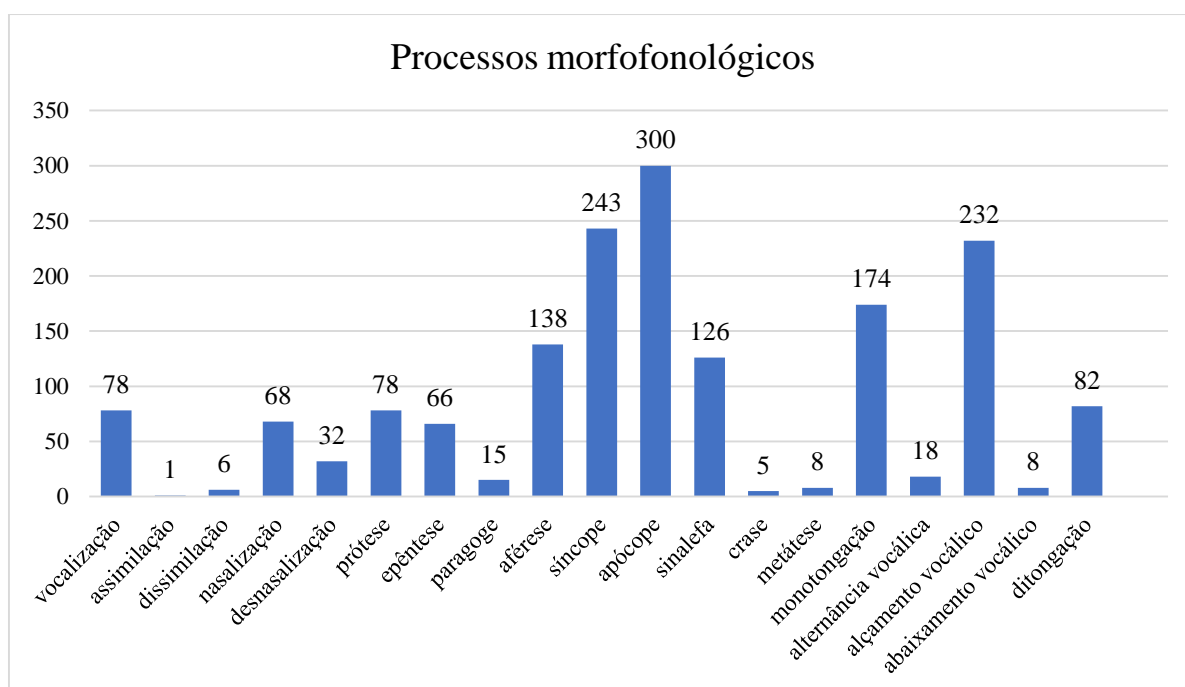
Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico acima mostra que os cinco processos mais recorrentes nas falas dos narradores goianos foram: a **apócope**, com setenta e oito (78) vocábulos, que repetiram cento e sessenta e quatro (164) vezes; a **síncope**, que contou com quarenta (40) vocábulos, que reprisaram cento e quarenta e quatro (144) vezes; o **alçamento vocálico**, com um total de vinte e sete (27) vocábulos, que ocorreram oitenta e seis (86) vezes; a **aférese** também revelou-se proeminente nas falas desses narradores, com trinta e quatro (34) vocábulos, que repetiram setenta e oito (78) vezes; e a **epêntese** contou com treze (13) vocábulos, que reincidiram quarenta (40) vezes.

Dentre os processos realizados com menor frequência pelos narradores, podemos destacar: o **abaixamento vocálico**, com dois (2) vocábulos, que se repetiram de igual maneira; a **alternância vocálica** obteve dois (2) vocábulos, que se reprisaram três (3) vezes; a **paragoge** com três (3) vocábulos e três (3) ocorrências; a **crase** contabilizou quatro (4) vocábulos cada, com igual número de ocorrências; e a **nasalização** agregou três (3) vocábulos, com onze (11) ocorrências.

Concernente à **segunda narrativa**, cabe dizer que este narrador foi o que mais realizou processos morfofonológicos. Acreditamos que isso se deve ao fato de esta ser a narrativa mais extensa, a qual durou cinquenta e cinco minutos e vinte e três (55'23") segundos, enquanto a primeira (N1F75GO; N2M78GO) durou vinte e quatro minutos e quarenta e três (24'43") segundos, a terceira (N4F90MG), vinte e nove minutos e trinta e cinco (29'35") segundos e a quarta (N5M75SP), quarenta e um minutos e dezoito segundos (41'18").

Gráfico 2 – Processos morfofonológicos da segunda narrativa (N3M92MG).

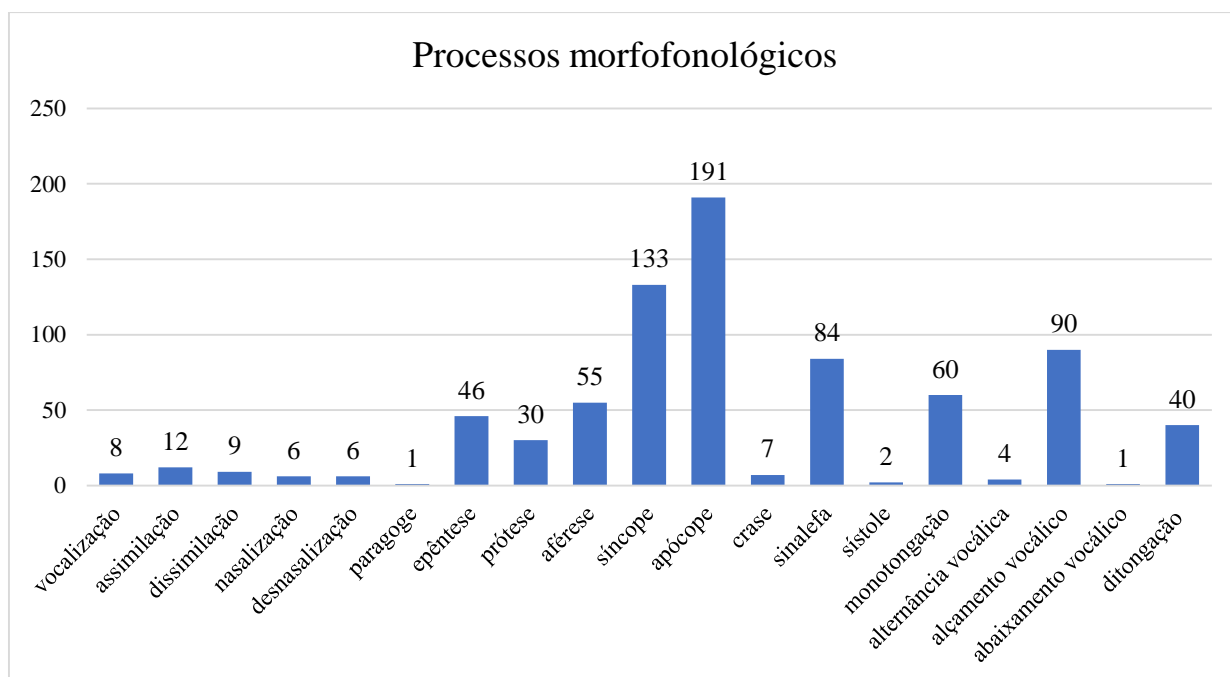


Fonte: elaborado pela autora.

Assim como constatamos na primeira narrativa, a maior quantidade de processos morfofonológicos vocálicos também foi encontrada no grupo subtrativo. Pensando no ranqueamento dos dados, em primeiro lugar, encontramos a **apócope**, com cem (100) vocábulos, que se reprisaram trezentas (300) vezes, em segundo, está a **síncope** com vinte e dois (22) vocábulos, que tiveram duzentas e quarenta e três (243) ocorrências. O **alçamento vocálico**, por seu turno, também se mostrou abundante na fala deste narrador, ocorrendo duzentas e trinta e duas (232) vezes em setenta e quatro (74) vocábulos; a **aférese** ocorreu cento e trinta e oito (138) vezes em quarenta e um (41) vocábulos; a **vocalização** obteve setenta e oito (78) ocorrências em vinte e sete (27) vocábulos.

Em menor incidência, nos deparamos com a **crase**, que computou cinco (5) ocorrências em igual número de vocábulos. O **abaixamento da altura da vogal** apresentou oito (8) ocorrências em quatro (4) vocábulos, a **metátese** contou com dois (2) vocábulos, que se reprisaram oito (8) vezes, a **paragoge** abrangeu quinze (15) ocorrências em doze (12) vocábulos e a **alternância vocálica** obteve dezoito (18) ocorrências em cinco (5) vocábulos.

Gráfico 3 – Processos morfofonológicos da terceira narrativa (N4F90MG).



Fonte: elaborado pela autora.

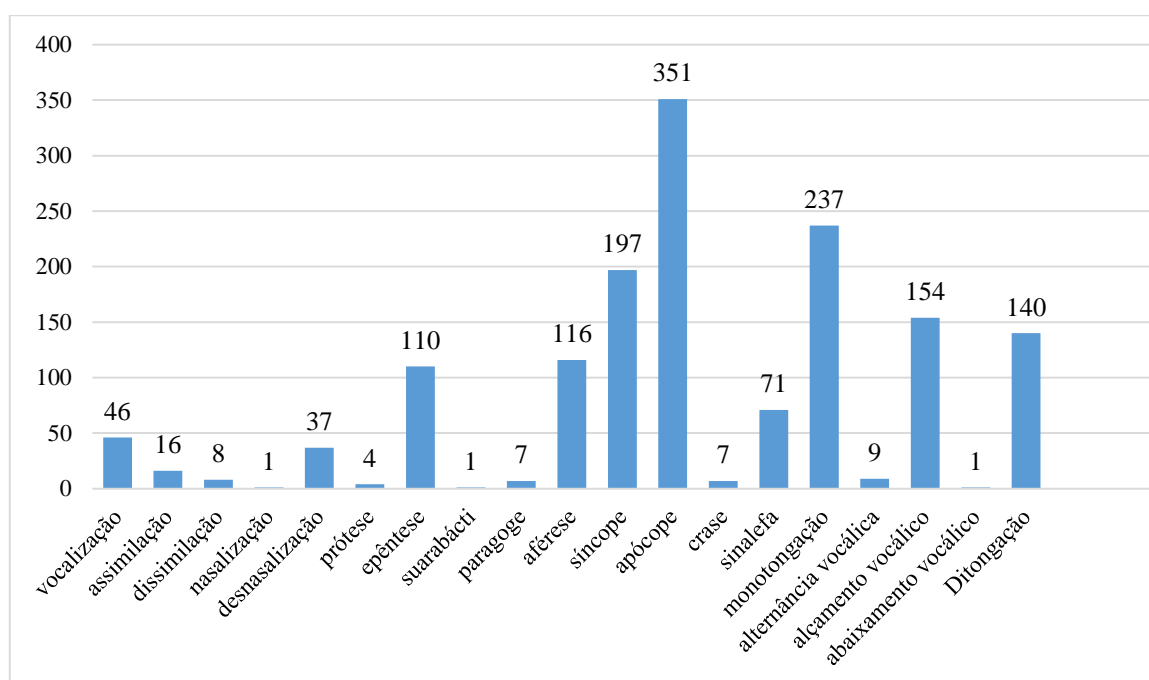
Ante o exposto, constatamos que, dentre os processos mais recorrentes, estão a **apócope**, com setenta e nove (79) vocábulos, que se reprisaram cento e noventa e uma (191) vezes, a **síncope**, com vinte (20) vocábulos, que se repetiram cento e trinta e três (133) vezes, o **alçamento**, com trinta e cinco (35) vocábulos, que foram recorrentes noventa (90) vezes, a

aférese, que ocorreu cinquenta e cinco (55) vezes, em vinte e um (21) vocábulos, e a **epêntese**, com dezessete (17) vocábulos, que repetiram aqui quarenta e seis (46) vezes.

Entre os menos recorrentes estão: o **abaixamento** e a **paragoge**⁴⁶, que tiveram um (1) vocábulo cada, os quais foram recorrentes na mesma quantidade; a **sístole**, que ocorreu duas (2) vezes em um (1) vocábulo; a **alternância vocálica**, que contou com quatro (4) vocábulos, recorrentes na mesma quantidade; a **nasalização** e a **desnasalização**, que obtiveram seis (6) ocorrências cada, em cinco (5) e dois (2) vocábulos, respectivamente; e a **crase**, com sete (7) ocorrências em cinco (5) vocábulos.

Passando-se à **quarta narrativa**, exporemos o gráfico no qual constam os processos morfofonológicos realizados pelo narrador, seguidos de suas análises.

Gráfico 4 – processos morfofonológicos da quarta narrativa (N5M75SP).



Fonte: elaborado pela autora.

No que tange às informações reveladas no gráfico, podemos mais uma vez dizer que os processos morfofonológicos por **subtração**, juntamente com os inclusos na categoria **outros**, se sobressaíram no ranqueamento dos dados. Destarte, a **apócope** ocorreu trezentos e cinquenta e uma (351) vezes, em noventa e sete (97) vocábulos, a **síncope** foi recorrente cento e noventa e sete (197) vezes, em vinte e um (21) vocábulos. O **alçamento**, por seu turno, reprisou cento e cinquenta e quatro (154) vezes, em 77 vocábulos, a **aférese** obteve cento e dezesseis (116)

⁴⁶ Os dois processos tiveram o mesmo número de ocorrências.

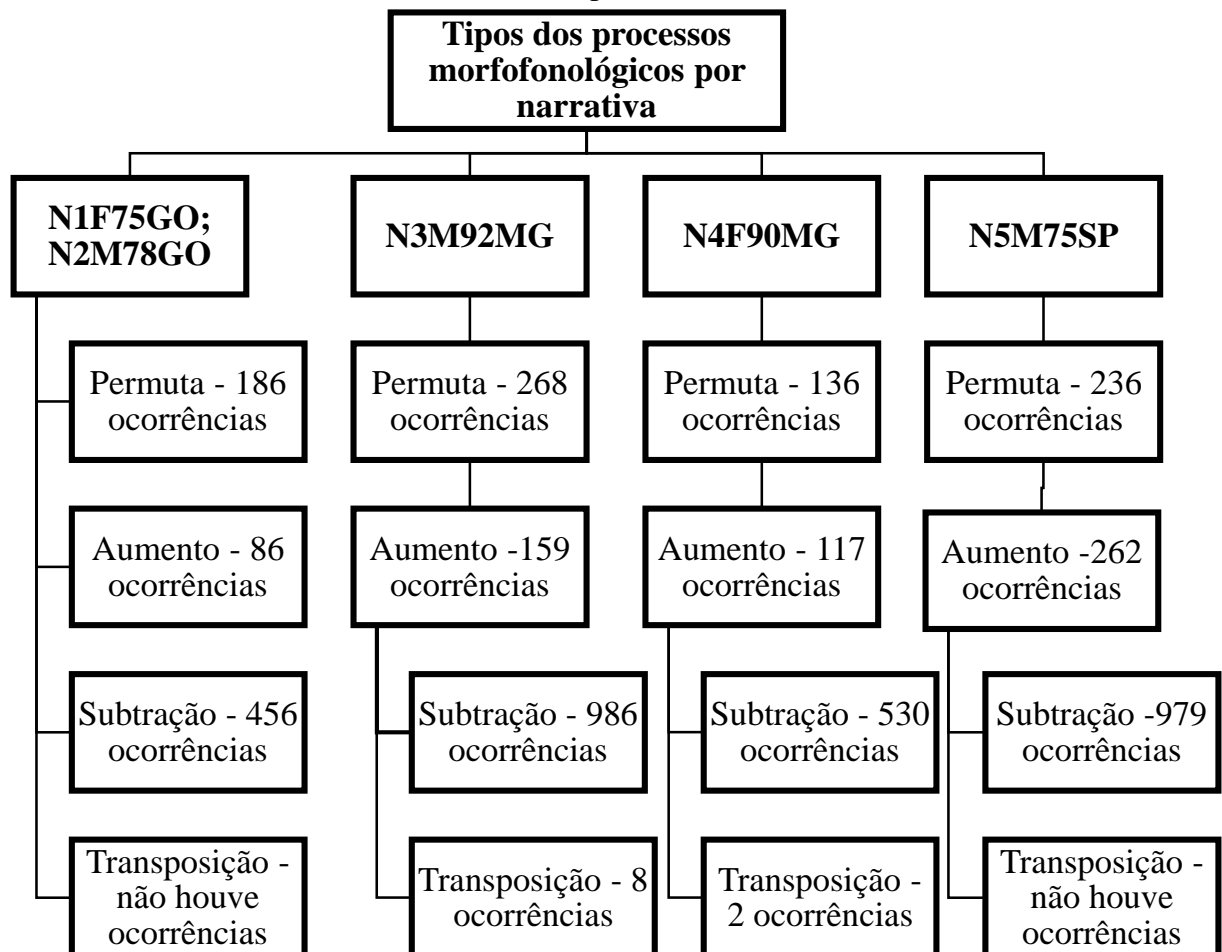
ocorrências, em trinta e dois (32) vocábulos, a **epêntese** recorreu cento e dez (110) vezes, em dezessete (17) vocábulos.

Dentre os menos recorrentes, podemos apontar a **abaixamento** e a **nasalização**, que se reprisaram uma (1) vez cada, na mesma quantidade de vocábulos; a **prótese**, que reiterou quatro (4) vezes, em dois (2) vocábulos; a **paragoge** e a **crase** também contaram com sete (7) ocorrências, em um (1) vocábulo e em sete (7) vocábulos, respectivamente; e a **desnasalização**, com trinta e sete (37) ocorrências, em dezoito (18) vocábulos.

3.4.2 O português falado nas trilhas das bandeiras: pontos confluentes

Feita a explanação pormenorizada das narrativas, cabe, aqui, para melhor compreensão dos processos, uma subdivisão dos vocalismos segundo sua tipologia, levando em conta as ocorrências observadas em cada narrativa.

Organograma 1 – Frequências dos tipos dos processos morfofonológicos vocálicos realizados por narrativas.



Org.: a autora.

No organograma acima, observamos que os narradores tiveram mais tendência em **suprimir** fonemas, em um total de dois mil novecentos e cinquenta e um (2.951) casos. A segunda categoria que revelou-se mais proeminente, com oitocentos e vinte e seis (826) ocorrências, foi a **permuta**, seguida, respectivamente, pelo **aumento**, com seiscentos e vinte e quatro (624) ocorrências e pela **transposição**, com apenas dez (10).

Em todas as narrativas, observamos que quase não houve variação entre os processos mais realizados, a saber, **apócope**, **síncope**, **alçamento vocálico**, **aférese**; e até mesmo a posição em que aparecem apresentou poucas oscilações. A **epêntese** apareceu em três narrativas como o quinto processo mais frequente, sendo que apenas na terceira narrativa foi substituída pela **vocalização**.

Dentre os processos menos realizados, as oscilações foram maiores, embora seja possível observar a recorrência de alguns processos, tais como: o **abaixamento vocálico**, que foi o menos recorrente, exceto na narrativa três, em que a **crase** ocupou esta posição. Além disso, na quarta narrativa, o **abaixamento** compartilhou a posição de menos frequente com a **nasalização** e na terceira, com a **paragoge**. Em relação aos demais, a **crase** também figurou entre os menos frequentes em outras três narrativas. A **alternância vocálica** e a **paragoge** reprisaram em todas as narrativas, dentre os processos menos frequentes e a **nasalização** também esteve entre os menos frequentes, com exceção da segunda narrativa, em que a **metátese** ocupou este lugar. A **desnasalização** apareceu na terceira e na quarta narrativas, dentre os processos menos frequentes, e a **sístole** também integrou este rol, constando somente na terceira narrativa.

Foi possível observar que os processos por **subtração** ocorreram em posições medial, final e inicial, respectivamente. A queda de fonemas em **posição medial** deu-se pela subtração de sílabas e/ou pela redução do ditongo <ei> a <e>: *chiquero* por *chiqueiro*; *abóra* por *abóbora*, *aque[la]s* por *aquelas*, *premero* por *primeiro*. A subtração de fonemas em posição final de sílaba ocorreu principalmente no ditongo <ou>, que reduziu-se a <o>, a exemplo de: *pegô* por *pegou*; *falô* por *falou*; *abraçô* por *abraçou*. Em sílabas nas quais haviam vocábulos no diminutivo, o sufixo -inho reduziu-se a -im, como em *saquim* por *saquinho*; *poquim* por *pouquinho*. Em posição inicial, constatamos a queda em contextos de vogais átonas pretônicas: *[a]gora* por *agora*; *'cabô* por *acabou*; *'diantano* por *adiantando*.

O processo de **assimilação** seguido de **alçamento** da altura da vogal ocorreu em vogais pretônicas de timbre fechado. Desta feita, o [e] realizou-se em [i] e o [o] realizou-se em [u]. Vejamos alguns exemplos: *Biniditu* por *Benedito*; *cunheceu* por *conheceu*; *divia* por *devia*; *guverno* por *governo* etc.

Cumpramos mencionar que, na transcrição gráfica e na análise dos vocábulos, não demarcamos os processos de alçamento e abaixamento decorrentes da assimilação e da dissimilação em vogais átonas finais, porque esse tipo de ocorrência é categórica entre os narradores. Para entendermos melhor este fenômeno de oscilação nos timbres em posição final átona, cabe trazer à tona as palavras de Teyssier (2014, p. 73)

Para certos historiadores da língua, a pronúncia do *-o* e *-e* como [u] e [i] em posição átona final, cujos testemunhos mais antigos datam da primeira metade do século XVIII, deve ser recuada para uma época bem anterior, pelo menos até o século XVI. Alguns vão mesmo além dessa data e lembram a existência de certa grafia em *-u* no galego-português medieval [...]. Pensamos, como foi dito mais atrás, que no português do século XVI a realização dessas vogais era [o] e [e] como ainda hoje permanece em galego. Tratava-se de um [o] e de um [e] muito fechados, que a deriva da língua ia levando para um grau de fechamento e de brevidade cada vez maior. Como existiam, nessa posição, apenas três fonemas e como não havia, conseqüentemente, nenhum meio de opor [o] a [u] e /e/ a /i/, os falantes lusófonos, durante largo tempo, não tiveram consciência dessa deriva, e foi necessário esperar pela primeira metade do século XVIII para que certos observadores notassem que se pronunciavam [u] e [i]. Daí em diante, a realização de [u] para a vogal escrita *-o* é definitiva. Mas a realização [i] para a que se escreve *-e* será em Portugal, na língua comum, uma simples etapa intermediária para o [ẽ] contemporâneo, que deve ter aparecido na segunda metade do século XVIII.

Os processos morfofonológicos por **aumento** ocorreram em posição inicial, medial e final dos vocábulos: *alembro* por *lembro*, *dimudô* por *mudô*, *ieu* por *eu*, *ceis* por *vocês*, *mais* por *mas*, *nóis* por *nós*, *arroizi* por *arroz*, *maise* por *mas*, *sinhori* por *senhor*, respectivamente. As poucas ocorrências de processos morfofonológicos por **transposição** se deram em posição postônica, como se pode averiguar em *Antoin* por *Antônio* e *quais* por *quase*. Na categoria **permuta**, houve incidência de vocábulos em posição pretônica, como em: *peidido* por *perdido*, *veigonha* por *vergonha*; em posição tônica, tal como: *cuía* por *colhia*; e em posição postônica, a saber: *tuiá* por *tulha*.

Expostas essas considerações, fez-se mister cotejarmos os processos encontrados nas narrativas com os trabalhos de: Gabriel (2005), que analisa duas narrativas gravadas pelos pesquisadores do projeto, dentre as quais uma fora escolhida por nós para compor o *corpus* desse estudo, e organiza um quadro com as ocorrências de alguns fenômenos fonológicos encontrados; Megale e Toledo Neto (2004), que descreveram fenômenos semelhantes encontrados em documentos manuscritos do século XIII a XVIII e em narrativas orais; e Santiago-Almeida (2009), que se debruçou sobre os processos vocálicos encontrados em manuscritos e em narrativas orais do Estado de Mato Grosso.

Ao realizar o confronto, foi possível constatar alguns pontos convergentes acerca de processos morfofonológicos realizados no conjunto das narrativas e em documentação manuscrita recuada no tempo, bem como incluir informações acerca dos processos morfofonológicos realizados no Estado de Mato Grosso, que não estava contemplado nas narrativas estudadas.

No quadro elaborado por Gabriel (2005), foram encontrados alguns processos idênticos aos aqui expostos, todavia, a autora atribuiu a eles nomenclaturas distintas das que adotamos em nosso trabalho. Além disso, não há menção à frequência destes processos. Vejamos: **i)** “**redução de ditongo ou e au a o** (*oro, dorado, poco, ogudão*)”, **ii)** “**alçamento de e a i em posição pretônica** (*isqueço, istudo, aligria, minino*)”, **iii)** “**alçamento de o a u em posição pretônica** (*governo, bunito*)”, **iv)** “**passagem de a a e** (*engustia*)”, **v)** **centralização** (*antão, alfaça, trambose, definativamente*)”, **vi)** “**passagem de o/u a i** (*comprimitido, fii, riizim*)”, **vii)** “**aférese** (*'gitado, 'prende, 'té, 'panhava, 'morná*)”, **viii)** “**desnasalização de vogais** (*barrage, varge, home*)”, **ix)** “**redução de ditongo ei a e** (*geladera, ingenho, primero*)”, **x)** “**inserção de i como semivogal em final de palavra, seguida de s ou z, podendo ocorrer apócope da fricativa** (*veizi, maisi, dificuldade*)”, **xi)** “**iotização** (*ispaiô, aguia, fia, tuia, trabaiá*)”, **xii)** “**contração de proparoxítone** (*abóbra, córgo, relampo, sasfação*)”. (GABRIEL, 2005, p. 160-161, grifos nossos).

Importa lembrar que os casos referidos em “i” e “ix”, isto é, “**redução de ditongo ou e au a o**” e “**redução de ditongo de ei a e**” foram denominados por nós de **monotongação**. A “**passagem de [a] para [e]**”, bem como a “**passagem de [o] e [u] para [i]**”, mencionadas nos casos “iv” e “vi” foram designadas **alternância vocálica**. A “**centralização**” do vocábulo /*antão*/, apresentada no caso “v”, também foi categorizada como **assimilação**.

A “**inserção de i**”, mencionada pela autora no exemplo “x”, foi classificada por nós de quatro maneiras, a saber: no vocábulo /*veizi*/, por exemplo, foi possível encontrar os processos de **epêntese**, **ditongação** e **paragoge**, enquanto no vocábulo /*dificuldade*/, encontramos o processo de **suarabácti**. A “**iotização**”, também mencionada pela autora, foi categorizada como **vocalização** e a “**contração da proparoxítone**” foi designada **síncope**.

De outra parte, para Megale e Toledo Neto (2004), realizar o cotejo entre passado e presente nas obras manuscritas e em narrativas orais foi necessário para se confirmar a hipótese de retenção de algumas formas linguísticas e detectar suas possíveis mudanças (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 28). No entanto, para esta pesquisa, interessaram apenas os dados relativos às narrativas orais recolhidas nas trilhas das bandeiras. Para tanto, lançamos mão da segmentação feita pelos autores, os quais dividiram as marcas linguísticas encontradas, de

acordo com os Estados em que as narrativas foram realizadas, abrangendo também o Estado de Mato Grosso. Vejamos, então, os processos elencados pelos pesquisadores:

Metátese: São Paulo: “pa batizá nu **catredau**”, “a saúdi era muito mai **prefeita** que hoje”, “o rapai num deu **sestifação**”; Minas Gerais: “**drobava** pa chega na roça”; Goiás: “só **pruque** naquela época”, “**frivia** a água lá”; Mato Grosso: “ela **estrova** dimais”, “um **tremina**, otro canta” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 44, grifos no original).

Monotongaço: São Paulo: “passariu **debaxu** da arapuca”, “então a **modificô pocu** né?”, “tem munto **velóru**”; Minas Gerais: “tudo é **lavora... aí... é**”; Goiás: “saí **djibaxu** dji chuva”, “peguei um carro ali”, “u **otu** coletchivu”, “só a **geladera** puxa”; Mato Grosso: “essi qui eu batu é **batedera**”, “na próxima vez qui for fazê **ota** gravação” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 45, grifos no original).

Abaixamento: São Paulo: “era dozi **ermandade**”, “u meus **ermão** qui era mais véi”, “tá muito **deferente** lá agora”; Minas Gerais: “U **premero** djia qui meu avô mi levô pa roça”, “tchinha um **reberão** pa atravessá”; Goiás: “**derrobei** lá nu meu chão”, “Deus dá o **soficientchi** p’ra nois”, Mato Grosso: “a **deversão** do homi é o cururu”, “o baile é **deferente** do cururu”. (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 45-46, grifos no original).

Prótese: São Paulo: “u sior **alembra**”, “vara di marmelu assim **afincadu**”, “num dá pra **alembra** tudu”, Minas Gerais: “passo cumigo... **alembro**”, “**alevantou** e foi s’imbora”; Goiás: “mais **arritchiradu** du municipu”; Mato Grosso: “**alembro** mutcha coisa qui aconteceu”. (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 46, grifos no original).

Epêntese: São Paulo: “**dispoi** mĩa irmã pidiu”, Minas Gerais: “**djispoisi** di trinta anu di casadu”; Goiás: “**dispois** eli veiu”; Mato Grosso: “**djispois** quando conteceu lá mesmu pra mim”. (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 46, grifos no original).

Alçamento: São Paulo: “**dispoi** mĩa irmã pidiu”, “**us fiu tudu obidicia**”, “cê num vai tê bem **nĩum**”, “ia **rudianu** a roda”, “**isculhida**”, “tudu **disfrutava**”; Minas Gerais: “num **ixistchi** cerradu pa **gentchi** pegá fruta mai”, “mangaba essa cê **cunheci** né?”; Goiás: “ele tinha **djizoitu iscritura**”, “cê prantava feção num **culhia**”, “das **djispesa dagentchi**”, “**istudu dus mininu qui** eu nem **cuincia**”, “**nu Currutelozinhu qui** tem pra cá”, “intão tem que **vortá** p’ra cá”; Mato Grosso: “tem djente **qui** é **novilinh**”, “**juntu cum** meus **cumpanheru**”. (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 46-47, grifos no original).

Desnasalização: São Paulo: “é **bobagi** casá nu civir”, “tchegô na casa do **homi**”, “vai toma **friage**”; Minas Gerais: “Tivessi **djisterrada** o’ fazenu uma viagem”, “fizeru ãs duas **barragi** qui inriba”; Goiás: “as muié vai, us **homi** num vai”, “eis vão cria outra **barragi**”, “nasci numa tal de... de **Vargi**”; Mato Grosso: “i a **coragi**, o qu’eu trussi”, “feiz ãa **trampolinadji**” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 47, grifos no original).

Alternância vocálica: São Paulo: “foi interrada’u meu **imbigu**”, “deu **sestifação** do casamento” “**antão** a gentchi pensava essas coisa”; Minas Gerais: “tava mi danu queimação nu **istâmagu**”; Goiás: “naquela maiô **engústchia** du mundu”, “nóis vendem’u chão qui nós **pissuía** i mudô”, “**antão** eis jogaru a culpa neli”; Mato Grosso: “de **reiva** da dona de lá” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 47, grifos no original).

Nos dados analisados por Megale e Toledo Neto (2004), nos defrontamos com vários pontos análogos e alguns discrepantes no que tange aos dados analisados no nosso *corpus*, uma vez que a maioria dos processos arrolados pelos autores também foram encontrados em nossas narrativas. É importante sublinhar que, conquanto os autores tenham adotado a terminologia **alternância vocálica** para denominar os vocábulos que não se encaixam nos processos de **alçamento** e/ou **abaixamento vocálico**, alguns dos vocábulos por eles elencados, tais como “pissuíá”, “istâmagu” e “antão”, foram inclusos por nós também no processo de **assimilação**.

De maneira semelhante, alguns vocábulos contidos no abaixamento vocálico, quais sejam: *premero*, *deversão*, *deferente* e *reberão*, foram, inicialmente, por nós classificados como casos de **assimilação**, sendo que buscou-se, posteriormente, incluir todos os casos classificados nesta categoria de natureza específica em outras mais gerais, como a **alternância**, o **abaixamento vocálico** e o **alçamento**.

Nas amostras trazidas por Santiago-Almeida (2009), foi possível constatar a realização do timbre aberto quando o /a/ realizou-se nasalizado, embora se saiba que esse caso é atípico, pois na literatura acerca do assunto encontra-se testemunho de autores que asseveram que, no Brasil, a vogal [a], quando anteposta a uma consoante nasal, sempre terá o timbre fechado (TEYSSIER, 1997, p. 81 apud SANTIAGO-ALMEIDA, 2009). O autor (2009) conclui que esse fenômeno extrapola o nível morfofonológico, vinculando-se diretamente ao estilo do falante. Sobre essa asserção, cabe pontuar que, em nossas narrativas, a única ocorrência em que o [ẽ] nasal tônico alterna para [e], o timbre permanece fechado: /axiẽmũ/ < /axiẽmus/.

Outro aspecto que se assemelha às nossas narrativas é a **inserção do glide [j]** ocorrido entre uma vogal e uma consoante fricativa: [maj̥s]/ [majz], [traj̥s]/ [trajz]. De igual maneira, o **alçamento de [e] átono para [i], em sílaba pretônica**, identificado pelo autor em suas análises, também foi recorrente no *corpus* aqui analisado: “[si̥visũ] *serviço*”, “[mi̥risimẽtũ] *merecimento*”, “[nu̥viũ] *novelinho*” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 98, grifos no original).

A **aférese**, que foi abundante em nossas narrativas, apareceu com menor frequência na fala dos narradores analisados pelo autor mencionado, que registrou apenas quatro ocorrências: “[ʃp̥etakũ] *espetáculo*”, “[ʃc̥ɔ̃v̥] *escola*”, “[ʃpi̥v̥] *espíar*”, “[ʃte̥.ʃkũ] *esterco*” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 99, grifos no original).

Outros fenômenos também encontrados pelo autor foram o **alçamento de [o] fechado para [u]**, em sílaba pretônica, “[du̥.ɸmi] *dormir*”, “[bunit̥v̥] *bonita*”, “[pulit̥k̥v̥] *política*” e,

também, em contexto postônico final de sílaba, “[sedu] cedo”, “[kumigu] comigo”, “[mẽsebu] mancebo”; a **apócope**: “[kwẽd] quando”, “[metr] metro”, “[kriad] criado” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 107) e a **síncope da semivogal [j], em contexto medial e final de sílaba**: “[maʃ] mais”, “[dimaʃ] demais”, “[katʃõw] caixão”; “[fique] fiquei, [pe.ʒũte] perguntei” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 112, grifos no original). Esses processos também foram realizados no nosso *corpus*, em contextos idênticos e com alta frequência.

Consoante Santiago-Almeida (2000), o Estado de Mato Grosso possui traços linguísticos consonânticos quase que exclusivos desses narradores, os quais dificilmente são encontrados em outras regiões brasileiras, sejam elas pertencentes às trilhas bandeirantes ou não, mas como nosso interesse é simplesmente estudar os sons vocálicos, buscando sobretudo os pontos confluentes, prescindimos dessas realizações.

A presença dos processos de vocalismos, de uma maneira geral, em narrativas do Projeto Filologia Bandeirante, aponta para a existência de um *continuum* linguístico comum a essa geração de narradores que habitaram nas trilhas das bandeiras.

Se pensarmos na teoria das ondas linguísticas elaboradas por Penny (2000, p. 57 apud MEGALE; TOLEDO NETO, 2004, p. 28), que defende que as inovações linguísticas iniciadas nos centros prestigiados atingindo um determinado território afetam por último as zonas mais afastadas e isoladas, é difícil precisar em qual Estado houve maior manutenção de processos, uma vez que não temos o quantitativo numérico dos falantes entrevistados por Santiago-Almeida (2009). Outro empecilho acerca deste Estado reside no fato de o pesquisador ter incluído em seu estudo narradores de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, os quais provavelmente possuem um acesso mais facilitado aos bens produzidos pela sociedade de consumo por estarem no centro da zona de prestígio. Merece menção, ainda, que escolhemos duas narrativas de Minas Gerais para a presente investigação, o que aumentou consideravelmente o número de ocorrências dos processos de vocalismos neste Estado, em detrimento dos demais.

Os dados encontrados e apresentados coincidem com a historiografia da língua portuguesa, especificamente no que diz respeito aos processos morfofonológicos vocálicos, uma vez que foi possível constatar que os processos de vocalismo, no que tange à permuta, ao aumento, à subtração e à transposição, podem ocorrer em qualquer posição, isto é, inicial, medial ou final, o que não é passível de ocorrência com os fonemas consonantais, uma vez que a depender da posição em que aparecem não é permitido ao falante desfazer determinada sequência sonora (PAIS, 1981).

À guisa de ilustração, citemos o vocábulo *mesmo*, o qual é pronunciado frequentemente pelos narradores como *memo*. Neste vocábulo, não é possível, por exemplo, acrescentar fonemas consoanantais ou vocálicos no início do vocábulo, pois o repertório de combinações não permite esta sequência na língua portuguesa.

Cabe esclarecer, por fim, sobre alguns contextos que favoreceram a realização dos processos. O fonema /ʎ/, por exemplo, em posição medial de sílaba se transformou em /i/, ocasionando, na maioria das vezes, o processo de ditongação, como em [trabalho] ~ [trabaio]. As sibilantes /s/, /z/ facultaram ora a inserção do fonema /e/, ora a inserção do fonema /i/ em posições medial e final de sílaba, a exemplo da conjunção coordenada adversativa [mas], que foi pronunciada como [maise]. De maneira similar, o fonema /r/ propiciou o acréscimo de /e/ e /i/ em posição final de sílaba, como foi possível observar no vocábulo [senhor] pronunciado ora como [sinhore], ora como [sinhori]. Ante os exemplos apresentados, nos parece que estes falantes têm uma tendência a evitar sílabas terminadas em consoantes, contudo, devido a pouca ocorrência de vocábulos que sofreram o processo de paragoge, é difícil corroborar a procedência desta informação.

Os fonemas /m/ e /n/, quando em posição de coda silábica, tenderam a desnasalizar a sílaba, como em [homem] ~ [home]. Por outro lado, a nasalização ocorreu antes de fonemas vocálicos [assim] ~ [anssim]. Acreditamos que, neste caso, a nasalização se deu antes de fonemas vocálicos porque a vogal é o núcleo da sílaba e sem ela não se forma um *continuum* sonoro significativo.

Cabe lembrar que a monotongação não ocorreu apenas em verbos da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, embora esta classe propicie esse tipo de realização. Foi possível observar a monotongação em contextos nos quais as semivogais /j/ e /w/, ocupando as posições mediais e finais de sílabas, foram perdidas através dos processos de síncope e apócope, as quais, por vezes, ocasionaram a monotongação. É o que podemos observar em [falou] ~ [falô] e [abaixô] ~ [baxô].

Os fonemas /e/ e /o/ átonos tenderam a alçar para /i/ e /u/, como em [menino] ~ [mininu]. Os vocábulos preposicionados também se acoplaram, principalmente, quando o vocábulo seguinte também era iniciado por vogal, por exemplo: [de energia] ~ [d'energia]. Em outros casos, quando a preposição iniciava com vogal diferente da do vocábulo, a preposição geralmente perdia sua vogal para se acoplar com o vocábulo [de aqui] ~ [daqui]. O processo de prótese quase sempre se deu pelo acoplamento da vogal /a/ oral em detrimento de outras que também compõem o sistema vocálico, como em [lembrar] ~ [alembrá].

Buscando respaldo na historiografia linguística, buscamos, aqui, com estes exemplos, demonstrar como os contextos vocabulares influenciaram na realização desses processos morfofonológicos.

FINALIZANDO A CAMINHADA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, de cunho linguístico-histórico, teve como objetivo realizar uma investigação sobre os processos morfofonológicos vocálicos realizados por narradores do projeto Filologia Bandeirante, residentes, à época das gravações, nos Estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Foram nossos objetivos, também, descrever e classificar os processos de vocalismos realizados pelos narradores, verificar os mais e menos recorrentes em cada Estado e apontar quais processos morfofonológicos vocálicos foram convergentes e divergentes nas narrativas.

Quanto às tipologias dos processos morfofonológicos menos recorrentes nas narrativas, constatamos que a permuta, a transposição e o aumento de fonemas no início, no meio e no fim dos vocábulos foram realizados com menor frequência sobretudo em contexto pretônico. A tipologia mais frequente foi a subtração, ocorrendo sobretudo em posição pretônica.

A hipótese deste trabalho era de que há resquícios de falares da época das bandeiras nos falares de sujeitos com mais de sessenta anos, dos Estados mencionados, que tendem mais a preservar traços linguísticos de um falar de antes do que os falantes mais jovens. Os dados encontrados corroboraram nossa hipótese inicial, pois investigar os falares desses narradores nos possibilitou verificar que eles preservaram traços linguísticos de um falar de antes, que ecoaram sem muitas variações ao longo do tempo. É preciso mencionar que não tivemos o propósito de realizar um mapeamento dos falares destas regiões, uma vez que a quantidade de narradores estudados, bem como o viés pelo qual nos enveredamos, não permitiram que chegássemos a conclusões definitivas acerca desse tema.

A historiografia da língua nos facultou compreender que os processos de vocalismos existem na língua portuguesa desde sempre, o que também ocorre com outros idiomas, tendo o mesmo sucedido com a sua língua-mãe, o Latim. Assim, obras escritas em Latim Vulgar, como o *Appendix probi* (ILARI, 2001), em português arcaico, como os *Lusíadas* (1527) e em outras fases da língua portuguesa, em documentos manuscritos brasileiros, permitem atestar a presença dos mesmos fenômenos, manifesta em diferentes proporções. De igual maneira, esses processos permaneceram na fala dos narradores em questão e continuam ativos em falas contemporâneas de pessoas analfabetas, semi-letradas e letradas e certamente perdurarão por épocas que ainda nos parece difícil precisar.

É preciso esclarecer que não há uma total correspondência entre a língua escrita e a língua oral, mas vários autores, tais como Silva Neto (1979), Coutinho (1970), Mattos e Silva (2008), dentre outros, acreditam que os escribas se apoiavam na oralidade para transcreverem

seus documentos, principalmente porque na época dos manuscritos e datiloscritos não havia normas efetivas para a escrita.

Os fenômenos linguísticos preservados nas falas dos narradores, certamente, foram aprendidos quando os bandeirantes fizeram trilhas por esses Estados e fixaram pousos para a extração de minérios e aprisionamento de índios; no entanto, é difícil precisar a época na qual os próprios bandeirantes iniciaram suas realizações. Por seu turno, a similaridade entre os processos mais e menos frequentes encontrados nas narrativas nos permitiu compreender que há, de fato, um *continuum* linguístico na rota das bandeiras.

É importante mencionar que o cotejo que fizemos com outras pesquisas que se debruçaram sobre as narrativas do projeto também corroborou nossa hipótese de *continuum*, uma vez que os processos encontrados por autores como Gabriel (2005), Megale e Toledo Neto (2004) e sobretudo Santiago-Almeida (2009) ao investigar fenômenos fonético-fonológicos da baixada cuiabana, coadunaram-se aos que analisamos. Buscar dados destas pesquisas se mostraram essenciais ao trabalho proposto, haja vista que, dentre os dados obtidos, faltaram informações sobre o Estado de Mato Grosso, que puderam ser complementadas desta forma.

O percurso teórico-metodológico utilizado para o feitiço deste trabalho, que consistiu em transcrever graficamente as narrativas, inventariar os vocábulos que sofreram processos morfofonológicos vocálicos, realizar a sua transcrição fonética, analisar e cotejar os dados encontrados com outras pesquisas de natureza semelhante sobre narrativas do projeto, nos possibilitou chegar a esse *continuum*.

É preciso mencionar que, embora haja autores que se debruçem acerca desses processos e desta temática, não encontramos um único referencial teórico que abarque todos eles, por isso tivemos que recorrer a mais de um autor para suprir nossa carência. Quanto aos processos trazidos por outros autores e, por isso, não inclusos dentro dos grupos elencados por Coutinho (1970), foi preciso encontrar traços fonêmicos que permitiram suas inclusões dentro dos grupos já elencados pelo autor.

Apesar de sabermos de nossas limitações, acreditamos que nosso trabalho ajudará a suprir essa necessidade efetiva de um referencial teórico que abarque esses processos em uma mesma obra. Ademais, as narrativas analisadas apontaram para outros níveis linguísticos que podem servir como ponto de partida para outras investigações, a saber: o lexical, o sintático, o semântico. Para além disso, cumpre mencionar, ainda, que desconhecemos pesquisas que envolvam, por exemplo, os processos de consonantismo utilizando esse material.

Desta forma, esperamos ter somado com os estudos fonéticos-fonológicos, morfológicos e linguísticos-históricos, uma vez que percebe-se que várias investigações sobre

a história do português brasileiro estão sendo desenvolvidas para tentar atestar os traços de língua antiga no português do Brasil. Além disso, divulgamos as narrativas transcritas visando a expandir o seu acesso a um número maior de consulentes, possibilitando, ainda, a constituição de *corpora* linguísticos para outras pesquisas que enveredarem por prismas semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A transcrição das fitas: abordagem preliminar. In: MEGALE, Heitor (Org.). **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 195-208.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Edição e fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____ *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 19-62.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. ver., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 197-222. (Obras escolhidas v.1).
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BRASIL. **Manual operacional para comitês de ética em pesquisa**. Brasília: Ministério da saúde, 2002. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/Manual_ceps.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Questões de Morfologia e Fonologia**. Campinas: edição do autor, 2002. (Coleção espiral, Série Linguística, vol. 5).
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.
- _____; MORAES, João Antonio de. O Vocalismo do Português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 27-40, jun. 1996.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977a.
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977b.
- _____. **História da Lingüística**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral & escrita**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. orzanon + editor, 1966.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. 2. ed. Lisboa: em casa de Antônio Gõçalvez impressor, 1572. Disponível em: < <http://purl.pt/1>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CARVALHO, Castelar de. Saussure e a língua portuguesa. **Revista Philologus**, ano 09, n. 27 – Suplemento, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004, p. 102-114

CASTRO, José Luiz de. **A organização da Igreja Católica na Capitania de Goiás (1726 – 1824)**. 1998. 237 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias), Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CINTRA, Geraldo. Filologia Bandeirante: registro de entrevistas. In: MEGALE, Heitor (Org.) **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 163-169.

COELHO, Braz José. **Epígrafe**. In: _____. Os cães e a rede. 2. ed. Goiânia: Livraria e editora cultura acadêmica, 1980, p. 11.

_____. **A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

_____. **Linguagem: conceitos básicos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006a. (Coleção Sala de Aula).

_____. **Estrutura e funcionamento da língua portuguesa**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006b. (Coleção Sala de Aula).

_____. **Educação e linguagem: reflexões ligeiras**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007.

_____. **Unidades Fonológicas do português**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

_____. **Unidades Morfológicas do português**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2011.

_____. **Sombras do tempo**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística).

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça *et al.* Filologia bandeirante. **Filologia e linguística portuguesa**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p. 79-94.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; YEHIA, Hani Camille. International Phonetic Alphabet. In: _____. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em: <<http://fonologia.org>>. Acesso em: 15 out. 2015.

DAVIDOFF, Carlos. **Bandeirantismo: verso e reverso**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção leitura, escrita e oralidade).

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GABRIEL, Rachel Omoto. Na trilha das bandeiras. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n 7, 2005, p. 155-165.

GOES, Synesio Sampaio. **Navegantes, bandeirantes, diplomatas: aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra-tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras da Amazônia**. Brasília: IPRI, 1991. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/000-navegantes_bandeirantes_diplomatas.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.

GUSDORF, Georges. **A fala**. Tradução de Tito Avillez. Rio de Janeiro: Editora Rio – Sociedade Cultural Ltda, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. As precárias fontes escritas do proto-romance. In: _____. **Linguística românica**. 3. ed. e 3. impressão. São Paulo: Ática, 2001, p. 65-71.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e Fonologia**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

_____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

LABOV, William. Oral narratives of personal experience. **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**, [199?], p. 1-10. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/FebOralNarPE.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da Linguística moderna**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Diversidade Linguística do português: entrefaces. In: Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: IPHAN, 2014, p. 249-262.

MALMBERG, Bertil. **A Fonética**. Tradução de Oliveira Figueiredo. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1954.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo, Ática, 1991.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos**, n. 74, mar. 2006, p. 107-123.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida. Traços de língua antiga conservados nas trilhas das bandeiras. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Org.). **O Português do Brasil – perspectivas da pesquisa atual**. Frankfurt/Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2004. p. 27-54.

_____. **CD Filologia Bandeirante: entrevistas orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

_____. Bandeira e bandeirantes. In: _____ (Org.). **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 15-48.

MENDES, Soelis Teixeira do Prado. Que língua falavam os bandeirantes na região das Minas Gerais?. In: MEGALE, Heitor (Org.). **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 65-75.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NAZÁRIO, Maria de Lurdes. Variação e mudança linguística: a emergência do artigo definido na língua latina. **Revista de Linguística e Teoria Literária**. Anápolis, v. 03, n. 02, p. 333-344, 2011.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)**. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, Eleonora *et al.* (Org.). **Saudades da Língua**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 605-620.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Introdução à Fonologia**. São Paulo: Global, 1981. (Coleção Global Universitária. Série Linguagem, Comunicação e Sociedade).

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

_____. Traços de conservação no português falado no Brasil: um estudo de manuscrito bandeirante e de narrativa oral contemporânea. **Linguagem** – Estudos e Pesquisas. Catalão: Curso de Letras da UFG. v. 6-7, dez. 2005, p. 129-153.

PAULIS, Evelise. Vale do Paraíba: trilha e fala. In: MEGALE, Heitor (Org.). **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 93-106.

PAVEAU; Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin *et al.* São Carlos: Claraluz, 2006.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz *et al.* (Org.). **Introdução à Linguística I: conceitos básicos**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 75-94.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-13.

RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. **Língua portuguesa: estruturas, usos e contrastes**. (Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto). CLUP: Porto, 2001. 518 Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-redip-transcricao.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

REVISTA PESQUISA. **O horizonte da língua bandeirante**. 72. ed. São Paulo: Fapesp, 02/02. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e=72>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **As vogais do falar ribeirinho cuiabano**. 2009. 141 f. Tese (Livre docência em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Pesquisa dialetológica: experiência em Lisboa. In: MEGALE, Heitor (Org.). **Filologia Bandeirante: estudos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 237-250.

SANTOS, Gisélia Brito dos. **Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português**: Brasil e Portugal. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A rota das bandeiras em Minas Gerais: a região do Carmo. In: MEGALE, Heitor (Org.). **Filologia Bandeirante**: estudos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 107-112.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.

SIQUEIRA, Gisele Martins. **Campos lexicais e cultura nos caminhos da bandeira**. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

TAUNAY, Afonso D' Escragnolle. **História das bandeiras paulistas**: leitura básica (Seleção e introdução de Antonio Paim). Brasília: Centro de documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB), 2012. Disponível em: <http://www.cdpb.org.br/bandeiras_paulistas.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2016.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura**. Porto Alegre: Edição do autor, 2001.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. 1987. 228 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOORTMANN, Ellen F. Árvore da memória. **Anuário antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 92, 1994, p. 113-131.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira (Org.). **Dicionário de termos linguísticos**. v. 1. Lisboa: Cosmos, 1990.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no livro *Para servir no registro do caminho novo de Parati***. 2012. 580 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

YASBEK, Mustafa. **Os bandeirantes**. São Paulo: Ática, 1998.

ZANOTTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDUSC, 1986.